

3. Nos bastidores de um programa

O capítulo a seguir apresenta, analisa e discute a formação da redação para a literatura produzida na América Latina dentro da editora Suhrkamp e a estrutura de produção em seu programa editorial, iniciado oficialmente em 1974. O desenrolar deste capítulo passa por três aspectos distintos de sua constituição: os primeiros conceitos para um possível programa editorial, a discussão interna sobre um princípio coerente e norteador para este programa e a consolidação de uma equipe de colaboradores internos ou externos, que atravessa a história da redação. Nomeada internamente como *LA-Lektorat*, a redação responsável pela edição da literatura do subcontinente é um departamento editorial de mediação e valoração de textos literários, composto por redatores e tradutores, em constante contato com agentes literários e uma *scout* literária. Como me pareceu exaustivo tratar isoladamente de cada colaborador ou funcionário da editora, dividi este último aspecto em duas partes: os agentes mediadores internos da editora e os seus agentes externos. Como fica claro durante o capítulo, *interno* e *externo* não são categorias fixas, mas dizem respeito às tendências de movimento dos agentes no campo intelectual e sua relação de exclusividade ou não à editora Suhrkamp. Além de apresentar e discutir o papel de redatores responsáveis pela redação para a América Latina e os agentes literários Carmen Balcells e Ray-Güde Mertin, concentro-me mais detidamente no perfil intelectual de dois agentes decisivos para a recepção da literatura brasileira: Michi Strausfeld e Curt Meyer-Clason. Ambos são caros à presente pesquisa, não somente devido ao papel exercido junto à recepção de literatura brasileira na Suhrkamp, senão pela extensão e completude do espólio de Curt Meyer-Clason (IAI) e da correspondência de Michi Strausfeld no arquivo SUA (DLA). Principalmente por meio da leitura das inscrições preservadas nestes acervos é que foi possível ter acesso detalhado ao funcionamento e à dinâmica da redação para as literaturas da América Latina.

Se anteriormente foi necessário referir-me à conceituação de campo literário de Pierre Bourdieu, neste ponto da análise foi necessário ajustar uma parte da teoria do sociólogo francês no que diz respeito aos atores responsáveis pela valoração dos bens simbólicos. Neste caso, se Bourdieu elege o crítico e o editor como figuras dotadas de disposição, competência e poder para a atribuição de valor a bens simbólicos no campo, elejo aqui como protagonistas na valoração do texto literário os redatores, tradutores, agentes e *scouts* em constante contato com a descoberta, a sugestão, o planejamento e a confecção de consagração de manuscritos a livros. No caso de textos traduzidos, atenção especial recai no papel do tradutor, responsável pela preparação de um novo manuscrito, do *scout* ou agente literário, descobridores e mercantes de possíveis títulos

para tradução, e dos redatores, espécie de ponto ou *souffleur* do autor-tradutor que confere ao manuscrito da tradução sua legibilidade. Como veremos, estes atores não têm papéis estanques e seu poder simbólico também não é sempre reconhecido. Eles também podem se deslocar em suas responsabilidades e tarefas quando necessário no processo editorial assim como, frente a uma antagonização entre autor-tradutor e redator, o editor tenderá a pender para um lado ou para outro no jogo político característico deste processo.

3.1 Uma biblioteca continental latino-americana

Considerando a edição os três títulos – *Poesie* (1965), *Corpo Vivo* (es, 1966) e *Ausgewählte Gedichte* (es, 1969) – dentro do contexto geral de publicações da editora, assim como o papel dos agentes envolvidos em sua mediação, talvez fique mais fácil entender os antecedentes da presença e do interesse pela literatura brasileira na Suhrkamp. Em primeiro lugar, como ficou claro, a mediação de literatura latino-americana pela editora divide-se na década de 1960 na publicação de poesia e prosa. Ao total, são 5 títulos de prosa e 5 de poesia. Como já mencionado, em 1963, dois poetas inauguram a presença latino-americana na editora: o peruano César Vallejo e o chileno Pablo Neruda, já muito reconhecidos no campo literário alemão, principalmente, na RDA. Diferentemente dos brasileiros, ambos são publicados, no entanto, dentro da série Bibliothek Suhrkamp (BS 99 e BS 110, respectivamente) e são recomendações diretas de Hans Magnus Enzensberger.

Enzensberger vinha não apenas engajando-se na publicação de poesias de diferentes partes do mundo, mas, desde finais dos anos 1950, já autor da Suhrkamp e em 1963 cofundador da edition suhrkamp, atuou constantemente como conselheiro editorial de Siegfried Unseld para assuntos literários latino-americanos. Neste contexto, o poeta atuava consciente do interesse das editoras na RFA pela produção intelectual do subcontinente, inicialmente, e atento ao comprometimento político dos autores latino-americanos. Vale mencionar aqui a série de revistas concebidas e organizadas por Enzensberger e publicadas pela Suhrkamp de 1965 até 1970, *Kursbuch*, local de formação do movimento estudantil de 1968 e cujos textos ensaísticos ocupavam-se com a geopolítica mundial desde uma perspectiva e inclinação de esquerda e cujo número 15, em 1968, apresentava, por exemplo, textos de Nicanor Parra e Julio Cortázar.²⁴⁶ Vale mencionar que o primeiro número da revista em 1968 é dedicado às revoluções na América Latina, no qual se encontra o texto “Che Guevara”, de Peter Weiss e um discurso de março de 1967 de Fidel Castro. Mais do que sua posição política, a posição de mediador cultural do poeta fica clara por meio da análise de trabalho com a revista *Kursbuch*. Relacionado aos textos de autores latino-americanos, Enzensberger publica um ensaio de sua autoria no número 15 do *Kursbuch*, com respeito a uma nova literatura por vir, no qual argumenta não ser possível haver uma literatura revolucionária, desde que esta literatura se renda às leis de mercado. Para o poeta, no entanto, o escritor seria uma espécie de alfabetizador que nas relações de produção midiática

246 A lista de autores latino-americanos publicados na revista *Kursbuch* não é curta e pode ser conferida no endereço: <http://enzensberger.germilit.rwth-aachen.de/kursbuch.html> (Acesso em 30 de janeiro de 2019).

não se deixaria subjugar. Por isso mesmo, o trabalho do alfabetizador não deveria no futuro perder de vista seu objetivo central: ser revolucionário, de modo que o interesse capitalista em uma literatura com alto valor de mercado seja negado, até que o valor de uso supere o valor de mercado (Enzensberger 1968).

Diante de um contexto da chamada politização da RFA, desde a revolução cubana em 1959, não só Enzensberger, como parte dos intelectuais e dos jovens universitários alemães consideravam o continente latino-americano como um laboratório para as utopias da esquerda. Não por acaso, editoras da RFA, cujo leitor projetado se formava no germe da geração 68, apostaram então em escritores comprometidos com um imaginário político sobre o novo mundo. Como já comentado no capítulo anterior, diferentemente do que ocorria na recepção ibérica e francesa da literatura latino-americana, os antecedentes da recepção, que somente com ressalvas pode ser chamada de *boom* latino-americano na RFA, tiveram de início pouca conexão com a estética do *nouveau roman*. Inicialmente, este período esteve mais ligado à recepção de livros políticos e não-ficcionais produzidos na América Latina pela geração de 1968 e, diante da onda de ditaduras militares estabelecidas no subcontinente, ao exílio de escritores, principalmente os chilenos, na Alemanha. Esses fatores foram, em grande parte, responsáveis pelo interesse e pela súbita atenção concedida ao universo latino-americano. Apesar da pouca atenção concedida à produção literária neste contexto, o que se verifica ao analisar os bastidores das publicações de títulos latino-americanos pela Suhrkamp, é uma tentativa de conciliação entre a estética literária e o engajamento político dos autores que a editora publicava.²⁴⁷

A análise de documentos da editora referente à literatura da América Latina e à constituição de um programa a partir dos anos 1970, revela justamente a figura de Enzensberger como mediador nesta conciliação entre o relato documental e o literário. No caso da literatura brasileira, Enzensberger tem, apesar de surpreendente, um papel menor como descobridor. Como mencionado anteriormente, os poetas brasileiros são recomendações de Meyer-Clason, que, em correspondência com Enzensberger, assume como critério de seleção seu interesse pessoal e a lacuna da lírica frente à forte presença do romance brasileiro na Alemanha: “especialmente agora que o Brasil está se tornando mais visível com seus romances entre nós”.²⁴⁸ No entanto, o apelo e a presença simbólica do conselheiro Enzensberger frente a Unseld e a sua redação são inicialmente mais fortes do que as de Meyer-Clason.²⁴⁹ Neste contexto, dentro e mesmo já fora da editora, é ele quem recomenda, endossa ou convence o editor para a publicação de títulos latino-americanos.

Através do arquivo SUA é possível recuperar parte da preocupação de Unseld, no final dos anos 1960, com a urgente publicação de romances latino-americanos. Por meio

247 Dill analisa amplamente este contexto editorial receptivo na virada dos anos 1960 e 1970. Sua perspectiva, no entanto, procura separar ou opor interesses editoriais no campo. Dentro da minha perspectiva atual, focada em uma editora específica, seria empobrecedor opor ou separar, portanto, estes interesses, despolitizando, por conseguinte tanto a literatura, quanto a sua recepção (Dill 2009).

248 “[Z]umal jetzt Brasilien mit Romanen bei uns stärker in Erscheinung tritt” (Meyer-Clason, Curt. Carta a Hans Magnus Enzensberger, 24/05/1963, DLA, SUA:Suhrkamp).

249 Exemplar é uma carta de Enzensberger a Walter Boehlich sobre Vicente Huidobro ser melhor poeta que Carlos Drummond de Andrade, um peso galo comparado ao poeta chileno, escreve Enzensberger, sem de fato poder ler Drummond em português e possivelmente só tendo lido as traduções de Meyer-Clason (Carta de 11 de junho de 1964 a Walter Boehlich. DLA, SUA:Suhrkamp).

da troca de cartas do editor com Meyer-Clason, Enzensberger e Carl Heupel, tradutor de Octavio Paz, pode-se contextualizar a formação do programa latino-americano na editora assim como os antecedentes da feira do livro em Frankfurt em 1976, decisiva para o sucesso da empreitada de Unseld. A seleção dos excertos dá ideia exata da urgência tardia de Unseld, já alertado por Enzensberger sobre a importância da literatura do subcontinente desde os anos 1950. Em 1958, Enzensberger recomenda ao editor nada menos que *ficções* para a publicação direta na Bibliothek Suhrkamp, alertando-o para uma rápida reação diante da perda de direitos de tradução e o interesse crescente da editora Carl Hanser em publicar a obra do autor argentino. Em 1962, Enzensberger volta a escrever ao editor recomendando *Manual de zoologia fantástica* (1957):

dieses buch ist in deutschland völlig unbekannt, vermutlich kennt es auch HANSER nicht, (der mit EMACE in buenos aires einen vertrag hat: dort sind alle anderen werke von borges erschienen) es ist dies eine einmalige chance. das buch ist ideal für die b. s. ich besitze ein exemplar der italienischen übersetzung, und stehe für die qualität der sache ein. wenn du mir nicht trauen magst, trau borges. machen wir nicht den alten fehler, monatelange prüfungen anzustellen.²⁵⁰

Por um conjunto de fatores, entre eles problemas de comunicação entre autor, redator e editor, Borges é publicado pela Bibliothek Suhrkamp somente em 1982. Em 1968, como mencionado anteriormente, Enzensberger volta a recomendar um título que alteraria por completo a recepção da Suhrkamp: “hoje uma referência ao gabriel garcía márquez colombiano [...] o homem está começando a ter sucesso europeu”.²⁵¹ Além destes autores, há ainda recomendações de Enzensberger, de 1968 a 1969, para *Paradiso* de Lezama Lima e *Rayuela* de Cortázar e outros nomes como Nicanor Parra, Miguel Barnet, Edmundo Desnoes, Heberto Padilla, Reinaldo Arenas, Ernesto Che Guevara e Fidel Castro, autores que em parte foram ignorados pela editora ou então publicados muito depois das sugestões e alertas do poeta.

Somente ao final dos anos 1960, quando outras editoras já pareciam se resignar diante da mediação de literatura latino-americana, o editor assume o atraso da empresa em relação às outras editoras alemãs, ao escrever, em 16 de dezembro de 1968, a Curt Meyer-Clason o seguinte: “Deveríamos incluir inevitavelmente em nosso programa os narradores da América Latina. Estamos realmente mal equipados demais neste campo”.²⁵² Unseld refere-se aqui ao programa principal da editora, em cujo cerne foi projetada a Bibliothek Suhrkamp. O interesse e comprometimento de Unseld com a edição de obras latino-americanas em seu programa coincide temporalmente com o denominado levante de redatores da Suhrkamp que, como comentado no capítulo anterior, culmina com a saída do redator-chefe Walter Boehlich e outros quatro re-

250 Enzensberger, Hans Magnus. Carta a Siegfried Unseld, 17/11/1962, DLA, SUA:Suhrkamp.

251 “[H]eute einen hinweis auf den columbianer gabriel garcía márquez [...] der mann beginnt, europäischen erfolg zu haben” (Enzensberger, Hans Magnus. Carta a Siegfried Unseld, 10/08/1968, DLA, SUA:Suhrkamp).

252 “Wir sollten unbedingt in unserem Programm Erzähler aus Lateinamerika aufnehmen. Wir sind ja wirklich zu schwach bestückt auf diesem Gebiet” (Unseld, Siegfried. Carta a Curt Meyer-Clason, 16/12/1968, DLA, SUA:Suhrkamp).

datores da casa.²⁵³ Mas apesar da perda de um dos redatores mais interessados pela recepção da literatura latino-americana pela Suhrkamp, os planos de Unselde seguem. Uma carta de Carl Heupel, tradutor de *El labirinto de la soledad* (1950), publicado pela BS em 1974, escrita ao editor em 1969, comprova os planos do editor para a expansão de seu programa editorial. Nela, Heupel menciona o subdesenvolvimento da série Bibliothek Suhrkamp com respeito à literatura latino-americana e se posiciona pró-ativamente na formação de uma equipe de tradutores, acadêmicos e autores para fundar um programa latino-americano na casa. Entre eles são nomeados Curt Meyer-Clason, o romanista e tradutor Georg Rudolf Lind e Hans Magnus Enzensberger:

In der Tat ist die BIBLIOTHEK SUHRKAMP [...], in latinoamericanicis unterentwickelt. Dieser Vorwurf wird durch Ihren letzten Brief immerhin etwas entkräftet: allein durch Ihre Bereitschaft, auch diesem Weltteil der Literatur einen Platz einzuräumen. [...] Eine andere Frage: Haben Sie ein Übersetzer-Team bereit, oder soll ich meine Kollegen – von denen ja einige auch schon bei Ihnen gearbeitet haben! Meyer-Clason, Lind, u.a. einmal ansprechen?²⁵⁴

Como se nota nas correspondências deste período, dos nomes levantados para montar um programa latino-americano na editora, somente Enzensberger atuava exclusivamente na Suhrkamp. Quando Unselde pensa, neste momento, em criar um departamento latino-americano funcional, supostamente apoiado por Enzensberger, como o editor escreve em nota de 26 de junho de 1969,²⁵⁵ ele considera uma equipe competente, mas já de início sobrecarregada, refletindo a dificuldade de se mediar literatura latino-americana em um campo literário carente de sua crítica, tradução e principalmente de agentes mediadores. Este fator também parece fundamentar a resposta de Enzensberger, em 29 de setembro de 1969, ao pedido de Unselde por recomendações para um quarteto de latino-americanos presentes na lista de Heupel que deveriam ser publicados na Bibliothek Suhrkamp: “ich weiß nicht, ob wir stark genug für eine lateinamerika-serie sind, das müßte doch etwas außerordentliches sein, nicht nur eine angestrenzte novitäten-liste. Viele der namen, die heupel nennt, habe ich früher schon vorgeschlagen”.²⁵⁶

Diante da resposta de Enzensberger, o editor redobra sua atenção e contato com outros mediadores, principalmente, com Meyer-Clason, nesta altura já mediador e tradutor da maioria dos títulos publicados na RFA. Ainda em 1969, o editor visita o tradutor em Munique para não somente informar-se sobre títulos possíveis para o seu programa, como também para discutir a ideia de uma biblioteca latino-americana na Suhrkamp. Em um relato de viagem, datado de 11 a 13 de julho, Unselde anota os tópicos discutidos neste encontro. Segundo o editor, a biblioteca deveria ser pensada como

253 Em 2011, o ex-redator da Suhrkamp, Walter Boehlich publicou um relato histórico sobre o levante. O título de Boehlich ironiza as crônicas de Unselde (cf. Unselde e Anders 2010; Unselde 2011; Boehlich 2011).

254 Heupel, Carl. Carta a Siegfried Unselde, 25/08/1969, DLA, SUA:Suhrkamp.

255 “[...] [Enzensberger unterstützt] auch den Plan einer südamerikanischen Abteilung im Suhrkamp Verlag, die nicht nur literarische Texte bringen sollte” (Unselde, Siegfried. “Gesprächnotiz” – Anotação de conversa com Hans Magnus Enzensberger, 26/06/1969, DLA, SUA:Suhrkamp).

256 Enzensberger, Hans Magnus. Carta a Siegfried Unselde, 29/09/1969, DLA, SUA:Suhrkamp.

um departamento encarregado não somente da publicação de literatura beletrística, como também de factografias. Para este departamento, ele anota que seria preciso formar um grêmio de especialistas e mediadores. Meyer-Clason sugere o romanista Gustav Siebenmann, enquanto o editor nomeia em seu relatório Enzensberger e, por recomendação de Anneliese Botond, Rafael Gutiérrez Girardot.²⁵⁷ No mesmo relato, Unseld anota o nome dos autores que segundo o tradutor deveriam ser editados pela Suhrkamp: Lezama Lima, Julio Cortázar, Juan Carlos Onetti e Carlos Fuentes. “Um assunto de urgência”, assim finaliza o editor seu relato.²⁵⁸

As cartas de Unseld a Meyer-Clason assim como o seu relatório do ano de 1969 oferecem traços de engajamento real do editor em publicar títulos ainda não descobertos ou mesmo para especular, através do tradutor, a atividade de outras editoras interessadas no continente ou mesmo no Brasil. Em 1972, o editor chega inclusive a sugerir uma viagem sul-americana a ser feita junto com o tradutor:

Könnten wir nicht einmal eine gemeinsame Südamerika-Reise planen? Sie sehen, ich las Ihre “Brasilianischen Stimmen” im MERKUR. Wie unterprivilegiert ist doch die amerikanische Literatur bei uns vertreten. Macht Kiepenheuer & Witsch “Rosa” weiter? Ü bernimmt er den Band, “Tutameia”? [...] Wie wäre es, wenn wir diesen bedeutenden Dichter in der Bibliothek Suhrkamp neu herausgäben? Dann käme nur eine einsprachige Ausgabe in Betracht. Wie müßte sie gegenüber dem Band in der Reihe “Poesie” ergänzt sein?²⁵⁹

O ensaio “Brasilianische Stimmen” (“Vozes Brasileiras”) foi publicado pela revista *Merkur* em janeiro de 1972. Trata-se de uma narrativa em que o tradutor descreve um evento na editora José Olympio em que encontrou Drummond e Aracy de Carvalho, a viúva de Rosa, quem na ocasião lhe esclarece o romance póstumo *Tutameia*. O início do ensaio é ocupado pela descrição do encontro pessoal com Drummond, “o grande poeta nacional”, do qual o tradutor reproduz conversa sobre sua poesia e inclusive trechos de cartas com o tradutor,²⁶⁰ e sua narrativa segue por um encontro com Plínio Marcos e Haroldo de Campos. Este grande poeta mencionado por Unseld nada mais era do que Drummond, que, como mencionado acima, havia sido publicado pela editora em 1965 e cuja publicação na BS interessava, como se vê, o próprio editor desde os anos 1970.

257 “2. Wir ventilierten die Idee einer lateinamerikanischen Bibliothek. Das müßte eine Abteilung für sich werden, und sie sollte Belletristik, aber auch Faktographie enthalten. Es müßte hier einmal mit einem Gremium ein Plan diskutiert werden. Meyer-Clason schlägt vor, in jedem Fall Prof. Dr. Gustav Siebenmann, Seminar für romanische Philologie, Universität Erlangen [...] Professor Siebenmann reist im Oktober für mehrere Monate nach Südamerika, und vielleicht könnte er dann schon in unserer Richtung aktiv werden. Von uns käme dann Enzensberger (und auf Vorschlag von Frau Dr. Botond Rafael Gutiérrez Girardot) in Frage. Meyer-Clason will sich noch weitere Persönlichkeiten überlegen. Das sollten wir auch tun und dann vielleicht Anfang September nach Frankfurt oder München zu einem Gespräch einladen” (Unseld, Siegfried. “Reisebericht München, 11.-13. Juli 1969”, DLA, SUA:Suhrkamp).

258 Unseld, Siegfried. “Reisebericht München, 11.-13. Juli 1969”, DLA, SUA:Suhrkamp.

259 Unseld, Siegfried. Carta a Curt Meyer-Clason, 14/02/1972, DLA, SUA:Suhrkamp.

260 O encontro é descrito quase da mesma forma em artigo de Meyer-Clason, *Drummond em Alemão*, publicado pelo jornal *O Cometa Itabirano* em novembro de 1987.

Também neste contexto é possível resgatar o engajamento de outras partes da equipe sugerida por Heupel e Unseld assim como as primeiras recomendações decisivas da futura *scout* literária Michi Strausfeld, sobre a qual tratarei em um capítulo a parte. Apenas em março do mesmo ano, em uma carta a Elisabeth Borchers, redatora da Suhrkamp desde 1971, Georg Rudolf Lind recomenda *A Pedra do Reino* (1971), de Ariano Suassuna à redação, assegurando a grandeza desta obra ao lado de *Grande Sertão: Veredas*.²⁶¹ Borchers reage com mostras claras de interesse, comunicando o pedido imediato do livro para a editora José Olympio. Mais tarde, em outubro do mesmo ano, Lind volta a escrever a Borchers e não só reitera sua sugestão para a obra de Suassuna, como também endossa recomendação da obra de Osman Lins para publicação na editora.²⁶²

Porém, somente a partir de 1973, os planos de Unseld começam a tornar-se concretos. Em agosto de 1973, com uma recomendação para uma edição de *El Laberinto de la Soledad* (1950) de Octavio Paz,²⁶³ publicada pela Walter Verlag em 1970, Carl Heupel, a quem Unseld havia escrito em agosto de 1969 pedindo sugestões e ideias para uma série sul-americana de quatro títulos que pudessem ser incluídos na Bibliothek Suhrkamp,²⁶⁴ retoma a conversa com o editor. Unseld responde pela primeira vez com clara convicção da importância e do potencial da literatura latino-americana para a editora, salientando a necessidade de um programa, ou uma espécie de biblioteca destinada à produção literária dos países latino-americanos, com linhas claras a serem seguidos por anos:

Für ein "lateinamerikanisches Gespräch" bin ich immer bereit, weil ich nach wie vor der Meinung bin, daß die wesentlichste Literatur der nächsten Jahrzehnte aus Lateinamerika kommen muß. Aber meine Situation hat sich gegenüber jener, die ich Ihnen vor drei Jahren schilderte, wenig verändert, d. h. ich bin nach wie vor der Meinung, daß es wenig Sinn hat, den einen oder anderen Titel zu bringen. Was wir brauchen ist ein Konzept über Jahre hinweg, also eine Art Bibliothek lateinamerikanischer Literatur, in der Klassiker wie wesentliche jüngere Schriftsteller vertreten sein sollten und in der es auch das eine oder andere Buch gibt, das über die dortigen Verhältnisse informiert.²⁶⁵

261 "Ich benutze die Gelegenheit, um Sie auf Ariano Suassunas im letzten Jahr in der Livraria Olympia [sic], Rio erschienenen Roman *A Pedra do Reino* aufmerksam zu machen. Das ist ein Meisterwerk, das den Vergleich mit *Grande Sertão* von Guimarães Rosa aushält. In den nächsten Wochen erscheint ein Artikel von mir zu diesem Roman in der TAT, Zürich" (Lind, Georg Rudolf. Carta a Elisabeth Borchers, 31/03/1972, DLA, SUA:Suhrkamp).

262 "Osman Lins kann man in der Tat empfehlen. Ich hatte vor drei Jahren für die DVA Gutachten über verschiedene Bücher dieses Autors anzufertigen: ich lege sie Ihnen bei. Vielleicht können sie Ihnen für die erste Orientierung hilfreich sein. Möglich, daß Lins inzwischen noch Besseres geschrieben hat, aber dazu weiß ich nichts Genaues. Ich benutze die Gelegenheit, um Ihnen Ariano Suassunas Roman *A Pedra do Reino* dringend zu empfehlen. Ich hatte ihn schon Ihrer Lektorin Frau Borchers empfohlen, weiß aber nicht, ob sie sich mit dem Buch befassen konnte" (Lind, Georg Rudolf. Carta a Siegfried Unseld, 10/10/1972, DLA, SUA:Suhrkamp).

263 "Ich möchte Sie heute nach 3 Jahren einmal beim Wort nehmen: Bringen Sie das Labyrinth (am besten mit dem steuernden Untertitel: Ein Psychogramm Mexikos) in einer Ihrer so preiswerten Reihen! Als Lizenzausgabe! In den USA ist es auch ein Taschenbuch-Erfolg geworden" (Heupel, Carl. Carta a Siegfried Unseld, 05/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp).

264 Unseld, Siegfried. Carta a Carl Heupel, 18/08/1969, DLA, SUA:Suhrkamp.

265 Unseld, Siegfried. Carta a Carl Heupel, 10/08/1973 DLA, SUA:Suhrkamp.

É justamente a realização de um programa para a publicação da literatura latino-americana, como já dito anteriormente, que vai diferenciar a recepção da Suhrkamp das outras editoras de literatura latino-americana, tanto na RFA quanto na RDA. Este conceito para uma biblioteca não é novidade na editora. Como apresentado em capítulo anterior, ele é a base estrutural da Suhrkamp desde sua fundação, faz parte de sua “cultura” e encontra-se na pedra fundamental tanto da Bibliothek Suhrkamp de Peter Suhrkamp como da *edition suhrkamp* de Unseld, Enzensberger e Max Frisch. A novidade neste momento foi criar um programa com foco na literatura de uma região, até então pouco explorado pela empresa, isto é, uma matriz para séries com princípios propriamente literários e não apenas regionais. Como se lê acima na carta de Unseld, trata-se de um conceito para um programa para uma biblioteca, ou seja, de um conjunto de títulos que pudessem se manter de pé em uma estante latino-americana, onde o clássico e o moderno se encontrassem no presente, como ocorre no caso das séries BS e es. No outubro do mesmo ano, o editor volta a mencionar a biblioteca latino-americana em uma carta à mais importante agente literária no mundo ibérico nos anos 1960, Carmen Balcells. Na carta, ele revela um plano ofensivo em andamento que consistia no levantamento sólido de sua biblioteca, através da aquisição de direitos de tradução e do fortalecimento de contato com tradutores:

I really would like to confirm again our interest in editing a kind of “lateinamerikanische Bibliothek”. I did some first steps, [...] acquiring German licenses for Juan Rulfo, “Pedro Páramo” from Hanser Verlag, Munich, and Vargas Llosa, “Das grüne Haus” from Rowohlt Verlag, Hamburg. I think I can acquire also licenses for German pocket-book-editions. And I reserved all rights from Cortázar for Suhrkamp. And besides this: I am already in contact with translators, I try to ask them to come to Frankfurt so that we shall discuss how to realize our idea of a “lateinamerikanische Bibliothek”.²⁶⁶

A carta a Balcells, como veremos a seguir, pode ser lida aqui não somente como mais uma evidência de que Unseld pensava de fato em um programa com parâmetros de uma biblioteca, mas também como evidência de que o contato com a mais influente agente de literatura latino-americana na Europa seria determinante para a consolidação de um programa latino-americano na RFA. Como o editor faz questão de pronunciar repetidamente ao início e ao fim de sua carta, havia neste breve gesto de sua parte um aperto de mão cordial com a esperança de um trabalho conjunto: “I am sure we shall reach a lot of things when we are working together. [...] I am sure that we shall work out important things”.²⁶⁷

O maior risco e, ao mesmo tempo, trunfo desta empresa foi buscar uma unidade para uma região tão diversa e com literaturas tão distintas. No entanto, diante da urgência para a criação de um programa, vale ressaltar que mesmo o editor e sua equipe estavam cientes deste perigo e inclusive buscaram tirar dele o proveito, tanto comercial, quanto simbólico, possível e necessário. Basta considerar a presença impositiva da editora na feira do livro em 1976, autointitulando-se a descobridora de um continente literário. Posicionamento, aliás, que tomará as rédeas da realização de todo o seu programa. Para tamanho projeto seria preciso, em primeiro lugar, como sugere

266 Unseld, Siegfried. Carta a Carmen Balcells, 17/10/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

267 Unseld, Siegfried. Carta a Carmen Balcells, 17/10/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

Heupel em outra carta de agosto do mesmo ano e como ele já havia sugerido em 1969, fundar uma redação responsável pelas literaturas do subcontinente com um time de tradutores a seu dispor. Diante de tamanho pluralismo cultural, linguístico e literário produzido no continente latino-americano, Heupel ainda sublinha na carta de agosto de 1973 sua dúvida de que apenas um redator ou redatora fosse capaz de lidar com tamanha diversidade e como sugestão em sua resposta a Unseld, estrutura uma proposta para um programa composto de duas grandes frentes, uma para gêneros textuais e outra para áreas cultural-geográficas, que ele acredita ser capaz de abrir uma brecha na consciência do leitor alemão:

In jedem Fall müßte man diesen weiten Gegenstandsbereich aufgliedern, etwa so: I) Genera-methodisch: 1) Essay (dokumentativ, ästhetisch, kritisch), 2) Fiktion (Roman/ Erzählung), 3) Lyrik; II) Kultur-geographisch: 1) La-Plata-Länder, 2) Andenländer, 3) Brasilien, 4) Mittelamerika, 5) Karibische Welt [...] Umso größer wäre die "Pioniertat", hier eine Bresche in das deutsche Leserbewußtsein geschlagen zu haben. In der Tat wäre es eine "geistige Entwicklungshilfe", verlegerisch ein wahrer Horizontaufriß!²⁶⁸

A proposta metodológica de Heupel é parcialmente aceita por Unseld, quem um dia depois a modifica e envia à sua mais nova *scout* literária da editora, Michi Strausfeld, ainda desconhecida no campo literário alemão, mas que se tornará em pouco tempo agente de suma importância para a história da recepção da literatura latino-americana na RFA.

3.2 A unidade como princípio

"De fato, uma unidade literária latino-americana não existe", com esta constatação é que Unseld encerra carta a Michi Strausfeld, em 22 de agosto de 1973, na qual a informa sobre mais detalhes do projeto para um programa latino-americano dentro da Suhrkamp. Naquele início de agosto, as preocupações do editor se concentravam no estabelecimento de um programa capaz de contemplar, abrigar e divulgar, de modo continuado e sistemático a produção literária diversa e heterogênea no continente latino-americano. Nesta carta, Unseld escreve à Michi Strausfeld compartilhando seu convencimento de que a literatura latino-americana será "a literatura mais importante do século XXI" e de que não teria sentido publicar um título ou outro de autores latino-americanos, mas que de agora em diante seria necessário criar um conceito, "seja ele uma série ou uma biblioteca", de toda maneira um programa contínuo. Este programa, deveria ser capaz de representar ou cobrir a produção do continente e ao mesmo tempo respeitar as diferenças literárias de cada campo, cujo objetivo inicial seria, repetindo as palavras de Heupel, "abrir uma brecha na consciência do leitor alemão para a literatura latino-americana":

Andererseits hat es keinen Sinn, einfach das eine oder andere lateinamerikanische Buch zu veröffentlichen (unter Drängen habe ich mich jetzt doch entschlossen, Octavio Paz, "Das Labyrinth der Einsamkeit" in die 'Bibliothek Suhrkamp' aufzunehmen). Wir

268 Heupel, Carl. Carta a Siegfried Unseld, 21/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

müssen zu einem Konzept kommen, sei es nun Reihe oder Bibliothek, jedenfalls ein kontinuierliches Programm. [...] Denn ist es fraglich: die erste Aufgabe ist in der Tat eine Bresche für lateinamerikanische Literatur in das deutsche Leserbewußtsein zu schlagen. Wie ist das zu machen?²⁶⁹

As “pressões” que levaram Unseld, posicionando-se aqui quase como vítima da concorrência, a publicar Octavio Paz, traduzido por Heupel, na Bibliothek Suhrkamp marcam o crescente interesse no campo editorial nesta década pelos autores latino-americanos consagrados e um arrependimento empresarial do editor por não ter publicado Márquez, quando o autor foi indicado por Enzensberger nos anos 1960. Ignorado por Unseld e, seguindo um ressonante sucesso de recepção no mundo todo, *Hundert Jahre Einsamkeit* é publicada em 1970 pela editora alemã de Guimarães Rosa, Kiepenheuer & Witsch, em edição com nove mil exemplares. No caso de Paz, em 1973, sua obra já fazia parte do cânone mexicano, hispano-americano, e havia sido bem recebida na França e nos EUA, mas estava publicada de forma modesta na RFA. Depois de seu primeiro livro de ensaios na Suhrkamp e a visita do autor em 1979, Paz torna-se em pouco tempo o autor-Suhrkamp preferido de Unseld entre os latino-americanos.

Antes disso, a reação de Unseld neste ponto da carta é sintomática de seu empreendedorismo. Mencionar dois autores consagrados, um cuja obra o editor não havia publicado e outro que estava publicando devido à pressão e concorrência no mercado, está diretamente relacionado com o argumento para um programa literário, que como salienta o editor, só poderia ser realizado por uma editora, não por uma instituição sem fins lucrativos, sujeita ao fracasso justamente por não saber valorizar a dimensão comercial do empreendimento. Uma empresa que soubesse se mover entre dois campos pouco conciliáveis entre si, o comércio e a cultura:

Natürlich würde dieses Programm nicht von einem hoch subventionierten Institut realisiert, das auf die Ökonomie keinen Wert legen muß, sondern von einem Verlag, der sich durch dieses Engagement natürlich auch nicht in eine Havarie leiten lassen möchte.²⁷⁰

Pelo espaço onde se encontra, o comentário parece gratuito, mas não é. Estamos diante de uma das primeiras cartas entre editor e sua nova *scout* literária. Nela lemos uma das formas de afinação dos agentes dentro e fora da editora com os princípios de Unseld que se repetirão uma série de correspondências, nas quais o editor insiste frequentemente em marcar os traços norteadores de sua empresa. Estes documentos não nos permite ignorar, que a ideia, organização e estrutura para um novo programa implica, para o editor, em seguir consequentemente um conceito editorial que já se encontra nos princípios discutidos de Peter Suhrkamp e sob cujos parâmetros e organização será submetido o novo programa para a América Latina:

d. h. zweimal im Jahr im Herbst- und im Frühjahrsprogramm, je ein größeres Buch (etwa 400 Seiten) machen. Dann könnte man es sich denken, daß man in der 'Bibliothek Suhrkamp', deren Prinzip es ist, die Klassiker der Moderne zu bringen, ebenfalls jährlich

269 Unseld, Siegfried. Carta a Michi Strausfeld, 22/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

270 Unseld, Siegfried. Carta a Michi Strausfeld, 22/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

1-2 Titel veröffentlichen könnte. In den suhrkamp taschenbüchern könnten reprints schon existierender lateinamerikanischer Literatur wieder neu aufgelegt werden; in der edition suhrkamp könnte man kritische, soziologische, aufklärerische Texte über Süd-Amerika bringen.²⁷¹

Com as sugestões supracitadas de Unseld, a estrutura por trás do programa latino-americano não implicava, exclusivamente, na criação de um formato editorial completamente novo para os títulos latino-americanos, senão buscava valer-se do êxito e formato das séries já estabelecidas para abrigar estes novos produtos. Tanto é que o editor, levando em conta a problematização que Heupel apresenta para uma representação justa da América Latina e suas literaturas, sugere para os possíveis títulos do programa uma frequência estabelecida nos outros programas da casa e uma ordem baseada em classificações de gênero (literatura, ensaio, crítica), cânone (clássicos da modernidade) e circulação (reimpressões) que se encaixassem dentro da própria estrutura da editora. Mais adiante, quando questiona Strausfeld pelos dez autores mais significativos da América Latina, o interesse do editor se esclarece via a recepção de Márquez na Europa e sua repercussão na Alemanha. A obra do colombiano, possivelmente apropriada à Bibliothek Suhrkamp, tinha um peso incontestável no campo, justamente por sua recepção unir o exótico e o acessível²⁷² em um só produto:

Könnte man unangefochten definieren: wer sind die zehn bedeutendsten Autoren? Gibt es noch Autoren vom Range des Márquez? Hieraus müßte man sich wieder die aus-suchen, deren Werke doch eine gewisse Chance haben, hier überhaupt anzukommen, die Thematik der Bücher muß also ebenso anders (lateinamerikanisch: exotisch) wie attraktiv sein (nicht übermäßig kompliziert).²⁷³

O segundo ponto estrutural apontado por Heupel, a saber, uma distinção geográfico-cultural que respeitasse um mapeamento, mais por áreas do que por fronteiras nacionais da produção literária no continente não aparece, vale ressaltar, como preocupação para o programa na carta de Unseld. Seu interesse se firma entre um eixo temático (exótico) e outro receptivo (atrativo), forjando uma unidade da produção literária latino-americana publicada pela Suhrkamp que, como veremos adiante, ganhou contornos claros na feira de 1976 e posteriormente confirmou a hipótese de que por trás do programa para as literaturas da América Latina havia uma expectativa do leitor alemão pelo exótico, com a qual os editores estrategicamente contavam naquele momento.

Como já se discutia nos anos 1960, seria impossível a criação de um programa sem a participação de agentes externos à editora. Diante desta constatação, além dos tradutores e redatores já supracitados, como Heupel e Meyer-Clason, Unseld sugere alguns nomes a Strausfeld, como o da tradutora Hildegard Baumgart e o de Rudolf

271 Unseld, Siegfried. Carta a Michi Strausfeld, 22/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

272 Unseld escreve “atraente”, no entanto, tanto a ideia de acessibilidade e atração pode ser entendida aqui por legibilidade.

273 Unseld, Siegfried. Carta a Michi Strausfeld, 22/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

Walter Palm, para formar uma equipe de redatores externos, e ainda na mesma carta lhe pergunta, quem pagaria por tudo isso?²⁷⁴

Em resposta de 28 de agosto de 1973, Michi Strausfeld inicia sua carta pelo problema do leitor alemão. Sua preocupação se concentra, neste ponto, em estratégias na formação de um público amplo para a literatura do subcontinente. Como formá-lo? Como cortar uma ponta no círculo vicioso do campo literário alemão, que ainda desconhecia a literatura latino-americana? Somente através de um programa, concorda a romanista. Somente um programa contínuo poderia chamar a atenção da crítica e, por conseguinte, formar um público para essa “nova” e, palavras de Strausfeld, “não sempre exótica literatura”.²⁷⁵ Além disso, deveria se investir menos em edições de capa dura para a introdução de literaturas desconhecidas no campo. Entre suas estratégias, por exemplo, está a extensão de publicações breves em suportes especializados e de grande circulação, como revistas de literatura e suplementos culturais, no intuito de estreitar laços com periódicos reconhecidos no campo. Entre eles, ela sugere a revista *Merkur* e a *Akzente* e os suplementos literários de *Die Zeit* e *Süddeutsche Zeitung*. Nestes periódicos, seriam apresentados trechos ou capítulos de romances a serem publicados pela editora, despertando a curiosidade de uma gama ampla de leitores: do especializado ao dileitante. Um outro ponto levantado pela romanista, remete à discussão anterior sobre o material crítico produzido pela Suhrkamp. Como se lê nesta carta, desde 1973 Strausfeld almejava a produção de uma série de livros de suporte crítico que serviria não somente de argamassa para as publicações do programa, mas como base para a formação de um público:

Da die Interpretation oder überhaupt das Verständnis von Lateinamerika nur rudimentär ist, finde ich die Idee, parallel zum Literaturprogramm soziologische (und andere) Essays herauszugeben, eine ausgezeichnete Möglichkeit, weitere Leser zu gewinnen.²⁷⁶

Como busquei apresentar e analisar anteriormente, tanto o livro *Lateinamerikanische Literatur* (1976), como *Brasilianische Literatur* (1982) podem ser lidos como resultado desta ideia. Ideia que, como arremata Strausfeld, se alinhava, de maneira impressionante aos princípios de Unseld: sob um lema que poderia ser concebido pelo próprio editor, “um bom programa também se vende”,²⁷⁷ a romanista envia imediatamente uma lista de quatro possíveis trabalhos sociológicos, na qual figuram estudos sobre os temas de interesse naquele contexto: subdesenvolvimento, colonialismo e revolução

274 Em capítulo adiante, retomo esse problema apontado por Unseld entre instituições subvencionadas e instituições privadas com fins lucrativos. Como apresentado, este problema é parte de um dos princípios editoriais de Unseld, discutido no capítulo final desta tese. Vale salientar que para Unseld, somente uma empresa com fins lucrativos poderia dar conta de uma considerável recepção da literatura latino-americana.

275 “[E]s bildet sich ein Publikum für diese ‘neue’ (und oft gar nicht exotische) Literatur heran” (Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 28/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp; Anexo IV).

276 Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 28/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp; Anexo IV.

277 “[E]in gutes Programm verkauft sich auch” (Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 28/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp).

no subcontinente.²⁷⁸ Esta lista, não completamente realizada,²⁷⁹ lança luz sobre as estratégias da editora, ciente do interesse do leitor alemão pela América Latina naquele momento através de publicações não-ficcionais, e ajuda a descrever melhor a figura da *scout* literária que, já em uma de suas primeiras cartas ao editor, revela parte essencial de seu perfil e atuação. Considerada esta suposição, não passa despercebido em quarto lugar da lista a menção a “uma coleção de ensaios críticos sobre os autores do programa literário”²⁸⁰ referente, já em 1973, aos títulos materialien analisados anteriormente. É nesta carta, que o programa pensado por Unseld, Enzensberger e Heupel adquire, primeiramente, conteúdo. Após a lista de estudos sociológicos, a romanista nomeia os dez mais representativos novelistas latino-americanos²⁸¹ com o calibre de um Márquez, no qual figura somente um autor brasileiro: João Guimarães Rosa. A seleção, naquele ano, não revela pioneirismo algum: é reflexo da recepção europeia da literatura hispano-americana nos anos 1960. A esta altura, nenhum dos autores constituiria risco econômico para a editora, visto que todos já haviam sido consagrados pelo chamado *boom* da literatura latino-americana, principalmente na Espanha e na França, e a canonização se alastrava lentamente aos outros países do continente. Na Alemanha, boa parte deles já haviam sido traduzidos por outras editoras. Considerando este fato, a lista dos “dez mais” de Strausfeld não é estranha às antologias e aos trabalhos críticos da época. Curiosamente, ela é equivalente, ou melhor, idêntica a uma das publicações, consideradas na Europa, tanto pela circulação, quanto pela sua receptividade, como a bíblia da literatura latino-americana, a saber: *Los Nuestrós* (1966), do crítico literário chileno Luis Harss.

Também no conjunto de ensaios de Harss o espaço para a literatura brasileira é reduzido e isolado. O crítico, em seu prólogo, chega a mencionar particularidades da literatura brasileira que a diferenciam da literatura hispânica. Nomeia autores que, no Brasil, foram responsáveis por um produto único no continente, como é o caso de Machado de Assis e Euclides da Cunha, e assinala suas obras como produtos extemporâneos, desraigados e de exceção:

Machado de Assis, Da Cunha, anticiparon de alguna manera una literatura de gestación más profunda, que tuvo que esperar su hora. Más típica de su época fue una literatura que en busca de justificación se entregó a las preocupaciones del momento o, sintiéndose se irremediabilmente desarraigada, se fugó al esteticismo (Harss e Dohmann 1966, 14).

278 “1) André Gunder Frank: Capitalismo y subdesarrollo en América Latina. id.: Latinoamérica: su desarrollo o revolución.(Kapitalismus und Unterentwicklung in LA) (LA: Unterentwicklung oder Revolution) usw. 2) Cardoso/Faletto: Dependencia y desarrollo en A. L. (Abhängigkeit und Entwicklung in LA). 3) Dorfman/Mattelart: Para leer al pato Donald. Comunicación de masa y colonialismo. (Lektüre des Donald Duck. Massenmedien und Kolonialismus). Cf. Anexo IV. 4) “Eine Sammlung kritischer Essays zu den Autoren, die im Lit. Programm sind” (Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 28/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp).

279 O livro do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, *Abhängigkeit und Entwicklung*, traduzido por Hedda Wagner é publicado pela edition suhrkamp em 1976.

280 “Eine Sammlung kritischer Essays zu den Autoren, die im Lit. Programm sind” (Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 28/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp).

281 A lista completa: 1) Jorge Luis Borges, 2) Alejo Carpentier, 3) Juan Rulfo, 4) João Guimarães Rosa, 5) Gabriel García Márquez, 6) Julio Cortázar, 7) Mario Vargas Llosa, 8) Carlos Fuentes, 9) Juan Carlos Onetti, 10) Miguel Ángel Asturias (cf. Anexo IV).

Diferentemente é vista a obra de Rosa. Rosa estava mais “entre os nossos” de Harss do que Machado de Assis e Da Cunha, por exemplo, ou a produção substancial brasileira do século XX, “sempre ecumênica”, com sua variante de modernismo tardio e radical, mencionada *en passant* na introdução do crítico. Rosa é apreciado entre autores do romance denominado pelo crítico como “completo” ou de superação literária, reconciliador tanto das experiências interiores, quanto das exteriores, ao lado de um Asturias, por exemplo, que busca uma assimilação poética da mitologia indígena, ou melhor, o encontro conciliante entre o mítico e o pessoal, e que desse modo passa a ser convidado a participar da nomeada nova narrativa latino-americana:

En los últimos años, nuestra narrativa ha tratado de encontrar el punto de confluencia de lo mítico y lo personal, lo social y lo subjetivo, lo histórico y lo metafísico. Un Guimarães Rosa en *Corpo de Baile*, Grande Sertão: Veredas demuestra que el esfuerzo no ha sido en vano (Harss e Dohmann 1966, 35).

Esta nossa narrativa, foco da seleção dos ensaios e, visivelmente, da publicação de Harss, é justamente o que marca para o crítico o nascimento de uma unidade para o romance no subcontinente. É neste sentido que vai o seu esforço argumentativo quando menciona a superação pelos autores de sua seleção da diferença gritante entre a linguagem literária e a linguagem falada, a superação que, pelo longo processo de rebeldia, resistência e recusa ao academicismo colonial, conduziu à constituição do romance autenticamente latino-americano e a uma unidade não só literária, mas cultural:

Todo hace creer que hemos llegado a la etapa final de un proceso. La década del 60 puede muy bien ser un momento decisivo. Nuestra novela y su forma subsidiaria, el cuento está todavía a prueba. Es demasiado pronto para saber si las pocas figuras realmente notables que asoman en las penumbras son una casualidad o una promesa. Pero si la diferencia entre un accidente y una tradición está en el encadenamiento del esfuerzo común, el futuro se ve propicio. Hoy por primera vez: nuestros novelistas pueden aprender los unos de los otros. Cada cual hace su camino propio, pero forma parte de una unidad cultural. Su contribución no se pierde. Hay acumulación y el comienzo de una continuidad. En este sentido podemos hablar del verdadero nacimiento de una novela latinoamericana (Harss e Dohmann 1966, 46).

À suspeita de Harss, acrescenta-se, no mesmo prólogo, uma observação ou sugestão que creio ter sido mais decisiva para a formação de uma suposta unidade da qual fala o crítico, isto é, a abertura dos mercados do subcontinente e da Europa para a produção literária nos diversos países latino-americanos. Harss parece consciente de que o chamado *boom* foi mais uma reviravolta ou uma revolução editorial ou livreira do que um florescimento literário. Mas ele não a assume ou não se enviesa na defesa de que ela teria forjado tal unidade cultural latino-americana, preferindo nomear este fenômeno de mercado como um incentivo crescente e promissor. No caso do mercado sul-americano, ele sugere que a comunicação entre campos literários para além das fronteiras nacionais está se resolvendo aos poucos no continente com a ajuda da internacionalização de instituições comerciais e governamentais como o grupo editorial mexicano Fondo de Cultura Económico e a instituição cultural cubana Casa de las Américas, fo-

mentadores e mediadores da literatura latino-americana dentro do subcontinente. É devido a estes estímulos, segundo Harss, que autores e suas obras têm circulado mais para além das fronteiras nacionais, deslocando a erradicação em Paris, e criando uma solidariedade literária e intelectual que culminaria – a suposição é minha – na criação, por Ángel Rama e José Ramón Medina, da Biblioteca Ayacucho na Venezuela, curiosamente, no mesmo ano do programa editorial da Suhrkamp para a América Latina: 1974.

No entanto, toda essa solidária unidade nos anos 1960 parece não ultrapassar as fronteiras brasileiras. Segundo o diagnóstico do autor, antigas barreiras culturais e linguísticas seguem de pé, fayendo do caso brasileiro, novamente, uma exceção, que mesmo em diluição dentro da unidade divide a literatura latino-americana em duas:

La excepción, desgraciadamente, a causa de viejas barreras culturales y lingüísticas, que siguen siempre en pie, es el Brasil. Pero sin duda también el Brasil ingresará pronto en la comunidad. Nuestras dos literaturas, como esperamos pueda contribuir a demostrar este libro, están bastante emparentadas (Harss e Dohmann 1966, 43).

O comentário de Harss recorda aqui a divisão da América Latina feita por Heupel, em carta a Unseld, segunda a qual somente o Brasil é distinguido como país e não como região geográfica e cultural, reforçando esta divisão na concepção do programa. No entanto, o fato de que a lista de sugestões de Strausfeld ao editor Unseld tenha sido fortemente influenciada pelo livro de ensaios *Los Nuestros*, diz menos sobre o parâmetro da própria lista, encerrado obviamente nos critérios de Harss, do que do peso da publicação do crítico chileno na Europa. Ainda em seu prólogo o autor justifica a seleção dos autores com que se ocupa o livro, ora pelo que denomina de mérito artístico, ora pelo seu gosto literário pessoal, não por uma premissa teórica ou com pretensões de objetividade:

De ahí que algunos nombres muy conocidos de nuestra literatura, que hemos omitido por nuestra propia cuenta 'Y riesgo, se destacan más por su popularidad que por su mérito artístico. Otros, de fama institucional, son productos de las fuerzas publicitarias del compadreo y la autopromoción. Hemos tratado de afilar bien la navaja para amputar estrategias e intereses creados. Dicho esto, anotamos que no somos autoridades, expertos o especialistas en la materia, sino simplemente aficionados que se largaron por el camino de la aventura, dejándose guiar por el instinto y la re-flexión y fiándose en fin de cuentas en el gusto personal (Harss e Dohmann 1966, 46 s.).

Buscar, portanto, os critérios de Strausfeld e mais tarde os critérios do próprio programa da editora não revela necessariamente um fundo teórico assumido para a escolha de autores publicados. A equipe de agentes e redatores do programa da Suhrkamp mantém-se indiretamente ligada ao discurso legitimado da crítica literária da época, muitas vezes através do pastiche, da paráfrase ou da apropriação, mas estes documentos não podem deixar de serem analisados como crítica. Harss, por exemplo, assume que seu livro não tem o intento de ser um estudo aprofundado, senão aproxima-se mais de uma resenha, uma primeira aproximação em forma de uma conversação com os autores a serem apresentados em, como denomina o crítico, psicobiografias, algo semelhante com o já mencionado livro de Günter Lorenz. Sua seleção de autores é neste ponto mais uma vez justificada pelo argumento da superação ou culminação

de tendências literárias, que foge a hierarquias, mas respeita a variedade e a distribuição geográfica da produção latino-americana do presente (Harss e Dohmann 1966, 49). Considerando as premissas do próprio autor junto do êxito do seu trabalho como mediador na Europa, não há como negar, portanto, que o uso que Strausfeld faz da seleção de Harss modela a espinha dorsal do programa da Suhrkamp até final dos anos 1970, em busca de uma unidade.

Até os anos 1980 o programa havia adquirido, editado e publicado títulos de 5 dos 10 autores listados por Strausfeld, a saber, Llosa, Carpentier, Cortázar, Fuentes e Onetti. Visto que em início dos anos 1970 a maior parte destes autores já havia sido publicado na RFA, a romanista sugere em sua carta títulos que, segundo ela, seriam capazes de potencializar a repercussão da editora frente ao leitor alemão. Caso pudesse contar com a repercussão já existente entre os leitores alemães, a lista seria outra, ela arremata, apontando obras que poderiam ser novamente editadas pela Suhrkamp. Entre as sugestões certas feitas por Strausfeld – de Llosa, *Das Grüne Haus*, publicado em 1968 em capa dura pela Rowohlt; de Carpentier, *Das Reich von dieser Welt*, publicado em 1964 pela editora Insel (Insel Bücherei) e em 1969 pela Volk und Welt, e *Die Flucht nach Manoa*, publicado em 1958 pela Piper; de Rulfo, *Der Llano in Flammen. Erzählungen*, publicado pela editora Carl Hanser em 1964, mas segundo Strausfeld, de forma incompleta, e *Pedro Páramo*, publicado em 1968 pela editora de livros de bolso Deutsche Taschenbuch Verlag; de Fuentes, *Nichts als das Leben*, publicado pela série de livros de bolso da editora Fischer em 1969 e anteriormente em 1964 pela Deutsche Verlags-Anstalt – figura “Grande Sertão – Veredas”,²⁸² de Guimarães Rosa, publicado em 1964 pela Kiepenheuer & Witsch, marcado na carta por uma seta onde se lê a pergunta escrita à mão: “st?”, isto é, suhrkamp taschenbuch, a série de livros de bolso da Suhrkamp.²⁸³

As sugestões seguem com anotações sobre Borges e Márquez, “completamente editados”, e Cortázar, Asturias e Onetti, os dois primeiros “terrivelmente traduzidos” e o último “completamente desconhecido”. Destes três autores, a editora publica até 1976 pelo menos um título. Mas de todas as sugestões, com exceção de Borges e Márquez, um autor não é publicado pela editora nos anos seguintes: novamente, Rosa. Sobre Rosa, Strausfeld não tece qualquer comentário. Cortázar, mal traduzido, ocupa a atenção da romanista, que o compara a Borges, Poe e, inclusive, a Joyce. Em que lugar na recepção da editora Suhrkamp, encontra-se a obra de Rosa, já traduzido pelo mesmo Meyer-Clason que, segundo Strausfeld, também estava muito interessado em Cortázar? Ameaçaria Rosa a unidade que o programa buscava, mesmo tendo sido chancelado por Harss, ou trata-se aqui apenas de um problema na aquisição de licença para publicação de *Grande Sertão* ou da obra roseana, já abrigada pelas editoras Kiepenheuer & Witsch e Deutscher Taschenbuch Verlag?²⁸⁴

282 Cf. Anexo IV.

283 Esta sugestão não está aqui relacionada com uma hierarquia entre títulos e autores, autores-BS ou autores-st, por exemplo, mas sim com a importância da circulação de uma obra já publicada. A romanista parece estar familiarizada aqui com o padrão de publicações da editora. Caso uma edição anterior de um título fosse publicada em hardcover por uma outra editora, a Suhrkamp publicava o livro em edições de bolso, no intuito de que uma obra já legitimada circulasse com mais facilidade e alcance.

284 É notável que Kiepenheuer & Witsch, editora que possuía os direitos de publicação de Rosa na Alemanha, publicava Rosa em edições hardcover e que *Das Dritte Ufer des Flusses* (seleção de contos do autor), e *Nach langer Sehnsucht und langer Zeit* (outra coletânea de contos do autor) tenha sido publica-

Como se constata na leitura do arquivo SUA, o problema da literatura brasileira na unidade latino-americana não se fez por falta de indicações ou de conhecimento por parte da redação em formação. Um ano depois, dois documentos contemporâneos à carta de Strausfeld, além de comprovar os esforços para publicar Guimarães Rosa, podem ajudar a entender o espaço inicial concedido à literatura brasileira dentro do programa latino-americano: 1) uma carta de Borchers à leitora de Heinrich Böll pela Kiepenheuer & Witsch, Renate Matthaei, de 6 de agosto de 1974, na qual fica explícito o interesse do programa em publicar *Das dritte Ufer des Flusses*, editado no próximo ano pela dtv; e 2) um parecer, provavelmente do mesmo ano, sobre a novela *Dão-Lalalão*, publicada no Brasil primeiramente em *Corpo de Baile* (1956) e depois em *Noites do Sertão* (1965), e editada na RFA pela Kiepenheuer & Witsch como *Corps de Ballet*, em 1966:

Wie alle Werke von Guimarães Rosa, dem größten Romancier Brasiliens und gemeinsam mit García Márquez dem bedeutendsten Lateinamerikas, ist auch dieser Roman eine perfekte Komposition, deren Spannung kontinuierlich steigt, bis es beinahe zur blutigen Tragödie kommt. Zugleich ist dies ein Liebesroman, eine "Dichtung der Vitalität samt ihren emotionalen Irrungen und Bedürfnissen", der Universalität in einer der unzugänglichsten Gegenden, dem berühmten Sertão, ausmacht und darstellt. Doralda und Soropito faszinieren mit ihrer elementaren Kraft. Ein Meisterwerk.²⁸⁵

Diante do único fragmento do parecer que foge de um registro sinóptico da obra, salta à vista, em primeiro lugar a denominação da novela como romance. Antes de considerar a formulação como um erro e encerrar a discussão, ou então enveredar por uma discussão sobre gêneros literários, é possível suspeitar neste caso de uma estratégia editorial por parte do parecerista anônimo. Esta suspeita ganha ainda mais cortono quando se considera uma das cartas de Meyer-Clason a Rosa, na qual o tradutor, após relatar suas dificuldades na leitura de *Grande Sertão*, informa o autor sobre o modo como o leitor alemão, antes de se aventurar pelas novelas de um autor inédito, prefere adentrar em sua obra pelo romance:

Não obstante isso, achou o amigo Andrada²⁸⁶ mais interessante editar e traduzir primeiro suas novelas por terem mais "ação". Sugestão que, infelizmente, será talvez pouco praticável, pois o leitor alemão quer primeiro ler um romance de um autor, antes de se aventurar nas novelas (Rosa e Meyer-Clason 2003, 82).

do em edição de bolso pela dtv. Em capítulo anterior, mencionei a recusa da Suhrkamp em participar do grupo de editoras que formaram a dtv. Esta seria a primeira das mais prováveis hipóteses para a editora não ter publicado nenhum título de Rosa até os anos 1980.

285 Anônimo. "Vorschlag: João Guimarães Rosa Doralda, die weiße Lilie Soropito. Die Geschichte einer Eifersucht. Dão Lalalão. Der Schuldner. aus dem Romanzyklus: Corps de ballet. Dt. 1966, pp. 445-533 Kiepenheuer/Witsch übersetzt von Meyer-Clason.", sem data, (entre 1974-1976), DLA, SUA:Suhrkamp.

286 O amigo Andrada, refere-se aqui ao Vice-Cônsul do Brasil em Munique que ajudou Meyer-Clason a interpretar passagens da obra de Rosa.

A editora Kiepenheuer & Witsch seguiu consequentemente esta linha editorial²⁸⁷: do romance (*Grande Sertão*, 1964), para o ciclo de romance, “Romanzyklus” – como chamou a crítica alemã na época²⁸⁸ – (*Corps de Ballet*, 1966), e então para a seleção de novelas e contos (*Das dritte Ufer des Flusses. Erzählungen*, 1968), tornando-se a editora de Rosa a partir dos anos 1960. Voltando às sugestões de Strausfeld em 1973 para a obra de Rosa, resta perguntar porque este parecer surte efeito somente em 1982, quando, *Dão-Lalalão* junto de outros contos são finalmente publicados pela Bibliothek Suhrkamp sob o título de *Doralda, die weiße Lilie*. Outra suposição do porquê a Suhrkamp não conseguiu a licença para a obra de Rosa antes de 1976 encontra-se talvez nas primeiras cartas entre Rosa e Meyer-Clason, no fim dos anos 1950, especificamente em uma discussão sobre duas editoras de Munique interessadas nos direitos de Rosa na Alemanha. Em 10 de maio de 1959, Rosa escreve a Meyer-Clason mais uma vez perguntando como ele deveria agir diante das ofertas de duas casas distintas, Kindler e Piper Verlag, e se seria aconselhável conceder direitos a duas ou mais editoras, caso não houvesse outra condição de publicar sua obra na Alemanha, procedimento que o autor havia tomado para edições francesas, por exemplo (Rosa e Meyer-Clason 2003, 73-74). Em 13 e 15 de maio do mesmo ano, escreve Meyer-Clason a Rosa duas cartas, esclarecendo a diferença entre Kindler e Piper Verlag e aproveita para dar maiores detalhes sobre o campo editorial alemão, por meio de descrições sobre editoras indicadas para a obra de Rosa, como a Fischer e a Rowohlt, listando em seguida outras editoras com reputação simbólica no campo alemão, entre elas a Suhrkamp. Na mesma carta, um comentário esclarecedor de Meyer-Clason, dá uma pista sobre a possível dificuldade de Suhrkamp em adquirir no início dos anos 1970 os direitos de Rosa, uma vez que já vinha sendo editado pela Kiepenheuer & Witsch:

As grandes casas editoras deste país não gostam de editar livros de um autor cuja obra vem sendo publicada por outras editoras também. De fato, os grandes autores de fama mundial vêm aqui sendo publicados por uma casa só. Isto vem beneficiar, em última análise, o próprio autor, pois assim o editor lhe dá toda a proteção, todo o impulso de sua máquina de propaganda, dos quais ele é capaz. Isso também reflete nas livrarias e na crítica: ambos podem suspeitar de uma inigualdade de qualidade, quando livros do mesmo autor aparecem editados por diversas casas (Rosa e Meyer-Clason 2003, 78).²⁸⁹

287 Como mostram as correspondências (carta de 8 de maio de 1963 a Rosa) entre tradutor e autor, esta linha deve-se mais ao tradutor, com predileção pelo *Grande Sertão*, e ao editor do que ao próprio autor.

288 “‘Corps de Ballet’ ist 1956 erschienen, zwei Jahre vor dem epischen ‘Grande Sertão’. Einen gemeinsamen Grund für die sieben Geschichten, die man schlecht einen Romanzyklus nennen kann” (Kratowil 1967, s. p.).

289 Revisando novamente as cartas entre tradutor e autor, não há como sentir falta na edição da correspondência, do registro detalhado do encontro pessoal entre os dois e de suas conversas. Ao leitor que vinha acompanhando nas cartas de 1959 uma conversa tímida, mas promissora entre Rosa e Meyer-Clason, principalmente, no caso da busca de editora para seu grande romance, o salto de um ano sem correspondências abre um abismo que talvez só encontre piso novamente no vasculhar de correspondências com a editora K&W, trabalho com o qual não tive tempo de me ocupar. Fato é que ainda em agosto de 1959, Rosa é informado pelo tradutor de que o editor da Piper prefere esperar mais tempo para confirmar a edição do romance e já sugere ao autor, em contrapartida, enviar o romance à editora Fischer. Rosa, por sua vez, em carta de novembro de 1959, informa o tradutor sobre pedidos por exemplares de seus livros pela editora Rowohlt, mas ainda se exprime indeciso sobre

Extraindo as palavras de Meyer-Clason para o contexto de análise da mediação de Rosa depois de sua menção na lista de Strausfeld e, principalmente, buscando entender o hiato que a obra do brasileiro provoca no programa da editora, parece justo supor que, apesar do interesse da Suhrkamp, há nas dinâmicas de circulação do campo editorial um conjunto de negociações e regras a serem seguidas, que impediram em um primeiro momento que a editora pudesse assumir a dianteira da mediação da literatura latino-americana na RFA, em parte através da compra de licenças de títulos, cujos autores eram considerados representativos, e o abrigo de todos eles sob o teto do seu programa. Não obstante, até a feira do livro de Frankfurt em 1976, a editora havia alcançado boa parte dos autores listados por Strausfeld e feito deles o alicerce de seu programa. Mesmo que Rosa não tenha sido publicado até os anos 1980, sua obra, assim como a de Borges e de Márquez, no caso da mediação da literatura brasileira pelo programa editorial da Suhrkamp, mantém-se como base programática. A literatura de Rosa é mencionada em pareceres, recomendações e cartas de editores, redatores e tradutores, sempre como parâmetro de mediação, como será possível ver ao longo deste trabalho. E, mesmo passada a feira, as tentativas de publicar um livro do autor não se esgotaram. Em lista de títulos, supostamente feita por Strausfeld em 1975 e planejados para o programa do ano de 1977, um título de Rosa aparece anotado como “1977 – Erzählungen – G. Rosa (Kiepenheuer)”,²⁹⁰ seguido de *Angústia* (1936) de Graciliano Ramos e *O Coronel e o Lobisomen* (1964), de Cândido de Carvalho, “recomendações de M-Clason”. Na verdade, através da leitura do espólio constata-se que boa parte de novos autores brasileiros, cujos títulos são matéria de parecer, carta ou recomendação até fim dos anos 1980,²⁹¹ vem acompanhada de uma referência à obra roseana, na maior parte das vezes a reboque de um tema caro à literatura brasileira, frequentemente o espaço fundacional do sertão, como se, com a publicação destes outros títulos, a editora pudesse resgatar algo da essência desta obra que não puderam publicar.

Em resumo, a lista de autores e títulos enviada por Strausfeld a Unseld em 1973, não vale apenas como uma sugestão retirada de uma recepção estabelecida e legitimada na Espanha e na França. Naquele contexto, é esta lista de dez autores que forja a unidade representativa e variável do programa e direciona a mediação na RFA. São estes pilares que sustentam a mediação e a regula até os anos 1990, mas que também a diferencia no caso Suhrkamp, através de seu foco específico e de suas estratégias de diferenciação no campo. Como a lista de Strausfeld deixa entrever, era preciso adquirir autores e obras antes que outras editoras o fizessem. Não é de se subestimar como essa estratégica delimita os contornos de seu programa. O contato com a agência Balcells, como escreve Unseld a Strausfeld em setembro de 1973, estava garantido para estabe-

qual rumo tomar. Então o leitor é abruptamente transportado para outubro de 1962 e, por meio da leitura de uma carta de Rosa e uma nota de rodapé, toma consciência que sua obra já está encaminhada para a editora K&W, cujo editor Rosa conheceu pessoalmente no Encontro de Escritores Alemães e Latino-Americanos e com quem Rosa já firmou contrato de tradução e direito de publicação.

290 A anotação refere-se a *Corps de Ballet* (1966, Kiepenheuer & Witsch) (cf. Strausfeld, Michi. “Liste der Titel für Lateinamerika Programm”, 01/05/1975, DLA, SUA:Suhrkamp). Em outra lista, também para o programa de 1977, a menção a uma edição de Rosa aparece sozinha e o título para a BS é a Terceira Margem do Rio: “77: BS – Das Dritte Ufer des Flusses – G. Rosa” (Anônimo, “Lista de títulos para programa LA 77 e LA 78”, 02/09/1976, DLA, SUA:Suhrkamp).

291 Entre os autores recomendados, cujas referências no espólio estão ligadas à obra de Rosa, estão Ariano Suassuna, Cândido de Carvalho, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz.

lecer um programa, não para a publicação esparsa de títulos de mais ou menos sucesso, traçando assim uma visão geral das literaturas do subcontinente.

Em 10 de outubro de 1973, Strausfeld volta a escrever a Unseld com sugestões mais concretas. A série deveria se iniciar em 1974 com cinco títulos e um “colóquio”. Entre os títulos – contos de Cortázar, *El Astillero* (1961) de Onetti, *La Casa Verde* (1966) de Llosa, *La muerte de Artemio Cruz* (1962) de Carlos Fuentes e um “Reader” sobre a literatura latino-americana moderna com fotos, ensaios e bibliografia – não figura nenhum autor brasileiro. Para a primavera de 1975, a lista segue com *Libro de Manuel* (1973) de Cortázar, *El obscuro pájaro de la noche* (1970) de José Donoso, nova edição de contos de Borges, *El siglo de las luces* (1962) de Carpentier e *Pedro Páramo* (1955) de Juan Rulfo. Como comenta Strausfeld, com esses dois grupos, os clássicos, e os escritores do *boom*, o programa teria um grande início. A partir de 1975 seria possível pensar em títulos esporádicos, um livro por mês, já que havia ainda muito a publicar e até lá ia se estabelecendo um mercado para esse novo produto. Entre as sugestões – *Boquitas Pintadas* (1969) de Puig e *Gracias por el Fuego* (1965) de Mario Benedetti – para títulos esporádicos até que o leitor alemão tenha uma visão geral da literatura latino-americana, novamente não figura um título sequer de autores brasileiros. Apesar da afirmação de Strausfeld à Elisabeth Borchers em junho de 1974 sobre a exclusividade dos brasileiros, fora de suas listas,²⁹² e a Unseld sobre a completude e representatividade do projeto,²⁹³ a visão geral dos primeiros anos do programa latino-americano, forjado sobre o eixo entre o exótico e o atrativo, pode ser resumido em uma série de literatura hispano-americana, no qual a literatura brasileira, muitas vezes discutida como entrave, separada ou isoladamente, figura, como veremos adiante, como interferência e atua como um corpo estranho.

3.3 Uma redação em formação

Depois de apontar mais uma lista de dez autores – no qual não figura sequer um brasileiro²⁹⁴ – ainda desconhecidos ou mal editados pelo mundo editorial alemão e sugerir que poderia enviar ainda uma lista de autores contemporâneos e de poetas latino-americanos, a carta de Strausfeld termina com um arrazoado sobre o programa ainda em fase de elaboração, retomando e reforçando a ideia geral que resume novamente seu conceito:

292 Strausfeld, Michi. Carta a Elisabeth Borchers, 18/6/1974, DLA, SUA:Suhrkamp.

293 “Das Programm wird immer hervorragender [...] und ist wirklich sehr ehrgeizig und komplett (Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 14/7/1974, DLA, SUA:Suhrkamp).

294 “Und gleich noch eine weitere Liste: die jetzt aufgeführten Autoren sind alle noch unbekannt in Deutschland, bereits in mehrere Sprachen übersetzt (zum Teil jedenfalls mit ausgesprochen hohen Auflagen), preisgeziert usw. Ich sehe in ihnen – in chronologischer Reihenfolge – erste Chancen für einen Erfolg” (Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 28/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp). Desta lista de autores – 1) Manuel Puig, 2) José Emilio Pacheco, 3) José Donoso, 4) David Viñas, 5) Mario Benedetti, 6) Salvador Garmendia, 7) Vicente Leñero, 8) Adriano González León, 9) Augusto Roa Bastos, 10) Ernesto Sábato – somente Donoso (*Ort ohne Grenzen*, 1976), Roa Bastos (*Menschensohn*, 1976; *Die Nacht des Admirals*, 1996; *Gegenlauf*, 1997; *Ich der Allmächtige*, 2000) e Puig (*Der Schönste Tango der Welt*, 1975; *Verraten von Rita Hayworth*, 1975; *Der Kuß der Spinnenfrau*, 1979; *Die Engel von Hollywood*, 1981; *Herzblut erwideter Liebe*, 1985; *Verdammt wer diese Zeilen liest*, 1992; *Bei Einbruch der tropischen Nacht*, 1995) tiveram títulos publicados pela Suhrkamp, alguns outros como foram publicados em antologias da editora (cf. Anexo IV).

Ideal wäre es, wenn man das qualitativ ausgezeichnete Programm so variieren könnte, um langsam einen Überblick über die ganze Lit. des Kontinents zu bekommen und sich somit seiner Verschiedenheit bewusst wird. Eine Serie schafft das... ob da unbedingt ein Lektoren-Team notwendig ist, bezweifle ich.²⁹⁵

Como se lê nesta passagem, a opinião de Strausfeld sobre a realização deste projeto esteve de início na contramão da dos outros agentes envolvidos na criação de um programa. Talentosa na organização de florilégios e de projetos panorâmicos, como demonstra a exitosa carreira de Strausfeld, a ela bastava a criação de uma série editorial focada na publicação de títulos latino-americanos para abrir uma brecha na consciência do leitor alemão. Até, pelo menos, outubro de 1973, como vimos na supracitada carta de Unseld a Carmen Balcells, o editor também pensava em uma série no formato de uma biblioteca. Quando é, no entanto, que sua opinião mudou e em que momento e contexto ao invés de uma biblioteca ou série foi criada uma nova redação dentro da editora para lidar com a recepção das literaturas latino-americanas?

Antes de seguir a discussão sobre o programa editorial para a América Latina criado pela Suhrkamp, faz-se necessário discutir brevemente a estrutura e a dinâmica de sua redação, assim como apresentar devidamente os principais atores responsáveis pelo programa. Um breve excursus nos antecedentes históricos da redação ajuda a entender a particularidade do caso Suhrkamp como também as diferenças entre a cultura editorial brasileira e alemã. A seguir, início a discussão pelos funcionários fixos da redação, como, por exemplo, os redatores, e depois parto para os agentes externos ao programa, por exemplo, tradutores e agentes literários. Ambos, internos e externos, encontram-se no mesmo nível de importância para o sucesso do programa e movimentam-se parcialmente com a mesma liberdade pelo campo. A divisão, portanto, segue puramente um critério organizatório, na tentativa de traçar o perfil intelectual de cada um deles e no intuito de que este perfil possa clarear os critérios envolvidos na publicação da literatura brasileira pela Suhrkamp.

3.3.1 Agentes internos: redatores literários

A redação de uma editora nem sempre foi ou é formada por uma equipe de redatores pareceristas, como no caso da editora Suhrkamp. Também não é sempre que uma editora que trabalhe com literatura em idiomas distintos, ou seja, com literatura estrangeira, estruture sua redação por diferentes áreas linguísticas ou por diferentes séries editoriais.

Até a virada do século XIX, os papéis dos agentes responsáveis hoje pelo funcionamento de uma editora encontravam-se comumente concentrados na figura do editor, que atuava como produtor, vendedor, parecerista, redator e publicitário. Inicialmente, portanto, o editor mantinha um contato imediato com seus autores ao mesmo tempo em que necessitava lidar com os seus manuscritos. A partir da institucionalização da figura do redator parecerista, consequência da crescente inundação de manuscritos, o editor foi se desfogando de tantas tarefas e delegando boa parte de suas responsabilidades ao redator, figura central na valorização, recusa, aceite e trabalho com o texto. A quantidade de responsabilidade delegada por parte do editor varia, no entanto, de

295 Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 28/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

editora para editora. Unseld, por exemplo, era quem tomava a última decisão sobre o aceite ou recusa para uma nova publicação, mas abria espaço para que pudesse ser convencido por seus redatores. O editor Anton Kippenberg, por sua vez, recusava o termo “Lektor” para os seus redatores, chamando-os de “wissenschaftliche Mitarbeiter” (assistentes científicos), pois, segundo ele, cabia ao editor, não ao redator, a decisão sobre o aceite ou recusa de um manuscrito (Jeske, Sarkowski e Unseld 1999, 282).

Apesar de a figura do redator não ser evidente ou óbvia no cenário editorial do início do século XX, a presença do redator foi tomando cada vez mais espaço nas maiores e mais importantes editoras literárias alemãs. Diante das alterações no mercado com a chegada do livro de bolso, a produção massificada e a tradução de literatura estrangeira, as editoras Fischer, Rowohlt, Ullstein e Herder, foram as primeiras a expandir suas redações de acordo com séries editoriais e literaturas nacionais. A editora Fischer, por exemplo, criou uma redação própria para a série de bolsos e tinha também redatores responsáveis exclusivamente pela literatura estrangeira, como Oskar Loerke, Peter Suhrkamp e Hermann Kasack. Ao contrário da Rowohlt e da Fischer, por outro lado, a editora Suhrkamp tinha como princípio, em seu início, não se ajustar aos gostos do grande público leitor, mas sim estabelecer um programa para uma elite intelectual do pós-guerra, evitando a expansão imediata de sua redação.²⁹⁶

Como tento demonstrar a seguir, Unseld, que em 1956 deixa o departamento de publicidade para se engajar na redação, segue, como editor, os princípios de Peter Suhrkamp à risca, em nome da unidade da editora. No entanto, com a morte de Suhrkamp, Unseld estende e amplia o número de redatores internos. Até 1959, toda a editora era composta de apenas três redatores (Schneider 2005, 175) e entre todos os redatores da editora, somente Boehlich, desde 1957 na Suhrkamp, permanece até 1968 na casa. Nos anos 1960, era também comum entre as editoras a frequente flutuação de redatores, devido à sobrecarga de manuscritos e da falta de reconhecimento profissional. De 1960 a 1968, por exemplo, a redação da Suhrkamp sofreu alterações visíveis. Em 1963, com a aquisição e anexação da editora Insel o programa cresceu substancialmente e em 25 anos, a empresa que contava com apenas três redatores, passa a ter 90 funcionários.²⁹⁷ Nestes oito anos, antes da nova fase da redação principal da editora, Unseld contou com Enzensberger, Karl Markus Michel, Urs Widmer, especialista para literatura contemporânea alemã, Klaus Reichert, Peter Urban redator parecerista para literatura eslava e, por exemplo, Günther Busch, responsável pela série *edition suhrkamp*.

A virada dos 1960 para os 1970, anos de formação do leitorado latino-americano da Suhrkamp é um momento de mudanças que culminariam mais tarde na consolidação da figura do ofício de redator na Alemanha. Com o crescente desenvolvimento da in-

296 Peter Suhrkamp era editor e ao mesmo tempo o redator-chefe de sua editora e evitava trabalhar, no caso da literatura alemã, com redatores pareceristas externos, como esclarece em carta a Franz Tumlner, em 19 de abril de 1956: “Ich selbst nahm ein Fernlektorat nur bei fremdsprachigen Büchern in Anspruch. Es ist nicht möglich, daß in einem Verlagslektorat jede Sprache vertreten ist. Aber auch bei fremdsprachigen Büchern ist es im Grunde nur ein Notbehelf. Im Übrigen ist die Möglichkeit dazu bei den verschiedenen Verlagen sehr unterschiedlich. Bei mir besteht diese Möglichkeit eigentlich überhaupt nicht. Ich arbeite sehr intensiv mit dem Lektorat zusammen und brauche meine Lektoren eigentlich ständig im Hause. Nur so kann die Einheit des Verlages gewährt werden” (Suhrkamp 1963, 130).

297 Unseld, Siegfried. “Chronik 1975”, 01/07/1975, DLA, SUA: Suhrkamp.

dústria do livro e, por conseguinte, da produção em massa, e a adequação das empresas editoriais em uma lógica de mercado lucrativo e concorrente, editores passaram a dar menos importância à figura do redator que nos anos 1960 era responsável pela avaliação estético-literária de um manuscrito, e suas tarefas enquanto leitor crítico, avaliador e revisor são ameaçadas pelo fortalecimento e prioridade dada aos departamentos de publicidade e distribuição de livros. Neste sentido, a partir da década de 1970, o redator, considerado um guardião de manuscritos, é confrontado como a imagem de um *Produktmanager*.²⁹⁸ Não mais um descobridor de novos livros e autores, mas um desenvolvedor de ideias lucrativas, capaz de se orientar por um gosto em voga ou por uma tendência de consumo do mais amplo público leitor possível, este era o esperado de um redator no início dos anos 1970. Como afirma um dos primeiros balanços sobre a figura do redator parecerista deste período, *Der Verlagslektor heute* (1971), de Bartel Sinhuber, o redator não passava de um simples funcionário de uma empresa comercial e “literatura” não deveria ser para ele um conceito a ser definido academicamente, mas a designação comercial de um produto.²⁹⁹

Uma virada tão brusca de perfil não foi vista com passividade pelos redatores. A redução de pessoal nas redações, defendida pelos editores por vias econômicas, assim como o poder de decisão sobre a publicação de um manuscrito cada vez mais concentrado nas mãos do editor, derivou em levantes por parte dos redatores nas principais editoras da RFA: Fischer, Rowohlt, Luchterhand e Suhrkamp. Em 1968, logo após a feira do livro em Frankfurt,³⁰⁰ os redatores da Suhrkamp exigem de Unseld uma alteração nas condições de trabalho da empresa, para que possam ter mais poder de decisão na escolha do programa editorial (Schneider 2005, 268). Após muitas discussões entre si, os redatores escrevem uma constituição interna para o ofício do redator³⁰¹ e a enviam a Unseld junta a uma carta, assinada por nove dos dez redatores da empresa. Como princípio, o protesto tinha duas pautas principais: 1) melhores direitos de trabalho diante da opressora quantidade de manuscritos com que trabalhavam os redatores e frente aos lucros galopantes das editoras, e 2) a participação democrática do redator

298 Como afirma Ute Schneider: “Mit der Erkenntnis, daß sich die Lektoratsarbeit angesichts der kommerziellen Verhältnisse im Verlagswesen nicht mehr allein auf die klassischen Aufgaben des Lesens, Redigierens und Entdeckens beschränken durfte, setzte ein vorläufig letzter Wandlungsschritt ein, ein Prozeß, der noch nicht vollständig abgeschlossen zu sein scheint: der Übergang des Lektors vom ‘literarischen Wächter’ hin zum ‘Produktmanager’, beruhend auf neuen ökonomischen und strategischen Bedingungen” (Schneider 2005, 253).

299 “Der Lektor ist schließlich Mitarbeiter eines kommerziellen Unternehmens, und Literatur ist für ihn kein akademisch zu definierender Begriff, sondern auch Handelsbezeichnung einer Ware” (Sinhuber 1971, 6).

300 A feira de 1968 ficou conhecida na imprensa como “a feira da revolta” (“Krawallmesse” escreve o *Stuttgarter Zeitung*). Em plena atmosfera das revoltas estudantis, visivelmente representado pelas atuações dos protestantes da SDS (Sozialistischer Deutscher Studentenbund – Liga socialista dos estudantes alemães) durante a feira, Unseld é acusado de ser responsável pela agitação no país através de seu programa editorial, principalmente, pela edição suhrkamp e pela revista *Kursbuch* – “literarische Munitionsfabrik der aktiven Linken und der außerparlamentarischen Opposition in all ihren milden und aggressiven Varianten – von Habermas bis Herbert Markuse” (cf. *Münchner Merkur*, 8/10/1968). Como relata o próprio Boehlich, Unseld foi responsável durante a feira pela sua continuidade ao sugerir à e convencer a comissão em retirar o contingente policial dos pavilhões e permitir a liberdade de expressão e de manifestação. Após a feira, a Suhrkamp se separa do projeto *Kursbuch*, coordenado por Enzensberger e Markus Michel.

301 “Die Lektoratsverfassung” e a carta a Unseld estão publicados em Boehlich (2011).

na decisão ou não de publicação de manuscritos, pondo em questão assim a estrutura hierárquica da empresa editorial. Neste contexto, o caso da editora Suhrkamp foi exemplar. Os redatores Walter Boehlich, Anneliese Botond, Karlheinz Braun, Günther Busch, Karl Markus Michel, Klaus Reichert, Hans-Dieter Teichmann, Peter Urban e Urs Widmer assinaram uma carta em conjunto, endereçada a Unseld em 27 de setembro de 1968. As negociações entre redatores e editores chegou até um ponto em que Unseld reuniu-se com seus redatores e com os principais autores-Suhrkamp para discutir uma constituição para a redação. Presentes estiveram Jürgen Becker, Günter Eich, Hans Magnus Enzensberger, Max Frisch, Jürgen Habermas, Uwe Johnson, Hans Erich Nossack e Martin Walser. Para desapontamento dos redatores, os autores da casa não tomaram partido no protesto,³⁰² reforçando e encorajando a manutenção da estrutura hierárquica e patriarcal da casa Suhrkamp, na qual a última decisão sobre a publicação ou não de um texto continuaria sendo tomada por Unseld.

Para dar mostras benevolentes como democrata, Unseld publica uma constituição dos redatores alterada, extinguindo a figura do redator-chefe na Suhrkamp, mas certificando seu poder de decisão na editora através de seus direitos e deveres enquanto diretor executivo e dono majoritário da empresa.³⁰³ Em um beco sem saída, o redator-chefe da editora desde 1957, Walter Boehlich, decide abandonar a empresa. Como o editor e os redatores não chegam a um acordo o processo culmina na saída de cinco redatores da Suhrkamp³⁰⁴ e na maior crise da editora até os dias de hoje.

Justamente estes são os antecedentes e o contexto sob os quais a chamada redação latino-americana é fundada em 1974. Elisabeth Borchers (1926-2013), poeta reconhecida no campo e editada por Unseld, foi a sucessora de Boehlich e marcou uma nova fase da redação da Suhrkamp, na qual, seus redatores iniciais são redatores provisórios, promotores da nova literatura alemã e mediadores com um perfil profissional ambivalente, no qual o redator tornava-se por um lado um gerente literário que agora

302 O redator Urs Widmer relata o encontro decepcionante em publicação de 1979: "[...] und eines Tages saßen, wie auch immer das zustande gekommen sein mag, einige Autoren des Verlages mit dem Verleger und uns um einen Tisch. Das war auch sinnvoll, denn schließlich schrieben sie die Bücher, die der Verlag veröffentlichte, und wir Lektoren verstanden uns als Anwälte der Autoren. Ich dachte, sie würden wohl, alles in allem, unsern Standpunkt unterstützen. Sie taten es nicht. Sie waren nicht böswillig, aber sie sahen unsern Konflikt gar nicht. Sie hielten unser aufgeregtes Suchen nach einer Formel vermehrter innerbetrieblicher Demokratie eher für einen der Fürze, die in den Köpfen herumsurren, denen sonst wenig Produktives einfällt. Wir wollten, so schien es ihnen wohl, nur unsere Stellung in einem Betrieb verstärken, in dem es ohnehin schon ganz gut lief. Ihre Bücher wurden ja gedruckt" (Widmer 1979, 25).

303 "Fragen der Verlagsprogramme und Verlagskonzeptionen [zu] diskutieren und alle wichtigen Entscheidungen in demokratischer Weise vor[zu]bereiten. Die Versammlung selbst versteht sich als eine Versammlung Gleichberechtigter. Cheflektoren wird es demnach nicht mehr geben. Pflicht und Recht des Leiters der Verlage zu unabhängigen Entscheidungen ergeben sich aus seiner gesellschaftlichen Stellung. Die Lektoren wählen aus ihrer Mitte zwei Delegierte, die Kommunikationsaufgaben haben und Sprecher der Lektoratsversammlung sind. Gemeinsam mit den zuständigen Abteilungsleitern werden in der Lektoratsversammlung auch Fragen der Werbung, des Vertriebs, der Herstellung sowie der Öffentlichkeitsarbeit diskutiert werden. Dr. Unseld informiert die Lektoren auf Wunsch über die finanzielle Lage der Verlage und über die materiellen Ergebnisse der von den Lektoren mitverantwortlichen Lektoratsgebiete" (Unseld 1969, 29).

304 Walter Boehlich, Peter Urban, Klaus Reichert, Urs Widmer e Karlheinz Braun. Vale lembrar que em 1968, a editora era composta por dez redatores. Os outros cinco: Anneliese Botond, Günter Busch, Karl Markus Michel, Hans-Dieter Teichmann e Werner Berthel. Esse evento ficou conhecido como o levante dos redatores ("Lektorenaufstand").

persegue critérios de vendabilidade e, por outro lado, um mediador de produtos culturais insubstituíveis, baseado em critérios de valor literário como o novo e o único. Infelizmente, nenhum destes critérios é apresentado explicitamente nos documentos analisados no arquivo SUA e somente através da análise das cartas e pareceres emitidos pelos redatores é que se pode discutir os valores e critérios envolvidos na seleção e edição de manuscritos. Em 1973, no entanto, devido à alta demanda de cartas de estudantes à editora, Unseld redige um manuscrito nomeado de “Wie wird man Lektor?”, no qual, sem apresentar um caminho determinado para tornar-se um profissional, o editor nomeia duas características que definem um bom redator: ter a faculdade de julgamento literário e econômico. Ou seja, um bom redator literário deveria ser capaz de estimar tanto a qualidade literária de um livro quanto a sua vendabilidade.³⁰⁵ O curioso é que, apesar das alterações das condições práticas de trabalho, a imagem ideal do redator durante os anos 1970 não se abala. Moritz Heimann e Oskar Loerke permanecem como emblemas no imaginário do redator ideal por uma série de motivos. Entre eles, Schneider apresenta em seu estudo 1) a competência social dos redatores, capaz de criar uma relação duradoura e próxima entre redator e autor, e 2) a atuação literária destes sujeitos no campo também como autores (Schneider 2005, 303 s.). Como comenta o investigador, este imaginário era um chamado à tradição de redatores, ocupados esses exclusivamente com o trabalho cultural e literário. Vale notar: nenhuma destas projeções de um redator ideal traziam a primeiro plano a competência para os negócios ou seu talento como caçador de *best sellers*.

3.3.2 Primeira geração: os redatores versados (1970)

Com a passagem supracitada da carta de Strausfeld em 28 de agosto de 1973, a *scout* respondia uma pergunta específica de Unseld, a saber, sobre a necessidade de uma equipe externa de redatores na formação do programa: “e como tudo isso vai ser realizado a partir da editora? Não poderia ser feito por um único redator, provavelmente precisamos de uma equipe de redatores externos para isso”.³⁰⁶ Desde o início dos anos 1970, com a crise que enfrentara a editora, a redação da Suhrkamp se encontrava defasada, não havia um redator encarregado dos manuscritos latino-americanos recomendados à editora e até meados desta década ainda não se pode dizer que havia um redator exclusivamente ocupado com este departamento da redação. Em seu início, o programa latino-americano de Suhrkamp é mantido por agentes externos à editora, conhecedores da literatura produzida neste subcontinente, e, provisoriamente, é supervisionado pela redatora Elisabeth Borchers, conhecida no campo como a mão direita de Unseld, por orientar cerca de 40 autores alemães e por tornar legíveis obras como *Ästhetik des Widerstands* (1975-1981), de Peter Weiss e *Langsame Heimkehr* (1979) de Peter Handke.³⁰⁷ Borchers iniciou sua carreira como redatora em 1960 pela Luchterhand-Verlag (fundada em 1924 e assumida pelo grupo Random House em 2001), e

305 Unseld, Siegfried. 1973. Manuscrito de “Wie wird man Lektor?” DLA, SUA:Suhrkamp.

306 “Und wie soll das Ganze vom Verlag aus realisiert werden? Ich meine, das könnte nicht ein einzelner Lektor tun, wahrscheinlich braucht man hier ein Außen-Lektoren-Team” (Unseld, Siegfried. Carta a Michi Strausfeld, 22/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp).

307 Sobre o trabalho de Borchers com os manuscritos de Handke, conferir o excelente livro de Ines Barner: *Von anderer Hand. Praktiker des Schreibens zwischen Autor und Lektor* (2021).

depois trabalhou na mesma posição pela Suhrkamp de 1971 a 1998. Borchers era admirada pelo editor, que via com entusiasmo a sua chegada à redação em 1971.³⁰⁸ Já de início, as tarefas da redatora eram inúmeras: era responsável por recomendações ao programa da Suhrkamp e da Insel, organização de conteúdos de edições antológicas, livros didáticos e infantis, coordenação de obras completas de diversos autores, e responsável também por reagir às cartas à redação e estabelecer contato com autores. No entanto, apesar da sensibilidade com a língua alemã e o reconhecimento de seu trabalho como redatora e corretora, Borchers não possuía qualquer formação em literatura latino-americana ou brasileira. Sua posição era a de uma redatora-chefe muitas vezes de última instância, o que neste caso significava sua proximidade e afinamento com o editor, do qual era porta-voz nas decisões sobre os títulos latino-americanos, e principalmente o trabalho de mentora junto de jovens escritores ou de manuscritos para um *début* ou com os detalhes finais da língua de saída. Apesar disto, Elisabeth Borchers é, neste período, a principal correspondente de Michi Strausfeld na editora, onde assume o trabalho de redatora na edição de títulos latino-americanos publicados até 1975, isto é, toda a preparação para a feira do livro de 1976, em Frankfurt e, no caso brasileiro, isto significa nada menos que a recepção da obra de Osman Lins pela editora.³⁰⁹

Era comum, portanto, que os manuscritos chegassem, por uma agência, por um tradutor ou outro autor, primeiramente às mãos de Borchers e que ela, caso não dominasse o idioma, delegasse a tarefa a outros redatores. Como revela o arquivo de Unseld, no caso da literatura latino-americana e brasileira, havia um consenso não formalizado de que tradutores como Meyer-Clason ou Georg Lind ou, a partir de 1974, a nova *scout* da editora atuassem como consultores antes da decisão de uma publicação, mas a decisão sobre um título e o manuscrito da tradução sempre deveriam passar pelos critérios de Borchers.³¹⁰ Mais de um ano depois que Georg Lind havia recomendado Osman Lins a Unseld, enviando o manuscrito a Borchers – que até 16 de janeiro de 1973 não havia sido lido ainda pela redação, mas mesmo assim acaba, naquele momento, rejeitado³¹¹ – em 5 de novembro de 1973, Borchers menciona em carta a Strausfeld o

308 “Wichtiges Ereignis: Eintritt von Elisabeth Borchers in das Suhrkamp/Insel-Lektorat. Ich erwarte mir hier etwas Wesentliches für die Domäne Literatur” (Unseld 2011, 333).

309 Adiante tratarei somente da obra de Osman Lins dentro do programa latino-americano da Suhrkamp. Neste momento, as decisões e comentários de Borchers em carta serão apresentados como matéria essencial para a discussão do programa.

310 A recente pesquisa de Marja-Christine Sprengel, publicada em 2016, apresenta como resultado de investigação sobre o trabalho de Borchers uma descrição hipotética dos critérios de valor literário da redatora, valendo-se de um tom próximo aos manuais de redação: “Erzähltexte sollten fünf Kriterien genügen: Das Erste beschreibt die Geschlossenheit von Texten. Alle Elemente sollten sich in das Gesamtgefüge des Textes einfügen und keine unnötigen Wiederholungen und Brüche aufweisen. Der Text sollte ein sprachliches Kleinod sein und die Geschichte ansprechend präsentieren. Er sollte eine interessante Erzählstruktur besitzen und nicht nur Darstellung oder Bericht sein. Der Titel sollte erzählerisch sichtbar werden, also inhaltlich und strukturell in Beziehung zum Text stehen. Die Erzählung durfte kein Selbstplagiat sein; sie sollte etwas Neues erzählen oder Vertrautes neu erzählen” (Sprengel 2016, 130).

311 “Sehr geehrter Herr Professor Lind, wir haben uns noch für Ihren freundlichen Brief vom 10. Oktober zu bedanken, Sie hatten Herrn Dr. Unseld seinerzeit Ihre Besprechung zu Osman Lins übermittelt und einen Zeitungsausschnitt. Wir reichen Ihnen diese Unterlagen mit Dank für die Überlassung anbei zurück; wir haben uns nicht entschließen können, das Werk von Osman Lins zu übernehmen – vielleicht später einmal. Frau Borchers hat sich bis jetzt noch nicht intensiv mit Ariano Suassuna beschäftigten können, sie wird das jetzt bald tun. Sie bat mich, Sie zu grüßen. Noch einmal vielen Dank

manuscrito de *Avalovara*, encalhado na editora. Além de poder ser considerada como uma das primeiras cartas que levarão à publicação do romance, ela serve de modo exemplar ao meu propósito neste momento de reconstruir o papel e a atuação de redatores, *scouts* e tradutores dentro da redação:

Liebe Frau Strausfeld,
 vor mir liegt der Brief eines brasilianischen Autors namens José J. Veiga. Und er schickte auch gleich drei seiner Bücher mit: Sombras de Reis Barbudos, Os Cavalinhos de Platiplanto und As Horas dos Ruminantes. Statt nach der Bedeutung des Autors zu forschen, überlasse ich es Ihnen ein Wort dazu zu sagen. Gibt es Neuigkeiten seit der Messe? Ich bin neugierig auf Ihre Nachrichten.
 Dies für heute und alle Grüße
 Ihre
 (Elisabeth Borchers)
 P.S. Hier liegt das Manuskript Avalovara von Osman Lins. Kennen Sie den Autor?³¹²

Como se lê na carta de Borchers, no caso de Osman Lins, mencionado no *post scriptum*, e no caso do autor José Jacinto Veiga,³¹³ cuja obra era o tema central da carta, nota-se aqui um gesto semelhante por parte da redatora, ao delinear os contornos dos papéis de cada agente dentro da editora naquele contexto. Em janeiro daquele mesmo ano, a secretária de Unseld havia escrito a Lind que Borchers não pudera se ocupar ainda com um manuscrito da obra de Ariano Suassuna, do que se deduz que a redatora muito menos pode se ocupar com o manuscrito de *Avalovara*, cuja leitura ela delegava agora a Strausfeld que, vale lembrar, ainda não ocupava o posto de *scout* exclusiva da Suhrkamp. Esses fatores, independentemente de suas motivações, nos levam a constatação de que, programado ou não, uma redação composta por redatores externos responsáveis pela leitura, valoração e pesquisa já tinha sido posta em prática e funcionamento, contrariando a dúvida supracitada de Strausfeld a respeito da necessidade de uma equipe de redatores para se ocupar com a mediação de uma literatura,³¹⁴ cuja dimensão ela havia subestimado. Em resposta a Borchers, em 15 de novembro de 1973, Strausfeld, por sua vez, assume não conhecer o nome e a obra de Osman Lins e sugere repassar a pergunta a Curt Meyer-Clason.³¹⁵

A posição provisória de Borchers é assumida a partir de finais de 1974 e também provisoriamente por outra redatora, Maria Dessauer (1922-2020). Provisório não se refere agora somente ao tempo em que assume a posição de redatora do programa, mas principalmente ao alcance de seu trabalho e interesse. Maria Dessauer, romanista e tradutora do francês, também não era formada ou versada em literatura latino-americana ou brasileira e permaneceu na editora até 1983, mas sua atuação dentro do

für Ihre Bemühungen und freundliche Grüße, besonders von Herrn Dr. Unseld, Ihre Burgel Zeeh, Sekretariat Dr. Unseld" (Zeeh, Burgel. Nota a Georg Rudolf Lind, 16/01/1973, DLA, SUA:Suhrkamp).

312 Borchers, Elisabeth. Carta a Michi Strausfeld, 05/11/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

313 Autor reconhecido no Brasil por meio de uma obra que se assume filiada ao realismo mágico.

314 "[O]b da unbedingt ein Lektoren-Team notwendig ist, bezweifle ich" (Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 28/08/1973, DLA, SUA:Suhrkamp).

315 "Zu Osman Lins habe ich nichts erfahren können. Das müsste sicher Herr Meyer-Clason wissen" (Strausfeld, Michi. Carta a Elisabeth Borchers, 15/11/1973, DLA, SUA:Suhrkamp).

programa latino-americano se encerra em 1979. Neste período, Dessauer participou de uma fase de consolidação do programa para a literatura latino-americana na editora, não somente atuando ativamente na feira de 1976 e na produção do volume *materialien* sobre a literatura da América Latina, como vimos anteriormente, como também atuando ativamente na mediação de autores brasileiros como Osman Lins, Machado de Assis, Darcy Ribeiro, Graciliano Ramos, Cândido de Carvalho, Raquel de Queiroz e Ignácio de Loyola Brandão.

Maria Dessauer, mesmo não sendo especialista em literatura latino-americana, tinha uma relação de confiança com o editor desde os anos 1960, principalmente devido a sua formação intelectual e seu talento como escritora, organizadora de antologias e tradutora do francês e do inglês, o que tornava seu trabalho respeitável também junto com a recém-chegada Strausfeld. A discussão acerca da antologia de ensaios sobre a literatura latino-americana, *Lateinamerikanische Literatur. Materialien*, ajuda a entender melhor sua posição na redação e no programa assim como sua relação com Strausfeld.³¹⁶ Da mesma geração, Dessauer e Borchers partilhavam, como se lê na discussão acerca da inclusão de um ensaio sobre Osman Lins na edição do livro de ensaios, de uma experiência no campo editorial maior do que a da *scout*, que, em contrapartida, dispunha de um reconhecido, principalmente pelo editor, alcance sobre a cultura latino-americana. Como também é possível recuperar por meio do espólio da editora, ao assumir o programa para a literatura latino-americana, Dessauer não media esforços em seu engajamento na editora, garantindo até o ano de 1979 a qualidade e o sucesso da lista de publicações do programa, cujos alcances ela demonstrava completa consciência.

Dois documentos contemporâneos à feira do livro de Frankfurt em 1976 confirmam esta suposição: 1) uma resposta a uma lista de perguntas referente ao programa editorial para a América Latina feita como material de divulgação para a feira, enviada em 26 de agosto de 1976, por Volker Michels, redator da casa e conhecido organizador da obra de Hermann Hesse, e 2) a resposta a uma lista de perguntas enviada a editora em 25 de outubro de do mesmo ano por Dr. Oskar Splett, do jornal vienense *Die Presse*. À pergunta de Splett sobre os critérios de seleção de títulos latino-americanos pelo programa e sobre os alcances do *Lektorat* e seus *scouts*, Dessauer dá uma resposta esclarecedora para todo a dinâmica e funcionamento da redação naquele momento:

Unser "boyscout" (girlscout) in Barcelona, eine promovierte Hispanistin mit gutem literarischen Geschmack ist nicht unsere einzige, aber unsere wichtigste Kontaktperson. Hinweise anderer Kenner, Enzensberger, Meyer-Clason, Bondy, Zimmer, Jolowicz, Fries etc., der lateinamerikanischen Autoren selbst, Tipps durch Verleger und Agenten des Auslands, unser verlagsinterner Versuch, durch Lektüre, auch der Sekundärliteratur insbesondere des Auslands Einblick zu gewinnen, bringen das Programm zustande, das vorderhand nur der Versuch sein kann, für einige "Farben der literarischen Palette Beispiele vorzulegen".³¹⁷

Na passagem acima, Dessauer expõe não somente as figuras envolvidas no programa em torno de 1976, como também as diferentes fontes de informação de que ele se

316 Esta discussão encontra-se no segundo capítulo desta tese (cf. 2.1.1. "Materiais de edição").

317 Dessauer, Maria. Carta a Oskar Splett, 02/11/1976, DLA, SUA: Suhrkamp.

beneficia: a *scout* em Barcelona, as indicações de versados, autores latino-americanos, agentes e editores estrangeiros e o esforço dos próprios redatores internos na leitura e estudo de textos críticos sobre a literatura desta área. Dos nomes de versados levantados pela redatora, François Bondy (1915-2003), Fritz Rudolf Fries (1935-2014) e Marianne Jolowicz (1912-1995) referem-se a figuras reconhecidas e em movimento constante àquela altura pelo campo editorial e literário alemão e europeu, com contribuições representativas na área da tradução, do jornalismo e da produção literária.³¹⁸

A rede de contatos da redação, como é revelado pela redatora, não é somente uma rede social entre figuras reconhecidas no campo pelo acúmulo de capital simbólico, mas também entre instituições legitimadas como editoras na França, na Espanha, na Itália e na própria RFA. O programa editorial de Suhrkamp estava em constante intercâmbio com a editora Einaudi, Feltrinelli, Gallimard, Minuit e Alfaguara, por exemplo. Cabia justamente aos redatores e ao *scout* a tarefa de manter uma relação produtiva dentro da rede editorial europeia. Em outras duas cartas de Dessauer a Unseld, escritas no ano de 1978, essa relação entre editoras e o agenciamento por parte da redação é esclarecida pela própria redatora:

Die Zusammenarbeit mit Ediciones Alfaguara funktioniert, wenigstens sporadisch, schon seit einem Jahr via Michi Strausfeld.³¹⁹

e

im Gespräch mit Feltrinelli, Gallimard etc. sollten wir zu erfahren suchen, was diese Verleger bewogen hat, den neuen (parodistischen) Roman von Osman Lins, Die Königin der griechischen Gefängnisse einzukaufen, den unsere Außenlektoren ablehnen.³²⁰

Como veremos a seguir, o papel de Strausfeld como *scout* e redatora externa da Suhrkamp foi fundamental na dinâmica e funcionamento do seu programa. Por isso, vale a pena ressaltar nesta passagem a atuação de Dessauer como mediadora da comunicação entre o editor e Strausfeld. Entre as tarefas regulares da redatora estava a de manter o editor informado dos passos de sua *scout*, com a qual Dessauer se encontrava, telefonava ou trocava cartas a respeito de feiras e possíveis títulos para a editora. Em uma anotação de março de 1976 sobre uma das visitas de Strausfeld à redação devido a preparação do volume *materialien*, fica claro como Dessauer se posiciona entre o editor e Strausfeld, consciente dos alcances e tarefas de cada funcionário dentro da editora:

318 Assim como Dieter Zimmer, o suíço François Bondy foi um crítico literário, premiado ensaísta, jornalista e romancista que atuou em revistas literárias alemãs e suíças importantes no campo como a revista *Merkur* e a revista *Akzent* e também em jornais de grande circulação como o *Die Zeit*, *Die Welt*, *Süddeutsche Zeitung* e o *New York Times*. Também vale mencionar seu interesse e atuação na área da Romanística, organizando publicações de literatura contemporânea e traduzindo nomes como Benedetto Croce e Émil Cioran. Fritz Rudolf Fries foi escritor e tradutor alemão de Julio Cortázar e Marianne Jolowicz, tradutora de Osman Lins, artista plástica e historiadora da arte.

319 Dessauer, Maria. Nota a Siegfried Unseld, 09/06/1978, DLA, SUA:Suhrkamp.

320 Dessauer, Maria. Carta a Siegfried Unseld, 24/05/1978, DLA, SUA:Suhrkamp.

Ich meine, Frau Strausfeld sollte zunächst diese redaktionelle Arbeit fertigstellen und uns, worum ich sie mehrfach bat, eine vorläufige Programmliste für 1977 schicken, damit wir sie mit unseren Vorstellungen vergleichen können und auf das Gespräch mit ihr vorbereitet sind. (Eine allererste rough sketch einer Liste schickte ich ihr bereits vor vielen Wochen.³²¹

Infelizmente, não se pode reconstruir no espólio as discussões sobre as listas de cada ano para o programa. Muitas delas foram arquivadas somente em sua última ou penúltima versão. No entanto, através de cartas ou anotações da redatora é possível recuperar rastros do debate. Vale notar, por exemplo, que parte da argumentação de Michi Strausfeld se dá pela aproximação ao cânone da literatura europeia, na qual estão versados os redatores da Suhrkamp. Uma série de cartas do ano de 1976, entre Dessauer e Strausfeld, permite-nos reaver parte da discussão literária entre os agentes acerca dos critérios de publicação do programa. O início da correspondência que me interessa neste ponto é ocupado com a recomendação do livro *O Coronel e o Lobisomem* (1964), de José Cândido de Carvalho, indicado por Curt Meyer-Clason e publicado pela editora em 1979. Sobre o autor e sua obra, um comentário de Dessauer salta à vista, justamente por conter um arrazoado às recomendações de Strausfeld à redação e aos seus critérios de valor literário:

Cândido de Carvalho: Der Oberst und der Werwolf. Ein von Meyer-Clason wärmstens empfohlenes Buch. Geistvoll, witzig, voller Don Quichoterien (so sagt er). Von Frau Strausfeld kam, wie oft, eine zu wenig erzählend, zu sehr akademische Besprechung, weswegen ich sie noch um eine Inhaltsangabe bat. Inhaltsangaben sind nicht ihre Stärke, wie auch der Nachtrag beweist. Doch ist ihr literarischer Geschmack nahezu unfehlbar. Auch ist der Roman, durch seine lineare Erzählweise, offenbar leichter zu lesen als so manches andere aus Lateinamerika, und deshalb vielleicht auch besser verkäuflich.³²²

Nota-se, já no início da carta direcionada a Unseld, um ceticismo da redatora em relação à recomendação de Meyer-Clason, “quixotesco, assim ele diz”. O que segue é uma crítica às abordagens de Strausfeld, segundo Dessauer, demasiado acadêmicas e deficitárias em conteúdo, que deságua em uma surpreendente assertiva sobre seu gosto literário, infalível, e uma categorização do romance como vendável. Antes disso, em carta de 15 de janeiro do mesmo ano a Strausfeld, a própria Dessauer havia reagido negativamente ao parecer sobre o livro, ao mencionar que o esforço não bastava para um título desconhecido. Em maio, Dessauer parecia, no entanto, novamente convencida da publicação do título de Cândido de Carvalho, ao apontar para Unseld o interesse comercial e editorial de *O Coronel*:

Frau Strausfeld schreibt, Brief vom 12.5.1976, daß Sie endlich Antwort erhalten habe auf ihre Frage nach José Candido de Carvalho: Der Oberst und der Werwolf (O Coronel e o Lobisomen), von Meyer-Clason wärmstens empfohlener witziger Don Quijotesker Roman: Die deutschen Rechte sind noch frei. In Frankreich erscheint der Roman bei

321 Dessauer, Maria. Nota a Siegfried Unseld, 05/03/1976, DLA, SUA:Suhrkamp.

322 Dessauer, Maria. Carta a Siegfried Unseld, 19/02/1976, DLA, SUA:Suhrkamp.

Gallimard, spanische-argentinische Ausgabe bei Südamerikana etc. In Brasilien in 20. Auflage erschienen. (2. Auflage 1965). Kann ich das übliche dem Verlag José Olympio [...] Hauptprogrammangebot machen: 6% – 5.000-, 7% – 10.000-, 8% darüber hinaus?³²³

Como ilustra a discussão entorno do título de José Cândido de Carvalho, apesar de não ser versada em literatura latino-americana e brasileira, a redatora Dessauer tinha plena consciência do campo literário e editorial europeu e se apoiava nele na valoração de cada nova recomendação para o programa. Se, por um lado, o nome de Gallimard surge neste comentário como estratégia de convencimento do editor, por outro lado, ao reclamar a lacuna do enredo e da informação que lhe falta sobre o romance, Dessauer se concentra puramente a um nível de conteúdo, ignorando problemas de linguagem, que ela sequer pode avaliar. O único comentário que resvala esta questão é sobre a linearidade da narrativa de Cândido de Carvalho, qualidade que o tornaria vendável, segundo ela. Dessauer se movimentava neste contexto de acordo com os princípios empresariais da editora, entre o pêndulo do comércio e da cultura, e de acordo com os princípios editoriais da casa, editar autores e não apenas livros: “Cândido de Carvalho é um livro que publicaremos, não um autor com sua obra”.³²⁴ Mas durante seu tempo como redatora responsável pelo programa latino-americano, é possível notar que seus argumentos na valoração literária se constituem de um conjunto de premissas gerais sobre a narrativa moderna, capaz de dificultar a recepção e a edição de obras que não pertencem ao seu horizonte literário. Também na carta de 10 de agosto de 1976, por exemplo, a redatora comenta outro texto moderno brasileiro, a saber *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, de cuja obra a editora havia publicado *Angst* (*Angústia*, 1941), em 1978, e *Karges Leben* (*Vidas Secas*, 1938), em 1981:

Ich habe vom G. Ramos nur “São Bernardo” erhalten und dieses Buch gelesen. Im zweiten Teil erscheint es mir für die st möglich, aber der erste Teil scheint mir zu unwichtig. Solche Bücher, [...] um es böse zu sagen, Heimatromane [...] gelten noch nicht wieder als Literatur im exklusiven Sinne.³²⁵

O romance havia sido apresentado por Strausfeld à redatora, devido à recomendação de *Angústia* por Meyer-Clason. Em carta de 27 de maio de 1976, Strausfeld sugere à redação a leitura de *São Bernardo* antes que tomem qualquer decisão por *Angústia*. O conceito exclusivo de uma literatura, no qual não cabe a obra de Graciliano Ramos, pode ser aqui interpretado como um universalismo eurocêntrico constitutivo não somente dos parâmetros gerais de escolha da redação, como também dos parâmetros da Bibliothek Suhrkamp, plataforma final deste universalismo da editora. Como apresentei anteriormente, um dos objetivos iniciais de Unseld não era somente publicar títulos latino-americanos, mas encontrar neste subcontinente autores à altura de sua “Bibliothek”, ainda pouco frequentada pela literatura da América Latina.

Não por acaso, Strausfeld responde a esse comentário de Dessauer, nove dias depois, comparando *Angústia* a *Laughter in the Dark* (1932), de Vladimir Nabokov, cujos

323 Dessauer, Maria. Nota a Siegfried Unseld, 17/05/1976, DLA, SUA:Suhrkamp.

324 “Cândido de Carvalho ist ein Buch, das wir bringen, und nicht ein Autor mit seinem Oeuvre” (Dessauer, Maria. Carta a Michi Strausfeld. 10/08/1976, DLA, SUA:Suhrkamp).

325 Dessauer, Maria. Carta a Michi Strausfeld. 10/08/1976, DLA, SUA:Suhrkamp.

3 títulos³²⁶ publicados pela editora foram editados dentro da Bibliothek Suhrkamp. Mas antes de cair no mérito da comparação feita pela *scout*, vale a pena elencar outros fragmentos das discussões entre Dessauer e Strausfeld, no intuito de aproximar-se o máximo possível do perfil da redatora Dessauer e de sua atuação no programa editorial. Em finais de agosto, Strausfeld escreve a Dessauer sobre novidades da literatura brasileira. Curiosamente, entre as novidades está uma possibilidade de finalmente publicar Jorge Amado, de quem Strausfeld havia se aproximado pessoalmente naquele momento. Tratava-se de *Tenda dos Milagres* (1969), uma aquisição imaginável para a Bibliothek, mas um título possível para a série de livros de bolso (st), devido a possibilidade de negociação dos direitos:

weitere Neuigkeiten: ich hatte Jorge Amado um eine Option für TENDA DOS MILAGRES gebeten. (soeben bei Stock erschienen und sehr gelobt, wie alles von J. A. gut verkäuflich) und erhielt gerade Antwort von ihm aus London: wir erhalten die Option, das Buch ist bereits in der DDR publiziert, also ein möglicher st-Titel.³²⁷

A reação de Dessauer, novamente negativa e categórica, refere-se a outro título do autor, *Tereza Batista* (1972), talvez o único de seu conhecimento. Mais uma vez, segundo a redatora, sobram dúvidas quanto à qualidade literária da obra de Amado: “Não achei seu romance (J. A.) Teresa Batista ‘literária’ no sentido mais exigente da palavra”.³²⁸ O ideal literário de Dessauer em nenhum momento é determinado ou esclarecido em suas notas ou cartas. Como veremos adiante, este vago, mas respeitado critério de valor surge frequentemente em sua correspondência com Strausfeld, durante todo o período em que permaneceu como redatora do programa. Em 1977 e em 1978, este tipo de assertiva ressurge, respectivamente, em relação a *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, recomendado para a BS:

Frau Strausfeld empfiehlt uns für die BS den Roman O Quinze (Die große Dürre; O Quinze = das Jahr 1915, Jahr der Dürrekatastrophe) der brasilianischen Autorin Raquel de Queiroz. Gutachten liegt bei. Frau Borchers und ich haben die Übersetzung (Manuskript) gelesen und finden den Roman altmodisch-schön, naiv, verhalten, in gewissem Sinn klassisch.³²⁹

e a *Zero* (1974), de Ignácio de Loyola Brandão:

Ich sitze gerade über Null, bin ziemlich verblüfft über das Buch und noch mehr über die Tatsache, daß es bei uns erscheint.³³⁰

326 *Lushins Verteidigung* (1979), BS 627; *Professor Pnin* (1982), BS 789; e *Pnin* (1998), BS 1289.

327 Strausfeld, Michi. Carta a Maria Dessauer, 23/08/1976, DLA, SUA:Suhrkamp.

328 “[S]einen Roman (J. A.) Teresa Batista fand ich nicht gerade ‘literarisch’ im anspruchsvollen Sinn” (Dessauer, Maria. Carta a Michi Strausfeld, 24/08/1976, DLA, SUA:Suhrkamp). Esse comentário de Dessauer contraria em certa medida a tese de Vejmelka, segundo a qual a qualidade literária da obra de Amado somente é questionada no Brasil (cf. Vejmelka 2000).

329 Dessauer, Maria. Nota a Siegfried Unseld, 31/03/1977, DLA, SUA:Suhrkamp.

330 Dessauer, Maria. Carta a Michi Strausfeld, 27/11/1978, DLA, SUA:Suhrkamp.

Tanto a crítica positiva quanto a negativa por parte da redatora valem-se de um parâmetro impressionista, mas não são categorias críticas esvaziadas. Muitas vezes seus sinônimos são o clássico e o universal, outras vezes parte-se para esferas ainda mais veladas. Um fenômeno, no entanto, não pode ser menosprezado: tanto Dessauer, quanto Borchers, ou seja, estes leitores versados estavam afinados com o público da literatura publicada pela Suhrkamp. Um público que, como tratarei adiante, partilhavam da mesma formação, frequentavam os mesmos nichos e aspiravam experiências literárias semelhantes enquanto leitor, isto é, um público crente e defensor da ideia de uma alta literatura em *lato sensu*, ainda imune à plebeização das artes. Adiante, além da diferença imediata no campo entre uma autora canonizada e um autor contemporâneo, busco pormenorizar o motivo de o título de Queiroz encaixar-se tão bem no programa, sendo publicado diretamente na BS.³³¹

Antes disso, no entanto, vale ressaltar que Dessauer, assim como Borchers, participou de um momento da redação da Suhrkamp, que não contava ainda com profissionais especializados em instituições legitimadas na área dos estudos latino-americanos ou da brasilianística ou mesmo com tradutores profissionais. A esta redação, constituída majoritariamente por redatores versados na literatura clássica e moderna europeia, não interessava neste sentido publicar a produção literária latino-americana em toda a sua extensão e heterogeneidade, mas buscar no além-mar produtos congêneres do cânone europeu que se mantivessem em pé na estante de uma biblioteca de elite, sedenta pelo novo e pelo exótico. Em carta de despedida a Strausfeld, com quem trabalhou longamente e com clara afinidade em um momento decisivo para o sucesso do programa, Dessauer menciona um certo alívio em sua saída do programa:

Sie werden durch Herrn Dr. Unseld wohl bereits erfahren haben, daß Ihr künftiger Partner im Lektorat der Hauptprogramme des Spanischen (auch des Portugiesischen) mächtig ist, was für alle Beteiligten eine große Erleichterung sein wird.³³²

O que este comentário sugere, em primeiro lugar, é reforçado em uma carta do célebre redator Raimund Fellinger a Michi Strausfeld, em 9 de julho de 1979, na qual o redator confessa também não dominar a língua dos originais com que trabalha naquele momento, provando mais uma vez o papel decisivo de Strausfeld como avaliadora de manuscritos na redação: “como só sou capaz de ler textos teóricos em espanhol, estou dependente de sua ajuda, assim como a Sra. Dessauer”.³³³ A carta de Fellinger trata de vários assuntos, mas neste ponto especificamente sobre a decisão a respeito da preparação de *Lateinamerikaner über Europa* (1987) e sobre a tradução de *Guerra Conjugal*, de Dalton Trevisan (1969). É interessante salientar uma das afirmações categóricas de Dessauer sobre os manuscritos com que trabalha dentro do programa latino-americano, isto é, manuscritos de traduções de obras latino-americanas, e como essa afirma-

331 Por outro lado, a recepção do manuscrito de Zero é feita de uma sequência de recusas que aliás se iniciam no campo editorial brasileiro. Antes de ser publicado no Brasil, o romance surge primeiramente na Itália pela editora Feltrinelli.

332 Dessauer, Maria. Carta a Michi Strausfeld, 03/07/1979, DLA, SUA:Suhrkamp.

333 “[D]a ich des Spanischen nur mächtig bin, um theoretische Texte zu lesen, bin ich ebenso wie Frau Dessauer auf Ihre Hilfe angewiesen” (Fellinger, Raimund. Carta a Michi Strausfeld, 09/07/1979, DLA, SUA:Suhrkamp).

ção é capaz de determinar suas críticas mencionadas acima. Em uma carta de maio de 1979, Dessauer esclarece a Strausfeld, a diferença entre dois tipos de traduções, as com línguas de saída familiares e as com línguas de saída completamente estrangeiras, e sugere assim o modo como ela lida com a redação de manuscritos de traduções:

Bei einer Übersetzung aus Lateinamerika oder Katalonien, jedenfalls einer uns recht fremden Fremdsprache, muß gelten: So genau wie möglich, so frei wie nötig, während es ja bei Übersetzungen aus dem Englischen und Französischen gewöhnlich umgekehrt ist: So frei wie möglich, so genau wie – leider – nötig.³³⁴

Durante a sua passagem pela redação do programa para literatura latino-americana, Maria Dessauer não poupou comentários sobre a qualidade das traduções que redigiu assim como sobre os tradutores, com quem trabalhou. No arquivo de Siegfried Unseld encontra-se um bom número de exemplos de suas críticas aos tradutores da literatura latino-americana, que, segundo sua opinião, cometiam de pequenas a médias catástrofes.³³⁵ Os comentários de Dessauer permitem entrever a dificuldade da editora em encontrar tradutores do espanhol e do português ao longo dos anos 1970 na RFA, assim como refletem o perfil dos redatores da editora. A busca concreta por um tradutor para Julio Cortázar, por exemplo, é esclarecedora para o problema geral da falta de tradutores qualificados naquele contexto. Em carta a Michi Strausfeld em junho de 1976, Dessauer esboça sua opinião sobre quase os tradutores disponíveis para a obra de Cortázar. A redatora titubeia se Maria Bamberg seria a tradutora ideal para a obra do argentino, enquanto Christa Wegen, assim como Curt Meyer-Clason, seriam tradutores de confiança. No entanto, se por um lado, Meyer-Clason seria um tradutor clássico, uma tradução sua de Puig seria uma escolha equivocada. Wolfgang Luchting, tradutor de Borges, Llosa e Ciro Alegria, por exemplo, sabe muito espanhol, mas seu alemão, segundo ela, implica sempre em trabalho dobrado da redação. Por outro lado, Elisabeth Borchers redige manuscritos estilisticamente bem, mas há dúvidas sobre os seus conhecimentos do espanhol.³³⁶ Em resumo, a correspondência de Dessauer sobre problemas de tradução³³⁷ recai quase que em sua totalidade sobre a qualidade textual do manuscrito na língua de saída. Até mesmo sobre os tradutores mais fiéis e profícuos da editora, como Anneliese Botond e Meyer-Clason, ela versa sua crítica: “Botond está muito ocupada com a tradução de L.-L. [Lezama Lima]. Suas mudanças são em sua maioria correções; melhorias estilísticas não são. O estilista elegante por excelência é e continua sendo Meyer-Clason, por mais que ele fantasie de forma aventureira”.³³⁸

O tom da saída de Dessauer assim como o lamento de Strausfeld pelo fim do trabalho conjunto também se encontram registrados em um comunicado pessoal entre as

334 Dessauer, Maria. Carta a Michi Strausfeld, 15/5/1979, DLA, SUA:Suhrkamp.

335 Cf. Dessauer, Maria. Carta a Michi Strausfeld, 2/7/1976, DLA, SUA:Suhrkamp.

336 Dessauer, Maria. Carta a Michi Strausfeld, 1/6/1976, SUA:Suhrkamp.

337 Katharina Einert dedica um capítulo de sua tese de doutorado a este problema apresentando ainda mais exemplos da relação entre a redação e seus tradutores e concentrando-se especificamente no caso de Meyer-Clason e Wolfgang A. Luchting (cf. Einert 2018b).

338 “Botond hat sehr viel zu tun an L.-L. [Lezama Lima] Ihre Änderungen sind meist Berichtigungen; stilistische Verbesserung sind sie nicht. Der elegante Stilist par excellence ist und bleibt Meyer-Clason, auch wenn er noch so abenteuerlich phantasiert” (Dessauer, Maria. Carta a Michi Strausfeld, 13/2/1978, DLA, SUA:Suhrkamp).

duas. Em 28 de agosto de 1979, Dessauer escreve a Strausfeld sobre sua nova atuação na editora.³³⁹ A alteração do posto de trabalho não é, na verdade, vista com pesar pela redatora, que passa a trabalhar com o par de línguas menos estrangeira que o espanhol e o português. Como dito acima, trata-se de um alívio para todas as partes. Em carta à Maria Bamberg, tradutora de Carlos Fuentes e autora de alguns ensaios radiofônicos sobre a literatura latino-americana, ainda em 1975, Dessauer já dava pistas de como sua atuação no programa, apesar de eficaz em termos textuais e editoriais, carecia do conhecimento específico necessário para o caso da diversidade cultural e literária latino-americana. Em sua carta ela agradece o trabalho de Bamberg confiando a ela como redatores que não são hispanistas, não percebem o contexto e as relações, não possuem conhecimento dos movimentos e das escolas literárias, consideram somente o autor como individualidade e não sabem enfim como classificá-lo.³⁴⁰ O espaço que será ocupado por um redator especializado abre caminho para Dessauer dentro da principal redação da casa, a Bibliothek Suhrkamp, reforçando a hipótese levantada acima de que Dessauer tinha seus parâmetros mais próximos do conceito de uma biblioteca eurocêntrica da literatura universal, do que de um interesse pela literatura produzida na América Latina. É possível encontrar a assunção de seu alívio em uma carta enviada a Strausfeld, em janeiro de 1980, quando o novo redator já havia sido contratado por Unsel:

Ich möchte deutsche Autoren und BS machen. Kein Lektor, außer einem Hispanisten, geht zu Suhrkamp im Wunsch, ausländische Literatur zu betreuen. Die kann er überall bekommen und wird sie nirgends mit solcher tödlichen Ausschließlichkeit machen müssen wie ich hier. Rechnen Sie bitte nicht mehr mit mir.³⁴¹

A resposta tão incisiva da redatora é provocada por um desentendimento interno entre o novo redator e Strausfeld, que supostamente exigiria sua volta ao posto de redatora do programa latino-americano. Antes de abordar seu contexto, no entanto, vale ressaltar a força da expressão de Dessauer, reveladora do trabalho e das expectativas de redatores alemães no meio literário de sua época. Segundo ela, focado na redação de literatura alemã e da Bibliothek Suhrkamp, e não no trabalho redacional exigido na publicação de literatura estrangeira – subentendido aqui como a literatura estrangeira produzida fora dos grandes centros – o redator comum alemão almejava trabalhar próximo ao processo criativo do manuscrito original de textos não traduzidos, principalmente, de textos que tinham repercussão simbólica garantida no campo. Daí ser possível entender o que a redatora nomeia de exclusivismo. Para Dessauer, o trabalho com o programa latino-americano envolvia um esforço em tornar autores e obras desconhecidos legíveis e circuláveis, mas este esforço não era recompensado no campo

339 “[W]o anfangen? [...] Es kommt anders, als der Mensch denkt, den Gott oder der Verleger lenken. Mit anderen Worten: Herr Dr. Unsel hat mich zum Mittagessen eingeladen und mir vorgeschlagen, im Verlag zu bleiben, allerdings darf ich Lateinamerika und alles was damit zusammenhängt vergessen und werde ab 1.1. nur noch englische, französische, einige deutsche Autoren und redaktionell die Bibliothek Suhrkamp betreuen” (Dessauer, Maria. Carta a Michi Strausfeld, 28/08/1979, DLA, SUA:Suhrkamp).

340 Dessauer, Maria. Carta a Maria Bamberg, 5/9/1975, DLA, SUA:Suhrkamp.

341 Dessauer, Maria. Carta a Michi Strausfeld, 14/01/1980, DLA, SUA:Suhrkamp.

com a projeção ambicionada, devido ao pouco alcance da literatura latino-americana, mesmo depois da feira de 1976.

Como avengei no capítulo anterior, desde o surgimento da função de redator até a sua profissionalização, a posição de redator era ocupada por escritores ou mesmo aspirantes a escritor que viam neste espaço, respectivamente, um meio de sobrevivência econômica e um trampolim para a participação reconhecidamente ativa no campo literário. Borchers, como mencionado, e também Dessauer já eram escritoras antes de trabalharem como redadoras. Em meados dos anos 1970, Borchers já era uma poeta produtiva e premiada no campo, enquanto Dessauer, no entanto, havia publicado em editoras pequenas nos anos 1950 dois romances infanto-juvenis que tiveram uma repercussão tímida, mas positivamente resenhados em jornais de grande circulação na RFA: *Osman. Ein allegretto Capriccioso* (1956) e *Herkun* (1959). Nos anos 1970, passa então a publicar seus livros na editora Insel, já adquirida pela Suhrkamp. Ou seja, ambas as redadoras, assim como os outros redatores da casa, já eram autores legitimados no campo em que gostariam de participar não somente através de suas próprias publicações, como também no diálogo e aproximação com os pares. Além disso, vale ressaltar o poder de agenciamento concedido pelo editor aos seus redatores, o que os destacava socialmente no campo literário. Boa parte da recepção de autores e títulos latino-americanos ainda desconhecidos no campo tinha que passar, por este motivo, pelo convencimento dos redatores alemães, pautados no geral por um critério de valor eurocêntrico nebuloso, ao mesmo tempo comercial e excludente como o de literatura universal. Diferentemente de outros mediadores da recepção, a estes redatores não interessa a descoberta, mas o sentido e unidade de um programa.

3.3.2.1 Segunda geração: os redatores exclusivos (1980)

A redação e o programa latino-americano da Suhrkamp têm uma virada decisiva no ano de 1980, com a sucessão de um redator especializado na área da Hispanística e, logo em seguida, com a contratação do primeiro redator profissionalizado da editora. A partir deste momento, o programa pôde desfrutar de um exclusivismo interessado, que não só consolidou a recepção da literatura latino-americana iniciada nos 1970, mas que abriu espaço notável para a edição da literatura brasileira. Wolfgang Eitel, novo redator do programa, inicia seu trabalho na editora em março de 1980. Eitel, nascido em 1945, portanto, da mesma geração de Michi Strausfeld, vinha de uma formação acadêmica, mas, diferentemente da *scout*, atuava continuamente tanto na academia quanto no campo editorial. Sua formação passou pela área da Germanística, Romanística e Literatura Comparada, em cujo âmbito doutorou-se sobre a obra de Honoré de Balzac na Alemanha. Depois de duas estadias como pesquisador no México (1976) e em Cuba (1977), foi, no entanto, a organização de um compêndio da literatura latino-americana contemporânea, em 1978, que lhe concedeu projeção na área dos estudos latino-americanos.

Lateinamerikanische Literatur der Gegenwart in Einzeldarstellung, organizado por Eitel e publicado pela editora Kröner, foi recepcionado como complemento necessário ao conjunto de ensaios sobre a literatura latino-americana publicado pela Suhrkamp em sua série *Materialien*, em 1976. O volume com mais de 500 páginas dedicadas a um panorama da literatura latino-americana do presente, como criticava Anneliese Botond, em sua resenha no *Die Zeit* (Botond 1979), fugia de uma escolha meramente comercial de autores do *boom*, apresentando um espectro muito mais completo e diversificado

da produção heterogênea do continente, mas pecava em sua abordagem forçada de um objeto tão complexo. Diferentemente do livro de bolso *Lateinamerikanische Literatur*, organizado por Michi Strausfeld, o volume organizado por Eitel é composto em sua maior parte por uma seleção de ensaios escritos por romanistas alemães, entre os quais figuram contribuições dos principais agentes interessados na recepção da literatura do continente na RFA, como Rolf Zimmermann, Karsten Garscha e Gustav Siebenmann, e, curiosamente, o de Willi Bolle. Sua estrutura é dividida pela produção, 28 autores, em espanhol e português de 14 dos 21 países latino-americanos. Com respeito à produção brasileira, são apresentados cinco ensaios, mais próximos de resenhas panorâmicas do que de uma nova perspectiva crítica sobre seus objetos. Entre os autores comentados estão Jorge Amado, Adonias Filho, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa e Dalton Trevisan, todos eles já publicados em alemão naquela altura.

Além da importância da publicação como balanço da recepção recente no campo editorial, dois anos depois da feira dedicada à produção do continente, o prefácio do volume lança alguma luz sobre o perfil de Wolfgang Eitel e sua perspectiva sobre a literatura latino-americana no fim dos anos 1970. Eitel abre o volume conferindo-lhe o estatuto de documento para o interesse crescente de editoras alemãs na publicação de títulos latino-americanos, e traçando um balanço sobre o diálogo econômico e cultural entre países do norte e sul. Assim como Carl Heupel apontava nos anos 1960, parte-se aqui da constatação de que a literatura latino-americana, dez anos depois, não chegou à consciência do leitor alemão, exercendo ainda um papel marginal no campo literário. Em sua longa e exaustiva introdução ao volume, Eitel, no entanto, cede espaço ao problema da unidade cultural do subcontinente. Diferentemente de outras contribuições europeias para a longa discussão sobre o tema, Eitel dá voz em seu prefácio a autores latino-americanos que se confrontam intensa – e frequentemente com o problema da unidade, atribuindo o desejo de unidade, por um lado, a uma utopia político-ideológica e, por outro, à procura por uma identidade cultural expressa em uma linguagem nova e independente. Deste último ponto é que ele abre a discussão sobre o possível leitor desta literatura no estrangeiro. Ao abrir este tópico com uma citação de Eduardo Galeano sobre o papel da literatura latino-americana na construção de uma identidade coletiva, parece claro a Eitel que ao leitor estrangeiro ainda ignorante da literatura da América Latina é preciso, entretanto, criar uma ideia de unidade, cujo *habitat* é pintado por ele como um cenário urbano e ainda elitista onde se encontra a produção, edição e recepção da literatura em todo o subcontinente. Neste sentido, o prefácio ainda apresenta ou tenta esclarecer as principais tendências desta literatura, partindo da premissa máxima de que a produção literária destes países mantém uma relação de dependência com sua estrutura e história social. O que salta à vista, ao lado da extensão, do cuidado expressos no prefácio, e das lacunas assumidas pelo organizador, principalmente no caso brasileiro, para as quais Eitel faz a gentileza de indicar outras contribuições já disponíveis ao público alemão, é, entretanto, a abertura do compêndio por um ensaio sobre Borges, a figura-chave para a literatura latino-americana, ser declarado como fenômeno do acaso. Ora, não por acaso, Borges também abriu o compêndio de Michi Strausfeld como autor-chave para a recepção da América Latina na RFA.

Como parecem querer exibir a introdução e o volume de ensaios em si, Eitel manejava não somente largos conhecimentos sobre a literatura latino-americana, como também presença em uma rede de intelectuais nos departamentos de Romanística da

RFA, da qual ele desfrutava e agora dava voz com o volume de ensaios. A publicação de um volume desta dimensão não passava despercebida no campo editorial da época, principalmente aos interessados na literatura da América Latina. Mesmo quando comparado ao volume organizado por Michi Strausfeld, o compêndio, pela sua extensão e ambição, possa ser considerado também muito menos comercial do que o volume de bolso da Suhrkamp, e, por vezes, um tanto prolixo em seu academicismo, com este projeto, Eitel marcava sua entrada definitiva no campo como latino-americanista. E, mesmo sem nenhuma comprovação, não é exagero supor que esta publicação funcionou como seu cartão de visita no mundo editorial. Vale ressaltar, que a editora Kröner, responsável pela publicação do livro organizado por Eitel, vinha se concentrando desde os anos 1950 em compêndios e enciclopédias literárias. Principalmente, pela presença de Gero von Wilpert como redator-chefe da editora de 1955 a 1972, o organizador do já mencionado *Lexikon der Weltliteratur*, de 1963.

Atestado considerável do reconhecimento do redator é o convite do próprio Unseld a Eitel para participar no programa da editora, em agosto de 1979:

Sehr geehrter Herr Dr. Eitel,
Ihre Anschrift vermittelte mit Herr Professor Karsten Garscha.
Frau Maria Dessauer, die bisher das lateinamerikanische Lektorat des Verlages betreut hat, verlässt uns. Ich möchte nach ihrem Ausscheiden diese für den Verlag so wichtige Stelle mit einem Lektor besetzen, der des Spanischen und möglichst des Portugiesischen mächtig ist. Würde Sie die Aufgabe, unser Lateinamerika-Programm und anderes im Verlag zu betreuen, locken?
Es würde mich freuen, von Ihnen zu hören.
Mit freundlichen Grüßen,
Dr. Siegfried Unseld³⁴²

Como se lê na carta, através da menção à figura do romanista Kasten Garscha, Eitel não era apenas reconhecido entre os pares, mas também havia atraído a atenção de Unseld. Em 11 de setembro de 1979, o administrador comercial da editora Suhrkamp, Heribert Marré, envia um contrato a Eitel, no qual consta a discriminação de suas tarefas e os seus compromissos com a editora. Seu contrato de trabalho ajuda a entender o que se esperava de um redator neste momento da editora e também dentro do contexto editorial da RFA, a saber, a responsabilidade pelo programa, no entanto, a ciência de que a decisão sobre aceite ou recusa de manuscritos se encontra na mão de Unseld.³⁴³

No mesmo dia, Unseld escreve a Strausfeld esclarecendo a entrada de Eitel na redação, em uma carta que descreve muito bem o perfil intelectual e o reconhecimento no campo do novo redator, documento aliás que serve como chave para entender sua atuação na editora:

342 Unseld, Siegfried. Carta a Wolfgang Eitel, 16/08/1979, DLA, SUA:Suhrkamp.

343 "Am 1. März 1980 treten Sie als Lektor bei uns ein. Sie werden im literarischen Lektorat tätig sein mit Zuständigkeit für das lateinamerikanische Programm. Ihnen ist bekannt, daß grundsätzlich die Entscheidungen über Annahme und Ablehnung von Manuskripten von Herrn Dr. Unseld getroffen werden. Innerhalb Ihres Aufgabengebietes erstreckt sich Ihre Tätigkeit auch auf den mit uns verbundenen Insel Verlag" (Marré, Heribert. "Anstellungsvertrag" – Contrato de trabalho para Wolfgang Eitel, 11/09/1979, DLA, SUA:Suhrkamp).

Zunächst: Herr Dr. Wolfgang Eitel hat sich gemeldet; wir haben einen Nachmittag, einen Abend miteinander gesprochen und sind uns sofort einig geworden. Herr Dr. Eitel wird also das lateinamerikanische Lektorat übernehmen; er ist 1945 geboren, studierte Komparatistik und Romanistik in Tübingen, Genf und Zürich, Staatsexamen 1969, Promotion bei Höhle über Balzac, perfekt in Französisch, Italienisch, Spanisch, Portugiesisch. Seine diversen Publikationen zu LA werden Sie kennen. Er ist eine liebenswürdige Erscheinung, freilich eher der Typus des Freischwebenden, als der des akribischen Beamten. Herr Eitel ist gegenwärtig in Kuba; er wird zur Woche der Buchmesse anwesend sein, Sie werden ihn da kennenlernen. Er muß noch zwei Buchverpflichtungen erfüllen; wir sind so verblieben, daß er im November/Dezember einmal zwei oder drei Wochen hier im Verlag arbeitet, dann noch einmal nach Brasilien fährt und am 1. März 1980 dann seine Arbeit aufnimmt. Bis dahin müssen wir sehen, wie wir hinkommen, denn ich möchte nicht, daß Frau Dessauer nach ihrer Rückkehr noch mit LA befaßt ist.³⁴⁴

Wolfgang Eitel, neste caso, é o primeiro redator responsável pelo programa latino-americano, contratado exclusivamente para esta área, e o primeiro não só com formação acadêmica, mas também familiarizado com a literatura e com as línguas latino-americanas desde seu lugar de partida. Como menciona Unseld, ele havia passado por dois centros literários decisivos da América Latina dos anos 1970, Cuba e México, ocasião em que pôde estabelecer uma rede social *in loco* que resultou em projetos posteriores na RFA, mas que infelizmente coincidiram com os interesses da editora. Sua passagem na redação, no entanto, é rápida. Em 1982, um redator adicional é contratado por Unseld, justamente devido à difícil adaptação de Eitel à exclusividade exigida pela editora, com a qual o redator assumia em carta a Strausfeld em março de 1980, estar, entretanto, satisfeito.³⁴⁵

Satisfação com a qual o redator, apenas alguns meses depois, parece se indispor, como atesta uma nota, de 10 de outubro do mesmo ano, escrita ao editor Unseld, na qual Eitel o informa da impossibilidade de trabalhar exclusivamente como redator da editora, diante de outras propostas de trabalho que um campo em lacunas como o alemão permitia:

Daß die Universität wieder ihre Finger nach mir ausgestreckt hat, ich kann nichts dafür. Unterschrieben habe ich noch nichts, nur von vorneherein klargemacht, daß ich mich für die nahe Zukunft so oder so in erster Linie dem Hause Suhrkamp verpflichtet fühle und allen Spielraum haben muß, um dort, zumindest für eine längere Übergangsphase weiterarbeiten zu können. Dies bin ich Ihnen und meinen Kollegen im Lektorat schuldig.³⁴⁶

344 Unseld, Siegfried. Carta a Michi Strausfeld, 11/09/1979, DLA, SUA:Suhrkamp.

345 "[B]esten Dank für Ihre Zeilen – ich beginne mich hier langsam einzuleben und bin mit dem Lektoren-Alltag, der ziemlich vehement über mich hereingefallen ist, einstweilen sehr zufrieden" (Eitel, Wolfgang. Carta a Michi Strausfeld, 14/03/1980, DLA, SUA:Suhrkamp).

346 Eitel, Wolfgang. Nota a Siegfried Unseld, 10/10/1980, DLA, SUA:Suhrkamp.

Apesar do alerta sobre um distanciamento, Eitel menciona ainda seu interesse em continuar a trabalhar para o programa da editora³⁴⁷ e permanece atuante na editora até meados do ano de 1983. É notável seu engajamento, por exemplo, pela literatura brasileira. Apesar dos desentendimentos com Strausfeld,³⁴⁸ justificados por ela por questões mais ideológicas do que literárias, Eitel foi também responsável pela forte presença brasileira no programa a partir de 1980 e logo no início de seu trabalho na editora menciona em carta a Strausfeld³⁴⁹ a importância para o leitor alemão de receber informações constantes e apuradas sobre o contexto histórico-cultural, sociológico, político e literário da América Latina, para que assim possa se familiarizar com o seu produto literário. Princípio esse ao que Unsel e Strausfeld buscaram manter-se fiéis desde o início do programa. Assim como Strausfeld, o redator manteve, com certeza frequência, contato direto com autores consagrados como Drummond de Andrade e jovens autores como Ignácio de Loyola Brandão. Nos três anos de trabalho na redação, suas anotações e cartas exibem um conhecimento afiado do campo literário e acadêmico brasileiro, de um agente que não titubeia em usufruir o capital social adquirido do outro lado do Atlântico. Vale ressaltar que Eitel visitou o Brasil a cada ano que esteve trabalhando para a editora. Em janeiro de 1980, Eitel esteve em São Paulo na presença de Willi Bolle, com quem tratou do projeto de ensaios que abre o capítulo anterior;³⁵⁰ em carta a Bolle, de 12 de agosto de 1980,³⁵¹ anuncia próxima viagem que será adiada para outubro do mesmo ano; comenta em carta a Ray Güde Mertin de seus planos para uma passagem rápida em São Paulo em março de 1981; e, em janeiro de 1982, escreve carta, agora a Michi Strausfeld, anunciando estar de volta ao trabalho depois de sua viagem do Brasil. A maior e mais detalhada evidência de seu trabalho no Brasil é um relatório de viagem, datado de 14 de abril de 1983,³⁵² referente à sua viagem a Buenos Aires, onde visita Ernesto Sábato e Borges, e ao Rio de Janeiro, onde visita Drummond, João Ubaldo Ribeiro, Ferreira Gullar e Darcy Ribeiro, além de algumas editoras reconhecidas naquele momento, como Paz e Terra, segundo o redator, interessada na

347 "Sicher ist, daß ich auf längere Sicht engagiert an dem romanistischen Programm des Verlags weiterarbeiten möchte, sofern Ihnen das sinnvoll erscheint" (Eitel, Wolfgang. Nota a Siegfried Unsel, 10/10/1980, DLA, SUA:Suhrkamp).

348 Um resumo da relação entre Strausfeld e Eitel pode ser lida em uma anotação da própria scout. Nela a crítica de Strausfeld refere-se a uma das funções basilares do redator literário, o parecer: "Wahrscheinlich bin ich anspruchsvoller oder literarischer und weniger ideologisch [...]. Und ohne überheblich sein zu wollen, fühle ich mich recht sicher im Begutachten literarischer Texte: schließlich habe ich Manuskripte gelesen (Carpentier, Vargas Llosa) und später von erfahrenen Lesern (Castellet, Gimferrer, A. Rama) meine Eindrücke bekommen [...]" (Strausfeld, Michi. Anotação, 12/7/1982, DLA, SUA:Suhrkamp).

349 Eitel, Wolfgang. Carta a Michi Strausfeld, 14/3/1980, DLA, SUA:Suhrkamp.

350 Cf. 2.1.1. Materiais de edição: o hiato da recepção e o caso *Brasilianische Literatur*.

351 Eitel chegou inclusive a candidatar-se para uma vaga como leitor-DAAD em São Paulo: "[B]esten Dank für deinen Brief, den ich soeben erhalten habe. Veränderungen, Veränderungen. [...] Meine Brasilienreise mußte ich leider um einige Wochen verschieben: ich komme jetzt erst Anfang Oktober nach São Paulo, schreib mir doch ein paar Zeilen zur Frage des Lektorats: wird bei Euch überhaupt in absehbarer Zeit eine Stelle frei (DAAD-Lektorat)? Wären die Arbeitsbedingungen ggb. einigermaßen akzeptabel? Ein paar Stichpunkte würden mir schon weiterhelfen. Alles Weitere dann mündlich" (Eitel, Wolfgang. Carta a Willi Bolle, 12/08/1980, DLA, SUA:Suhrkamp).

352 Eitel, Wolfgang. "Reisebericht Rio de Janeiro – Buenos Aires" [Relatório de Viagem para Siegfried Unsel, Michi Strausfeld e Ulli Langenbrinck], 14/04/1983, DLA, SUA:Suhrkamp.

edição em português da obra de Walter Benjamin, Nova Fronteira e Record. Eitel, diferentemente de outros redatores da casa, pode ser, neste sentido, considerado como o primeiro redator em constante movimento de intercâmbio literário entre a RFA e a América Latina, especialmente o Brasil.

Antes de apresentar o sucessor de Eitel, vale a pena considerar aqui o papel e atuação de Ulrike Langenbrinck, redatora atuante na Suhrkamp de 1980 a 1984, que brevemente assumiu responsabilidades no programa para a América Latina, como possível sucessora, mas que acabou trabalhando ao mesmo tempo e ao lado do redator. Em carta de abril de 1983,³⁵³ Eitel esclarece ao Georg Rudolf Lind que seu posto é de um funcionário externo (“freier Mitarbeiter”) e que Langenbrinck será a redatora sucessora no Programa. No entanto, ambos deixam a editora quase ao mesmo tempo para a entrada de um terceiro redator. A presença de Ulli, forma como é tratada na correspondência interna da editora, reforça a suposição de que Eitel teve problemas com a exclusividade exigida pelo programa. Em entrevista com o sucessor de Eitel e Langenbrinck, Jürgen Dormagen, cujo perfil tratarei logo em seguida, nem Eitel e nem Ulli assumiram a responsabilidade completa pela redação para a literatura latino-americana. Apesar da tentativa por parte de Unseld de encarregar os dois como funcionários, Eitel, um tipo que se movia com facilidade pelo campo, como descreve Unseld acertadamente, vivia entre sua posição de professor universitário e a editora, enquanto Ulli, buscava se inteirar deste campo desconhecido, ao final, sem muito sucesso, restando aos dois seguir um programa pensado e impulsionado por Unseld, em necessária cooperação com redatores experientes da casa como Raimund Fellinger e Borchers, e com o braço direito de Unseld em Barcelona, Strausfeld. A correspondência entre eles, cheia de desavenças, além de revelar um trabalho em conjunto, revela também uma estrutura hierárquica entre a redação, o editor, Strausfeld e os tradutores.

A entrada de Langenbrinck no programa cedeu, mesmo assim, espaço a uma nova dinâmica de edição, na qual Ulli e Eitel dividiam o trabalho redacional junto aos tradutores, partilhavam a orientação aos autores e também as viagens de negócios, permitindo ao programa ter um maior alcance e presença no campo assim como, em tese, otimizando o resultado textual. Apesar disso, muitas das cartas trocadas entre Strausfeld e Langenbrinck apontam grandes desacordos em relação ao trabalho redacional. Para citar apenas um exemplo, entre o fim do ano de 1982 e o fim do ano de 1983, o volume da correspondência entre Strausfeld e Langenbrinck aumenta notavelmente. O tema da correspondência trata tanto das próprias edições em andamento como de problemas organizacionais no programa, porém um assunto recorrente chama a atenção: a crítica e a preocupação de Strausfeld com o trabalho realizado pela redação. Em 11 novembro de 1982, por exemplo, Strausfeld compartilha com Ulli sua insatisfação com as traduções de um volume de ensaios referente a *Lateinamerikaner über Europa*, organizado por Curt Meyer-Clason e publicado somente em 1987 na série suhrkamp taschenbuch.

Anbei ein ausführlicher Bericht zum LA-Europa-Dialog. Die Qualität der Übersetzungen ist bislang unter dem Strich; ich verstehe auch nicht, warum so confuse oder rhetorisch.

353 Junto da carta, o redator envia um exemplar de *A Barca dos Homens* (1961) de Autran Dourado. Eitel, Wolfgang. Carta a Georg Rudolf Lind, 18/04/1983, DLA, SUA: Suhrkamp.

rische Artikel wie Viñas oder Haroldo de Campos überhaupt übersetzt wurden [...] hat sie niemand zuvor gelesen?³⁵⁴

A crítica divide-se entre a curadoria dos textos para o volume, com a qual a *scout* estava em claro desacordo, e o trabalho redacional de um manuscrito que estava em preparação desde o ano 1980 e foi publicado somente 7 anos depois. Mais dura, no entanto, é a crítica, em carta de 8 de fevereiro de 1983, que se dirige à toda redação do programa. Trata-se de *Macunaíma*, publicado no ano anterior: “tenho diante de mim uma revisão de *Macunaíma* de Hugo Loetscher (que entende muito de literatura e linguagem). Sua crítica à tradução e à edição é mordaz [...]”³⁵⁵ Não somente a tradução de Meyer-Clason, como também o conhecido trabalho de Günter Lorenz, já mencionado no primeiro capítulo desta dissertação, *Die zeitgenössische Literatur in Lateinamerika* (1971), é duramente criticado na resenha mencionada por Strausfeld. Para Loetscher, a contribuição de Lorenz passa ao largo do núcleo da obra de Mário de Andrade. Uma vez lido o início da resenha, publicada no jornal suíço *Neue Zürcher Zeitung*, em 8 de janeiro de 1983, sob o título *Die emanzipierte Phantasie Brasiliens*, não se pode esperar menos agudeza do crítico suíço que, primeiramente, debulha a tradução de Meyer-Clason, apresentando uma sequência de seus equívocos tradutórios, para depois focar-se nos inúmeros problemas da redação da edição da Suhrkamp. Um resumo ácido de sua crítica encontra-se bem formulado no desfecho de seu artigo:

Sicherlich, wir wollen dankbar sein, daß ein Werk wie “*Macunaíma*” auf Deutsch vorliegt. Aber diese Irrtümer, Ungenauigkeiten und Ungereimtheiten hätten sich leicht vermeiden lassen. Für Übersetzer wie für Verleger darf trotz der Lateinamerika-Mode nicht gelten: Promptheit ist alles. Oder sollte *Macunaíma* als literarische Figur so überzeugend sein, daß Übersetzer und Lektor in seinen Stoßseufzer einstimmen: “Ai! Que Preguiça – Ach! Diese Faulheit!”? (Loetscher 1983, 55).

A crítica de Loetscher não pode ser considerada exagero. No contexto da crítica, as correspondências da redação acentuam que não somente de tradutores das literaturas latino-americanas é que carecia o campo literário da RFA, como também de críticos especializados. Em uma carta de Maria Dessauer a Strausfeld, é possível ler rastros desta lacuna no campo. Dessauer indica em 1976 como o próprio Günter W. Lorenz e Wolfgang A. Luchting pertenciam aos críticos atentos ao programa latino-americano da Suhrkamp. Fora eles, não havia outros muitos nomes que conhecessem os originais destas traduções e que se aventurassem a produzir crítica literária nos jornais e revistas em circulação. Para Dessauer, um agravante desta crítica é que ela se focava no trabalho dos redatores e não dos tradutores.³⁵⁶ Ainda em 1976, Michi Strausfeld chega

354 Strausfeld, Michi. Carta a Ulli Langenbrinck, 26/11/1982, DLA, SUA:Suhrkamp.

355 “Vor mir liegt eine Rezension von *Macunaíma* von Hugo Loetscher (der von Literatur und Sprache viel versteht). Seine Kritik der Übersetzung und des Lektorats ist vernichtend [...]” (Strausfeld, Michi. Carta a Ulli Langenbrinck, 08/02/1983, DLA, SUA:Suhrkamp).

356 “Meine Beckemesserei rührt daher, daß ich Angst habe vor der Spezialistenkritik in den Zeitungen und die Spitze, die selten ausbleibt und sich gegen das Suhrkamp-Lektorat richtet, mehr als gegen die Übersetzer” (Dessauer, Maria. Carta a Michi Strausfeld, 22/5/1978, DLA, SUA:Suhrkamp).

a escrever a Unseld sobre a possibilidade de um distanciamento de Günter Lorenz, devido ao seu esforço de manifestar-se consequentemente contra a editora.³⁵⁷

Este não é o caso de Loetscher. Sua crítica localiza a obra de Mário de Andrade no centro do panteão da literatura brasileira, para com isso legitimar sua crítica ao descuido da tradução e sobretudo da edição feita pela Suhrkamp. Concentrando-se mais nos problemas de tradução do que nos da redação, a carta anterior de Strausfeld segue sem resposta nos documentos disponíveis no arquivo. A conclusão da *scout* é que o tradutor talvez esteja sobrecarregado e exigindo títulos demais para traduzir. Em geral, as críticas à redação são amenizadas, justamente pelo respaldo que Strausfeld encontra em Langenbrinck, após perder Dessauer como parceira, cujo trabalho declaradamente respeitava. Langenbrinck atuava como jornalista e como escritora responsável por uma dezena de guias de viagem sobre países e cidades latino-americanos e sobre Portugal. O perfil da redatora e sua atuação no programa se parece muitas vezes com o de Dessauer e o de Borchers, justamente por não ter passado por uma longa formação acadêmica ou mesmo por não flertar com o campo universitário. Neste ponto, há uma grande diferença com Eitel.

Antes de arriscar a suposição de que Langenbrinck se ocupava mais com o trabalho textual de redação do que Eitel, como sugerem as reclamações de Strausfeld, o que se recupera, por outro lado, através das correspondências com o tradutor Meyer-Clason, é que o trabalho redacional se dividia por títulos entre os dois redatores. Michi Strausfeld escreve a Meyer-Clason, por exemplo, que Eitel seria o redator de *Macunaíma*. Em carta de 18 de março de 1981, o redator confirma estar ocupado com a leitura do manuscrito da tradução de Meyer-Clason, cuja qualidade o redator fortemente acentua:

ich bin bei der Lektüre von Macunaíma: eine reine Wonne!

Ich glaube, Ihnen ist da wieder einmal ein Meisterwerk gelungen.

Wenn jetzt noch der Vertrag von Herrn Camargo de Andrade rechtzeitig wieder hier eintrifft, dann könnte Macunaíma tatsächlich bis zum Herbst herauskommen.³⁵⁸

Seria necessário um estudo minucioso sobre qualidade da tradução deste primeiro manuscrito e de suas correções para arriscar-se a qualificar este texto. No entanto, vale observar a velocidade surpreendente com que a obra difícil de Mário de Andrade é traduzida pelo tradutor alemão. Velocidade também admirada por Strausfeld como expressa em carta ao próprio tradutor em 23 de fevereiro de 1981: “A propósito, fiquei impressionada: já terminou *Macunaíma*? O tradutor francês precisou de dois anos...”³⁵⁹ Mesmo que Strausfeld atesta o início do trabalho do tradutor antes de janeiro de 1980,³⁶⁰ não se pode descartar a possibilidade de o tradutor ter iniciado o seu trabalho até mesmo um ano antes ou mesmo de que se tratava de uma tradução engavetada. No

357 Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 6/7/1976, DLA, SUA:Suhrkamp.

358 Eitel, Wolfgang. Carta a Curt Meyer-Clason, 18/03/1981, DLA, SUA:Suhrkamp.

359 “Mich hat übrigens der Schlag getroffen: Macunaíma schon fertig? Der franz. Übersetzer hat angeblich zwei Jahre gebraucht...” (Strausfeld, Michi. Carta a Curt Meyer-Clason, 23/02/1981, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason).

360 “Mario de Andrade: Macunaíma. M-C hat bereits mit der Arbeit begonnen. Ich habe Dr. Unseld einen Vertragsvorschlag mit dem Erben unterbreitet, damit ich dann schnell handeln kann” (Strausfeld, Michi. Carta a Wolfgang Eitel, 08/01/1980, DLA, SUA:Suhrkamp).

entanto, apesar da velocidade, até mesmo Strausfeld não parecia insatisfeita com a primeira leitura que fez da tradução, qualificada por ela como “legível”. Em 4 de março do mesmo ano, ela escreve a Eitel, tratando do manuscrito: “Macunaíma: Até agora só pude ter uma visão ligeira da tradução, ela se lê muito bem”.³⁶¹

Com relação ao trabalho redacional, a primeira correção de Eitel, por exemplo, volta para o tradutor em 19 de março de 1981, como atesta carta da mesma data, informando inclusive os próximos passos até a publicação:

Das Originalmanuskript Ihrer Übersetzung ging heute per Einschreiben an Sie zurück. Bis zu meiner Rückkehr aus Havanna “dürfen” Sie es behalten, dann sind hoffentlich die vertraglichen Dinge geregelt und ich bekomme es postwendend wieder von Ihnen zurück zur weiteren Redaktion. Mir würde dann vorschweben, daß wir, nachdem ich die Redaktion abgeschlossen habe, uns einmal über ein Wochenende zusammensetzen, um alle noch offenstehenden Fragen zu diskutieren.³⁶²

Como se pode ler, a primeira correção do manuscrito foi feita em pouco menos de um mês. E, mesmo que Eitel leu e corrigiu o manuscrito rapidamente, Macunaíma é publicado com um ano de atraso do programado pelo redator. Mas como é que a redação deixou passar erros de tradução tão gritantes como os apontados por Loetscher? Como se lê nos documentos do espólio, Meyer-Clason esteve ocupado com outros projetos de peso na editora como, por exemplo, a edição de uma antologia de Carlos Drummond de Andrade dentro da série Bibliothek Suhrkamp,³⁶³ e a organização do volume de ensaios *Lateinamerikaner über Europa*, com os quais, como veremos adiante, ocupava-se extensamente. Como era de costume, as correções do manuscrito de *Macunaíma*, ou mesmo apontamentos sobre o texto eram feitos pessoalmente entre redator e tradutor. Depois que o tradutor recebe o texto, em 23 de junho de 1981, Meyer-Clason escreve a Eitel: “assim que desejar, passe por aqui e leve o manuscrito com você. Então podemos falar sobre alguns pontos que são importantes para mim antes que você leia”.³⁶⁴

Os pontos de discussão acerca do manuscrito entregue pelo tradutor não interessam imediatamente à presente discussão. O objetivo de apresentar parte da correspondência entre o redator e o tradutor neste momento foi o de ilustrar a tarefa de Eitel e sua responsabilidade com a tradução de um dos textos mais importantes do modernismo brasileiro, assim como com títulos da literatura contemporânea brasileira, aos quais voltarei a seguir com mais detalhes. Até este ponto da discussão espero ter fica-

361 “Macunaíma: ich habe bislang nur flüchtig in die Übersetzung schauen können, sie liest sich sehr gut” (Strausfeld, Michi. Carta a Wolfgang Eitel, 02/04/1981, DLA, SUA:Suhrkamp).

362 Eitel, Wolfgang. Carta a Curt Meyer-Clason, 19/03/1981, DLA, SUA:Suhrkamp.

363 Sobre a edição de Drummond na BS seria possível estender um comentário relativo as cartas de Meyer-Clason, Eitel e o editor Unseld. Há uma resistência por parte do editor para a publicação de um volume tão extenso de um poeta pouco conhecido na RFA. Essa resistência quase leva o tradutor a uma recusa de cooperação com a editora e, por fim, o volume só é publicado por insistência de Meyer-Clason. Interessa também comentar como matéria de futuro ensaio a leitura de Eitel do poema “A Máquina do Mundo”, recusado pelo redator devido ao seu tom demasiado reflexivo (“Gedankenlyrik”).

364 “Sobald Sie wünschen, kommen Sie doch bitte vorbei und nehmen Sie das MS mit. Dann können wir vor Ihrer Lektüre noch über einige Punkte sprechen, die mir wichtig sind” (Meyer-Clason, Curt. Carta a Wolfgang Eitel, 23/06/1981, DLA, SUA:Suhrkamp).

do claro que o início do que chamei e era chamado pela própria editora de programa ou redação tinha contornos pouco delimitados, sendo possível questionar até mesmo a sua estrutura fixa. Até 1984, como tentei demonstrar não se pode falar de uma redação autônoma em sentido estrito, já que, mesmo com a contratação de dois redatores mais ou menos versados na literatura latino-americana, esta redação dependia dos serviços de redatores da casa ocupados, em primeira instância, com a literatura alemã.

3.3.2.2 Terceira geração: os redatores autônomos e profissionais (1990)

Apesar do trabalho significativo dos redatores anteriores da Suhrkamp na recepção da literatura latino-americana, somente em 1984, com a entrada de Jürgen Dormagen (1946) na editora é que se pôde falar de um início definitivo para uma redação que conseguiu seguir um projeto linear e produtivo consequentemente. Dormagen permanece na editora de 1984 a 2011 e pode se dizer que neste período ocorre a consolidação estrutural do assim chamado programa latino-americano. Na verdade, este é justamente o período em que o papel do redator em todo o campo literário se altera. A partir dos anos 1980, a figura do redator, que desde o seu surgimento no pós-guerra era considerada atuante em uma ocupação secundária, praticada por escritores ou aspirantes, começa a ganhar autonomia e, o mais importante, legitimação profissional. Ute Schneider, ocupado em seu livro *Der unsichtbare Zweite* (2005) com a história profissional do redator literário na Alemanha Ocidental, comenta como em 100 anos pouco havia se alterado no perfil do preparador de textos. A imagem profissional difusa do redator correspondia ainda nos anos 1980 e 1990 a formações irregulares e a carreiras profissionais individualmente distintas. Ou seja, até o fim do século 20, depois de 100 anos de história desta profissão, a imagem do redator não tinha se alterado em quase nada (Schneider 2005, 315).

O trabalho de Schneider não trata de um estudo de caso, mas de um estudo panorâmico e de tendências no campo. Quando, no entanto, ele trata das poucas diferenças ocorridas a partir da década de 1990, Schneider aponta uma tendência generalizada na busca de *outsourcing* que confluiu no reconhecimento profissional do redator dentro do campo literário:

In den neunziger Jahren wurde von fast allen größeren literarischen Verlagen in der Bundesrepublik das sogenannte "Outsourcing" von Lektoratsarbeiten erprobt. Aus der personellen Verkleinerung der hauseigenen Lektoratsabteilungen und dem gleichzeitigen Anstieg der Titelproduktion resultierte die Vergabe von redaktionellen Manuskriptbearbeitungen an Außenlektoren, wie es zu Beginn der Institutionalisierungsphase des Berufs um 1900 oft der Fall gewesen war (Schneider 2005, 351s.).

O caso da editora Suhrkamp é um pouco específico dentro deste contexto. No entanto, o estudo de Schneider ajuda a entender melhor a participação de Eitel como redator externo e o nítido desejo de Unseld em manter uma hierarquia em sua redação. Na verdade, Unseld, como vimos anteriormente, raramente trabalhava com redatores externos, tentando deste modo estar muito próximo do trabalho redacional, mas também tentando manter, no caso latino-americano, uma harmonia regida pela égide de Strausfeld. O caso de Eitel é uma exceção quando se considera os outros redatores da editora, principalmente no projeto editorial para a América Latina.

Em fins de 1985, uma troca de cartas entre Eitel e o novo redator Jürgen Dormagen deixa claro como o redator externo se mantém em uma posição difusa, na qual suas tarefas e seu compromisso com a editora ainda estão por se definir. Eitel começa a prestar serviços de curadoria, *scout* e redação para outras editoras e isto o conduz a um conflito com Unseld e a redação do programa, exigentes de sua exclusividade e de sua lealdade em relação ao contato com autores. Como justificativa, Eitel aponta a impossibilidade de atuar em um programa sob os domínios da *scout* Michi Strausfeld, como dito anteriormente, de fato, não só uma das pessoas que concebeu o programa, mas que o guiou sob a chancela de Unseld.³⁶⁵ O relato de Eitel em sua carta define claramente um novo perfil de redator literário, ao contrário do desejo de Unseld de que o redator mantivesse uma exclusividade e subordinação em um programa. Eitel busca não se indispor com a Suhrkamp, concedendo à editora o primeiro lugar de seus interesses, mas também marcando sua posição no campo como mediador literário livre:

Für mich ist Suhrkamp in Sachen Lateinamerika weiterhin die erste Adresse. Autoren da wegzulotsen, halte ich für äußerst ungut. Nur: besser bei Piper als gar nicht, immerhin ist es doch ein durchaus respektabler Verlag. Und zu dieser Notlösung wurde ich buchstäblich gezwungen, da Michi Strausfeld meine Vorschläge grundsätzlich sabotierte, zuletzt in Sachen Rubem Fonseca, zu dem ich im Juli 84 plötzlich nicht einmal ein Gutachten schreiben durfte, obwohl das Projekt längst mit Michi Strausfeld abgesprochen war [...].³⁶⁶

Como fica clara nas palavras de Eitel, Suhrkamp não era a única casa possível para a edição de um continente literário, cuja produção ainda pouco conhecida pelo leitor alemão era profícua e diversa. O redator torna nítido neste momento os contornos de um redator livre, ou melhor, de um mediador de literatura desinteressado que não desejava apenas assumir o cobiçado posto de redator Suhrkamp. É curioso como Rubem Fonseca surge nesta carta como exemplo de discórdia entre Eitel e Strausfeld. De fato, como veremos a seguir, a obra de Fonseca fazia parte de um rol de textos produzidos nos anos 1970 que, pela sua estética brutalista, destoavam do horizonte de recepção na RFA, que em meados dos anos 1980 desfrutava ainda do gosto final do *boom* e da estética do realismo mágico. Eitel, ao que indica a leitura de suas cartas e de sua atuação crítica, muito afinado com uma ideia de produção heterogênea e difusa, não recua de seu posicionamento e se despede, neste momento, de seus trabalhos redacionais exclusivos, mantendo-se, no entanto, à disposição como conselheiro e parecerista.³⁶⁷

365 "Ich habe mich um den Kontakt zu Piper bemüht, weil ich keine Möglichkeit mehr sah, bei Suhrkamp auf dem Feld 'neue lateinamerikanische Autoren' tätig zu sein, das war die Domäne Michi Strausfelds und die Ihre. Gleichzeitig machte ich von allem Anfang an Piper unmissverständlich klar, daß ich auf dem Gebiet lateinamerikanische Hausautoren, ältere Autoren für BS und italienische Literatur weiterhin mich voll für Suhrkamp engagieren würde, wenn man so will in direkter Konkurrenz zu Piper" (Eitel, Wolfgang. Carta a Jürgen Dormagen, 15/10/1985, DLA, SUA:Suhrkamp).

366 Eitel, Wolfgang. Carta a Jürgen Dormagen, 15/10/1985, DLA, SUA:Suhrkamp.

367 "Nun gut, wir werden uns in Zukunft ein klein wenig in Konkurrenz zueinander befinden. Beratung in Sachen italienische Literatur hoffe ich weiterhin, wenn auch mehr per Telefon und in Form von Gutachten, tätigen zu können. Gegen eine Fortsetzung meiner Redaktionsarbeit hatte Unseld selbst im ersten Zorn einzuwenden, das sei Ihre Sache [...]" (Eitel, Wolfgang. Carta a Jürgen Dormagen, 15/10/1985, DLA, SUA:Suhrkamp).

Cinco dias depois, em mais uma carta de Eitel a Dormagen, ainda procurando um esclarecimento para o desentendimento com a editora Suhrkamp, o redator volta ao problema de seu posicionamento frente à editora e sua atuação no campo, desta vez, com ainda mais contundência. Para ele trata-se de uma desavença com respeito a distintas perspectivas sobre o perfil e papel de um redator autônomo e de um redator com contrato de exclusividade:

Aber nun zu unseren Problemen. Grundsätzliches will ich heute gar nicht mehr erörtern: es gibt da offensichtlich auch eine grundsätzlich andere Perspektive bei freien Mitarbeitern und Verlagsangestellten. Vogelsang und Enzensberger etwa sehen meinen Fall ganz anders [...].³⁶⁸

A referência a Fritz Vogelsang e Hans Magnus Enzensberger é decisiva neste contexto. Eitel não os nomeia como pares à toa. Fritz Vogelsang, redator de 1974 a 1980 na célebre editora Cotta, já era reconhecido tradutor autônomo neste momento pelas suas traduções de Pablo Neruda e Octavio Paz e Miguel Ángel Asturias. Enzensberger, como vimos anteriormente, atuava também na editora Suhrkamp como autor e consultor interno para assuntos latino-americanos. Ambos circulavam de certo modo livre pelo campo literário da RFA. Nomeá-los neste contexto, sugere desdobrar o perfil do redator em duas naturezas distintas, a autônoma e a exclusiva. E também implica em uma crítica à exclusividade exigida aos redatores contratados por Unseld.

Não necessitamos voltar aqui à discussão já aventada no primeiro capítulo deste estudo sobre os limites de atuação de um redator neste contexto. O que interessa acentuar, no entanto, é que, como também nota Eitel, esta desavença se dá tanto em referência às suas tarefas como redator, quando à de consultor literário. O evento que desencadeia estas cartas está, neste momento, mais diretamente relacionado com o trabalho assumido por Eitel como consultor, e menos como redator no sentido estrito do trabalho com o texto. Tanto é que o próprio redator faz questão de sublinhar este ponto em sua carta:

Unsere Zusammenarbeit in Sachen Textredaktion ist von der ganzen Geschichte Gottlob ja nicht berührt. Selbst bei seinem großen Rundumschlag hat Unseld versichert, daß dies Ihre Sache sei, da habe er nichts dagegen. Immerhin etwas.³⁶⁹

Veremos como a participação de Eitel na redação surge mais adiante como problema também no trabalho com o texto. Antes disso, vale sublinhar a importância de Eitel, como talvez o único redator à serviço da editora, não somente versado, mas especializado institucionalmente tanto na literatura hispânica como na brasileira. Tanto Dormagen e Unseld como Eitel eram conscientes da importância de um especialista reconhecido dentro do programa. No entanto, os diversos choques entre a concepção de literatura estabelecida como critério de edição por Unseld e Strausfeld e a legitimação institucional que assumia Eitel para si, tomou rumos inconciliáveis. De um lado, o editor o acusa de fraude pela sua falta de exclusividade com a Suhrkamp e o flerte com outras empresas e por outro o redator revela sua insatisfação em uma editora que

368 Eitel, Wolfgang. Carta a Jürgen Dormagen, 21/10/1985, DLA, SUA:Suhrkamp.

369 Eitel, Wolfgang. Carta a Jürgen Dormagen, 21/10/1985, DLA, SUA:Suhrkamp.

recompensava seu trabalho de especialista legitimado com o que ele compara ao de um assistente.³⁷⁰

A discussão termina com um telefonema entre os dois redatores, marcando o passe entre o redator contratado e o autônomo com um fenômeno híbrido, representativo do trabalho, papel e atuação de Dormagen ao longo de sua carreira como redator Suhrkamp. Eitel, no entanto, critica justamente o aproveitamento por parte da editora do perfil difuso de redatores literários neste momento. Para ele, ela deveria definir a importância de seu trabalho já que não se tratava mais de negociar uma exclusividade, mas de aceitar a alteração do perfil de um redator literário autônomo, interessado em mediar literatura sem mais impedimentos, seja no trabalho com o texto, seja na consultoria e curadoria de obras e autores.³⁷¹

A crítica de Eitel pode ser também entendida por meio da falta de afinamento do redator com o programa latino-americano e com a concepção de Strausfeld, com a qual Dormagen esteve muito mais disposto a afinar-se. Em resumo, Eitel não tinha o perfil de redator experiente no trabalho editorial comparável ao de Dormagen, capaz de mensurar as diferenças entre campos literários distintos e reconhecer a dinâmica de circulação de textos de interesse no mercado alemão. Neste sentido, Jürgen Dormagen foi o primeiro redator dentro do programa latino-americano que pode ser considerado um redator profissional contratado pela Suhrkamp, consciente das dimensões do campo, de suas trocas simbólicas e de um horizonte de expectativa no mercado. O redator assume que de início tinha pouca ideia da dimensão da literatura latino-americana, mas em pouco tempo tornou-se o redator alemão de Carlos Onetti, Vargas Llosa, Isabel Allende e João Ubaldo Ribeiro, entre outros, confirmando sua experiência e manejo como leitor e mediador de novos produtos da literatura contemporânea escrita em alemão. Redator pela editora Klett-Cotta, onde foi responsável pela assim chamada nova literatura alemã, Dormagen foi convidado diretamente por Unseld para assumir um programa de redação para a literatura espanhola, portuguesa e latino-americana e logo entendeu que o sucesso e a unidade de um programa só seriam possíveis em um trabalho conjunto, no qual redator e editor estivessem de acordo e pudessem continuamente encontrar um caminho para o acordo sobre a qualidade dos textos a editar.

Com a chegada de Dormagen na editora, pouco se recuperou no arquivo SUA sobre desavenças drásticas entre ele, o editor e Strausfeld, como as ocorridas no início do programa para a América Latina. Na verdade, com a contratação do novo redator, Unseld parece haver encontrado a união desejada em sua redação, que enfrentava agora problemas em outras instâncias. Se anteriormente, quando os redatores chamados aqui de versados entravam em desacordos com Strausfeld sobre a qualidade de uma obra ou outra, avaliada segundo distinções de critérios de valoração e gosto literário, por desconhecimento desta literatura, ou mesmo quando redatores qualificados e familiarizados com estes textos entravam em disputas territoriais com a *scout*, uma vez estabelecido a afinidade entre os agentes internos da editora, os problemas poderiam

370 "Ansonsten, na ja – ich hoffe, Sie haben doch noch Gelegenheit, über die konkreten Aspekte meiner Mitarbeit im LA-Lektorat mit Herrn Unseld zu sprechen. Das Wort 'Täuschung' passt darauf nun doch überhaupt nicht. Bis zuletzt habe ich wie ein gut bezahlter Assistent im Lektorat mitgearbeitet, Piper hin, Piper her" (Eitel, Wolfgang. Carta a Jürgen Dormagen, 19/10/1985, DLA, SUA:Suhrkamp).

371 Eitel, Wolfgang. Carta a Jürgen Dormagen, 13/11/1985, DLA, SUA:Suhrkamp.

finalmente recair no trabalho com o texto, principalmente, no trabalho com os manuscritos de tradução.

Para efeitos de análise, vale mencionar um exemplo dos trabalhos de Dormagen na redação de títulos brasileiros. Entre as dezenas de títulos pelos quais o redator foi responsável esteve, por exemplo, a redação de *Brasilien, Brasilien (Viva o Povo Brasileiro)*, 1984) de João Ubaldo Ribeiro, publicado em 1988 pela editora. A obra de João Ubaldo Ribeiro vinha sendo recomendada para o programa desde o ano de 1980. Em 6 de janeiro de 1986, no entanto, Strausfeld compartilha com Dormagen que Meyer-Clason considerava *Viva o povo brasileiro* uma “descoberta delirante”.³⁷² O tradutor já havia se encarregado de traduzir *Sargento Getúlio*, que foi redigido por Ulli Langenbrinck, e agora havia sido cogitado para o próximo livro do autor baiano. Até meados dos anos 1980, Curt Meyer-Clason era um dos tradutores mais reconhecidos e aclamados do campo, principalmente pela sua eficiência e conhecimento de caso. Mas, como apontei acima, já com a tradução de *Macunaíma* o trabalho do tradutor de Rosa começava a passar por uma reavaliação.

Em 28 de agosto do mesmo ano, Dormagen confessa ter começado a ler a difícil tradução de Meyer-Clason e ter se espantado negativamente pela qualidade do texto. É possível imaginar que tenha sido a primeira vez que um manuscrito de Meyer-Clason foi tão criticado a ponto de o redator colocar em questão os próprios limites do trabalho exigido pela redação. Dormagen, inicia sua carta ao tradutor com uma acusação fatal a qualquer tradutor literário, afirmando que, após cotejar o manuscrito com o texto de saída, sua tradução não só corresponde a um encargo de difícil superação para o leitor, mas que, além disso, dificulta o acesso à obra do autor:

aus Portugal zurück, habe ich mich mit frischer Kraft und frischem Elan an Ihre Übersetzung von “Viva o povo brasileiro” gemacht, da ich mich auf dieses Buch besonders freue. Bald aber stockte ich und verstand nichts mehr. Zunächst dachte ich, es liege vielleicht am Roman selbst und ich müsse nur noch etwas weiterlesen. Dann aber merkte ich, als ich immer genauer mit dem Original verglich, daß der Zustand der Übersetzung, so wie ich sie erhalten habe, den Zugang zu dem Roman erheblich erschwert.³⁷³

Também inédito neste episódio é o fato de o principal redator do programa ter podido cotejar o original em português. Até então, não há registros no arquivo SUA sobre esta possibilidade por parte dos redatores. Quase sempre o manuscrito também era enviado para cotejo a Michi Strausfeld (que frequentemente cobrava este trabalho dos redatores) ou então a Wolfgang Eitel que, como vimos anteriormente com a edição de *Macunaíma* em 1982, deixou, entretanto, passar um conjunto de problemas e falhas de tradução de Meyer-Clason. Dormagen foi neste sentido o primeiro redator que se impunha no programa de forma competente e confiável na redação do texto traduzido, garantindo a qualidade da edição desejada pelo editor. O que pode parecer aqui uma obviedade sobre o esperado do trabalho do redator, é na verdade, uma lacuna comum

372 “Zu unseren Projekten: João Ubaldo Ribeiro: Viva o povo brasileiro. Er (M-C) findet den Autor eine ‘wahnsinnige Entdeckung’, großartig usw” (Strausfeld, Michi. Carta a Jürgen Dormagen, 06/01/1986, DLA, SUA:Suhkamp).

373 Dormagen, Jürgen. Carta a Curt Meyer-Clason, 28/08/1986, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

nas redações literárias ocupadas neste momento com a literatura brasileira. E, como o caso de Dormagen demonstra, esta lacuna só foi preenchida em parte durante o contexto de profissionalização do redator. Dormagen, portanto, estava consciente dos limites de seu trabalho e continua a carta ao tradutor, afirmando que o manuscrito em um estado impossível de redação, o que implicaria somente em custos desnecessários à editora:

Ich vermute, daß es auf ein Versehen oder auf die Ungeduld, diesen schönen großen Roman recht bald auf Deutsch erscheinen zu sehen, zurückzuführen ist, daß ich das Manuskript der Übersetzung in nicht überarbeitetem Zustand in die Hände bekommen habe. Ich kann mir einfach nicht vorstellen, daß ein Buch, das Sie selbst so lieben und auf dessen Bedeutung Sie selbst hingewiesen haben, von Ihnen mit einer Übersetzung vorgestellt werden soll, die nicht Ihr ganzes Können zeigt. Und der Verlag kann es sich nicht leisten, dieses große Buch, dessen Einkauf und dessen Übersetzung recht erhebliche Summen gekostet haben (und dessen materielle Produktion auch einiges kosten wird), in einem Zustand zu veröffentlichen, der nicht das allerbeste und allersorgfältigste Entree wäre.³⁷⁴

Como indica a carta de Dormagen, a publicação do romance de *Viva o povo brasileiro* estava sendo planejada para o verão europeu de 1987.³⁷⁵ Vale lembrar que a primeira versão do manuscrito da tradução de *Sargento Getúlio*, publicado em 1984, havia sido entregue à redação em maio de 1983 e que em agosto do mesmo ano uma carta de Langenbrinck atesta ainda haver trabalho de redação por fazer, sobre o qual pouco se pode reconstruir a partir das cartas da redação:

Curt Meyer-Clason hat die Übersetzung von Joao Ubaldo Ribeiro/ Sargento Getúlio (es/ NF) fertiggestellt, die scheint mir insgesamt sehr gut zu sein. Der Text ist im Original sprachlich sehr schwierig, vermischt die verschiedensten Sprachebenen wie Slang, Hochsprache, regionale Dialekte usw. und enthält zahllose Neologismen. Um eine optimale Redaktion zu gewährleisten, würde ich gern den von mir redigierten Text mit Meyer-Clason durchgehen.³⁷⁶

Com o *Viva o povo brasileiro*, o tradutor parecia esperar o mesmo. Meyer-Clason enviou o manuscrito da tradução em fevereiro de 1986 diretamente a Dormagen, esclarecendo as particularidades literárias da linguagem de Ribeiro, e menciona, de modo otimista, supostas correções a serem feitas diretamente sobre as provas. Comparando as respectivas cartas que acompanham cada manuscrito, fica claro que a preocupação do tradutor com a linguagem de Ribeiro está mais acentuada em relação à *Viva* do que a *Sargento* e que o trato de Meyer-Clason com os dois redatores é bastante distinto. Mes-

374 Dormagen, Jürgen. Carta a Curt Meyer-Clason, 28/08/1986, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

375 "In keinem Fall kann das Buch im nächsten Sommer erscheinen, wie wir gehofft hatten. Bei einem Roman, der von uns (wie von der Kritik) als der bedeutendste brasilianische (vielleicht sogar latein-amerikanische) der letzten Jahre angesehen wird, darf aber der zeitliche Erwartungsdruck nicht die erste Rolle spielen" (Dormagen, Jürgen. Carta a Curt Meyer-Clason, 28/08/1986, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason).

376 Langenbrinck, Ulli. Nota a Siegfried Unseld, 01/08/1983, DLA, SUA:Suhrkamp.

mo sabendo que *Viva o povo brasileiro* é uma obra de muito mais fôlego, experimentação e ambição literária do que *Sargento Getúlio*, Meyer-Clason dá muito mais pistas sobre a obra do autor à Langenbrinck do que a Dormagen. À Langenbrinck, por exemplo, além do alerta sobre as particularidades de um narrador feito de uma montagem de registros e variedades linguísticas do Brasil, ele sugere-lhe cordialmente um encontro pessoal e a consulta sobre a necessidade de um possível glossário ou um posfácio para o livro:

Vielleicht sprechen wir miteinander, wenn Sie den Text gelesen haben. Vielleicht sollte ich auch, was mit jetzt einfällt, das Nachwort noch ergänzen, um diese Frage der "Montage" zwischen regional, halbalphabetisch zu klären – "ele certamente seria semi-analfabeto, capaz de ler coisas simples e de desenhar o nome numa folha de papel, escrever um bilhete simples e com erros de grafia, etc." (Briefzitat). Noch besser, Sie kämen hierher – une chambre d'ami(e) vous attend –, um das schwierige Skriptum zusammen durchzugehen. Ich sende auf jeden Fall meinen Kommentar mit, und wenn Sie meinen, daß er mit Anmerkungen des Autors, sei es im Nachwort, sei es im Glossar, zu ergänzen sei, so sagen Sie es mir bitte.³⁷⁷

A posição distinta do tradutor frente a Dormagen ajuda, no entanto, a desenhar a imagem do redator no programa. Em sua carta, Meyer-Clason apresenta um tom muito mais seguro de seu trabalho como tradutor de João Ubaldo Ribeiro do que diante de Langenbrinck. Enquanto na carta a Langenbrinck o tradutor pratica uma espécie de humildade cordial, frente a Dormagen, o modo como insere comentários sobre a linguagem do autor é mais distanciada, professoral, maneirista, como se quisesse imputar a estranheza do seu manuscrito ao texto original através de vaguidões como "brasileiro-sintético" ou "cordenada latino-americanamente":

JUR's Satzbau ist bald kartesisch, analytisch, bald brasilianisch-synthetisch, einmal europäisch subordiniert, proustisch verschachtelt, dann wieder lateinamerikanisch koordiniert, fließend, vorwärtstreibend, nie einheitlich, nie eintönig, immer abwechslungsreich und neu. Diesen Tonfall galt es nachzuschöpfen, nicht einzuebnen auf ein BRD Medienidiom. Unnütz zu sagen, daß in einer solchen Sprache – konkret, pflanzlich, lateinamerikanisch, weitgehend vorindustriell – jedes von unserem "Feuilletonzeitalter" (Hermann Hesse) gehätschelte Fremdwort ein Fremdkörper ist. Ich habe mich bemüht, solche tunlichst zu vermeiden. Vielleicht kann ich die restlichen bei der Lektüre der Fahnen noch ausmerzen.³⁷⁸

O caso ilustra também a dinâmica entre os agentes envolvidos no programa neste contexto. Dormagen revela ainda em sua carta a falta de pessoal e capacidade disponíveis no programa da editora para a redação massiva, beirando a reescritura, de texto tão complicado e longo: "para revisar as 903 páginas da tradução não revisada aqui no escritório de redação – este trabalho, que vai além de toda a redação normal, levaria

377 Meyer-Clason, Curt. Carta a Ulli Langenbrinck, 21/05/1983, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

378 Meyer-Clason, Curt. Carta a Jürgen Dormagen, 24/02/1986, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

meses e meses. Isto eu não posso suportar, isto a editora não pode suportar”.³⁷⁹ Além de Dormagen, havia Michi Strausfeld que eventualmente redigia traduções da editora, como foi o caso da edição de poemas de *Erziehung duch Stein*, João Cabral de Melo Neto, publicado em 1989. No entanto, tratava-se mais de um trabalho de cotejo apurado com o original do que a redação de um texto legível em alemão. Este cotejo era o que parecia preocupar Dormagen. Além de não haver o tempo e a capacidade para fazer uma revisão e o cotejo de todo o manuscrito com o original, faltava-lhe àquela altura o conhecimento da literatura e da linguagem de Ribeiro, capazes de tornar o texto em alemão um texto legível:

Ich habe die ersten Seiten Ihrer Übersetzung bis zur ersten Zäsur auf S. 9 durchgesehen. Meine Bleistiftanmerkungen verstehen sich nicht als gültige Lektoratskorrekturen, sondern als Vorschläge bei erster Durchsicht. Auf Rat von Herrn Dr. Unselde schicke ich sie Ihnen zu, in der Hoffnung, daß Sie selbst einen Vorschlag machen, wie dieses große Buch auch im Deutschen zu seiner gültigen Version findet.³⁸⁰

Como uma das respostas às críticas de Dormagen, Meyer-Clason resigna-se a informar ao redator, em 11 de outubro de 1986, que está trabalhando no texto de Ribeiro com ajuda de um conhecedor da literatura e cultura brasileiras, Wolfgang Eitel:

Zu Joao Ubaldo Ribeiro. Als Hilfe für die Durchsicht habe ich einen Kenner des Landes, der Leute, der Literatur gewonnen: Wolfgang Eitel. Ich werde Ihnen das MS vermutlich bis Ende Januar schicken können. Auch in Raten, sofern Sie das wünschen.³⁸¹

Como se lê nas palavras de Meyer-Clason e como já demonstrado, Wolfgang Eitel era um ator relevante em um campo deficitário de redatores e tradutores para a literatura brasileira. A proximidade entre o tradutor e Eitel causa novamente grande atrito, no entanto, com a redação da Suhrkamp. Apenas cinco dias depois, informada do assunto Michi Strausfeld escreve a Dormagen sobre o gesto de Meyer-Clason em buscar auxílio com Eitel, reprimindo gravemente a atitude do tradutor.³⁸² O que incomoda a *scout* é principalmente a possibilidade de ver Eitel atuando novamente dentro o programa com um dos títulos que toda a redação considerava como a maior descoberta ou revelação latino-americana dos últimos dez anos. Sem mais protestos, uma segunda versão do manuscrito chega à redação do programa e Dormagen ainda aponta irregularidades e problemas sérios no texto de Meyer-Clason e Eitel e o devolve ao tradutor com mais correções, sugestões e comentários. O caso chega a Unselde por um comunicado em dezembro de 1987, no qual o redator Dormagen esclarece o fato de Meyer-

379 “Die 903 Seiten der nichtüberarbeiteten Übersetzung hier im Lektorat zu überarbeiten – diese über alles normale Lektorieren hinausgehende Arbeit würde Monate und Monate dauern. Dies kann ich mir, dies kann sich der Verlag nicht leisten” (Dormagen, Jürgen. Carta a Curt Meyer-Clason, 28/08/1986, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason).

380 Dormagen, Jürgen. Carta a Curt Meyer-Clason, 28/08/1986, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

381 Meyer-Clason, Curt. Carta a Jürgen Dormagen. 11/10/1986, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

382 Cf. Strausfeld, Michi. Carta a Jürgen Dormagen, 16/10/1986, DLA, SUA:Suhrkamp.

Clason, ao ter recebido as últimas correções da redação, ter repassado o manuscrito novamente a Wolfgang Eitel:

Herrn Meyer-Clason habe ich geschrieben, mit Bestimmtheit und versöhnlich ausgestreckter Hand. Ich habe ihm dabei auch, wahrheitsgemäß, geschrieben, daß die Korrekturen, die Herr Eitel auf Meyer-Clasons Veranlassung in dem Manuskript vorgenommen hat, völlig unzureichend sind.

Herr Eitel stellt die Sache in seinem Brief auf den Kopf, wenn er vorwurfsvoll von Zeitdruck schreibt. Die vollständig missglückte Übersetzung hatte ich Meyer-Clason zurückgeschickt, damit der sie gründlich überarbeitete. Stattdessen hat er das Manuskript eilig an Herrn Eitel weitergegeben, und der hat nächtlich bei badischem Wein – der ihm gegönnt sei! – einige wenige Korrekturen vorgenommen.³⁸³

Indignado com a recusa do tradutor em trabalhar em conjunto com a redação da editora, Dormagen anexa ao comunicado algumas páginas do manuscrito a Unseld, demonstrando seu engajamento na redação do manuscrito de um romance que também considera de alta qualidade literária: “estava planejando mostrar para vocês algumas páginas de amostra do meu trabalho no manuscrito de qualquer maneira, pois gostaria de falar com vocês sobre o cronograma de planejamento deste romance, que é grande em todos os aspectos”.³⁸⁴ A indisposição de Meyer-Clason pelo trabalho conjunto com Dormagen neste caso específico se perde nos documentos do arquivo SUA. Em outro ponto da correspondência entre redator e tradutor, no entanto, Meyer-Clason resume a relação que sempre estabeleceu durante trinta anos com redatores da Suhrkamp. Em carta sem data exata – mas em pasta referente ao ano de 1986 – o tradutor avisa Dormagen em *Post Scriptum* o envio do anexo do manuscrito da tradução de *Água Viva* (1973) de Clarice Lispector, *Lebendes Wasser*. Como veremos adiante, trata-se de outro manuscrito problemático de Meyer-Clason. O seu pequeno comentário, relacionado ou não com o manuscrito, é uma espécie de arrazoado sobre a confiança que a editora depositou nesses anos no trabalho do tradutor:

P.S. Anbei LEBENDES WASSER, das Frau Scherzer mir freundlicherweise auf meinen Wunsch zusandte. In den dreissig Jahren meiner Übersetzertätigkeit mit etwa zwanzig Verlagen war ich dem jeweiligen Lektor gegenüber, einschliesslich Ihren Vorgängern seit Walter Boehlich, immer der einzig Verantwortliche, nicht nur Kraft des Kontraktes, sondern auch dank des freundschaftlichen Verhältnisses zwischen Lektor und Übersetzer. Ich schlage vor, daß wir diese fruchtbare Vereinbarung für die Dauer unserer Zusammenarbeit beibehalten. Sehr herzlich, Ihr.³⁸⁵

Não somente o tradutor evoca os louros da experiência e do reconhecimento, mas novamente, como já havia aparecido na carta protesto de Strausfeld, a categoria social

383 Dormagen, Jürgen. Comunicado a Siegfried Unseld, 15/12/1987, DLA, SUA: Suhrkamp.

384 “Ich hatte ohnehin vor, Ihnen einige Probeseiten meiner Arbeit an dem Manuskript zu zeigen, da ich mit Ihnen über die zeitliche Planung für diesen in jeder Hinsicht großen Roman sprechen möchte” (Dormagen, Jürgen. Comunicado a Siegfried Unseld, 15/12/1987, DLA, SUA: Suhrkamp).

385 Meyer-Clason, Curt: Carta a Jürgen Dormagen, sem data, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

de amizade, retorna³⁸⁶ como pressuposto de afinidade entre os pares e, logo, como garantia para o sucesso do trabalho em conjunto, sem que em qualquer momento se considere questões de qualidade, competência ou afinidade sobre perspectivas ou concepções de literatura. Não interessa agora especular as diferentes concepções de literatura entre o tradutor e Dormagen. No entanto, não se pode menosprezar a proximidade, já mencionada anteriormente, de Eitel com a *intelligenza* brasileira, com a qual Meyer-Clason estava em constante intercâmbio e em cujos salões o tradutor era figura bem-vinda. Em contraste, Jürgen Dormagen estava completamente focado no campo literário de chegada destes títulos, dentro da RFA. Campo no qual, Dormagen tem hoje a mesma importância de redatores reconhecidos como Fellingner, Loerke, Boehlich e Borchers.

Tal engajamento e a dedicação do trabalho de Dormagen pode ser também considerado como empecilho na relação entre a redação e o tradutor.³⁸⁷ Além do caso Loetscher, as críticas a redação da Suhrkamp como também as críticas às traduções de Meyer-Clason não chegaram ao ponto de abalar o tradutor e a sua relação com a editora. No entanto, como se lê nas cartas de Dormagen, o redator não estava interessado em ser apenas um mediador, mas em redigir obras que considerava de alta qualidade literária, dentro dos critérios da Suhrkamp. A dedicação do redator, expressa nas anotações deixadas ao editor Unseld, não representa apenas o trabalho de um porta-voz, mas a um trabalho de um mediador engajado na tradução e circulação do valor simbólico e estético dos produtos editados. A partir do dia 14 de janeiro de 1988, as cartas sobre o problema se avolumam. Duas anotações, datadas em janeiro de 1988, sobre *Viva o povo brasileiro* são capazes de fornecer a dimensão desta dedicação do redator. Na anotação que considero ser a primeira das duas,³⁸⁸ o redator expressa abertamente a importância deste título dentro da sua concepção de literatura:

386 Em carta anterior a Dormagen, quando recebe as primeiras correções do redator, Meyer-Clason volta a mencionar a importância das afinidades do trabalho em conjunto: “Viva o Povo...” Ich danke Ihnen sehr für Ihre Vermittlung und bedaure, Sie mit solchen Vermittlungen belastet zu fühlen. Wenn es Ihnen recht ist, würde ich gerne derartige Fragen direkt erledigen. Mir ist unsere ungetrübte Zusammenarbeit in Sympathie und Freundschaft ebenso wichtig wie meine Arbeit, und das heißt: mein Leben” (Meyer-Clason, Curt. Carta a Jürgen Dormagen, 29/04/1986, DLA, SUA:Suhrkamp).

387 Em 1989, o desentendimento entre os dois chega a um limite que leva Dormagen a escrever ao tradutor sobre boatos que chegaram a ele por terceiros. Nesta carta o redator menciona a decepção de Meyer-Clason com a decisão tomada sobre a sua tradução de Ubaldo Ribeiro: “Schon seit längerem – das will ich nicht übergehen – ist mir ans Ohr gedungen, was Sie öffentlich über den Suhrkamp Verlag und sein Lateinamerikalektorat sagten, und unters Auge gekommen, was Sie an Autoren, die einst zwischen uns im Gespräch waren, für andere Verlage angegangen sind. Ich möchte nicht empfindlich sein oder meine (unsere) Empfindlichkeit nach außen kehren, da ich mir Ihre Enttäuschung darüber vorstellen kann, daß es nach dem Mißglücken Ihrer Ribeiro-Übersetzung zu keinem weiteren Übersetzervertrag mit uns gekommen ist. Uns blieb – wie Sie in stillen Stunden selbst sagen werden – keine andere Wahl, und so bitte ich Sie, daß wir wie Gentlemen miteinander umgehen und den Respekt einander nicht versagen. Für Ihre weitere Arbeit wünsche ich Ihnen jedenfalls Glück” (Dormagen, Jürgen. Carta a Curt Meyer-Clason, 11/07/1989, DLA, SUA:Suhrkamp).

388 Este comunicado a Unseld é bastante extenso e apresenta o problema, anexando outro comunicado de 16 de setembro de 1987, no qual o redator descreve o caso desde a entrega do manuscrito por Meyer-Clason, em 1986. Tudo indica que o problema se arrastava longamente dentro da redação e que Unseld não pôde lidar com ele até então.

Dieser Roman ist – wenn kein Jahrhundertroman, darüber soll die Nachwelt entscheiden, so doch: – ein Jahrzehntroman. Seine erzählerische und emotionale Kraft ist so groß, daß sich in meinen Augen eine Anstrengung wie für einen der großen Romane von G. García Márquez lohnt.³⁸⁹

O romance da década, senão do século, comparado ao melhor de Márquez, exigia esforços de transposição do título de Ribeiro que, segundo Dormagen, não se encontrava no manuscrito entregue por Meyer-Clason, mais próximo ao que se poderia chamar aqui de recriação muitas vezes livre, outras equivocadas do romance:

Die Übersetzung der 903 Seiten ist gründlich daneben gegangen. Es geht bei weitem nicht nur darum, die Übersetzung philologisch und landeskundlich zu korrigieren und stilistisch etwas zu überarbeiten. Es geht um eine sprachschöpferische Neufassung auf Grund der Meyer-Clasonschen Übersetzung. Kasten Garscha, z. b., ist dazu meiner Ansicht nach nicht imstande. Auch alle anderen Möglichkeiten wurden im vorigen Jahr durchgespielt.³⁹⁰

A necessidade de reescrita que o redator chama aqui de “Neufassung”, refere-se ao que Loetscher já havia mencionado em sua crítica à tradução de *Macunaíma*, assim como à aventureira fantasia do tradutor mencionada por Dessauer, isto é, à liberdade que o tradutor se dava para recriar o original à sua maneira, cometendo desta maneira verdadeiros desvios do original. Como veremos a seguir, Meyer-Clason tinha uma concepção de tradução que feria, para muitos, alguns limites da autoria no processo tradutório. Antes disso, no entanto, o alerta de Dormagen pode ser desdobrada em um problema que interessa no desenho de seu perfil, a saber, a extrapolação por parte do redator de sua tarefa de conferir legibilidade a manuscritos, ao assistir o trabalho feito pelo tradutor. A extrapolação ocorre desde que haja um desacordo sobre a legibilidade deste manuscrito, e o redator se vê impossibilitado, em seu papel como ponto, ou *souffleur*, de soprar o texto legível no ouvido do tradutor. Neste caso, o redator partilha ou até pode tomar o lugar do tradutor. A crítica que faz Dormagen ao conceito e prática de tradução de Meyer-Clason, por exemplo, é baseada na leitura do redator da tradução em inglês do próprio Ribeiro e, a partir daí, no convencimento de sua parte de ele ter sido capaz de entrar na estrutura interna do romance. Daí Dormagen não crer ser possível publicar a tradução de Meyer-Clason. A única possibilidade para publicar este manuscrito seria sua reescritura completa, o que descaracterizaria a tradução de Meyer-Clason e faria do redator o co-tradutor de *Brasilien, Brasilien*. Justamente esta possibilidade desloca as tarefas do redator de um nível de preparação de texto para a publicação à dimensão da reescritura e inclusive tradução do manuscrito:

Da ich glaube, den Geist und die Machart dieses Romans von innen zu verstehen, und da der Autor selbst eine ganz grossartige Übersetzung ins Englische gemacht hat, die mir im Manuskript vorliegt, würde ich mir (keineswegs übermütig) diese Neufassung zutrauen. In jedem Fall brauche ich dazu sehr viel Zeit – soviel wie es bei diesem Roman mit seiner reichen, spielerischen, warmherzig-ironischen Sprache und seinen lan-

389 Dormagen, Jürgen. Nota a Siegfried Unseld, 14/01/1988, DLA, SUA:Suhrkamp.

390 Dormagen, Jürgen. Nota a Siegfried Unseld, 14/01/1988, DLA, SUA:Suhrkamp.

gen, verschlungenen Satzperioden eben braucht. Da es in keinem Fall mehr einfach die Übersetzung von Curt Meyer-Clason ist, müsste man einen Zusatz auf der Titelseite vereinbaren.³⁹¹

Na intersecção entre redator e tradutor, Dormagen, toma e tem a permissão de Unseld para fazer o trabalho de reescrita da tradução e, como sugere, assina a tradução que até hoje leva o seu pseudônimo: Jacob Deutsch. Seja Jürgen Dormagen ou Jacob Deutsch, o caso dá uma dimensão da dedicação do redator com a transformação de um manuscrito em um texto legível, assim como uma ideia de sua concepção sobre o trabalho de um redator literário. Na segunda nota escrita a Unseld, esta dedicação surge ainda com mais contundência, pois nela une-se como em uma equação o esforço necessário para o sucesso do livro, segundo o redator, para lá dos limites normais da atuação esperada pela redação de um manuscrito:

Meine Überlegungen kann ich in einem Satz zusammenfassen: Ich glaube, daß wir diesen großen Roman nur durch eine außerordentliche Anstrengung zu dem Erfolg machen können, den ich dem Buch zutraue: gleichgültig, zu welchem Zeitpunkt: dies Buch ist mit normaler Lektorstätigkeit nicht durchzukriegen.³⁹²

À pergunta sobre os passos necessários para que o manuscrito de Meyer-Clason se torne legível de acordo com os critérios da editora, Dormagen apresenta enfim uma lista detalhada que se encerra com a sugestão de enviar uma carta ao tradutor informando-o sobre o trabalho frase a frase de redação do manuscrito e sobre a necessidade de, para fazer jus a esse trabalho extra do redator, incluí-lo como co-tradutor da obra de Ribeiro.³⁹³ Em resumo, o exemplo do trabalho extrapolado do redator ilustra os limites do ofício do redator e do tradutor no trabalho com a edição de um texto literário, recuperável somente através da análise dos documentos preservados no arquivo da editora.

Também é apenas através da pesquisa em arquivos que se descobre o papel crucial de Wolfgang Eitel na tradução deste romance de João Ubaldo Ribeiro. Em uma troca de cartas no final de 1986, lê-se que Eitel e Meyer-Clason trabalham juntos no manuscrito de *Brasilien, Brasilien*. No final de setembro daquele ano Eitel confessa ter redigido 900 páginas da tradução de Meyer-Clason, e faz uma oferta e condições de um honorário ao tradutor para poder finalizar o seu trabalho até janeiro de 1987.³⁹⁴ A resposta positiva é redigida no dia seguinte. Meyer-Clason não só aceita a oferta e condições como justifica a necessidade do apoio de Eitel: “no momento, meu olhar está turvado, fiquei cego para o serviço, temporariamente, a redação do senhor faz muito sentido e está bastante uniforme”.³⁹⁵ A intenção do tradutor é inicialmente a de não

391 Dormagen, Jürgen. Nota a Siegfried Unseld, 14/01/1988, DLA, SUA:Suhrkamp.

392 Dormagen, Jürgen. Nota a Siegfried Unseld, 14/01/1988, DLA, SUA:Suhrkamp.

393 “Brief an Meyer-Clason: daß dies außerordentliche Buch in einer außerordentlichen Anstrengung zu dem verdienten Erfolg gemacht werden soll; daß seine Übersetzung Satz für Satz so stark überarbeitet werden muß, daß ein zweiter Name in den Titel gehört” (Dormagen, Jürgen. Carta a Siegfried Unseld, 14/01/1988, DLA, SUA:Suhrkamp).

394 Eitel, Wolfgang. Carta a Curt Meyer-Clason, 30/9/1986, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

395 Meyer-Clason, Curt. Carta a Wolfgang Eitel, 1/10/1986, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

mentonar o trabalho do redator externo, mas Eitel sugere em carta de início de outubro, que esconder o seu trabalho levantaria suspeitas desnecessárias, já que Dormagen conheceria sua caligrafia na correção dos manuscritos.³⁹⁶

O manuscrito da tradução redigido é enviado a Dormagen no outono de 1987. Em 2 de dezembro do mesmo ano, o redator escreve longa carta ao tradutor comentando o resultado do trabalho em conjunto com Wolfgang Eitel. Na carta, Dormagen reconhece a complexidade do romance de Ubaldo Ribeiro e o trabalho extraordinário que ela exige do tradutor. No entanto, apesar de também assumir que Eitel tenha melhorado o manuscrito, o resultado apresentado parece estar longe do esperado por Dormagen, que julga ainda ser necessário cotejar o manuscrito frase a frase com o original,³⁹⁷ assim como o esperado por Unseld. O problema da qualidade da tradução leva o editor a entrar em contato com o tradutor em janeiro de 1988. Sua carta é reveladora tanto da gravidade do problema com o manuscrito quanto do trabalho esperado pelo redator. Assim como Dormagen, para Unseld um romance extraordinário necessita de uma tradução extraordinária, o que segundo ele estaria longe do resultado apresentado. Para reparar o problema, o editor chega a mencionar que entrou em contato com outros tradutores, que ou declinaram a oferta de revisar a tradução de Meyer-Clason, ou exigiram honorários impagáveis. Devido a presença confirmada de Ubaldo Ribeiro na segunda edição do festival “Internationale Literaturtage” (INTERLIT) em setembro daquele ano, seria preciso encontrar uma solução para a publicação do romance. Unseld afasta Dormagen por dois meses da redação, para que ele possa se dedicar exclusivamente à revisão, e ainda seja possível que uma especialista possa ler o resultado deste trabalho em conjunto.³⁹⁸

Não que o trabalho em conjunto em uma tradução seja incomum. Anneliese Bontond e Curt Meyer-Clason, por exemplo, traduziram juntos o difícil *Paradiso* de Lezama Lima. Mas ambos são tradutores, e o manuscrito do trabalho em conjunto não pode ser considerado sem o trabalho do redator responsável pelo título. Separar o trabalho textual do redator de seu trabalho como produtor pode ser em muitos momentos uma tarefa difícil. Dormagen, como um bom redator profissional, é também um estilista e produtor de um texto legível e vendável. Vale lembrar que pelas mãos de Dormagen passaram autores que acabaram tornando-se *best sellers* da Suhrkamp, impulsionando seu programa latino-americano economicamente. Além de Vargas Llosa, é conhecido o sucesso da chilena Isabel Allende nos anos 1980. Publicada pela primeira vez em 1984, a obra de Allende teve uma importância de manutenção econômica do programa, mas também criou na redação um espírito de busca pelo próximo sucesso de vendas, que coincidiu com a entrada de Dormagen na editora. Para Dormagen, *Brasilien, Brasilien*,

396 Eitel, Wolfgang. Carta a Curt Meyer-Clason, 7/10/1986, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

397 “Eines muss ich jetzt schon, ganz in Ruhe und ohne alle Schärfe, sagen. Herr Dr. Eitel hat zweifellos auf jeder Seite etliches wirklich verbessert. Aber dass damit vom Wortsinn her oder gar im Stilistischen die Sache so wäre, dass ich normal lektorieren könnte, das ist leider keineswegs der Fall. Ich kann es Herrn Eitel nicht einmal verdenken, dass noch soviel zu tun übrigbleibt, denn hier heißt es Satz für Satz mit dem Original vergleichen und wortschöpferisch sein, und das kostet Zeit” (Dormagen, Jürgen. Carta a Curt Meyer-Clason, 2/12/1987, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason).

398 Unseld, Siegfried. Carta a Curt Meyer-Clason, 25/1/1988, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

tinha também um potencial de ser lido por um vasto público na RFA: “mais uma vez, confio que este romance por causa de sua trama e emocionalidade terá um público muito amplo”.³⁹⁹ Essa crença do redator já podia ser lida na primeira carta de 14 de janeiro de 1988 a Unseld, quando se dirige ao editor com sugestões de uma alta tiragem para *Brasilien, Brasilien*:

Als Lektor soll man sich zurückhalten mit Zahlen und Absatzspekulationen. In diesem Fall wage ich aber zu sagen, daß, wenn alle Vorraussetzungen stimmen (sehr gute Übersetzung, Vorlauf, Leseexemplar), 60.000 Exemplare zu verkaufen sein sollten.⁴⁰⁰

Para se ter uma noção da sugestão do redator, *Macunaíma*, de 1982, teve uma tiragem inicial de 2.000 exemplares, seguindo uma regra para títulos brasileiros⁴⁰¹ na série de bolso da editora com tiragem de 2.000 a 2.500, enquanto que a primeira edição de *Brasilien, Brasilien* teve uma tiragem de 7.000 exemplares e se esgotou no mesmo ano. Mais 6.000 exemplares foram impressos na segunda edição e, em 1991, a tiragem é dobrada para 12.000 exemplares dentro da série *suhrkamp taschenbuch*. Até mesmo o sucesso de vendas *Casa dos Espíritos* (*Das Geisterhaus*, 1984) de Allende, apesar de ter chegado impressionantemente a uma tiragem de 30.000 em sua segunda edição, havia sido publicado primeiramente em uma tiragem de 3.000 exemplares. E mesmo reconhecendo que não cabe ao redator opinar sobre questões de tiragem, o investimento de Dormagen aqui não pode ser menosprezado. Trata-se, de fato, de um novo momento do programa não somente pelo sucesso de alguns títulos que se tornaram *best sellers*, mas também para alteração dos agentes internos na editora, afinados com os princípios econômicos e simbólicos da empresa Suhrkamp.

Também não se pode ignorar a importância da permanência tão longa e fértil de um redator na editora, que como vimos anteriormente passava por alterações contínuas em sua redação. Dormagen foi o mais versátil dos redatores da editora e o que se comprometeu com a redação da literatura da América Latina por mais tempo. Além de aceitar a oferta de Unseld para trabalhar com uma literatura que pouco conhecia, ele era responsável não somente pelas literaturas latino-americanas, mas pelas literaturas em língua italiana, inglesa e também atuava na série *Bibliothek Suhrkamp*. Ao elaborar o contrato do novo redator, Unseld escreve um comunicado a Marré explicitando as atividades e responsabilidades de Dormagen na redação:

Wir sollten den Aufgabenbereich spezifizieren: innerhalb des Lektorats Suhrkamp/ Insel wird Herr Dormagen die Literatur aus dem Spanischen, Portugiesischen, Italienischen und Englischen Bereich betreuen, ferner übernimmt er – gemeinsam mit einem Lektoratassistenten – die Redaktion der Bibliothek Suhrkamp.⁴⁰²

399 “Noch einmal: ich traue diesem Roman auf Grund seiner Handlung und seiner Emotionalität ein sehr breites Publikum zu” (Dormagen, Jürgen. Nota a Siegfried Unseld, Gottfried Honnefelder e Claus Carlé, 15/06/1988, DLA, SUA:Suhrkamp).

400 Dormagen, Jürgen. Nota a Siegfried Unseld, 14/01/1988, DLA, SUA:Suhrkamp.

401 Exceções, como comentarei no próximo subcapítulo, são *Die Guerrilleros sind müde*, (1982, st 737) de Fernando Gabeira, *Karges Leben* (1981, st 667) de Graciliano Ramos, e *Maíra* (1982, st 809), de Darcy Ribeiro. Todos com tiragem igual ou acima dos 6.000 exemplares.

402 Unseld, Siegfried. Carta a Heribert Marré, 24/04/1984, DLA, SUA:Suhrkamp.

Como se nota, Unseld distingue as atividades de seu novo leitor por áreas linguísticas ou campos literários. Vale lembrar que a editora Suhrkamp se ocupava com a literatura do presente, mas em muitos casos, principalmente no caso de literaturas ainda desconhecidas ou pouco conhecidas pelo leitor alemão, ocupou-se também com títulos clássicos da modernidade. Como vimos anteriormente no caso dos outros redatores, não se tratava de tarefa fácil. Vindo de uma editora tradicional como a Klett-Cotta, onde ocupava-se exclusivamente com a redação de literatura alemã, Dormagen reconhecia os desafios e dificuldades da empresa e assume ao início ter refletido suficientemente antes de aceitar o convite de Unseld. Em 29 de março de 1984, depois de um encontro pessoal em Frankfurt, o redator escreve a Unseld aceitando o convite para lidar com o novo,⁴⁰³ assim que terminar suas pendências com a Klett-Cotta.

Terminar os compromissos com a casa anterior era para o redator criar uma cesura necessária entre um trabalho e outro. Dormagen menciona esta clara cesura entre o antigo e novo trabalho justamente por estar a entrar em uma editora com um perfil distinto e dentro de uma redação de literaturas, com as quais ainda não havia propriamente se ocupado. Apesar do abrangente campo de atuação mencionado por Unseld a Marré com respeito ao seu novo redator, Dormagen assumiu a tarefa em longa e reveladora carta ao editor, na qual compromete-se com o desafio de atuar em terreno ainda desconhecido, desde que pudesse para isso realizar uma imersão preambular na matéria com a qual vai lidar na Suhrkamp. A sugerida imersão nas línguas e literaturas de seu novo ofício consistia em uma viagem a Espanha, naquele momento capital da literatura latino-americana na Europa.⁴⁰⁴

A sugestão de viagem a Madrid, seguida de uma estadia em Barcelona por ocasião da feira do livro, Liber 84, pode ser interpretada neste caso como uma viagem de formação, envolvida na preparação para a entrada do redator no programa. A editora aceita a sugestão de Dormagen, cobrindo todos os custos de sua viagem à Espanha⁴⁰⁵ e, em contrapartida, Dormagen oferece seus serviços de redação antes mesmo de entrar definitivamente na editora, o que sugere uma determinada urgência por parte de Unseld para o programa latino-americano e também para a Bibliothek Suhrkamp, como o futuro redator alertou Strausfeld: “considerarei oferecer minha cooperação já de antemão, já que a Sra. Strausfeld me descreveu a extensão de todo o trabalho a fazer

403 “Sie haben ein Angebot gemacht, ich habe es bedacht, Sie haben es erläutert, ich habe es nochmals bedacht – und nehme an. Innerlich bin ich – wie ich merke – bereits auf das Neue gerichtet, möchte aber meine Klett-Cotta-Arbeit für den Herbst natürlich anständig zu Ende bringen, wofür ich Zeit bis zum Sommer brauche” (Dormagen, Jürgen. Carta a Siegfried Unseld, 29/03/1984, DLA, SUA:Suhrkamp).

404 “Bei Ihnen möchte ich mit freiem Kopf anfangen können und würde deswegen gern eine klare zeitliche Zäsur zwischen der alten und der neuen Arbeit machen. So möchte ich im September drei oder vier Wochen in Madrid sein, um zu lesen, zu sprechen, kennenzulernen, kurz: um mich noch einmal kräftig einfärben zu lassen. Halten Sie es für möglich, daß ich dies bereits als Ihr Lektor tue (wobei ich dann einzelnes schon lektorieren könnte), so sagen Sie es mir bitte. Notwendig erscheint mir jedenfalls ein solches nicht ferienhaftes und nicht alltagsarbeitssames Eintauchen in eine der Hauptsprachen und -literaturen meiner künftigen Arbeit” (Dormagen, Jürgen. Carta a Siegfried Unseld, 29/03/1984, DLA, SUA:Suhrkamp).

405 “Herr Jürgen Dormagen, Stuttgart, wird vom 26. bis 27.9. an der Buchmesse in Barcelona teilnehmen. Es ist mit Herrn Dormagen vereinbart, daß der Verlag die Reisekosten (Flug) Stuttgart–Barcelona–Stuttgart und zwei Tage Aufenthalt übernimmt” (Unseld, Siegfried. Nota sobre ajuda de custo em Barcelona, 17/08/1984, DLA, SUA:Suhrkamp).

e já que é claro para mim que a biblioteca não precisa de um situação provisória ou intermediária”.⁴⁰⁶

Além do programa latino-americano, assumir a Bibliothek Suhrkamp era uma alta responsabilidade e uma tarefa de peso mesmo para um redator experiente. A oferta de Dormagen refere-se aqui também a um problema que enfrentava a editora pela falta de redatores. Em menos de anos depois de sua contratação, quando assume suas tarefas e compromissos com o programa da biblioteca, ele abandona as responsabilidades com a BS. Em carta a Curt Meyer-Clason, o redator alivia-se com a passagem da responsabilidade pela série elite da editora ao novo redator Müller-Schwefe, permitindo-lhe brincar-se ainda mais no trabalho com manuscritos das traduções de títulos latino-americanos, principalmente com a obra de João Ubaldo Ribeiro:

Ich bin froh, daß ich ab Frühherbst die ehren- und mühevolle Bürde der Gesamtverantwortung für die Bibliothek Suhrkamp an Herrn Müller-Schwefe abgeben kann und mich dann viel besser auf mein Hauptlektorat konzentrieren kann. So werde ich dann auch die nötige Zeit finden, um so ein großes Buch wie das von João Ubaldo Ribeiro zu lektorieren. Selbstverständlich werde ich alles Spanisch- und Portugiesischsprachige in der BS weiter betreuen und bin also auch weiterhin für unsere gemeinsamen Projekte verantwortlich.⁴⁰⁷

Neste ponto, apesar das cláusulas de seu contrato, fica claro que na prática, a atuação de Dormagen na editora não se reduzia a uma série ou a um programa, senão, em todos estes anos, estendeu-se ao engajamento com a redação da literatura latino-americana seja qual fosse o seu formato ou lugar de edição. Dormagen, demonstra este engajamento desde a preparação para o seu novo ofício como redator da literatura da América Latina. No intuito de estudar a matéria de sua futura ocupação, o redator solicitava como preparação para a entrada na literatura da América Latina alguns dos livros publicados pelo programa latino-americano. Não por acaso, em carta a Burgel Zeeh, secretária de Unseld, entre os ensaios de Octavio Paz, figura *Brasilianische Literatur* de Michi Strausfeld.⁴⁰⁸

Dois meses depois, feita sua viagem de formação na Espanha, Dormagen entra oficialmente para editora no dia 1 de outubro de 1984, como primeiro redator literário profissional e exclusivo do programa, responsável pela produção da maior parte dos títulos brasileiros publicados pela editora. Visto à distância, o perfil de Dormagen era o do redator que viveu seu ofício, ao contrário dos redatores anteriores, de forma desinteressada. Não se tratava mais de uma posição-trampolim para alcançar postos de maior prestígio no campo. O perfil de Dormagen, profissional e respeitado na editora, pelos autores e pelos tradutores, delineava assim os contornos nítidos do primeiro redator profissional dentro do programa.

406 "Ich habe überlegt, ob ich meine Mitarbeit schon vorher anbieten sollte, da mir Frau Strausfeld das Ausmaß des jetzt schon Anfallenden schilderte und da mir klar ist, daß die Bibliothek ein Provisorium oder 'Interregnum' kaum gebrauchen kann" (Dormagen, Jürgen. Carta a Siegfried Unseld, 29/03/1984, DLA, SUA:Suhrkamp).

407 Dormagen, Jürgen. Carta a Curt Meyer-Clason, 27/02/1986, DLA, SUA:Suhrkamp.

408 Dormagen, Jürgen. Carta a Burgel Zeeh, 22/07/1984, DLA, SUA:Suhrkamp.

3.3.3 Agentes externos: *scouts*, agentes literários e tradutores

3.3.3.1 Michi Strausfeld: *scout* literária e mediadora do Brasil

Como espero ter ficado claro até este ponto, a figura constante e longamente atuante no núcleo do chamado programa latino-americano da Suhrkamp não era outra, senão Michi Strausfeld. Talvez pouco falte acrescentar a esta altura sobre o seu perfil e atuação na editora. Como demonstrei anteriormente, Strausfeld pode ser considerada, além de co-fundadora do conceito para o programa, a agente mais decisiva e representativa da recepção da literatura latino-americana pela editora Suhrkamp: decisiva, como ficou claro em alguns casos anteriores, pela sua afinidade com o editor e o poder de decisão – categórico muitas vezes⁴⁰⁹ – exercido dentro do programa, e representativa, justamente, por sua atuação em movimento dentro e fora da editora e na intersecção entre campos literários em intercâmbio.

Instalada desde 1968 na capital do *boom* latino-americano, em Barcelona, Strausfeld esteve em constante contato com agentes literários e editoras que desde os anos 1960 alteraram o campo editorial europeu com a publicação de uma literatura ainda praticamente desconhecida na Europa. Doutora em Hispanística com tese de doutorado sobre a novidade de *Cem Anos de Solidão* de García Márquez, Strausfeld conheceu Unseld na feira do livro de Frankfurt em 1973 e é contratada pelo editor em 1974. A partir dos anos 1970 ela foi a pessoal responsável por toda a circulação literária entre a América Latina e a RFA, que não só permitiu o estabelecimento e andamento do programa, como também o tornou único entre as editoras alemãs até hoje.

A contratação de Michi Strausfeld foi uma recomendação direta do escritor Jürgen Becker a Siegfried Unseld. Como escreve a Strausfeld em julho de 1973, Unseld havia sido informado pelo escritor do faro de Strausfeld para a descoberta de talentos literários.⁴¹⁰ Em sua primeira carta a Strausfeld, o editor comenta a necessidade de um funcionário na editora com sentido para a descoberta e experiência em edição de livros. Em sua resposta, datada de agosto de 1973, Strausfeld informa o editor não possuir qualquer experiência profissional em redações editoriais, mas estar envolvida com a vida editorial em Barcelona e que pela oportunidade de integrar a redação da editora Suhrkamp estaria disposta a abandonar seus projetos pessoais na Espanha e na América Latina.⁴¹¹ O editor precisava encontrar uma solução antes mesmo do outono daquele ano, ou seja, antes da Feira do Livro de Frankfurt.⁴¹² Logo em seguida, Strausfeld envia ao editor uma carta-currículo, onde aponta seus projetos com a América Latina e, ao assegurar o interesse de editoras francesas, italianas e norte-americanas pela literatura do subcontinente, demonstra sua preocupação assim como seu convencimento dos potenciais de uma recepção da literatura latino-americana na RFA. A carta ainda contém a primeira sugestão de Strausfeld para a editora:

z. B. eine Reihe lateinamerikanischer Literatur (oder Literatur der Dritten Welt?) im Suhrkamp Verlag vorstellen, die diese "neue" Literatur einem größeren Publikum an-

409 "Wie immer, wenn ein Buch nicht auf den ersten Blick überzeugt, schleppe ich die Gutachten vor mich hin" (Strausfeld, Michi. Carta a Maria Dessauer, 01/09/1978, DLA, SUA:Suhrkamp).

410 Unseld, Siegfried. Carta a Michi Strausfeld, 27/7/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

411 Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 2/8/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

412 Unseld, Siegfried. Carta a Michi Strausfeld, 10/8/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

bietet. Viele “zugkräftige” und bisher unzureichend oder gar nicht übersetzte Autoren könnten die erste Etappe bilden, die bereits in anderen Ländern zum Teil hohe Auflagen erzielten und durch Preise ausgezeichnet wurden (u. a. “Books Abroad”, “Le Monde”, “Le meilleur livre étranger”).⁴¹³

A série de literatura latino-americana é comentada pelo editor concretamente e com entusiasmo em outra carta mencionada anteriormente neste estudo.⁴¹⁴ Da perspectiva da romanista Strausfeld vale a pena notar como sua sugestão é estrategicamente apoiada em seu conhecimento de outros campos literários que recebiam naquele momento as literaturas dos países latino-americanos. A carta segue sem qualquer dado concreto ou nome de autores, porém otimista com a vendabilidade da nomeada literatura. A resposta de Strausfeld, no entanto, é o suficiente para o editor que a contrata como especialista externa da redação em janeiro de 1974. Em carta a Marré, Unseld especifica não somente as funções e até o salário da nova funcionária, como também a natureza do primeiro contrato entre a romanista e a Suhrkamp, limitado até dezembro daquele ano, com a possibilidade de Strausfeld tornar-se a partir de 1975 redatora fixa da editora.⁴¹⁵

Apesar da esperada exclusividade, seu contrato com Unseld, ao contrário dos outros agentes atuantes na redação do programa, não era o de uma funcionária interna *in loco*, mas o de funcionário externo, a quem era permitido e esperado o constante movimento pelos salões, feiras e eventos literários sobre e na América Latina: uma espécie de antena, olheira ou escuta social do editor no hemisfério sul. Neste sentido, Strausfeld esteve presente, a partir de sua contratação em 1974, na maior parte dos grandes eventos editoriais e literários no centro da circulação da literatura latino-americana e enviava com frequência ao editor relatórios sobre novidades e promessas do subcontinente. Além disso, como já notado, mantinha proximidade com os autores, tradutores e redatores da casa, o que lhe garantia certa posição especial e privilegiada aos olhos de Unseld e dentro da estrutura hierárquica da editora. Seu perfil como *scout*, no entanto, tinha contornos ainda mais difusos do que o dos redatores literários. A partir dos casos supracitados, pode-se notar que Strausfeld também produzia pareceres, atuava como consultora do editor e além disso também se ocupou, não poucas vezes, com o trabalho redacional e com a organização de florilégios e volumes de ensaios como os já mencionados *Lateinamerikanische Literatur* (1976) e *Brasilianische Literatur* (1984).

Neste contexto, a atuação de uma recém-doutora em Romanística com apenas 30 anos de idade, é impressionante. Em pouco tempo junto à editora, Strausfeld tinha em suas credenciais uma rede de contatos invejável a qualquer agente no campo, demonstrando também ter uma consciência afiada do contexto editorial alemão, como comprova, meses após sua entrada na editora, uma carta a Elisabeth Borchers sobre o crescente interesse editorial pela narrativa latino-americana:

Das Interesse an Lateinamerika hat offensichtlich in letzter Zeit zugenommen, besonders bei Fischer, Luchterhand und Hanser. Ich ersehe das zum Teil aus den Vorankün-

413 Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 18/8/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

414 Cf. cap. 3.2. A unidade como princípio.

415 Unseld, Siegfried. Carta a Heribert Marré, 25/1/1974, DLA, SUA:Suhrkamp.

dingen und aus den Kommentaren einiger Autoren. Aber alles geschieht nach dem Zufallsprinzip, scheint mir.⁴¹⁶

Também é difícil desvincular a primeira Feira do Livro de Frankfurt em 1976, dedicada às literaturas latino-americanas, da atuação inicial de Michi Strausfeld no campo literário da RFA. Desde o início do trabalho conjunto com a Suhrkamp, Michi Strausfeld esteve consciente do potencial da editora em todo o campo. A intensiva troca de cartas com Unseld em seu primeiro ano de trabalho apresenta uma longa discussão sobre um programa editorial que incluía autores e obras, com potencial para alterar a recepção destas literaturas na RFA. Em 1974, Strausfeld, informada nos bastidores sobre a temática da Feira do Livro de 1976 e como comprova carta de Strausfeld ao editor em dezembro de 1974, tinha planos para em dois anos dar forma a um programa editorial representativo não somente para a literatura latino-americana, como para a recepção destas literaturas em todo o país.⁴¹⁷

Do outro lado, não se pode subestimar também a presença da romanista na cena editorial em Barcelona, que, justamente por esse motivo, a tornava preciosa aos olhos de Unseld. Ainda em 1973, o editor escreve a Strausfeld uma carta sobre uma conversa com a agente literária do *boom*, Carmen Balcells. Na mesma carta, em que o editor sugere a contratação⁴¹⁸ da *scout*, é possível ler o grande interesse da parte de Unseld pelo trabalho conjunto com Strausfeld:

Noch ein Wort zu Carmen Balcells: sie versteht sehr gut, daß wir, Sie und ich, uns in der Sache der lateinamerikanischen Literatur verbünden. Ich könnte Sie sehr gut 'nützen'; sie akzeptiert auch gerne, daß Sie mich beraten, Gutachten schreiben und mich in jeder Weise beeinflussen.⁴¹⁹

O interesse é tão grande que para o editor não importa que a *scout* mantenha uma certa camuflagem junto dos autores com quem entrar em contato dali em diante, ou que ele mesmo ceda ao jugo hierárquico de Balcells na representatividade de sua empresa. Aos planos de Unseld, concentrados sobretudo em ganhos para ambas as partes, não interessa entrar em conflito com a agente com quem trabalhará por anos a fio e que lhe renderá simbólica e economicamente os títulos mais importantes de seu programa:

Aber eines möchte sie nicht: sie, Carmen Balcells will Alleinvertreterin sein. Sie bat mich dringlich, Sie möchten sich nicht bei den Autoren direkt als Suhrkamp-Repräsentantin melden. Ich verstehe, nachdem ich Sie und sie kenne, warum Carmen Balcells sich so verhält. Ich meine, diese Sache ist auch gar nicht wichtig. Auf die Dauer entscheidet nicht Rang und Stellung, sondern die produktive Arbeit. Das werden auch die Autoren

416 Strausfeld, Michi. Carta a Elisabeth Borchers, 08/04/1974, DLA, SUA:Suhrkamp.

417 "[D]ie Buchmesse 1976 wird unter dem Zeichen Lateinamerika stehen, wir können bis dahin ein hervorragendes Programm vorbereiten" (Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 20/12/1974, DLA, SUA:Suhrkamp).

418 "Wir werden also, wenn Sie im Dezember kommen, einiges zu besprechen haben. Vielleicht können wir dann auch eine Verbindung fixieren" (Unseld, Siegfried. Carta a Michi Strausfeld, 16/10/1973, DLA, SUA:Suhrkamp).

419 Unseld, Siegfried. Carta a Michi Strausfeld, 16/10/1973, DLA, SUA:Suhrkamp

bald sehen. Aber vielleicht ist es gut, wenn Sie Carmen Balcells gegenüber diesen Punkt klarmachen. Lassen Sie ihr ihre Stellung und ihren Ruhm, wir werden Produktives machen und alles ergibt sich dann von selbst.⁴²⁰

Como fica implícito na carta de Unseld, Strausfeld tinha acesso direto à agência de Balcells, com quem conversava pessoalmente sobre os interesses da Suhrkamp, e através da qual mantinha contato pessoal com os principais autores editados pelo programa latino-americano. Em novembro de 1973, por exemplo, Strausfeld escreve a Borchers, comentando um encontro com Balcells e a passagem de Onetti pela cidade, e, alguns dias, depois menciona seu encontro pessoal com Márquez.⁴²¹ O trabalho produtivo mencionado por Unseld, mas que eu chamaria aqui de mutualismo sócio-intelectual, tem como resultado o sucesso de seu programa. Poucos foram os autores latino-americanos e brasileiros que não foram editados na Suhrkamp nos anos 1970, através do agenciamento de Carmen Balcells e das intervenções de Michi Strausfeld. Balcells representava, por exemplo, Márquez, Neruda, Osman Lins, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Clarice Lispector. Além disso, através da presença de Strausfeld na editora, houve de fato uma chance de conciliação da Suhrkamp com a agência catalã, cujas indicações e sugestões durante os anos 1960 eram vistas por Balcells como propostas ignoradas pelo editor alemão. Esse mal-estar assim como a boa relação da *scout* com a agente literária podem ser lidas em carta de Strausfeld ao editor ao longo de 1974, nas quais, entre outros pontos, Strausfeld sublinha o fato de Balcells enviar-lhe com regularidade exemplares de novidades da literatura latino-americana assim como faziam as editoras do subcontinente com respeito a novos talentos e promessas literárias.⁴²²

Para poder apresentar minimamente a atuação e o papel da *scout* é preciso reconstruir parte do movimento da mediadora pelos principais mercados de circulação desta literatura. Strausfeld não era uma agente interna ou externa da editora, mas uma agente em movimento. Antes da feira de 1976, há, infelizmente, poucos registros da presença da *scout* em feiras de livro ou eventos literários na RFA. Desde a sua contratação, o primeiro evento no qual Strausfeld participou foi o *Lateinamerika Colloquium*, em Stuttgart, no ano de 1974. O relatório sobre o evento é, no entanto, escrito pela redatora Elisabeth Borchers, quem visita com Strausfeld o colóquio organizado por Günter Lorenz. Sem grande repercussão, o colóquio é descrito pela redatora como um fiasco repleto de desentendimentos. Strausfeld, no entanto, é mencionada somente em uma passagem do relatório: a ela é encarregado a análise do livro *Zorniges Lateinamerika. Selbstdarstellung eines Kontinents* (1973), do romanista Ronald Daus, possível título de interesse para o programa da editora Suhrkamp:

Das Anliegen: Annäherung zwischen Lateinamerika und Bundesrepublik. Referate, davon 4 Stunden in spanischer, brasilianischer und portugiesischer Sprache. Die deutsch-

420 Unseld, Siegfried. Carta a Michi Strausfeld, 16/10/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

421 "In der nächsten Woche hat Carmen Balcells mich zu einem Rendezvous eingeladen. Juan Carlos Onetti (Uruguay) war auch kurz in Barcelona: ein Roman von ihm steht auf er unbedingten 'Muß-Liste' der ersten Titel" e "[i]n der nächsten Woche werde ich García Márquez treffen und freue mich darauf. Die Begegnungen mit ihm sind immer interessant + oft überraschend" (Strausfeld, Michi. Carta a Elisabeth Borchers, 22/11/1973, DLA, SUA:Suhrkamp).

422 Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 6/5/1974, DLA, SUA:Suhrkamp.

sprachigen hatten teilweise Frauenfunk-Niveau. Austausch von Allgemeinheiten, versteckten und offenen Vorwürfen, Missverständnissen, Angriffen. An eine praktische Arbeit, die der Annäherung nützlich sein könnte, dachte niemand, jeder spann vor sich hin. [...] Merken sollte man sich Dr. Ronald Daus, Professor für Romanistik an der FU in Berlin. Frau Strausfeld nimmt sein Buch "Zorniges Lateinamerika" mit und prüft es.⁴²³

Em 1975, visando já a apresentação da editora na feira de 1976, Strausfeld ocupa-se intensamente com a aquisição de títulos e licenças, assim como com a organização de seu volume de ensaios sobre a literatura da América Latina. Neste contexto, solidifica seus contatos com autores, tanto para a organização do seu volume de ensaios, quanto para uma lista de títulos apresentável para a feira de 1976. Em maio de 1975, envia a redação uma primeira lista de títulos para o programa de 1976. Entre os novos autores, como já comentado, o único brasileiro é Osman Lins, embora a *scout* já ter iniciado neste ano uma longa defesa à sugestão de Meyer-Clason por *O Coronel e o Lobisomem* (1964), de Cândido de Carvalho – publicado porém somente em 1979 –, já ter alertado os redatores para as obras de Darcy Ribeiro, Dalton Trevisan, Ignácio Loyola Brandão, Nélida Piñon e Augusto Boal, e estar engajada na compra de títulos de Jorge Amado, Machado de Assis e Graciliano Ramos para a Bibliothek Suhrkamp.

Não por acaso, a feira de 1976 é considerada pela própria Strausfeld como uma cesura na história da recepção alemã da literatura da América Latina. A partir deste ano, segundo ela, a editora publicou cerca de 10 títulos latino-americanos anualmente, constituindo uma biblioteca de base da literatura produzida no subcontinente:

Und so publizierte Suhrkamp seitdem jährlich ca. zehn Titel aus Lateinamerika – Novitäten, Taschenbücher, Lizenzausgaben – und entwickelte langsam, aber kontinuierlich eine Art "Basisbibliothek Lateinamerika" (Strausfeld 2007, 162).

A opinião da *scout* sobre a feira diz muito sobre seu engajamento no evento. A lista de títulos apresentada pela Suhrkamp foi uma vitrine organizada pela hispanista, sobre a qual ela assume completa responsabilidade. Acumulando cada vez mais capital social entre Balcells e Unseld, Strausfeld, quem em 1973 ainda era uma figura desconhecida no campo, torna-se a partir da feira de 1976 a mediadora por excelência da literatura latino-americana na RFA. E isso tudo se deve não somente à esfera do social. Strausfeld também havia se ajustado rapidamente à dinâmica do mercado editorial europeu daquele contexto, que, segundo ela, pouco conhecia anteriormente:

Ich wollte gar nicht unbedingt in einen Verlag, kannte das 'Geschäft' auch nicht, sondern hatte mir vorgestellt, ich werde Universitätsprofessorin. [...] Ja, da kamen viele verschiedene Dinge zusammen, die auch mit Glück zu tun hatten, zufällige Begegnungen zum Beispiel. In Spanien habe ich versucht, nachdem ich einige Verleger kennengelernt hatte, ihnen deutsche Literatur zu vermitteln (Strausfeld 2016, 202-203).

Apesar de desconhecido, o acaso mencionado por Strausfeld se deve a um interesse pelos meios de circulação de literatura que a *scout* não faz questão de omitir. Além de ter montado uma rede de contatos com os principais editores e agentes atuantes em

423 Borchers, Elisabeth. "Reisebericht – Lateinamerika Colloquium 1974", 31/05/1974, DLA, SUA: Suhrkamp.

Barcelona, a *scout* sabia da importância do mercado editorial em Paris, conhecida capital literária da América Latina no século XIX e início do XX, e também circulava ativamente por este mercado. Não somente a editora Seix Barral, mas Gallimard, Seuil e os simpósios organizados por Jacques Leenhardt eram frequentados com interesse pela jovem hispanista desde 1972.⁴²⁴

Como confessa Strausfeld, seu interesse pela mediação da literatura latino-americana e logo em seguida seu trabalho com a Suhrkamp conduziu-a, pouco a pouco, à proximidade com as editoras nos centros literários europeus. Com Gallimard e Seuil, em Paris, Seix Barral e Alfaguara, em Barcelona e Feltrinelli, em Roma, por exemplo, desenvolveu-se uma relação duradoura de confiança e credibilidade que Unseld soube aproveitar com êxito, permitindo-lhe atualizar o campo literário alemão, defasado até então, com as novidades publicadas nos principais mercados receptores da literatura latino-americana nos anos 1960 e 1970. Dos simpósios in Cérisy-la-Salle, um relatório detalhado de Strausfeld presente no espólio da editora é capaz de recuperar com exatidão e vivacidade a atmosfera no centro cultural parisiense. Nele, a *scout* apresenta a organização dos seminários, seu público e a qualidade das intervenções,⁴²⁵ comprovando como o movimento constante da *scout* entre Barcelona, Paris e Frankfurt refazia, no início do programa latino-americano da Suhrkamp, um triângulo retroalimentar dos autores do *boom* e seus potenciais sucessores. Pode-se dizer, por exemplo, que a presença de Strausfeld tão próxima do berço do *boom*, filtrou, neste sentido, em boa parte a recepção da editora Suhrkamp: pelo menos até o final dos anos 1970, a mediação conduzida pela editora de Unseld era mais uma extensão do *boom* catalão e parisiense até a RFA do que uma mediação direta do campo literário na América Latina. A par-

424 "Und es gab zwei wichtige Symposien, die Jacques Leenhardt in Paris verantwortet und organisiert hat – eines in Royaumont, das andere in Cérisy-la-Salle. Davon zeugen zwei Publikationen. Er hat die wichtigen (lateinamerikanischen) Autoren und Kritiker versammelt, so habe ich viele dort kennengelernt. Das erste fand 1972 statt, ich war gerade aus Bogotá zurückgekommen – und dort habe ich Cortázar kennengelernt und war natürlich sofort von ihm als Person fasziniert, sein Werk kannte ich ja bereits. Es entstand der Kontakt zu Ugné Karvelis, die bei Gallimard die lateinamerikanische Literatur verantwortete, wo Cortázar und die meisten Lateinamerikaner publizierten" (Strausfeld 2016, 207).

425 "Die Seminare im internationalen Kulturzentrum Cérisy finden jährlich seit etwa 1952 statt und werden anschliessend in verschiedenen franz. Verlagen publiziert, vorwiegend in der Reihe 10/18. Sie sind im franz. Kulturleben offensichtlich sehr bekannt und geschätzt: im Komitee finden sich die Namen von etwas 40 herausragenden intellektuellen Persönlichkeiten. Das Publikum an dem Seminar über die LA-Literatur liesse sich grob in drei Gruppen unterteilen: Hochschullehrer und Conférenciers; eine Gruppe von Studenten (vorwiegend aus Paris und Toulouse); eine Gruppe von Interessierten, die Mitglieder der Cérisy-Gemeinschaft sind. In etwa ca. 50-80 Personen. Die Vortragenden blieben im Allgemeinen stets etwa 2-3 Tage, sodaß das Publikum ständig wieder wechselte. Die einzelnen Beiträge waren sehr unterschiedlich im Niveau: brillant (Cortázar, Merquior über brasil. Literatur, Leenhardt, Todorov), durchschnittlich (Roa Bastos, Ruben Bareiro, Angel Rama, Yurkiewich, Jitrik), mässig bis schlecht (Ruprecht: eine Interpretation nach der Gremasse Methode eines Gedichtes von N. Guillén, die das vorzüglich geschlossene Schema auf das Gedicht übertrug und alle Zuhörer verschreckte). An jeden Vortrag schloss sich eine etwa 90-minütige Diskussion an, ebenfalls anregend/aufregend, da sich einige Personen aus der Gruppe herauskristallisierten, ohne notwendigerweise Wichtiges beitragen zu können (offensichtlich ein typisches Gruppenphänomen); andere dagegen das Thema anreicherten (hier müssen besonders die La-Vortragenden erwähnt werden, die hilfreiche Hintergrundinformationen vermittelten)" (Strausfeld, Michi. "Cérisy-la-Salle: Seminar über lat. Literatur von heute (vom 29. Juni bis 9. Juli), geleitet von Jacques Leenhardt", 1978, DLA, SUA:Suhrkamp).

tir do fim dos anos 1970, no entanto, o programa torna-se mais independente do eixo Barcelona-Paris e este fenômeno coincide, por um lado, com viagens da *scout* a países latino-americanos e o fortalecimento de seus contatos com autores não-erradicados na Europa e, por outro lado, com o contato mais frequente com agências literárias americanas.

Sintomática e de particular interesse no presente estudo, por exemplo, é sua visita ao Brasil. Em 1977, Michi Strausfeld faz uma viagem a São Paulo, onde participa de um congresso acadêmico com os principais críticos literários e autores daquele momento e conhece pessoalmente o centro editorial e livreiro do sudeste brasileiro. Sobre esta viagem, financiada pela Câmara Brasileira do Livro, a *scout* escreve um longo relatório sobre a cidade e os escritores e editores com quem esteve em contato. Tratava-se do *I Encontro com a Literatura Brasileira*, iniciativa da CBL, patrocinada pela secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia e da Secretaria Municipal da Cultura, com objetivo de atrair editores estrangeiros para o produto literário brasileiro, projetando assim a literatura brasileira no mercado internacional de livros. As escritoras Edla van Steen e Lygia Fagundes Telles faziam parte da organização do evento que buscava apresentar a literatura produzida no país. Foram convidadas delegações de editores e *scouts* europeus, estadunidenses e sul-americanos, mas a delegação da França e da Espanha eram as duas com maior presença no evento.⁴²⁶ Impressionada pela figura do crítico Antonio Candido, Strausfeld acaba, no entanto, desapontada com o cenário editorial brasileiro, tímido diante da falta de leitores. Todavia estabelece contato com os autores publicados ou a ser publicados pela Suhrkamp, isto é, Osman Lins, Ignácio Loyola Brandão, Darcy Ribeiro e Rachel de Queiroz, observa com atenção a dinâmica dos agentes literários norte-americanos e de Balcels na vida literária brasileira e faz um levantamento considerável de novos títulos que traz à Barcelona.

O interesse da *scout* pela visita à São Paulo, além de acentuado desde o início com euforia e um tanto de receio pelo esperado caos urbano,⁴²⁷ também esteve fortemente marcado pela expectativa em encontrar material de apoio ao volume de ensaios sobre a literatura brasileira (*Brasilianische Literatur*) que estava preparando naquela altura e pelo encontro com novos contatos para o programa da editora. Antes de sua viagem ela escreve primeiramente a Maria Dessauer:

Jetzt die BIG NEWS: morgen fliege ich nach São Paulo, um dort am 1. Treffen brasilianischer Literatur teilzunehmen. Nach langem Hin und Her, zahlreichen Einladungen, jedoch nie konkret, konnte ich heute morgen das Flugticket abholen und werde also fünf Tage lang ein recht intensives Programm über Brasil. Literatur hören, sicher viele (nützliche) Kontakte schließen können sowie Material für die Materialien auskundschaften etc. Veranstaltet wird das Ganze von der Brasil. Kammer für Buchhandel: eingeladen

426 Em seu último livro, Strausfeld comenta que este encontro foi uma reação à Feira do Livro em Frankfurt de 1976, no qual editores e autores do Brasil não se sentiram adequadamente representados (Strausfeld 2020).

427 "Ich erhielt soeben ein Telegramm mit der Einladung, sechs Tage in São Paulo zu sein. Soweit, so gut. Nur fehlt 'das Ticket'. Ich habe heute zurücktelegraphiert, mich bedankt und nach den Einzelheiten der Reise gefragt. Selbstverständlich wäre ich gerne dort... mal sehen, ob es klappt" e "[d]iesmal habe ich etwas Reiseieber und bin gespannt, was in São Paulo geschehen wird (schade, daß das Seminar nicht in Rio stattfindet: São Paulo muß fürchterlich sein, schlimmer als New York)" (Strausfeld, Michi. Carta a Maria Dessauer, 22/09/1977, DLA, SUA:Suhrkamp).

sind Übersetzer, Lateinamerika-Kritiker, Verleger und viele brasil. Autoren. Aus Europa fliegen, soweit ich weiß, Davico (Einaudi), Salinas (Alfaguara), J. Lesschaeve (Seuil), dazu Mark Strand (USA); Marianne Jolowicz wohl auch. Dies stand jedenfalls in der brasil. Presse (auch mein Name), obwohl ich zu dem Zeitpunkt noch nichts Näheres über meine Reise wußte.⁴²⁸

A grande notícia, não se refere somente a viagem em si. Estabelecida através de sua relação com os autores publicados pela editora, obviamente, a viagem será aproveitada para encontros com os autores publicados pela editora, uma esperada conversa com Antonio Candido e a compra de possíveis títulos de interessa para a Suhrkamp:

Jedenfalls werde ich Osman Lins treffen, auch I. Loyola Brandão, evtl. Rachel de Queiróz, sicher I. Schwaborn; hoffentlich C. Lispector, J. Amado, Darcy Ribeiro etc. A. Candido ist hoffentlich auch anwesend, der wichtigste Kritiker und Verfasser der einzig guten Literaturgeschichte Brasiliens. Alle diese Bücher sind hier nicht auftreibbar, ich werde also fleißig einkaufen.⁴²⁹

Na volta da *scout* à Barcelona, sua viagem é, no entanto, narrada a Unseld com um tom de desprezo pelo caos de São Paulo e com uma crítica mordaz ao congresso que tinha como objetivo impulsionar um *boom* da literatura brasileira na Europa, no qual o nível intelectual era, segundo ela, baixíssimo, e na qual a organização novamente era inexistente, cabendo aos próprios convidados o trabalho cortês de apresentação e troca de contatos no salão, cuja única vantagem aparente foi o encontro com a personalidade e conhecimentos do maior crítico literário do Brasil, Antonio Candido:

Vorträge mit Namenslisten, die einem Telefonbuch entnommen schienen; unterstes intellektuelles Niveau; dazu 333 Autoren, die ihre Bücher an den Mann zu bringen versuchten, durch die Hoteltüren schoben, einen förmlich damit überfielen. Ich habe mindestens 15 kg dieser 'Literatur' zurückgelassen. Wir hätten das alles überhaupt nicht ausgehalten, wenn nicht Inge Feltrinelli, Guido Davico (Einaudi), Jaime Salinas und ich einen Viererbund gebildet hätten und selber Kontakte anknüpften, mit Autoren sprachen, eine Begegnung mit dem führenden, hochgebildeten Universitätsprofessor, Schriftsteller und Kritiker Antonio Candido herbeiführten (und dort in einem knapp zweistündigen Vortrag einen blendenden Überblick über die brasil. Literatur der letzten Jahrzehnte und der Aktualität erhielten: in einem bewundernswerten Französisch), von dessen Persönlichkeit und Kenntnissen wir alle fasziniert waren etc.⁴³⁰

Apesar das decepções da *scout*, o final de seu relato é colorido com certa satisfação e resignação⁴³¹ que resume o congresso como um ponto de partida para atividades pes-

428 Strausfeld. Michi. Carta a Maria Dessauer, 22/09/1977, DLA, SUA:Suhrkamp.

429 Strausfeld. Michi. Carta a Maria Dessauer, 22/09/1977, DLA, SUA:Suhrkamp.

430 Strausfeld, Michi. Carta a Maria Dessauer, 04/10/1977, DLA, SUA:Suhrkamp.

431 "Das Seminar wurde somit Ausgangspunkt zu persönlichen Aktivitäten und public relations: ich habe darüber hinaus ca. 10 kg Bücher eingekauft und mitgebracht, von einer Literaturgeschichte Angaben oder Antworten der einzelnen Verlage. Das ist wirklich noch Unterentwicklung und somit bin ich sehr zufrieden mit den Ergebnissen der Reise: persönliche Kontakte zu allen unseren

soais e relações públicas, das quais ela acaba se aproveitando. Com respeito às alterações do programa no final dos anos 1970 e à sua viagem ao Brasil, pode-se notar o forte engajamento da *scout* pela intervenção crescente, neste momento, a favor de títulos brasileiros. Por um conjunto de fatores, como a proximidade com a agência Balcells e a observação da nova dinâmica dos agentes literários estadunidenses no Brasil, a literatura brasileira torna-se, a partir dos anos 1980 a menina-dos-olhos de Strausfeld, como fica claro, por exemplo, no tempo e nos esforços aplicados na organização do volume de ensaios críticos sobre a literatura brasileira, já discutido anteriormente, e na sua “descoberta” da obra de João Ubaldo Ribeiro, cujo nome a *scout* insiste em arrolar entre os autores-Suhrkamp. Por conseguinte, o contato cada vez mais próximo com o agente de Ribeiro, Tom Colchie e sua representante na Alemanha, a tradutora Ray-Güde Mertin, envereda o caminho da *scout* na direção de uma mediação concentrada desta ilha literária no centro da América Latina.

Revisando, porém, os documentos do arquivo da editora referentes a este período, nota-se também que os relatórios de viagem da *scout* ocupam-se com eventos em locais onde a agente circulava repetidamente, isto é, feiras como Salon des Livres, Liber e Frankfurter Buchmesse, ou seja, eventos na França, Espanha e na Alemanha Ocidental. Dentro deste período de tempo, a *scout* escreve, por exemplo, relatórios sobre o seminário de literatura latino-americana de Jacques Leenhardt, em Paris, no qual menciona os estudos de J. G. Merquior sobre a história da literatura moderna brasileira (*Modernisme et après-modernisme dans la littérature brésilienne*⁴³²) e as feiras do livro de Madrid em 1978 e 1979. Sua atuação neste período era determinada por seu perfil de correspondente da editora Suhrkamp infiltrada no mercado editorial francês e espanhol e atenta às novidades literárias que pudessem ser adaptadas ao programa da Suhrkamp.

Para ter uma melhor dimensão de seus movimentos como *scout* fora do centro de nascimento do *boom*, vale a pena recuperar fragmentos dos relatórios de suas viagens a partir dos anos 1980, quando acredito haver uma mudança na dinâmica e no foco dos agentes literários pelos produtos brasileiros. Em 1982, por exemplo, mesmo ano em que foi responsável pela área de literatura no festival “Horizonte”, em Berlim, Strausfeld envia a Unseld um relatório da Feira do Livro de Frankfurt, mencionando sua passagem por Paris e a recente redescoberta da literatura brasileira na capital francesa.⁴³³ O interesse cada vez maior da *scout* pela literatura do Brasil começa a exigir da hispanista uma aproximação do produto brasileiro, livre dos filtros regulados pelos agentes europeus ou norte-americanos. Neste sentido, Strausfeld buscou estabelecer, a partir desde momento, contato direto com editores brasileiros em visita às feiras europeias. Lendo os relatórios de viagem da *scout*, é possível notar como eles são compostos me-

Autoren (Osman Lins, I. Loyola Brandão, Sohn von Graciliano Ramos, Raquel de Queiróz [!], Ingrid Schwamborn (uf), Darcy Ribeiro (die letzteren in Rio) (Strausfeld, Michi. Carta a Maria Dessauer, 04/10/1977, DLA, SUA:Suhrkamp).

432 Publicado em *Littérature latino-américaine d'aujourd'hui – Colloque de Cérisy*, Paris: Union Générale d'Éditions, 1980.

433 “Wie jedes Jahr, ein Kurzaufenthalt auf der Durchreise in Paris. Paris steht im Zeichen der Entdeckung brasilianischer Literatur – gleich drei Sondernummern verschiedener Zeitschriften sind erschienen: Magazine Littéraire, Bicéphale und Europe. Ein viertes Heft mit sozio-politischen Texten folgt im November bei Seuil” (Strausfeld, Michi. “Messebericht 1982” [Relatório a Siegfried Unseld], 12/10/1982, DLA, SUA:Suhrkamp).

nos por apontamentos sobre conversas e encontros com autores, do que com editores e agentes europeus, e trata comumente de possíveis títulos traduzidos ou revelações de sucesso que possam interessar ao programa da editora. Caso um título configure um sucesso de vendas ou de crítica ou tenha sido editado em uma editora considerada ao mesmo nível simbólico e intelectual que a Suhrkamp, neste caso, este título interessava a *scout* e se iniciava a negociação. Feiras de livro são espaços ideais para a presença de um *scout*, pois propiciam o encontro de todos os atores por detrás da confecção, mediação e circulação do produto literário. Para Strausfeld, este tipo de interação no ambiente de uma feira constituía uma possibilidade de sondagem ideal do terreno receptivo, e com o tempo, tornou-se também ideal para o contato direto com os produtores e mediadores do outro lado do Atlântico. No caso latino-americano, além de seu contato com autores, é, no entanto, na figura dos editores que a *scout* procurava agora se concentrar. No mesmo relato de Paris, por exemplo, a *scout* resume rapidamente a presença da literatura brasileira na feira em Frankfurt, por meio da exposição de editoras com as quais esteve em constante troca.⁴³⁴

Em 1983, em suas viagens entre a feira LIBER em Madrid e a Feira do Livro de Frankfurt, visita o estande brasileiro e menciona novamente o encontro com outros editores brasileiros.⁴³⁵ Estas figuras, frequentadoras dos mesmos salões, ressurgem sempre em outros relatórios, ao lado de novos títulos ou mesmo de novas tendências. Neste caso, o editor e o agente literário no ambiente da feira do livro tornam-se uma espécie de fonte de informação estratégica de primeira instância para a *scout*. O contato entre estes negociantes da literatura é intensificado nas feiras internacionais de livros a ponto de elas tomarem o lugar da viagem à campo, como constata a própria Strausfeld em relatório referente à LIBER 84: “no final da Feira do Livro de Barcelona, pôde-se ver a cara radiante de muitos editores: poupei-me de uma viagem à América Latina!”⁴³⁶

Não obstante, a partir de meados de 1980, os alcances de Strausfeld se expandem. Suas viagens ao continente americano, com passagem tanto em países do hemisfério norte quanto nos do Sul, são relatados longamente ao editor. De 20 de março até 4 de abril de 1986, por exemplo, a *scout* viaja à América do Sul, passando pelo Brasil, pelo

434 “Die Brasilianer hingegen sind zuversichtlich und publizieren viel. Hier muß man das Ergebnis der ersten freien Wahlen seit 64 abwarten (im November), aber sowohl Alfredo Machado (Record) wie Sergio Lacerda (Nova Fronteira) und Ática scheinen unternehmungslustig. Aus Brasilien gäbe es viel Schönes, aber unsere Planlisten sind ja leider schon voll!” (Strausfeld, Michi. “Messebericht 1982” [Relatório para Siegfried Unseld], 12/10/1982, DLA, SUA:Suhrkamp.)

435 “Besuch am brasilianischen Stand und vor allem Informationsaustausch mit Pedro Paulo Sena Madureira (Nova Fronteira) und Anne Marie Metailié, die eine Reihe ‘Brasil. Literatur’ in Paris publiziert” (Strausfeld, Michi. “Messebericht 1983” [Relatório para Siegfried Unseld], 18/10/1983, DLA, SUA:Suhrkamp). “Wichtig ein Gespräch mit dem brasil. Verleger Alfredo Machado über Jorge Amado. In der DDR werden die frühen Werke des Autors neu übersetzt, wie z. B. Jubiabá. Danach folgen andere Titel. Wir können die Originalrechte bei Machado direkt erwerben und werden bevorzugt, da es einige Differenzen mit Piper gibt. Desgleichen erhalten wir ein Buch mit Option ‘O gato malhado’. Aus diesem Titel haben die Nordamerikaner eine Art Seagull gemacht (Exemplar liegt vor). ‘The swallow and the Tom Cat. A love story’” (Strausfeld, Michi. “Messebericht 1983” [Relatório para Siegfried Unseld], 18/10/1983, DLA, SUA:Suhrkamp).

436 “Am Ende der Buchmesse in Barcelona sah man manch strahlendes Verlegergesicht: ich habe mir eine Reise nach Lateinamerika erspart!” (Strausfeld, Michi. Relatório sobre a Liber 1984, 09/10/1984, DLA, SUA:Suhrkamp).

Uruguai e pela Argentina, e a partir de 1990, visita feiras e agentes em Nova Iorque, Los Angeles e São Francisco com frequência. Em sua viagem de apenas uma semana no Brasil, ela visita João Ubaldo Ribeiro, na ilha de Itaparica, e encontra Antônio Torres, João Antônio, Darcy Ribeiro, então vice-governador, e os editores Alfredo Machado (Record), Sebastião Lacerda (Nova Fronteira), no Rio de Janeiro. O espantoso alcance da *scout* é resumido por ela mesma como uma coleção de inúmeras informações sobre os autores, editoras e agentes literários, e uma lista de descobertas de novos autores e títulos. Dos autores, ela comenta anedoticamente excentricidades e promessas de novos romances, das editoras arrisca um *ranking* entre as mais presentes no campo, traçando, por conseguinte, o perfil da variedade editorial brasileira e as tendências dos grandes grupos internacionais⁴³⁷ e diagnostica ao editor: no Brasil ainda há muitos, mas muitos belos livros que podem ser descobertos.⁴³⁸

Como relatório exemplar para eventos literários redigidos por Strausfeld, vale mencionar o relato de viagem por Paris, Berlim e Londres, entre 19 e 27 de março de 1987, no qual a hispanista descreve muito bem o salão, suas figuras e figurantes, instituições, livrarias e a presença da imprensa, sem deixar de conferir ao encontro com autores o tom anedótico comum nestes relatos. Neste manuscrito, é possível notar a ênfase que Strausfeld põe na divisão entre autores, editores e, por fim, tradutores. Ao comentar o encontro com João Ubaldo Ribeiro e Mario Vargas Llosa e com os tradutores alemães, sabressai no relato a admiração com que elege o brasileiro como o maior autor latino-americano dos anos 1980: “J. U. Ribeiro é sem dúvida um dos grandes autores latino-americanos dos anos 80 – LITERATURA com letras maiúsculas. Um banquete para os leitores”.⁴³⁹ Além disso, é notável o contraste entre a forma como parece ser condescendente com a crises de criatividade dos autores, por exemplo ao cobrar Llosa por textos já prometidos, porém não entregues, e o modo pragmático que considera o trabalho de tradução, como se este também não fosse interrompido por crises de criatividade e o tradutor fosse de fato um operário do texto. Em Berlim, encontrei todos os tradutores, diz ela, Henry Thorau, estaria ocupado com a escrita de sua Habilitação e por isso com pouco tempo para traduções, Maria Bamberg, sobrecarregada com Octavio Paz e Sor Juana, enquanto Berthold Zilly lapidava sua tradução de *Os Sertões*.⁴⁴⁰

Semelhante registro é o da bienal do livro de 1992, em São Paulo. Trata-se da primeira visita da *scout* na bienal. O relato é longo e novamente cheio de informações so-

437 “Der ehemalg Eliteverlag José Olympio ist inzwischen von Xerox aufgekauft worden und unternimmt neue Aktivitäten. Geleitet wird er von Maria Elisa Gregory, der Ehefrau des Xerox-Besitzers. Der großartige Fonds wird neu belebt, demnächst evtl. auch Autoren neu gewonnen. Livraria Francisco Alves; Ed. Paz e Terra sind klein und fein. Poppig aufgemacht ist der desgleichen neu gegründete Verlag Global Editora, bei dem I. Loyola Brandão verlegt (São Paulo). Ebenfalls in São Paulo sind dann noch zwei Großverlage, Ed. Ática (angeblich einer der reichsten oder der reichste Verlag) und Compañia Melhoramentos, eher im Kinderbuch und Schulbuchbereich aktiv. Ed. Guanabara, geleitet von Pedro Paulo, hat ein Buch von Darcy Ribeiro publiziert und bereitet seinen ‘großen Wurf’ wohl erst für etwas später vor” (Strausfeld, Michi. “Reisebericht Brasilien / Uruguay / Argentinien 20.3.86-8.4.86”, 15/04/1986, DLA, SUA:Suhrkamp).

438 Cf. Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 16/4/1986, DLA, SUA:Suhrkamp.

439 “J. U. Ribeiro ist ohne Zweifel einer der ganz großen Autoren Lateinamerikas der 80er Jahre – LITERATUR in Großbuchstaben. Ein Fest für Leser” (Strausfeld, Michi. “Reisebericht Paris-Berlin-London: 19.3.-27.3.87”, 27/04/1987, DLA, SUA:Suhrkamp).

440 Strausfeld, Michi. “Reisebericht Paris-Berlin-London: 19.3.-27.3.87”, 27/04/1987, DLA, SUA:Suhrkamp.

bre a paisagem editorial brasileira e sobre os seus encontros com autores, confirmando a importância da feira como espaço essencial de atualização da *scout*: “para mim, a semana em São Paulo foi muito informativa e importante, pois antes disso tinha a sensação de não estar mais suficientemente informada sobre a vida literária no Brasil”.⁴⁴¹ É interessante notar não só como a vida literária havia se alterado desde a última visita de Strausfeld, mas também como a dinâmica de intercâmbio entre agentes europeus e editores e autores brasileiros mudara o jogo no campo. Havia cinco anos que ela dependia de informações indiretas de agentes literários ou, como ela mesmo nomeia seus contatos em Paris no relato, de seus “amigos franceses”. Em 1992, fica claro, por exemplo, que a agência Balcells não exerce tanta influência entre os brasileiros e que uma nova agente alemã, Ray-Güde Mertin, passa a representar os interesses dos autores mais interessantes no momento. Com isso, a *scout* compartilha a alteração da repercussão da cena editorial alemã na opinião de escritores brasileiros, para os quais há uma espécie de quarteto de especialistas sobre Brasil na Alemanha, formado por Michi Strausfeld, Wolfgang Eitel, a Edition díá e o tradutor de Sérgio Sant’Anna, Frank Heitert:

Wolfgang Eitel war ebenfalls sehr fleißig in Brasilien, ist regelmäßig dorthin gereist, gut informiert und hat auch schöne Titel gefunden [...]. Ed. Díá, Berlin, hat ebenfalls Brasilien-Fans und Kenner sowie den guten Übersetzer Frank Heitert im Verlag. Und das ergibt dann (mit uns) das Quartett der Brasilien -“Spezialisten” der deutschen Verlagsbranche.⁴⁴²

Apesar da presença de Eitel, dentro do quarteto, Michi Strausfeld e Ray-Güde Mertin, eram nos anos 1990 as mais conhecidas mediadoras da literatura brasileira na Alemanha e no Brasil. Strausfeld exercia com frequência o papel de vaso comunicante entre outros agentes envolvidos na mediação das tendências e novidades do campo literário latino-americano. Não se pode esquecer que, apesar de estar à serviço de uma única empresa editorial, todo esse trabalho envolvia também um interesse próprio no acúmulo de capital social, pelo meio do qual, a *scout* aproveitou de seu perfil difuso e híbrido. Michi Strausfeld não foi somente responsável pela publicação de aproximadamente 400 títulos e 100 autores, como diz o seu próprio currículo, mas também foi jurada e consultora de literatura, assim como responsável pela organização de eventos, de volumes de ensaios, e manteve com certa regularidade a publicação de artigos acadêmicos em diversas revistas e livros. Além disso, considerando os diversos manuscritos de projetos presentes no arquivo da editora Suhrkamp, como, por exemplo, projetos para livros e planos anuais para o programa latino-americano ou planos para eventos literários representativos para a editora, chega-se à conclusão de que o perfil de Strausfeld ultrapassa os limites de qualquer categoria profissional específica como o de *scout*. Seu trabalho, foi um trabalho de mediação de ciclo completo: da descoberta

441 “Für mich war die Woche in São Paulo sehr informativ und wichtig, denn ich hatte durchaus das Gefühl, nicht mehr ausreichend informiert zu sein über das literarische Leben in Brasilien” (Strausfeld, Michi. “12. Biennale de São Paulo, 2. Lateinamerikanische Buchmesse Silar 2. (26.8.-8.9.92)”, 11/09/1992, DLA, SUA:Suhrkamp).

442 Strausfeld, Michi. “12. Biennale de São Paulo, 2. Lateinamerikanische Buchmesse Silar 2. (26.8.-8.9.92)”, 11/09/1992, DLA, SUA:Suhrkamp.

de autores, viagens, eventos e a manutenção de sua rede social, para a recomendação, através da produção de pareceres, passando pela busca de tradutores, depois cotejo dos manuscritos, até chegar ao acompanhamento dos autores da casa, à representação da editora e de sua vitrine e à organização de volumes sobre os produtos inseridos no campo.

Além de sua circulação pelo campo literário latino-americano e europeu, sua capacidade de mediação de ideias, manuscritos e produtos, obviamente, também seu entendimento sobre empresas editoriais e tendências estéticas literárias foi se tornando cada vez mais afiado. Passados os 25 anos de trabalho dentro da Suhrkamp, Michi Strausfeld tornara-se, sem dúvida, não somente a mediadora mais exitosa no mundo editorial interessado pela América Latina, como também tinha plena convicção do programa editorial que concebera e ajudara a fundar. Em uma carta de fevereiro de 2003, ao anunciar o fim do realismo mágico latino-americano dos anos 1970, e alguns anos antes de abandonar a editora Suhrkamp, Strausfeld faz um arrazoado de toda a estrutura da redação, a cujos princípios a *scout* havia se alinhado desde o início de seu trabalho. Nesta ocasião, divide o templo do programa para a literatura latino-americana em sete pilares de sustentação, entre os quais se encontram os responsáveis pela aquisição de capital econômico e simbólico para o programa, repetindo as convicções de Unseld,⁴⁴³ na construção do alicerce sobre o qual está construída toda sua editora: “nosso credo: oferecer sempre uma ‘boa mistura’, buscar sempre a cultura e o comércio, sempre apresentar nomes literários novos e instigantes”.⁴⁴⁴

Por fim, vale notar que a ligação de Strausfeld com a literatura latino-americana não deve ser reduzida ao seu trabalho com a editora. Em sua última e mais extensa publicação, *Gelbe Schmetterlinge und die Herren Diktatoren: Lateinamerika erzählt seine Geschichte* (2020), Strausfeld apresenta uma narrativa abrangente sobre o seu engajamento pessoal com a literatura latino-americana. Em um misto de crônica autobiográfica, crônica de viagem e história latino-americana, seu livro apresenta seu vasto conhecimento sobre a cultura e literatura do subcontinente. O trabalho em conjunto com a Suhrkamp durante quarenta anos, foi, no entanto, o que lhe concedeu a chave para o seu entendimento do continente, como ela mesma comenta no início do livro, mas sua atuação vai muito além do trabalho com a Suhrkamp. Os pontos altos da narrativa são os encontros de Strausfeld com autores cuja descoberta e publicação na Alemanha ela mediou diretamente. Os encontros com autores do *boom* como Carpentier, Fuentes, García Márquez, Roa Bastos, Vargas Llosa, Paz, Cortazar, Puig, Cabrera Infante e Onetti são reveladores. Entre os brasileiros a autora dedica um capítulo sobre o seu encontro com João Ubaldo Ribeiro, que ela visita na Ilha de Itaparica, e outro sobre a sua descoberta da obra ficcional de Darcy Ribeiro no *I Encontro com a Literatura Brasileira*, em São Paulo no ano de 1977, através da palestra de Antonio Candido sobre a nova literatura latino-americana. Nessa palestra, que será incluída posteriormente em *Brasilianische Literatur*, narra Strausfeld, ela descobre *Maíra*, publicado em 1982 pela

443 A máxima “Kommerz und Kultur” é na verdade uma citação do editor retirada do artigo de Peter Mezer-Dohm “Verlegerische Berufsideale und Leitmaximen”, publicado no livro *Das Buch in der dynamischen Gesellschaft. Festschrift für Wolfgang Strauß zum 60. Geburtstag*, em 1970. O editor apresenta esta máxima na introdução de *Der Autor und sein Verleger*.

444 “Unser Credo: immer eine ‘gute Mischung’ anbieten, immer Kultur und Kommerz suchen, immer aufregende literarische neue Namen präsentieren” (Strausfeld, Michi. Carta sem destinatário, 18/02/2003, DLA, SUA:Suhrkamp).

Suhrkamp, e visita com o editor Feltrinelli o autor em seu apartamento em Copacabana. Desta visita surge a reunião, tradução e publicação de ensaios de Ribeiro, em 1980, sob o título *Unterentwicklung, Kultur und Zivilisation*, pela série edition suhrkamp, e logo ele se torna um dos autores brasileiros mais prestigiados pela editora.

3.3.3.2 A relação de agentes literários com a redação

3.3.3.2.1 Carmen Balcells: a agente da América Latina e o boom do Brasil

Em uma entrevista publicada na 79ª edição do periódico semanal *Börsenblatt*, de 4 de outubro de 1977, o nome Carmen Balcells é apresentado como um conceito-chave em matéria de agenciamento literário em toda a Europa. Não era para menos: a agência espanhola Balcells, com sede em Barcelona e liderada por Carmen Balcells Segala (1930-2015) de 1956 a 2000, tornou-se responsável nos anos 1960 pela representação de praticamente todos os pivôs do *boom* latino-americano na Europa, tornando-a em 10 anos a instituição, senão responsável, a definitiva por detrás do *boom*. Representante dos direitos de Gabriel García Márquez, Jorge Amado, José Donoso, Mario Vargas Llosa, Juan Carlos Onetti, Júlio Cortázar, Juan Rulfo, Isabel Allende e Clarice Lispector, toda editora europeia, nos anos 1960 e 1970, interessada na publicação de autores latino-americanos não teria qualquer êxito caso não negociasse com “la mamá grande”, alcunha usada carinhosamente por Márquez para referir-se à agente. Para o programa latino-americano da Suhrkamp, Balcells não teve importância menor. Interessada na mediação de autores representativos da literatura da América Latina, pautada na recepção espanhola e francesa, o programa de Unseld e Strausfeld, como foi demonstrado, dependia essencialmente de Balcells e sua agência.

Como já mencionado, na própria conceituação e planejamento do programa no ano de 1973, Unseld e Strausfeld consideravam a importância cabal da agência em Barcelona, com a qual Strausfeld esteve em constante proximidade e contato. Naqueles anos de véspera do programa editorial, Strausfeld explicita em carta ao editor sua relação com a poderosa agente em Barcelona, definindo-a como a senhora do *boom* latino-americano.⁴⁴⁵ Nas cartas de outubro de 1973, fica claro que o desejo de Unseld por uma parceria com Balcells seria definitivo para a formação de uma biblioteca latino-americana, ou seja, para a manutenção consequente e contínua de um programa dedicado às literaturas da América Latina. Neste sentido, o aceite de Balcells para uma parceria, em parte, exclusiva com a Suhrkamp, foi um dos pontos de base decisivos para a concretização do programa. Ao escrever a Strausfeld sobre o êxito de uma parceria com a agente, Unseld comenta o selo do namoro de negócios Balcells-Suhrkamp como um amor à segunda vista:

Das Gespräch mit Carmen Balcells war gut, von ihrer Seite war es fast eine Liebe auf den zweiten Blick. Sie war rigoros genug, mir zu sagen, daß Sie in Zukunft doch alle wichtigen Sachen auf Suhrkamp lenken wolle. Sie schreibt mir nun auch, welche Titel ihrer Meinung nach frei sind, und sie meint, daß wir durchaus in der Lage sein werden, eine lateinamerikanische Bibliothek und nicht nur einzelne Titel anzukündigen. Wir lassen

445 Strausfeld, Michi. Carta a Unseld, 22/3/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

das aber in der Schwebe und klären in den nächsten 2-3 Monaten ab, was sich von den Rechten her ergibt.⁴⁴⁶

Este amor à segunda vista, apesar de suas crises e oscilações ao longo dos anos, manteve-se firme, principalmente graças à relação ambígua, mas insistente que ambos os atores estabeleceram entre si. Os motivos dessas crises, como é possível imaginar, foram os honorários exigidos por Balcells frente à exclusividade exigida por Unseld. Com Balcells, vale dizer, esforços de conciliação e concordância nunca foram poupados. Diante de mal-entendidos ou desacordos, o próprio editor reagia, escrevendo diretamente à agência. Antes mesmo de qualquer negociação concreta, já em 1974, o editor escreve longamente à agente descrevendo a situação, condições e planos da editora Suhrkamp, depois de ter tomado consciência de rumores no meio literário e editorial de “que a Suhrkamp Verlag não está em condições de pagar honorários maiores”.⁴⁴⁷ Sem desmentir os rumores, o argumento ou defesa de Unseld em seu esboço de carta à Carmen Balcells é esclarecedor. Ele parte das singularidades da editora Suhrkamp dentro do horizonte editorial da RFA, ressaltando o perfil econômico da empresa, ao mesmo tempo em que apresenta à agente o peso e interesse simbólico da editora:

Der Suhrkamp Verlag hat, ohne das von meiner Seite aus übertreiben zu wollen, doch eine besondere Position inne. Er hat die meisten der entscheidenden deutschen Autoren und verfügt über deren Weltrechte. Von hier aus resultiert eine sehr starke Machtstellung. Das ist das eine. Das andere: die Verlage Suhrkamp und Insel sind völlig unabhängige Unternehmen. Sie gehören jeweils zu 50% mir und schweizer Milliardären. Die finanzielle Basis dieser beiden Verlage ist im deutschen Bereich einzigartig. Wir sind in der Lage, jeden Autor oder jedes Werk, das wir wünschen, in jeder beliebigen Geldhöhe einzukaufen. Doch sind [ilegível] – und das ist das Merkwürdige in der Beziehung mit uns – diese Gelddinge nicht die wichtigsten Motive.⁴⁴⁸

Para esclarecer, então, os interesses não-materiais que motivam a empresa, Unseld apela ao *credo* e princípios internos da editora, segundo o qual, ela se orienta, não pela publicação de obras isoladas, mas pela mediação de autores, isto é, na publicação da obra completa de um autor, esquivando-se da lógica do valor de mercado para concentrar-se na qualidade e valores literários.⁴⁴⁹ Para Unseld, porém, este princípio tampouco implicaria no aceite de pagamentos fora do praticado no mercado editorial. Como

446 Unseld, Siegfried. Carta a Michi Strausfeld, 16/10/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

447 “[...] daß der Suhrkamp Verlag nicht in der Lage ist, größere Honorare zu bezahlen” (Unseld, Siegfried. “Briefentwurf an Carmen Balcells” [rascunho para carta a Carmen Balcells], 29/05/1974, DLA, SUA:Suhrkamp).

448 Unseld, Siegfried. “Briefentwurf an Carmen Balcells” [rascunho para carta a Carmen Balcells], 29/05/1974, DLA, SUA:Suhrkamp.

449 “Die Verlage Suhrkamp und Insel werden entscheidend von literarischen Gründen bestimmt. Der Erwerb eines Autors richtet sich nie nach dessen Marktwert, sondern nach dessen literarischer Substanz und Qualität. Wenn sich die Verlage Suhrkamp und Insel für einen Autor entschieden haben, dann setzen sie ihre Möglichkeit für das Werk dieses Autors ein, d. h. das Engagement, das wir erbringen, bezieht sich nie auf ein Werk eines Autors, sondern in aller Regel auf ein Gesamtwerk” (Unseld, Siegfried. “Briefentwurf an Carmen Balcells” [rascunho para carta a Carmen Balcells], 29/05/1974, DLA, SUA:Suhrkamp).

já foi apresentado no primeiro capítulo desta investigação, o investimento no que o editor chamava de substância e qualidades literárias não se sustentaria por si, ignorando o mercado por completo. Convencido de que somente uma empresa com fins lucrativos pudesse dar forma a este empreendimento, era preciso manter o pêndulo, até então, exitoso entre o comércio e a cultura. Infelizmente, como continua a argumentar o editor à agente, os títulos latino-americanos, até mesmo os grandes nomes desta literatura, ainda não haviam, neste momento, alcançado o reconhecimento merecido e, por conseguinte, um êxito econômico e editorial na RFA, e, por isso, eram ainda considerados arriscados:

Und hier muß ich Ihnen etwas sagen, was für Sie unangenehm klingen wird, aber was hier einfach die Realien sind: Bisher ist es im deutschen Bereich keinem der bedeutenden lateinamerikanischen Autoren gelungen, wirklich breit durchzukommen. Alle Verlage, die diese großen lateinamerikanischen Autoren vorgestellt haben, haben zwar Achtungserfolge erzielt, aber keinem Autor, weder Borges, noch Marques, noch Rosa, ist es gelungen, jenes Publikum zu erreichen, das diese Autoren fraglos verdienen.⁴⁵⁰

Segundo o editor, os riscos de investimento em títulos latino-americanos deveriam sempre considerar, além das perdas garantidas, custos altos com o honorário de tradutores, rarefeitos no campo e por isso cientes de seu valor, e custos com a publicidade necessária, sem os quais seria impossível tornar um título minimamente visível e legível ao leitor alemão. Além disso, conclui o editor, buscando convencer a agente – obviamente, também interessada em expandir seus negócios pela Europa – somente a editora Suhrkamp, com sua estrutura e posição seria capaz de ganhar um público para esta literatura na RFA. Neste sentido, acreditando que somente através de um programa editorial seria possível oferecer ao leitor alemão a variedade e qualidade da literatura latino-americana, o editor esclarece brevemente as possibilidades estratégicas de publicação dentro das distintas séries da editora:

Ich glaube, daß die lateinamerikanischen Autoren hier breit gefächert angeboten werden müssen. Der Suhrkamp Verlag in Verbindung mit dem Insel Verlag hat viele Möglichkeiten, ein breit gefächertes Programm vorzulegen. Er kann die Bücher als Leinenbände herausbringen, er kann die Titel in der Klassikerbibliothek Suhrkamp herausbringen, er kann sie in den Suhrkamp Taschenbüchern und in der edition Suhrkamp bringen.⁴⁵¹

A estratégia usada por Unseld é de que somente conhecendo e aceitando as condições de um campo editorial específico como o de língua alemã, seguramente caro aos autores latino-americanos representados por Balcells, e no qual a Suhrkamp se destacava como a editora para a literatura universal da modernidade, é que ambos poderiam desfrutar de um intercâmbio produtivo. Unseld sela sua carta, e deste modo, sela definitivamente sua longa parceria com Balcells com uma última singularidade da sua

450 Unseld, Siegfried. "Briefentwurf an Carmen Balcells" [rascunho para carta a Carmen Balcells], 29/05/1974, DLA, SUA:Suhrkamp.

451 Unseld, Siegfried. "Briefentwurf an Carmen Balcells" [rascunho para carta a Carmen Balcells], 29/05/1974, DLA, SUA:Suhrkamp.

empresa. Através de sua experiência e seu comprovado sucesso na publicação de autores estrangeiros em um cenário de alta concorrência editorial, o editor partilha sua conclusão de que para autores estrangeiros é eminentemente importante o contexto literário em que sua obra é publicada, ou melhor, que para um autor é muito mais interessante e atraente ser publicado por uma editora que investe em obras à longo prazo. Por outro lado, apelando pelo lado mais econômico, aponta, como exemplo singular de sucesso, a recém-criada série de livro de bolsos suhrkamp taschenbuch (st), fundada pelo próprio Unseld em 1971, que em pouco tempo tornou-se uma experiência de sucesso econômico não só para a sustentabilidade da empresa como também para os autores publicados pela série. A vantagem apresentada à Balcells é que o contrato para livros de bolso pela Suhrkamp, com tiragens de até 10.000 exemplares, é o único que garante ao autor o ganho real das vendas de livros. Todas as outras editoras da RFA retinham para si de 40% a 50% das vendas:

Beim Suhrkamp Verlag ist es ganz anders. Wenn wir Taschenbuchausgaben bringen, so werden die Taschenbuch-Honorare ohne jeden Abzug an den Autor resp. an Sie ausbezahlt. Wenn Sie sich diese Größenordnungen bedenken, so werden Sie auch aus ökonomischen Gründen die Verbindung zu Suhrkamp zu schätzen wissen.⁴⁵²

A carta definitiva do editor é traduzida ao inglês e enviada dois dias depois a Carmen Balcells. Nela Unseld resume sua política para honorários e adiantamentos, na qual os custos com tradutores exercem um papel decisivo. O argumento concreto do editor frente a pagamentos adiantados é expressado nesta carta de forma clara: a dificuldade de encontrar tradutores adequados na RFA, o fato de que há um número limitado de tradutores do espanhol e do português realmente qualificados e de que eles estariam conscientes de seu valor e das condições relacionadas a royalties e participação nos direitos de tradução impossibilitariam os altos adiantamentos exigidos pela agência. O argumento final do editor, no entanto, é mais vago e discutível de análise, pois retorna ao um lugar-comum dos argumentos da editora na aquisição dos direitos para novas obras e autores. Segundo Unseld, a Suhrkamp segue critérios referentes a qualidade literária de um texto, não ao seu valor de mercado.⁴⁵³

Unseld firma assim uma parceira, que tem o seu auge em meados dos anos 1970, com a feira do livro de 1976 em Frankfurt, e vai declinando somente na metade dos anos 1980, quando outros agentes literários, como o norte-americano Thomas Colchie e a alemã Ray-Güde Mertin entram em cena. Em aproximadamente dez anos de parceria, Balcells concentra o monopólio dos direitos de tradução e publicação dos autores latino-americanos apresentados pelo programa da Suhrkamp, atuando no campo editorial alemão com êxito implacável. Apesar da parceria com Unseld, Balcells tinha obviamente liberdade para oferecer autores e títulos a outras editoras alemãs. Como ela mesmo diz na entrevista à *Börsenblatt*, “para cada livro, é preciso escolher a editora certa ou encontrar o momento certo para publicá-lo”.⁴⁵⁴ Em 1978, por ocasião da visita

452 Unseld, Siegfried. “Briefentwurf an Carmen Balcells” [rascunho para carta a Carmen Balcells], 29/05/1974, DLA, SUA:Suhrkamp.

453 Unseld, Siegfried. Carta a Carmen Balcells, 31/5/1974, DLA, SUA:Suhrkamp.

454 “Für jedes Buch muß man den geeigneten Verlag auswählen oder das geeignete Erscheinungsmoment abpassen” (Balcells 1977, 11).

de Unseld a Barcelona, editor e agente se encontram e Unseld descreve em seu relatório de viagem a agência Balcells⁴⁵⁵ e desenha um perfil de Carmen, marcado pela austeridade com editores e pela generosidade com seus autores. Neste fragmento, o editor acentua a presença da agente no mundo editorial da RFA, no qual, segundo Unseld, Balcells não se perde no caminho, e sublinha a compreensão e paciência necessária à lida com *la mamá*, interessada em visitar a editora Suhrkamp o mais breve possível:

Generell: Carmen Balcells macht ihre Erfahrungen mit deutschen Verlagen. Sie sieht ein, daß sie nicht mehr so groß verfahren kann. Die 1.000.000 Dollar, die Kiepenheuer (und mit ihm Feltrinelli, Grasset, Farrar Straus Giroux) zahlen mußten, werden Folgen haben. Allein mit Rigorosität geht es nicht. Andererseits ist sie nicht nur die harte, vielleicht best-gehasste Händlerin, sie ist ihren Autoren gegenüber großzügig, sie hilft unkonventionell, sie hat vielen dieser Autoren im Exil erst die Existenz ermöglicht, und man muß Verständnis für die Vertragslage haben. Man muß sich eben auch um sie bemühen, um sie nicht nur "behandeln". Sie käme gerne nach Frankfurt, wenn sie dazu aufgefordert würde. Ihr liegt daran, den Suhrkamp Verlag kennenzulernen, "for Suhrkamp has the very best list in Europe!"⁴⁵⁶

O interesse entre editor e agente ao final da década de 1970 era recíproco. Apenas alguns dias depois da visita de Unseld, Carmen Balcells escreve ao editor: "It was really a pleasure to have met you during your recent visit to Barcelona and have exchanged opinions with you. And moreover, our relationship is increasingly better and the small troubles which sometimes arise have been settled in a goodwill".⁴⁵⁷ Por parte do editor, o interesse crescente pela figura de Balcells, como se lê no arquivo do editor, é marcado pelo respeito e pela admiração, não somente através da reunião de recortes de jornais sobre a agente, como também através da confiança em suas recomendações para títulos ou autores apropriados à editora. Além do papel de conquistadora de direitos e representante dos autores latino-americanos que interessavam ao editor, era comum também que Balcells fizesse recomendações de autores e títulos que pudessem interessar o programa Suhrkamp. No início do programa, em 1974, até a feira do livro de 1976, como foi demonstrado anteriormente, as negociações trataram principalmente da aquisição dos autores do *boom* catalão, representados em sua maioria por Balcells. Antes do programa e depois da feira de 1976, as negociações com Balcells eram distintas. Anterior à formação de um programa para a América Latina, por exemplo, recomendações para autores e títulos latino-americanos não tinham espaço na editora, como atesta uma carta de recusa para a recomendação da obra de Clarice Lispector enviada pela agência Balcells, em janeiro de 1973:

455 "In einer der elegantesten Straßen Barcelonas hat sie eine Etage gemietet und nun auch eine zweite dazugekauft. Zehn Leute arbeiten bei ihr. Small talk, der sich dann sogleich in Job verwandelt" (Unseld, Siegfried. "Auszug aus Reisebericht Dr. Unseld 3.-6. Juni 1978 Madrid – Spanien", sem data, DLA, SUA:Suhrkamp).

456 Unseld, Siegfried. "Auszug aus Reisebericht Dr. Unseld 3.-6. Juni 1978 Madrid – Spanien", sem data, DLA, SUA:Suhrkamp.

457 Balcells, Carmen. Carta a Siegfried Unseld, 12/06/1978, DLA, SUA:Suhrkamp.

mit getrennter Post geben wir Ihnen folgende Bücher wieder zurück:

[...]

Clarice Lispector, *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, *Felicidade Clandestina*, *A Cidade Sitiada*, *O Lustre*, *A Paixão Segundo G. H.*, *Perto do Coração Selvagem*. Wir danken Ihnen für die Zusendung und bedauern, daß sich die genannten Titel nicht in unser Verlagsprogramm einfügen lassen.⁴⁵⁸

Recusada não somente pela Suhrkamp, mas por outras editoras da RFA, a obra de Lispector começa a ser editada em alemão somente nos anos 1980.⁴⁵⁹ Balcells, no entanto, já tinha ciência da importância e da dificuldade de publicar literatura em língua portuguesa na Europa. Na mesma entrevista à *Börsenblatt*, ressalta sua preocupação com autores brasileiros isolados dentro do bloco supostamente monolíngue e culturalmente homogêneo imaginado pela Europa:

Man pflegt die brasilianischen Schriftsteller, deren Werke im übrigen Lateinamerika nicht bekannt sind, zu vergessen. Diese und die portugiesischen Autoren befinden sich – natürlich aus diversen Motiven – vom geschäftigen Verlagsrummel der übrigen Welt isoliert (Balcells 1977, 12).

Vale notar que, ao contrário de Unseld, também interessado na circulação globalizante de produtos, autores e literaturas, Balcells manifestava uma posição cética em relação à ideia de bloco latino-americano na mediação da literatura do subcontinente:

Der Terminus “Lateinamerikaner” wird im literarischen, politischen und wirtschaftlichen Sinn angewandt und stellt diesbezüglich ein Paradox dar, das sonst auf Brasilien, das – wie ich zu behaupten wage – die wirtschaftlich größte Macht des Subkontinents ist, keine Anwendung findet. Zwischen Brasilien und dem übrigen Lateinamerika besteht literarisch gesehen eine tiefere Kluft als zwischen Lateinamerika und beispielsweise Europa (Balcells 1977, 12).

Econômica ou culturalmente a imagem do subcontinente sofria uma representação na Europa que Balcells soube contornar em sua empresa, assumidamente orientada pelo e muito próxima do modelo norte-americano de agenciamento literário.⁴⁶⁰ Seu interesse, em primeiro lugar comercial, por autores brasileiros, um tanto às custas da falta de agenciamento no Brasil e do mal serviço prestado pelos agentes estadunidenses, fez com que sua agência se esforçasse, a partir do final dos anos 1970, como representante da literatura brasileira na Europa, tarefa que, como a própria Balcells, não sem ironia, comenta: “foi um fato escandaloso que um país inteiro, ou quase um continente de

458 Suhrkamp Lektorat. Carta a Agência Literária Carmen Balcells, 25/01/1973, DLA, SUA:Suhrkamp.

459 A editora Lilith publica em 1982, *Eine Lehre, oder das Buch der Lüste* e *Die Passion nach G. H.*, em 1984, ambos traduzidos por Christina Schrübbers. A partir daí a obra da autora passa a ser publicada pela Suhrkamp e pela Rowohlt.

460 “Dem nordamerikanischen Modell folgend, versuchte ich mich lateinamerikanischen und spanischen Autoren anzuschließen, die damals noch über keinen weltweiten Ruf verfügten. Sie nahmen mich in ihre intellektuelle Obhut, was mir Zugang zum internationalen Markt verschaffte und besonders für meine Zukunft entscheidend war” (Balcells 1977, 12).

leitores, tenha sido representado apenas através da Catalunha”.⁴⁶¹ Esta constatação, remontava, segundo Balcells a razão pela qual sua agência havia sido fundada. Porém, como a própria agente parece ter consciência, essa era apenas parte da mediação. A percepção da diferença literária dentro da chamada América Latina era também muito determinada pelas editoras e pela crítica do campo literário que a recebia.

No caso da literatura brasileira, Carmen Balcells representou nomes de peso da literatura modernista como Autran Dourado, Nélida Piñon, Clarice Lispector, Osman Lins, Rubem Fonseca e Graciliano Ramos, todos eles publicados pela Suhrkamp. Quando questionada sobre os critérios de sua decisão em representar uma obra ou um autor, Balcells, entretanto, não hesita em condecorar-se pelo panteão que representa através da supremacia da qualidade literária sobre a comercial, ecoando os princípios já mencionados da empresa de Unseld. Esta fórmula de sucesso, envolvia, segundo ela, pensar em obras a longo prazo, ou seja, em títulos que somente seriam vendidos muito adiante ou sequer vendidos seriam, mas cuja qualidade literária era para ela indiscutível:

Ich versuche dabei, sie mehr Wert auf die literarische Qualität als auf die kommerzielle Verwertbarkeit legen zu lassen. Ich muß Ihnen gestehen, daß ich die Interessen einer Reihe von Schriftstellern wahrnehme, deren Werke zu veröffentlichen im Augenblick (und wer weiß wie lange noch) nicht angeraten ist, obgleich ihr literarischer Wert unbestritten ist (Balcells 1977, 13).

No entanto, reconhecer esta qualidade de uma obra literária, envolvia desenvolver um faro próprio,⁴⁶² faculdade imprescindível a qualquer agente literário atento para as novas tendências literárias assim como para os clássicos do futuro. Neste caso, o faro da agente para a qualidade das obras que representava não é formado distintamente do faro de um crítico literário, de um editor ou mesmo de um escritor. Balcells havia se ocupado com literatura desde os anos 1950, década na qual começou a frequentar o meio literário espanhol e se aproximou de escritores e editores catalães. Essa proximidade torna-se então decisiva em sua formação como agente. Em entrevista ao jornal *El País*, Balcells reconstrói o início de sua carreira, mencionando o grupo literário que frequentava:

Joaquín Sabriá, muy amigo del grupo de Josep Maria Castellet, tenía una distribuidora, y era yerno del editor Miracle, que había estado exiliado en Argentina. A través de Sabriá Miracle me dijo que tenía un empleo para mí: agente literario. Trabajaría para Vintila Horia, el escritor rumano, que ya tenía una agencia. Era 1956. Yo abrí un libro registro, y escribí los nombres de los originales (Cruz 2007, s. p.).

461 “Es war eine ungeheuerliche Tatsache, daß ein ganzes Land bzw. fast ein Kontinent von Lesern nur durch Katalonien vertreten war” (Balcells 1977, 12).

462 “Ja, und zwar bezüglich der allzeit wachen ‘Spürnase’, die ein solcher Leiter haben muß, um die plötzlichen Geschmacks- und Kreativitätsströmungen im richtigen Maße einschätzen zu können. Man muß in hohem Maße die Fähigkeit besitzen, festzustellen, welche literarischen Genres in Kommen sind” (Balcells 1977, 14).

Antes de Joaquín Sabriá, o poeta catalão Jaume Ferran havia apresentado a agente aos mais conhecidos escritores dos anos 1950. Castellet (1926-2014), poeta, crítico literário e editor, era figura conhecida no meio literário catalão nos anos 1950 e 1960. Além de sua atuação como autor e crítico, manteve presença ativa e substancial na vida editorial de Barcelona ao trabalhar como diretor literário da editora Edicions 62, e, posteriormente, ter sido nomeado presidente do conglomerado para editoras catalãs sob o nome de *Grup 62*, criado por Eulàlia Duran. Vintilã Horia, escritor romeno, era nada menos que o dono da agência ACER responsável naquele momento pelos direitos de tradução de autores estrangeiros na Espanha. Com a partida em 1960 de Horia para Paris, devido a contemplação pelo prêmio literário Goncourt, Balcells funda assim sua própria agência.

Seguindo ao início a mesma linha da agência ACER, a agência de Balcells marca, no entanto, uma virada no campo editorial europeu. Até a sua fundação, era comum que autores estrangeiros fizessem contratos vitalícios com uma editora. Balcells, que trabalhou inicialmente com a conhecida editora Seix Barral, gerenciando os direitos de tradução de seus autores estrangeiros, entra em contato direto com os grandes projetos editoriais de Barral, isto é, a coleção *Biblioteca Breve* e a *Biblioteca Formentor*, que almejavam modernizar e internacionalizar o mundo editorial espanhol, não somente através da edição de novos autores da literatura mundial, mas também através de prêmios para o novo romance escrito em língua espanhola. A partir do ano 1962, *Biblioteca Breve* começa com *La ciudad e los perros* (1962), de Vargas Llosa, a premiar títulos de autores latino-americanos e torna-se assim uma editora na qual orbitam sempre mais autores hispano-americanos. O catálogo de Barral converte-se em pouco tempo numa vitrine apreciada pelo público europeu e os direitos de tradução vão formando a base de negócios da editora. Vale lembrar que, neste momento, Barral utilizava em sua empresa um contrato modelo, no qual outorgava ao editor a exclusividade para negociar os direitos de tradução das obras contratadas e ainda assim 50% dos benefícios. Balcells será neste momento a encarregada pela negociação destes direitos, mediando a negociação entre editores em toda a Europa e editores na América Latina. A virada provocada por Balcells é justamente a sua decisão em, a despeito do agenciamento de editores, passar a representar diretamente os interesses dos autores – com quem já estava em contato – frente às editoras europeias, cada vez mais interessadas na literatura latino-americana. Carmen Balcells torna-se assim uma superagente que libertou os autores do jugo dos contratos vitalícios, permitindo muitas vezes, como disse o próprio Unseld, que autores latino-americanos em exílio na Europa pudessem sobreviver como escritor em um mercado de alta competitividade. Somado a isso, Balcells alcança grande reconhecimento por parte dos autores que agenciou e o mérito de ter introduzido à Europa a literatura da América Latina nos anos 1960.

A partir do estabelecimento da literatura hispano-americana no mercado espanhol até o final dos anos 1970, Balcells busca produzir uma espécie de novo *boom* referente agora à produção literária brasileira. No mesmo relatório de viagem feito por Strausfeld a Maria Dessauer, por ocasião de sua viagem ao Brasil em 1977, é possível recuperar parte destes esforços da agência entre os escritores brasileiros. No relato de Strausfeld, a agência parece oferecer Eldorados aos autores no Brasil:

[...] und ich habe, wie ich glaube, einen guten persönlichen Kontakt hergestellt, um zukünftige Aktivitäten von Carmen Balcells – die jetzt mit aller Gewalt und nordameri-

kanischen Preisen einen Boom der brasil. Literatur herbeizwingen möchte und ihren Autoren bereits Millionen zu versprechen scheint, rechtzeitig abfangen zu können.⁴⁶³

Ainda nesta descrição de Strausfeld, fica marcado o modo agressivo como a agente trabalha, como a própria Balcells assume, seguindo o modelo estadunidense de agenciamento pouco praticado na Europa:

Die Arbeitsmethode der Dame sieht folgendermaßen aus: ein gutes Buch wird zugleich an 3-5 Verlage ohne Option gegeben, um anschließend geschickt die Preise in die Höhe treiben zu können.

Vorbild ist stets die Tätigkeit nordamerikanischer Agenten: rücksichtslos, brutal, geistlos. Dies praktizierte sie soeben mit dem letzten Buch des Anthropologen Darcy Ribeiro (Suhrkamp-Wissenschaft-Autor) MAIRA, das Meyer-Clason bereits empfohlen hat und das von Candido als eines der drei besten Bücher Brasiliens der letzten zwanzig Jahre bezeichnet worden ist.⁴⁶⁴

Em outro momento, esta agressividade é descrita por Strausfeld com uma imagem ainda mais vigorosa. No momento em que a redação se encontra fortemente interessada pela publicação de *Vidas Secas*, título para o qual Balcells possuía os direitos na Europa, a *scout* refere-se ao modo agressivo como a agente abocanha seus clientes como um tubarão:

G. Ramos: “Vidas Secas” – Wehret den Anfängen” mit Balcells, genannt “Haifisch”, ist sicher eine empfehlenswerte Taktik. Wenn man die Verleger jammern hört, kriegt man wirklich Mitleid. Sie können quasi nicht ohne sie, und fallen auf alle dummen Tricks herein. Der Haifisch schwimmt gerade vor Cuba, um mit der Hilfe von Garcia Márquez die Rechte an den Memoiren von Fidel Castro zu ergattern.⁴⁶⁵

No entanto, os planos de Balcells para a literatura brasileira não funcionaram tão bem como no caso da hispano-americana. A partir da correspondência de Strausfeld é possível reconstruir as críticas dos escritores brasileiros à atuação da agente espanhola. Ignácio Loyola Brandão, por exemplo, expressa sua desconfiança em relação a Balcells ser a única agente dos escritores brasileiros na Europa. Já em troca de cartas de 1978 com Unseld Strausfeld comenta como os autores no Brasil estão decepcionados com a agente e suas promessas. Em início de novembro, a hispanista escreve longa carta a Unseld se perguntando se Balcells é a agente ideal para representar os autores brasileiros na Europa. Segundo ela, depois de caírem nos braços da agente espanhola e de suas promessas, os autores, decepcionados, começam a se direcionar diretamente a Strausfeld. Em fins de novembro afirma categoricamente que os autores brasileiros não veem qualquer chance de serem reconhecidos no exterior e mesmo as promessas de Balcells não os levaram a ser publicados por nenhuma editora.⁴⁶⁶ Diante desta cons-

463 Strausfeld, Michi. Carta a Maria Dessauer, 04/10/1977, DLA, SUA:Suhrkamp.

464 Strausfeld, Michi. Carta a Maria Dessauer, 04/10/1977, DLA, SUA:Suhrkamp.

465 Strausfeld, Michi. Carta a Maria Dessauer, 05/02/1979, DLA, SUA:Suhrkamp.

466 “Man sei in Brasilien enttäuscht von ihr, alle Versprechungen seien in Nichts zerfallen. Die Brasilianer sehen keine Chance, sich selber international bekannt zu machen, und fielen daher C. B. alle in

tatação Strausfeld dá um passo adiante e sugere ao editor que a Suhrkamp deveria passar a representar seus autores latino-americanos diretamente, isto é, ela sugere ao autor a criação de um agenciamento que ela prefere chamar de SV-Subzentrale, uma sub-central da Suhrkamp, através da qual a editora pudesse administrar diretamente os direitos de autores-Suhrkamp da América Latina e inclusive oferece-los a outras editoras europeias:

Irgendwie laufen in letzter Zeit viele Fäden zusammen. Ich denke deshalb viel über das ganze Projekt nach, zwar keine Agentur zu gründen, aber eine Art SV-Subzentrale, die sich also besonders für LA-Autoren einsetzt: ich glaube, man könnte u. a. die Rechte folgender Autoren verwalten, oder ko-verwalten: Octavio Paz, Bioy Casares, Rulfo, Darcy Ribeiro, junge Brasilianer (sehr viele gute), junge Lateinamerikaner (da müsste man sorgfältig auswählen, es gibt viele schlechte) usw. Bei manchen Autoren, die mit ihren Agenten mehr oder weniger zufrieden sind (Carpentier, Cabrera Infante) oder sich selber gut verwalten (Puig, Bioy Casares) müsste man sich Lösungen einfallen lassen, die irgendwie den "intellektuellen" Anstrich betonen, da man ja weiß, daß die meisten Agenten nur wenig von Literatur verstehen. Ebenso nützlich wäre der europäische Pool, d. h. die Möglichkeit mehrerer europäischer Editionen. Ob man nicht die fünf interessierten Verleger dafür gewinnen könnte, einige dieser Bücher dann auch zu publizieren?⁴⁶⁷

Visto que a editora já representava o direito de muitos autores alemães, o passo sugerido por Strausfeld poderia ter sido um marco na inserção e circulação de autores latino-americanos no mercado editorial alemão. Ele representaria a entrada destes produtos em uma negociação inicialmente local, uniformizando assim a moeda corrente da troca simbólica transatlântica, quem sabe, um primeiro passo para que estas traduções atuassem no campo economicamente como originais. Para a hispanista, este agenciamento não era somente necessário como culturalmente importante. No entanto, ela parecia ignorar naquele momento a capacidade administrativa da editora. Quem se ocuparia deste trabalho? De algo Strausfeld estava, no entanto, certa, a agência Balcells tinha chegado ao limite. Três anos depois Strausfeld recomenda ao editor a obra ficcional de Darcy Ribeiro, já publicado como sociólogo pela série Theorie em 1971. Neste momento, no entanto, Darcy Ribeiro não estava sendo representado pela agência de Balcells e um conjunto de autores a partir dos anos 1980 dividem-se entre Balcells e outra duas agências parceiras em constante contato com a editora Suhrkamp: Tom Colchie Agency, em Nova Iorque, e Ray-Güde Mertin Agentur, em Frankfurt. Em 1986, novamente em viagem ao Brasil, Strausfeld comenta os planos de Balcells para o Brasil e a perda de autores brasileiros por parte de sua agência:

Eingesammelt habe ich dann zahlreiche Informationen über Autoren und über die Verlage, desgleichen über die Stellung Autoren-Agenten-Verleger. Der Versuch Carmen

die Arme. Jetzt möchten sie sich wieder lösen [...] Meyer-Clason schreibt Loyola in seiner Antwort, er möge sich an mich wenden. Desgleichen weist er darauf hin, daß C. B. sicher viel Geld verspricht, man aber so keine ausländischen Verlage gewinnen kann, sich für eine wertvolle, aber weitgehend unbekannte Literatur einzusetzen" (Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 30/10/1978, DLA, SUA:Suhrkamp).

467 Strausfeld, Michi. Carta a Siegfried Unseld, 30/10/1978, DLA, SUA:Suhrkamp.

Balcells, auch in Rio ihre Agentur groß aufzuziehen, ist gescheitert: bis auf Nélida Piñon und Rubem Fonseca hat sie nahezu alle brasil. Autoren wieder verloren. Kontrast der Temperamente, falsche Versprechungen etc.⁴⁶⁸

Balcells havia instalado um escritório de sua agência no Rio de Janeiro em 1976. A ideia de representar ainda mais autores do Brasil, no entanto, fracassa: considerando a lista de autores brasileiros representados pela agência até hoje, Piñón e Fonseca⁴⁶⁹ foram os últimos autores brasileiros – segundo a *scout*, céticos em relação a agenciamento literário – representados por Balcells. Sua agência vai perdendo espaço para as duas novas agências⁴⁷⁰ em ascensão e predileção entre autores brasileiros contemporâneos.

3.3.3.2.2 Colchie Agency e Mertin Agentur

Fundada em Nova Iorque, a agência de Thomas Colchie desfrutava de agentes representantes e parcerias em Paris e na Alemanha. Em seu catálogo de autores, encontram-se nos anos 1960 17 autores brasileiros entre Jorge Amado, João Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Darcy Ribeiro e João Ubaldo Ribeiro, para citar apenas os mais consagrados. Dos 17, 12 autores foram publicados pelo programa latino-americano Suhrkamp. Além de agente literário, tradutor e organizador de antologias de narrativas brasileiras, Colchie foi um dos mediadores de grande importância para a circulação da literatura brasileira nos EUA e na Europa. Seu contato com a Suhrkamp é constante até meados de 1980, principalmente, com referência à obra de João Ubaldo Ribeiro, autor que representou longamente mesmo depois de a parceria com Ray-Güde Mertin ter acabado.

Colchie fez recomendações e enviou pareceres à editora até 1982 sobre títulos de autores desconhecidos até aquela altura como Murilo Rubião, Ivan Ângelo, Márcio Souza e Antônio Torres. A partir de 1982, com a parceria entre Colchie e Ray-Güde Mertin, a agente assume a tarefa de enviar pareceres para a editora Suhrkamp. Ray-Güde Mertin (1943-2007), de início, representante de Colchie em Frankfurt, também foi tradutora, leitora do DAAD de 1969 e 1977, lecionou na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e, após seu doutoramento sobre Ariano Suassuna em Colônia em 1978, mudou-se para a meca americana dos agentes literários, a cidade de Nova Iorque, onde trabalhou como tradutora autônoma e se aproximou de agentes literários como Thomas Colchie.⁴⁷¹ Em 1982, de volta a

468 Strausfeld, Michi. "Reisebericht Brasilien / Uruguay / Argentinien 20.3.86-8.4.86", 15/04/1986, DLA, SUA:Suhrkamp.

469 Em 1978, após ter se encontrado pessoalmente com o editor Unseld, Carmen Balcells escreve-lhe uma recomendação para O Cobrador de Rubem Fonseca, antes mesmo que o livro tenha sido publicado no Brasil. Como veremos a seguir a recusa de Unseld é reveladora da posição política da editora Suhrkamp na RFA.

470 "Nun schließen die Autoren ihre Verträge mit den Verlagen ab, behalten jedoch ihre Auslandsrechte, die sie gerne an Tom Colchie abgeben, dessen deutscher Partner Ray-Güde Mertin ist. Die Verlage leisten Hilfestellung für ihre Autoren, vertreten jedoch nur in Ausnahmen die Auslandsrechte. Viele der großen Autoren verzichten ganz auf einen Agenten: desgleichen zahlreiche Erben. Ausnahmen (leider) sind Clarice Lispector (Balcells) und (ungeklärt, eine Zeitlang ja, jetzt vielleicht nein) Graciliano Ramos" (Strausfeld, Michi. "Reisebericht Brasilien / Uruguay / Argentinien 20.3.86-8.4.86", 15/04/1986, DLA, SUA:Suhrkamp).

471 Como a própria agente diz Nova Iorque era a capital mundial para o agente literário: "In angelsächsischen Ländern sind literarische Agenturen seit langem Teil der Buchbranche, selbst Übersetzer

Alemanha, funda sua própria agência literária em Frankfurt em parceria com Colchie, com o qual, no entanto, rompe em 1988,⁴⁷² levando consigo a maior parte dos autores brasileiros da Colchie Agency. Este fator, junto com os desentendimentos entre Colchie, a redação da Suhrkamp e Michi Strausfeld em 1989 em torno do último livro de João Ubaldo Ribeiro, *O Sorriso do Lagarto* (1989), conduzem, por conseguinte, o distanciamento entre a agência Colchie e a editora, que passa a lidar então somente com a Mertin Agentur.

Mertin esteve em contato com a redação da Suhrkamp desde meados dos anos 70 e manteve frequente troca de cartas com Michi Strausfeld e os redatores Wolfgang Eitel e Jürgen Dormagen, com os quais se entendia relativamente bem. Sua posição em relação à editora tem, de início, contornos próprios. Em suas cartas é possível ler uma certa predileção pelo trabalho em conjunto com um redator a despeito de outro. Por exemplo, há certa confiança depositada na troca de cartas com Eitel que não se encontra nas cartas entre a agente e Strausfeld. A primeira menção explícita a Mertin na redação descreve-a somente como tradutora. Strausfeld recomenda Ray-Güde Mertin como tradutora desde 1978, mas é em carta endereçada a Maria Dessauer, relatando o recebimento de provas de traduções de Machado de Assis, em maio de 1979, que a *scout* a apresenta propriamente à redação:

Mir liegt hier eine Probeübersetzung einer Machado-Erzählung vor (ohne Original) und eine andere Geschichte (mit Original) von Ray-Güde Mertin, eine Deutsche, die lange Jahre in Brasilien gelebt hat, soeben ihre Doktorarbeit in Köln über Suassuna (das Buch, das Klett-Cotta gerade veröffentlicht hat) mit eins bestanden hat und jetzt in NY wohnt.⁴⁷³

Ray-Güde Mertin foi tradutora de um conjunto de autores considerados de difícil tradução como, por exemplo, Clarice Lispector, Antônio Lobo Antunes, João Ubaldo Ribeiro e Raduan Nassar, e teve rapidamente seu lugar na lista de tradutores fixos da Suhrkamp. Sua residência em Nova Iorque, um dos pontos de encontro na circulação global de livros, também interessava o editor. A partir deste momento, Strausfeld indica Mertin como tradutora para um conjunto de títulos da literatura brasileira, como *Guerra Conjugal* (1969) de Dalton Trevisan e *O Pirotecnico Zacharias* (1974) de Murilo Rubião, cuja qualidade da tradução para o alemão é avaliada por Dessauer, não sem certa ironia, como suficiente para o texto de Rubião.⁴⁷⁴

Somente no ano de 1980, Strausfeld e Mertin encontram-se pessoalmente. O encontro é mencionado em carta a Eitel em um outubro de feira do livro em Frankfurt,

lassen sich von Agenturen vertreten. Die noch immer wichtigste Drehscheibe für dieses Metier ist New York" (Mertin 2007, 147).

472 "As of November 1st, 1988, Dr. Ray-Güde Mertin no longer represents our clients, through either Thomas Colchie Associates, Inc. or Tryon Publications, Inc. She will, of course, continue to receive her comission from you for any contracts she negotiated, for the term of those contracts. All future inquiries should be directed to our agency in Paris, at the above address" (Colchie, Thomas. Carta a Siegfried Unseld, 21/11/1988, DLA, SUA:Suhrkamp).

473 Strausfeld, Michi. Carta a Maria Dessauer, 31/05/1979, DLA, SUA:Suhrkamp.

474 "Eine kleine Übersetzung der Frau Ray-Güde Mertin habe ich Ihnen geschickt. Wollen Sie nicht die Vertragsanforderung ausfüllen? Sie übersetzt doch recht nett – und das genügt gewiß für Murilo Rubião" (Dessauer, Maria. Carta a Michi Strausfeld, 03/12/1979, DLA, SUA:Suhrkamp).

que *scout* e tradutora visitavam a trabalho. O relato de Mertin sobre Strausfeld é curioso por apresentar um certo ceticismo de sua parte em relação à *scout*. Da mesma geração e com formações e interesses semelhantes, nota-se no relato uma certa rivalidade comum em um campo tão exclusivo e ao mesmo tempo tão estreito e repleto de intrigas. Evitando seguir a rede de intrigas e desentendimentos pessoais, interessa mais a esta investigação, sobretudo dentro do contexto de crescente interesse na mediação da literatura brasileira na Europa, a revelação da forte presença de Michi Strausfeld na editora e no campo literário alemão por detrás da pergunta de Mertin a Eitel: “que posição ela realmente ocupa junto do grande Unseld – e o que ela está fazendo na Espanha, afinal?”⁴⁷⁵ Desconsiderando que Mertin ignorava o ofício de *book-scout* e a proximidade de Strausfeld e Unseld, o sentido da pergunta recai parcialmente retórica, mas dá uma ideia da força da *scout*, das ambições da tradutora/agente e do tom da relação entre as duas.

Em poucos anos, a presença de Ray-Güde Mertin como agente representante da literatura brasileira já tinha se difundido por todo o campo, principalmente entre os pares brasileiros. Um relatório de viagem de Strausfeld sobre a feira de Frankfurt em 1986 descreve a atuação de Mertin como figura central na mediação da literatura brasileira deste momento:

Auch in Deutschland nimmt das Interesse an der brasilianischen Literatur zu; in mehreren Verlagen hat man eingekauft, zumal die Hauptagentin für portugiesische und brasilianische Literatur, Dr. Ray Güde Mertin, seit Jahren gute Vermittlerarbeit leistet und die Bücher aus dem einen Kontinent klug in den anderen weiterleitet.⁴⁷⁶

Através de sua agência e já tendo adquirido a confiança de escritores de peso no Brasil, Mertin circulava entre os dois mercados editoriais com facilidade, mantendo presença constante nas principais feiras do livro na Europa. Um ano depois, novamente em um relatório da feira de Frankfurt, Strausfeld volta a apresentar Mertin, desta vez, somente como agente. Na descrição, além de acentuar a onipresença de Ray-Güde Mertin entre os editores alemães, comenta a qualidade de seu trabalho enquanto mediadora, informando seus clientes não somente sobre títulos de interesse, mas também fornecendo informações complementares sobre possíveis tradutores, e materiais de imprensa e crítica:

Die Literaturagentin Dr. Ray-Güde Mertin, die vor allem Bücher aus Portugal und Brasilien betreut und sie mit liebevollem Geschick den deutschen Verlegern anbietet, war überaus beschäftigt. Ihre Arbeit umfasst außer dem bloßen Anbieten von Titeln auch die Zulieferung von wichtigen Informationen, für die Verleger und Presse sehr dankbar sind, sowie Hilfe bei der mühevollen Suche nach dem Übersetzer.⁴⁷⁷

475 “Welche Position hat sie eigentlich beim Hohen Unseld – und was treibt sie überhaupt so in Spanien?” (Mertin, Ray-Güde. Carta a Wolfgang Eitel, 22/10/1980, DLA, SUA:Suhrkamp).

476 Strausfeld, Michi. “SPANIEN – PORTUGAL – LATEINAMERIKA: MESSEIMPRESSIONEN”, 06/10/1986, DLA, SUA:Suhrkamp.

477 Strausfeld, Michi. “Messebericht Spanien/Portugal/Lateinamerika 1987”, 13/10/1987, DLA, SUA:Suhrkamp.

Os dois relatos de Strausfeld são provas de um reconhecimento inevitável da agente na tomada de um protagonismo na representação da literatura brasileira. O empreendimento iniciado no Brasil por Balcells não tinha agora qualquer chance diante dos autores que a Colchie Agency e mais adiante a Mertin Agentur representavam. Em 1991, a agente de Barcelona se alia a agente Lucia Riff, fundando naquele ano a Agência Riff, uma das agências literárias mais importantes da atualidade e alterando o cenário de agenciamento no Brasil. Lucia Riff e Ray-Güde Mertin tomam o lugar central na mediação da literatura brasileira a partir dos anos 1990 e, em 1994, ano em que o Brasil foi o país convidado na feira de Frankfurt, tornaram-se a figura mediadora de suma importância no evento, consolidando duas empresas que até hoje figuram entre as agências mais importantes para a representação da literatura brasileira contemporânea dentro e fora do Brasil.

Consciente do campo e de sua própria importância, em seu último artigo em vida, *El bueno y el malo – Anmerkungen zur Rolle literarischer Agenturen als Vermittler von Büchern aus Lateinamerika* (2007), por exemplo, Mertin discute como a mediação de literatura depende cada vez mais das feiras de livros e eventos literários e como o agente mediador de literatura estrangeira necessita agora estar presente e se fazer visível nestes espaços. Na feira do livro de 1976, por exemplo, a representação dos autores era toda feita pelas editoras. Com o aumento da influência do agente literário, as relações entre editores e autores foi, no entanto, se perdendo cada vez mais. Vale ressaltar no balanço de Mertin sobre critérios de rentabilidade a sua constatação sobre a lenta extinção do editor enquanto personalidade presente em eventos literários e figura circulante entre autores. Diante das novas exigências de mercado, o editor adentra cada vez mais em uma esfera burocrática, o redator trabalha contra o tempo na produção de pareceres, preparação do texto, enquanto as feiras, adaptando-se ao fenômeno, cederam cada vez mais espaço interno às agências. Mertin apresenta números exatos para essa alteração de cenário, citando o levantamento de Rainer Moritz no periódico *Börsenblatt* de 2004, no qual o fenômeno torna-se visível.

No caso específico da literatura latino-americana, o balanço de Mertin é fundamental. Única agente representante da literatura em língua portuguesa na RFA, a mediadora conhece de perto as dificuldades práticas e teóricas da mediação de uma literatura ainda desconhecida e pouco representada ou parcialmente impulsionada pelos países onde são produzidas. Neste caso, aponta a importância cada vez mais central das agências literárias para os escritores latino-americanos e a circulação de suas obras, ajudando a esclarecer os contornos da recepção desta literatura nos anos 1970 na Europa, e novamente apontando mais uma das facetas da alteração no campo:

Für die Verbreitung lateinamerikanischer Titel [...] haben literarische Agenturen seit langem eine stetig zunehmende Bedeutung. Immer seltener geht die Übernahme von Büchern aus Lateinamerika auf Vorschläge von Übersetzerin und Übersetzern, von Kollegen aus Verlagen oder von Kritikern zurück. In ersten Jahrzehnten nach dem Zweiten Weltkrieg haben Übersetzer wie Curt Meyer-Clason oder Maria Bamberg auf vieles hingewiesen und bedeutende Bücher vermittelt zu einer Zeit, als der Kreis der Kollegen noch sehr klein war (Mertin 2007, 151).

Como apresentei anteriormente, as recomendações de títulos latino-americanos provinham de tradutores, autores, críticos ou acadêmicos próximos à redação do progra-

ma Suhrkamp. Consideradas seriamente em um momento de descoberta de novos títulos, as recomendações eram um dos principais meios de contato com títulos do subcontinente que não chegavam à RFA por conta própria. Como menciona Mertin, o mesmo se passava com outras editoras como a Kiepenheuer & Witsch, a Hanser, a Piper e a Fischer, por exemplo. Alterada a dinâmica do jogo através da presença da agência Mertin em Frankfurt, e a crescente presença nas feiras de agentes literários, os editores passam, a partir dos anos 1980, a depositar cada vez mais sua confiança em agentes literários, atores em constante movimento entre mercados editoriais distintos, que não demonizam a lógica de mercado e que, como editores, são orientados por critérios de rentabilidade.⁴⁷⁸ A partir deste momento, as recomendações então são determinadas por esse novo ator no campo, que se transforma em uma espécie de antena para as novas tendências e possíveis sucessos de venda.

Mertin não foi somente uma agente literária orientada pelo novo possível sucesso de venda na Europa. Como outros conhecidos agentes literários, seu interesse central era mediar produtos com um valor simbólico capazes de figurar entre títulos e autores consagrados, atuando ou intervindo diretamente na atualização dos programas editoriais de prestígio no campo alemão: “qualquer pessoa envolvida na difusão das literaturas latino-americanas gostaria que os livros fossem percebidos como obras literárias que podem se afirmar em todo bom programa editorial literário”.⁴⁷⁹ Sem dúvida, o programa editorial da Suhrkamp, como ela mesma comenta em uma carta a Eitel em 1981, era desde então um “lugar de destaque” para a literatura latino-americana e para a brasileira.⁴⁸⁰ No entanto, ampliando esta visão específica dentro do meio literário, ao criar sua agência, Mertin tem consciência de que um empreendimento mantido por bens culturais não pode se dar ao luxo de determinar estritamente a qualidade literária de um livro – justamente por saber que um livro circula contingencialmente e de maneira imprevisível – e de evitar a mediação de um livro pela sua vendabilidade:

Immer wieder kann man erfahren, wie unvorhersehbar der Weg eines Buches ist. Man ist überzeugt von seiner literarischen Qualität, man glaubt aus vielerlei Gründen, es sei wichtig, dieses Buch zu übersetzen – und dann ist die Enttäuschung groß, wenn nur ein paar hundert Exemplare verkauft wurden. Oder umgekehrt hat sich unerwartet der Erfolg eines Titels in einem Land eingestellt, in einem anderen ist dasselbe Werk jedoch unbemerkt von Presse und Lesern erschienen. Zudem ist die Bedeutung eines Autors im eigenen Land nicht immer übertragbar auf das Ausland. Ein Autor, der zum Bestseller wurde, muss diesen Erfolg nicht zwingend im Ausland wiederholen (Mertin 2007, 153).

478 A grande vantagem era que toda negociação burocrática contratual sobre um título, tema anteriormente delicado entre editor e autor/redator, ficava a encargo do agente, com quem o editor pode agora tratar profissionalmente, sem correr o risco de perder a confiança de um autor.

479 “Wer mit der Verbreitung lateinamerikanischer Literaturen zu tun hat, wünscht sich, dass die Bücher als literarische Werke wahrgenommen werden, die sich in jedem guten literarischen Verlagsprogramm behaupten können” (Mertin 2007, 154).

480 “Ich habe noch in São Paulo Loyola angerufen und mich für den Irrtum der Interviewerin des ESTADO entschuldigt, auch Meyer-Clason kurz geschrieben. Mit fremden Federn möchte ich mich nicht schmücken. Aber Sie sehen, Suhrkamp nimmt einen ‘lugar de destaque’ ein” (Mertin, Ray-Güde. Carta a Wolfgang Eitel, 15/07/1981, DLA, SUA:Suhrkamp).

Qualidade literária: a esse termo é possível retornar a todo momento na fala, cartas e manifestações de agentes, redatores e editores literários. Ele poderia ser o ponto congruente que os une, mas também que torna difusa sua fisionomia intelectual. Até que ponto se fala em qualidade literária para dizer outra coisa? Não seria esse o ponto de encontro exato entre o comércio e a cultura, determinante para o êxito de uma agência e uma editora literárias? Neste caso em específico, dificilmente se encontram *best sellers* entre os autores representados por Mertin. Como se vê na lista de autores representados, seus investimentos concentram-se em apostas a longo prazo, prevendo um lucro duradouro através de um catálogo de títulos canônicos. Um dos grandes trunfos da agência Mertin foi, sem dúvida, o prêmio Nobel ter sido concedido a Saramago em 1998, autor que Mertin agenciava desde 1986. Sobre a agente, o autor afirma, no ano de sua morte inesperada em 2007, que todo autor em língua portuguesa seja no Brasil, em Portugal ou na África deveria estar agradecido de seu trabalho de mediação, em um momento em que, segundo balanço da *Börsenverein des deutschen Buchhandels* de 1997, títulos traduzidos da língua portuguesa contabilizavam 0,3% de títulos em literatura estrangeira na Alemanha reunificada. A agência Mertin não pode e não quer, neste sentido, ser comparada com uma agência como a de Andrew Wylie Agency – fundada em 1980 e responsável por autores consagrados no mundo anglo-saxão – ou com a agência de Carmen Balcells.⁴⁸¹ Mertin procura se distanciar da imagem conhecida do chacal⁴⁸² e aproximar-se de uma imagem positiva e bem-vinda do agente literário. Compara sua agência a uma agência de viagens para livros, na qual ela seria tampouco a guia, mas uma espécie de assessora para novas rotas literárias:

Während einer Diskussionsrunde bemerkte ein Kollege, Literatur sei eine Fahrkarte rund um die Welt. Gewiss, doch nicht alle Bücher können reisen. Wer schickt sie auf die Reise? Und wohin? Wie oft erreichen sie ihr Ziel? Manche kommen schnell an, andere geraten ins Abseits oder werden für immer vergessen – die meisten überqueren die Grenze nie. Auf eine Kurzformel gebracht, ist unsere Agentur ein Reisebüro für Bücher (Mertin 2007, 153).

Pensar o livro como um bilhete para uma viagem ao redor do mundo, considerando o próprio objeto livro como um objeto em constante movimento, facilita a hipótese de a literatura latino-americana ter sido lida no início e auge de sua recepção como literatura de viagem, em um amplo sentido. A afirmação de Mertin sobre o agenciamento literário funciona neste caso como uma evidência para tal hipótese, segundo a qual, para desdobrar a metáfora, feiras de livros funcionariam como portos alfandegários.

Com o falecimento de Mertin, a agência passa a funcionar a partir de 2007 sob administração da agente literária Nicole Witt. Witt trabalhou oito anos ao lado de Mertin e confessa em entrevista assumir o mesmo perfil da agente. Sempre em movimento pendular entre o Brasil e a Alemanha e em contato constante e pessoal com os

481 Em maio de 2014, o meio editorial norte-americano e europeu teve um *frisson* diante da tentativa de fusão entre Balcells e Wylie. O acordo para fundar uma super agência *joint venture*, representante de nada menos que 13 prêmios Nobel, não foi adiante.

482 Referência direta a Wylie, que pela sua agressividade na aquisição de autores definiu um perfil do agente literário no meio. Vale lembrar, como apresentei anteriormente, que Strausfeld, em referência a Balcells, recorre à imagem do tubarão.

seus clientes, Witt representa hoje as duas últimas gerações de autores reconhecidos na cena contemporânea brasileira como Ferréz, João Paulo Cuenca, Vanessa da Mata, Andréa del Fuego, Paulo Lins, Tatiana Salem Levy, Patrícia Melo, Nelson Motta, José Luiz Passos, Carola Saavedra, Paulo Scott e Joca Reiners Terron. Na última feira de livros em Frankfurt que homenageou o Brasil, em 11 de outubro 2013, Witt levantou questões atuais sobre a dificuldade de agenciar literatura brasileira no mercado internacional. Em uma conversa no estande do Brasil, intitulada “Literary Agents of Brazilian Writers: Challenges after Frankfurt”, ressaltou o papel elementar das feiras para a ressonância da literatura, mas também lembrou que a experiência de 1994 não rendeu muitos frutos. Entre outros problemas apresentados pela agente, chamou a atenção ter mencionado que o que faz uma obra alcançar o mercado internacional, ter uma voz no exterior, é o excepcional, o espetacular, mas além disso, a literatura que viaja⁴⁸³ precisaria mover mais que noites de autógrafos, deveria reconhecer a sua faceta enquanto *show business*.

3.3.4 Curt Meyer-Clason ou a genealogia de um tradutor

Para completar o contorno da redação da Suhrkamp e aproximar a investigação ao trabalho de avaliação, edição e mediação propriamente dito, faz-se necessário considerar ainda uma figura essencial para a dinâmica e funcionamento do programa latino-americano da editora: o tradutor. A base da recepção de uma literatura depende essencialmente do número de tradutores disponíveis em uma língua estrangeira no campo e no mercado, assim como da qualidade de suas traduções. A estes requisitos deve-se a qualidade da recepção e a circulação de uma literatura. O atraso e as particularidades da recepção da literatura latino-americana na RFA e ainda hoje na Alemanha reunificada devem-se sobretudo, como já foi levantado no início da discussão, à falta de tradutores literariamente qualificados do espanhol e do português. Não é por acaso, portanto, que os poucos tradutores atuantes no programa editorial Suhrkamp trabalhavam constantemente sobrecarregados.

Entre os tradutores considerados qualificados para a editora Suhrkamp, estavam primeiramente os fundadores da redação para a América Latina, como Carl Heupel, Hans Magnus Enzensberger, Curt Meyer-Clason e Hildegard Baumgart. Posteriormente, uma dezena de nomes como Rudolf Wittkopf, Maria Bamberg, Fritz Vogelsang, Wolfgang Promies, Fritz Rudolf Fries, Anna Jonas, Erich Arendt, Anneliese Botond, Ray-Güde Mertin, Marianne Jolowicz etc. compunha a lista de tradutores fixos do programa latino-americano da Suhrkamp. Sem entrar em detalhes sobre as tarefas, avaliação e atuação de cada um dos tradutores, concentro-me aqui na figura de apenas um dos tradutores, a saber, Curt Meyer-Clason, justamente por 1) ele ter acompanhado o programa desde o começo, revelando assim outros traços norteadores do programa, e 2) por ter sido o tradutor mais versátil da recepção da literatura latino-americana na RFA, colocando em questão inclusive os limites entre o trabalho textual de tradução e a mediação cultural.

483 Suspeito que Witt referia-se aqui, entre outras coisas, ao fenômeno receptivo da obra de Roberto Bolaño. Que em uma possível história da recepção internacional da literatura produzida no Chile poderia ser localizada terceiro nome a circular mundialmente, depois de Neruda, nos anos 1960, e Isabel Allende, nos anos 1980.

O que chamo aqui de genealogia poderia ser chamado também de geologia de um tradutor. A metáfora não seria tão descabida visto que a formação intelectual e literária de Meyer-Clason pode ser considerada como uma sobreposição de camadas distintas que o permitiu atuar como tradutor de autores e obras tão distintas entre si. Aceita a metáfora, caberia aqui o trabalho de analisar cada uma destas camadas geológicas, assim como a sua inter-relação. O problema da imagem é que ela torna a formação do tradutor algo estanque e inflexível, sem movimento, deixando à margem uma característica essencial do intelectual mediador: a sua constante transição e transformação. Por outro lado, a tentativa de esboçar uma genealogia não tem, entretanto, intenções dissecatórias. O que busco é perseguir a formação intelectual do tradutor, considerando o seu movimento e o gênio que o acompanha, para no caso em específico da editora Suhrkamp delinear a sua atuação e papel no seu programa editorial para a América Latina.

3.3.4.1 A transitividade do tradutor: perfil e formação de um agente entre-espços

Aquele que busque descrever o percurso intelectual de Curt Meyer-Clason não poderia ignorar as circunstâncias que o levaram pela primeira vez à América do Sul e muito menos menosprezar o signo da viagem, do totalitarismo e da ficção enquanto transitividades de formação de sua obra e também de sua vida. De família aristocrática, filho do oficial do exército Hans Meyer-Clason, Hans Curt Werner Meyer-Clason nasceu em 1910, na pequena cidade barroca de Ludwigsburg,⁴⁸⁴ na última hora do Império Alemão e nas vésperas do estopim da I Grande Guerra. Antes de começar uma vida em constante movimento, formou-se na década de 1930 em Stuttgart e em Bremen como comerciante e bancário. A partir de 1936, ano emblemático da consolidação do poder do nacional-socialismo alemão, depois de trabalhar como gerente de vendas em Bremen, torna-se comerciante autônomo junto de uma empresa de algodão norte-americana. Seu trabalho como comerciante algodoeiro leva-o à França, à Argentina e por fim a São Paulo, em 1937. Em 1940, ele funda um escritório da empresa em Porto Alegre, onde começa a trabalhar com produtos agrícolas variados e onde finalmente se estabelece até 1942, quando é preso pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) (Grossegessse 2003, 312), condenado à prisão e enviado ao Instituto Penal Candido Mendes, na Ilha Grande, litoral fluminense.

Apesar de sua importância indubitável como mediador da cultura e literatura brasileira na Europa, pouco se investigou sobre a obra e a vida do tradutor no Brasil e na Alemanha. Além do conhecido trabalho de edição de suas cartas com Guimarães Rosa publicado em 2003, somente em 2012, ano da morte do tradutor, a revista Piauí dedica um artigo, assinado por Bernardo Steves, revelando o peso e as faces desta figura intelectual em constante trânsito e intercâmbio com o Brasil. Tardio, o artigo de Steves, *O jagunço de Munique*, é o primeiro texto no Brasil que traça brevemente o perfil intelectual do tradutor e discute um fato há muito conhecido no meio literário brasileiro como a prisão de Meyer-Clason em 1942. Nele, como havia feito já Orlando Grossegessse em 2003, Esteves menciona o trabalho de Priscila Ferreira Perazzo, *O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo* (1997), no qual figura outros rastros sobre

484 Orlando Grossegessse, em artigo publicado em 2003, equivocava-se ao atribuir como cidade natal do tradutor Ludwigschafen.

a passagem do tradutor pelo Brasil. Como demonstra o conhecido estudo de Perazzo, a partir das crescentes hostilizações aos imigrantes alemães por parte do Estado Novo de Getúlio Vargas, as investigações do DOPS tomam forma através da criação de um perfil generalizado de espião, forjado através da narrativa ao redor de documentos e fotos pessoais de seus suspeitos. Sem conhecimento da obra de Meyer-Clason, Perazzo apresenta prontuários do DOPS, entre os quais figuram fotos e documentos do futuro tradutor. Segundo os agentes, Meyer-Clason, por exemplo, fazia parte de uma grande e complexa rede de espionagem sob comando de Albrecht Gustav Engels, teria se especializado no ramo do comércio do algodão ainda em Bremen pela firma “Clason, Burger & Cia.”, para em seguida ter sido contratado pela firma norte-americana “Edward T. Robertson & Son”. A confabulação dos agentes, como apresenta Perazzo, vale-se de uma narrativa, na qual toda a figura do tradutor é acentuada por uma formação militar apropriada aos serviços secretos no Brasil:

Na Alemanha, o jovem Clason teria estudado em escolas superiores militares, feito um curso para oficial da reserva da “Wehrmacht”, chegando a ser suboficial da cavalaria. A polícia brasileira alegava, também que Clason foi aviador brevetado e pertencera às Tropas de Assalto (S.A.) do NSDAP. Ele falava inglês, francês, espanhol e português e nos esportes preferia praticar o tênis e a equitação (Perazzo 1997, 180).

A estas acusações seguem fotos do jovem Meyer-Clason em uniforme, comentadas à mão por um agente, “recordações da vida militar”, sugerindo seu orgulho como soldado do NSDAP. Na verdade, o uniforme é da união de soldados Stahlhelm, uma associação tradicional e conservadora de grande influência na República de Weimar, mas que em 1935 havia sido diluída e incorporada pelo SA. Apesar dos agentes do DOPS defenderem que o tradutor já chegara ao Brasil em 1936 como enviado da NSDAP, não há qualquer registro ou documento referente a Curt Meyer-Clason no arquivo federal do Berlin Document Center (*Der Spiegel*, 26/01/1998). Não obstante, toda atuação do tradutor, como demonstra a pesquisadora, era motivo de suspeita ou considerada como fachada de um plano militar secreto. Até mesmo sua passagem pelas cidades de São Paulo, Porto Alegre e Recife é esclarecida pelos agentes através de um plano secreto sob comando de instâncias maiores.⁴⁸⁵ Ou mesmo sua correspondência com seus parceiros de negócios em São Paulo, Eduard Arnold, é suspeita de criptografias mirabolantes,⁴⁸⁶ como, por exemplo, uma caneta com tinta invisível.

485 “Em 1939, com o advento da Segunda Guerra, os chefes de Meyer-Clason teriam julgado mais apropriado que ele fosse transferido para outra cidade, a fim de afastar-se de São Paulo onde ocorriam atitudes hostis contra alemães por conta das ‘antipatias de guerra’. Em novembro, embarcou para Recife para inspecionar os negócios de algodão da região. Segundo a polícia, Meyer-Clason declarou em seu depoimento ter iniciado nesta cidade por conta própria suas atividades de espionagem. Fazendo passar-se por inglês, recolheu informações sobre as rotas marítimas de guerra da navegação inglesa e transmitiu-as para a Embaixada Alemã no Rio de Janeiro, fazendo contato com Conde Aldemann, adido na referida embaixada, oferecendo-se para participar permanentemente dos serviços de espionagem alemã no Brasil” (Perazzo 1997, 186).

486 “As técnicas de transmissão de informações usadas por Meyer-Clason foram apuradas pela polícia como tendo utilizado cartas criptografadas, escritas invisíveis, microfotografias e códigos secretos em mensagens radiotransmitidas. Clason fornecia a Eduard Arnold informações econômicas e comerciais, contribuindo para a elaboração dos proprietários das firmas no Brasil. Chegou a abrir um escritório em Porto Alegre denominado “A Controladora”, através do qual poderia oferecer maiores

Sem mais investigações, sem reais fundamentos e sob tortura, Curt Meyer-Clason assume as suspeitas e é condenado a 30 anos de prisão em Ilha Grande,⁴⁸⁷ onde permanece por quatro anos. Ao longo de sua vida, por várias vezes, no entanto, Meyer-Clason negou ter prestado serviços como espião à Alemanha e a sua posição como diretor do Instituto Goethe em uma Lisboa, entre 1969 e 1976, contrária ao Estado Novo português e a favor da Revolução dos Cravos em 1974, é muitas vezes mencionado como indício de seus princípios políticos e morais avessos a qualquer forma de totalitarismo (Grossegessse 2003, 312). Como defende Grossegessse, a tentativa de esclarecer as suspeitas sobre a sua posição política na década de 1930 somente toma forma dentro da trilogia *Äquator*, publicada em 1986.

Antes disso, o tradutor havia silenciado sobre todas as acusações que o ligavam aos nazistas. Em *Portugiesische Tagebücher* (1979), Grossegessse interpreta o distanciamento consciente de suas origens como uma tentativa de construir uma inocência em relação à sua ligação com os crimes de guerra cometidos pela Alemanha, enquanto interpreta como revolta em *Äquator*, o momento em que o protagonista altera seu nome marcadamente prussiano com uma grafia inglesa. De todo modo, segundo a análise de Grossegessse, a dimensão autobiográfica da obra ficcional de Meyer-Clason, composta de sete textos literários *Erstens die Freiheit: Tagebuch einer Reise durch Argentinien und Brasilien* (1978), *Portugiesische Tagebücher* (1979), *Äquator* (1986), *Unterwegs* (1989), *Die Große Insel* (1995), depois como *Ilha Grande: die Grüne Insel* (1998); *Der Unbekannte* (1999) und *Bin gleich wieder da* (2000), mas analisada parcialmente por ele, estaria impregnada de um ressentimento e uma culpa que se redime principalmente na identificação do autor com um recuperado, ou mesmo de uma figura bipartida ou intermediária, renascida pela primeira vez nos trópicos, onde encontra uma nova língua e definitivamente a própria literatura, seu segundo lugar de renascimento.

Este encontro não só é encenado tematicamente nos discursos e textos de Meyer-Clason, ele está estruturado formalmente em sua atividade literária. A encenação está implícita na sua escolha pelo diário, a anotação e o *Bildungsroman* como formas narrativas.⁴⁸⁸ Dentro de seu discurso e de sua obra literária, o cárcere em Ilha Grande é assumido pelo autor Meyer-Clason como sua célula-mater, onde ele constrói o alicerce de sua formação humanística e literária. Essa formação não é somente constituída pela ilha, mas pela presença de dois guias morais do futuro tradutor: um tutor prisioneiro que é apresentado, primeiramente, em *Äquator* pelo personagem, meio brasileiro meio alemão, Geraldo ou Gerd von Rhein, pianista e escritor diletante, que versa o tradutor na literatura europeia, sobretudo francesa e alemã; e a figura moral, goethiana e forcadamente mestiça de Thomas Mann, cuja mãe Julia da Silva nascera próximo à Ilha

garantias aos exportadores com quem negociava e através dos quais obtinha informações comerciais. Segundo a polícia, Meyer-Clason confessara que só não embarcara para os Estados Unidos a fim de exercer as atividades de espionagem naquele país por não ter conseguido visto de embarque" (Perazzo 1997, 186 s.)

487 Cf. Perazzo (1997, 187). "Em [...] depreende-se que não há dúvida alguma que HANS CURT WERNER Meyer-Clason exerceu espionagem a favor de sua pátria, em sólo brasileiro". *Relatório de Theobaldo Newmann*, delegado respondendo pela direção do Cartório Especial da DOPS-RS, para delegado de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul. Cartório Especial, Delegacia da Ordem Política e Social, Repartição Central de Polícia, Porto Alegre, 20/05/1942. "Rede de Espionagem no Estado do Rio Grande do Sul ou Nazismo no Rio Grande do Sul". Pront. N. 36.691 (1. Vol), DEOPS-SP, DAESP.

488 Forma narrativa, aliás, típica do cárcere: "Viele im Lager schreiben – Briefe, Tagebücher, Erinnerungen" (Meyer-Clason 1986a, 586).

Grande.⁴⁸⁹ Em *Äquator*, a ilha torna-se assim uma terra-mãe (*Muttererde*) que recupera ao jovem personagem Claus a educação materna nas artes, nos sentidos e no culto ao ócio criativo, para a qual o tempo foi usurpado pelas obrigações paternas do negócio.⁴⁹⁰

Sem entrar por uma via de análise psicológica ou simbólica da figura ou da formação de Meyer-Clason, mas focando-se em uma análise da filiação intelectual do tradutor, vale ressaltar, que, se é na mestiçagem cultural e linguística que o próprio tradutor encontra um caminho não só para encenar sua formação, mas para atuar no entre-espço da tradução e da mediação, esta mestiçagem é sempre feita de fora desta cultura e desta língua. Em seu ensaio sobre *Äquator*, Grossegesse formula de modo preciso, mas sem entrar no mérito das traduções e de sua atuação como mediador cultural, a filiação intelectual e emotiva assumida por Meyer-Clason ao remontar o seu primeiro contato com a literatura:

Para além de recuperar esta raiz materna original, trata-se de fazer nascer em si uma mestiçagem linguística e literária, entre tradição goethiana, reinterpretada por Thomas Mann, e originalidade do sertão, já aludida nas referências implícitas a Guimarães Rosa. Lugar da conversão ou do *auto-nascimento*, a Ilha Grande é entendida como embrião de cultura, não só por ficar perto do lugar de nascimento de Julia da Silva-Bruhns, mas também por ser o lugar da criação das *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos (Grossegesse 2003, 330s.).

Curiosamente, o embrião de cultura não é constituído pela literatura local, mas pelo cânone europeu que mais tarde permitirá Meyer-Clason, por outras vias, interessar-se por Rosa e Ramos. O artigo, no entanto, não problematiza este embrião de cultura, nem mesmo arrisca uma análise comparativa entre *Memórias* de Ramos e *Äquator*, o que poderia, por exemplo, tornar a mitificação da brasilidade e da mestiçagem de Meyer-Clason muito mais contornável. Além disso, apesar de uma insistência em seu próprio estrangeiramento ou no seu auto-nascimento, a encenação de Meyer-Clason é construída sobre uma base artística e cultural conservadora e até muitas vezes elitista.⁴⁹¹ Não se pode menosprezar neste sentido, o fato de que Meyer-Clason, em seu ensaio *Ilha Grande*, publicado em 1998, apresenta novamente seu tutor no cárcere, acentuando seu perfil aristocrático:

Im Ausländertrakt trafen sich täglich zwei Deutsche zum heißen Blechbechertee, der die Hitze bezwingen sollte und die Lähmung des Geistes. Der ältere, ein Aristokrat, Literat und Musiker, initiiert in allen Künsten und Genüssen der Alten Welt, sprach; der

489 Para mais detalhes sobre a mestiçagem de Thomas Mann e sua raiz materna brasileira, cf. Chacon (1975) ou Soethe, Kuschel e Mann (2009).

490 Grossegesse aponta aqui a repetição de um padrão não somente na formação de Mann em *Lebensabrisse* (1930), mas também na formação de Goethe presente em Goethe (1981, 320).

491 Não é preciso muito trabalho de leitura para notar como em *Äquator* repete-se, sem muita reflexão, um conjunto de lugares-comuns a respeito da vida nos trópicos. Uma investigação sobre este texto poderia inclusive começar pela ideia de mestiçagem de Meyer-Clason, pelo tratamento que o autor dá às figuras femininas em sua narrativa, quase sempre sexualizadas pela sua mestiçagem, e pela ideia de superioridade do homem tropical tomada do quase determinismo racial de Silva Mello. Repete-se também como gênero de viagem aos trópicos praticado no início do século XX entre escritores alemães como Ernst Jünger, por exemplo.

junge, ein Sportler und Kaufmann, hörte zu. Er, der bisher Krawatten gesammelt hatte und Tennisschläger und Mädchen, lernte aus dem Munde des Erfahrenen im Laufe von tausend und einem Nachmittag, was Literatur ist und Lesen, was der Sprung aus dem Leben ins Wort, die Verwandlung vom Erlebnis in die Erkenntnis, er erfuhr von den Gesetzen des Denkens, der Farben, des Satzbaus, von Geist und Macht, von Männern und Masken, vom Ursprung, von der Vielfalt und Einheit der Sprachen (Meyer-Clason 1998a, 11 s.).

Em *Äquator*, o perfil deste tutor é ainda mais pormenorizado. Na descrição de um dileitante homossexual e semi-judeu, espécie de duplo de Meyer-Clason, oriundo de uma família pertencente a uma camada social privilegiada no seio do Império Prussiano⁴⁹² e apreciadora da alta cultura, Geraldo quase se dilui com a imagem de Aschenbach de *Morte em Veneza*.⁴⁹³ Sua ligação com a tradição ou com um cânone ocidental da literatura torna-se evidente devido à lista de leituras⁴⁹⁴ que recomenda ao jovem Claus, complementada com um conjunto de correntes filosóficas e estéticas, devido à forma como o pupilo se refere ao seu mestre como um homem nobre e de bom gosto ao mencioná-lo na narrativa⁴⁹⁵ ou mesmo devido à construção de Meyer-Clason ao encenar este encontro entre Claus e Geraldo como um encontro que ecoa textos clássicos compostos pela maiêutica socrática e por uma semelhança com o método da conversão presente nas *Confissões* de Santo Agostinho.

As referências a Thomas Mann não são gratuitas. A obra de Mann foi uma das mais representativas na formação da geração de intelectuais à qual pertencia Meyer-Clason. O papel que a obra de Mann exerceu na formação de escritores, críticos e literatos em geral nascidos na primeira metade do século XX, foi decisiva para o durante e o pós-guerra, principalmente pela busca insistente do autor pelas matrizes da narrativa alemã através da exploração de Mann do *Bildungsroman* e da crítica ao obscurantismo e irracionalidade fascistas. A admiração de Curt Meyer-Clason pelo autor pode ser interpretada, portanto, como sinal dos tempos dentro de um grupo de intelectuais, mas também como uma identificação pessoal do tradutor com uma figura que considerava

492 "Er sei auf einem Gut in der Lausitz aufgewachsen, sein Vater, Cösener S. C. und Jurist, Landrat, kleiner Beamtenadel, habe geglaubt, noch zu später Stunde mit jüdischem Kapital Gutsbesitzer werden zu können. [...] Und er – später Erbe, Großstadtmensch, sei bei Gide und Baudelaire, bei Ravel und Chirico mehr zu Hause als auf den Sandwegen von Bagenz [...]" (Meyer-Clason 1986a, 590).

493 Em uma passagem em que assume seu desejo e interesse por jovens adolescentes, Geraldo, conta ao protagonista a proximidade da ilha com a terra natal da mãe de Thomas Mann: "Übrigens: auf dieser üppigen Insel hat Johan Ludwig Hermann Bruhns, geboren 1821 in Lübeck, blondbärtiger Wahlbrasilianer, Maria da Silva geheiratet, Tochter von Kaffee- und Zuckerrohrplantagenbesitzern. Deren Tochter, Júlia da Silva Bruhns, genannt 'Dodo', wurde 1851 geboren, im Tropenwald von Angra dos Reis, schauen Sie hinüber, wenige Seemeilen von hier. Sie ist Thomas Manns Mutter, für Sie eine beneidenswerte Verpflichtung in einem vorsehungsreichen Zusammenhang. Sie kennen *Tod in Venedig*?" (Meyer-Clason 1986a, 627).

494 "Geraldo und Claus sitzen auf seinem Bett, beim Tee, Claus hält die Listen in der Hand, vier oder fünf, beidseitig beschrieben, Namen über Namen, von Gilgamesh bis Kafka, alle unbekannt, dazu Überschriften wie Ästhetizismus, Dandyismus, Urbanismus, 'maniérisme', Sprache und Stil, Kulturgeschichte, Kunsthistorische Perspektive" (Meyer-Clason 1986a, 592).

495 "Er hatte nie den Brief eines Menschen erhalten, der sich wie ein Edelmann des achtzehnten Jahrhunderts ausdrückte [...]" (Meyer-Clason 1986a, 591).

seu semelhante após seu auto-nascimento tropical: mestiço e de uma família de classe alta, Mann também foi perseguido no exílio nos EUA, no seu caso pelo macarthismo.⁴⁹⁶

Após quatro anos de cárcere, em razão da nova constituição democrática de 1946, Meyer-Clason volta à liberdade, mas retorna à Alemanha somente em 1954, transformado pela ilha e em busca de um novo início (Meyer-Clason 1998a, 13). De comerciante passa a tradutor, vocação cujo chamado também é encenado em sua obra literária. Em *Äquator*, a primeira tradução de Claus Moller é em conjunto com o poeta Raul Morais Penha. Juntos, Penha e Meyer-Clason discutem as melhores soluções para a tradução de *Duineser Elegien* de Rainer Maria Rilke para o português. O centro da cena é ocupado pela parceria entre tradutor e poeta em constante diálogo na oficina da tradução, na qual o tradutor é ainda mero assistente do afinado artista, que impressiona o novato pelo manejo com a seu idioma: “Claus sentiu como o poeta afiava sua faca lingüística para forçar os versos a entrar na nova metáfora”.⁴⁹⁷ Já neste diálogo entre autor e tradutor encontra-se um germe de uma poética de tradução encenada por Meyer-Clason, segundo o qual traduzir não está baseado somente em um trabalho filológico, mas na convivência pessoal, envolvida no processo contínuo que transforma a experiência (“Erfahrung”) em saber (“Erkenntnis”) literário.⁴⁹⁸ Meyer-Clason dá forma a esse processo inclusive no nível narrativo de *Äquator*, ao tentar, por exemplo, transferir a polissemia de “língua” em português para o alemão, quando segue narrando o encantamento do jovem Claus pela arte da tradução: “Claus Moller estava cativado, na primeira vez que viu sua própria língua da perspectiva de uma língua estrangeira, ele estava, por assim dizer, de pé na linha de fronteira entre duas línguas”.⁴⁹⁹

Ressalto este trecho do romance de Meyer-Clason pois ele não é puramente ficcional, mas também autobiográfico e envolve uma encenação do tradutor-autor. Durante a leitura do espólio do tradutor, a descoberta de um recorte do lisboeta *Jornal das Letras* (JL), datado de 4 de novembro 1998, assim como as cartas do tradutor revelam que o poeta fictício Raul Morais Penha e o personagem Geraldo ou Gerd von Rhein são inspirados no amigo de cárcere de Meyer-Clason, Gerardo Mello Mourão, poeta e autor do épico *Invenção do Mar* (1997) – a qual Meyer-Clason começa a traduzir nos anos 1990. Assim como Meyer-Clason, a figura de Mello Mourão é bipartida. O poeta do sertão e tradutor de Rilke foi preso político no Brasil duas vezes: uma vez por ser fascista, outra por ser comunista. Acusado no governo Getúlio de ser informante do governo alemão, foi condenado em 1942 a 30 anos de prisão, enviado ao campo de concentração Ilha das Flores e então para a penitenciária de Ilha Grande, por onde ficou até 1948, e onde conheceu Meyer-Clason. Vale mencionar também que a troca de carta dos dois amigos de cárcere ocorre com mais frequência justamente no momento em que Meyer-Clason começa a organizar o material para escrever um livro sobre o seu tempo na ilha. Em uma carta de 6 de novembro de 1999, entende-se que o breve relato Ilha Grande, publicado em 1998, era apenas a entrada para um romance épico, a ser escrito e para o

496 Curiosamente, o retorno de Mann à Europa, em 1952, não se distancia tanto da volta de Meyer-Clason, em 1954.

497 “Claus fühlte, wie der Dichter sein Sprachmesser schliff, um die Verse ins neue Sprachbild zu zwingen” (Meyer-Clason 1986a, 625).

498 Meyer-Clason 1998, 12.

499 “Claus Moller war gefesselt, zum ersten Mal sah er die eigene Sprache aus dem Blickfeld einer fremden, er stand gleichsam auf dem Grenzstreifen zwischen zwei Zungen” (Meyer-Clason 1986a, 625).

qual, como confessa Meyer-Clason, ele necessitava de imenso material de trabalho, a ser adquirido a qualquer custo. A resposta do poeta brasileiro não demora. Em 12 de novembro, escreve Mello Mourão a Meyer-Clason uma longa carta, na qual interpreta em duas linhas o projeto do tradutor como um projeto épico-lírico: “Disto e de outras coisas, especialmente com referência à Ilha Grande, pela beleza de seu projeto lírico, talvez épico-lírico, darei notícias em breve”.⁵⁰⁰

Além da amizade e do encontro documentados e de sua ficcionalização no romance e no relato autobiográfico de Ilha Grande, a figura sobreposta de Gerardo Mello Mourão, Geraldo ou Gerd von Rhein chama a atenção também por funcionar como eixo congruente da influência de Rainer Maria Rilke na obra e projeto de Curt Meyer-Clason. A obra de Rilke não atua somente como porta de acesso ao reino da literatura e da tradução, mas é também das reflexões do poeta alemão acerca do trabalho de tradução que o projeto de Meyer-Clason sofre grande influência. Esta influência, no entanto, não se encontra explicitamente nos relatos ficcionais e autobiográficos do tradutor, senão em várias de suas cartas. Entre elas separo uma carta a Carlos Drummond de Andrade, escrita no contexto de preparação de uma antologia de Drummond em alemão, publicada pela Bibliothek Suhrkamp em 1982, e uma carta a Masa Nomura, infelizmente sem data, mas possivelmente em meados da década de 1980. Na carta a Nomura, o tradutor responde algumas questões acerca de seu ofício, afirmando não se filiar a uma teoria da tradução, por ser um escritor, não um teórico da tradução: “Minha disposição é, é claro, maior do que o tempo de que disponho; além disso, a ‘teoria da tradução’ não é o meu forte. Sou escritor, e quando traduzo, minha tarefa é transformar uma obra de arte em um idioma estrangeiro em uma obra em alemão”.⁵⁰¹ A questão da equivalência idiomática, levantada por Rilke ao traduzir Paul Valéry, ocupa-o desde o seu trabalho com o sertão de Rosa: “A questão da ‘equivalência idiomática’ (expressão de Rilke ao traduzir poemas de Paul Valéry) me preocupou durante anos, começando com a tradução de João Guimarães Rosa (cinco livros)”.⁵⁰² Já na carta de Drummond, escrita em 15 de setembro de 1981, o tradutor apresenta o conceito de Rilke como salvaguarda estratégica para o tradutor-escritor interessado em provocar o efeito equivalente do original:

Quanto à equivalência idiomática – expressão usada por Rilke ao traduzir Paul Valéry – estou bastante seguro na salvaguarda das responsabilidades do tradutor: só traduzi poemas traduzíveis, isto é, textos cuja versão alemã provocará no leitor alemão emoção poética homóloga suscitada no leitor brasileiro. Mostrarei, no postfácio, de que a primeira estrofe de CIDADEZINHA QUALQUER satisfará o filólogo, mas deixará

500 Mourão, Gerardo Mello. Carta a Curt Meyer-Clason, 12/11/1998. Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

501 “Meine Bereitschaft ist, natürlich, größer als die mir zur Verfügung stehende Zeit, überdies ist ‘Übersetzungstheorie’ nicht meine Sache. Ich bin Schriftsteller, und wenn ich übersetze, lautet meine Aufgabe: Mache aus einem Kunstwerk fremder Sprache eines in deutscher Sprache” (Meyer-Clason, Curt. Carta a Masa Nomura, sem data. Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason).

502 “Die Frage nach der ‘idiomatischen Äquivalenz’ (Rilkes Ausdruck beim Übertragen von Paul Valéry Gedichten) beschäftigt mich seit Jahren, angefangen bei der Übertragung von João Guimarães Rosa (fünf Bücher)” (Meyer-Clason, Curt. Carta a Masa Nomura, sem data. Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason).

frio o poeta ou leitor de poesias pois nem a cor, nem os sons e ainda menos consonâncias, assonâncias e a “allure” do conjunto se deixam transportar.⁵⁰³

Ainda sintomático para a análise de sua obra ficcional e tradutória é o fato de que o autor Meyer-Clason desabrocha após 58 anos de sua vivência nos trópicos e somente após sua passagem por Lisboa de 1969 a 1977, onde foi diretor do Instituto Goethe, e após a sua terceira passagem ao Brasil em 1977, compila e trabalha em suas anotações. Em *Ilha Grande*, assume: “comecei a escrever tarde. Embora eu diga que minha segunda vida, a de um editor, tradutor, escritor e diretor do Goethe-Institut, só começou em uma idade em que hoje um homem de negócios já chegou ao topo da carreira”.⁵⁰⁴ No intermédio de 14 anos (1955-1969), entre seu retorno à Alemanha, a visita ao Brasil em 1965 e a partida para Lisboa, vivendo em Munique, o tradutor verteu para o alemão os principais clássicos modernos da literatura latino-americana, tornando-se assim o porta-voz da literatura do subcontinente. Caso seja possível, portanto, considerar sua obra como uma extensão formal e temática de sua oficina de tradução, o desejo de registrar suas memórias em livros, neste caso, em romances, ensaios e diários, além de poder ser lido como ato simbólico de purgação do passado através de uma hiperficção, como defende Grossegessse, pode também revelar uma vontade de inserção no campo através da autoria, irreconhecida, inviabilizada e invisibilizada dentro da área da tradução. Neste sentido, vale a pena notar que o sertão como sentido de vida e lugar de fundação da brasilidade na obra de Meyer-Clason não se dá somente em e por Rosa. Mas está fortemente presente na escolha das obras traduzidas, na sua poética tanto tradutória como de apropriação e criação.

Esta suposição toma ainda mais forma diante do eco do encantamento do jovem Claus, na confissão, mais tarde em *Ilha Grande*, do próprio Meyer-Clason, já com seus 95 anos, sobre o início de sua vocação para a tradução literária. Aqui, no entanto, o autor não desenha o seu encantamento com um personagem em terceira pessoa, mas diretamente na primeira pessoa afirma que o que trouxe em sua bagagem de volta para a Europa não foi uma língua, mas a força, o ato de vontade existencial, um sentido de vida da América Latina:

So kam ich zum Übersetzen, kaum ein Lehrling im Handwerk, dafür schon reichlich erwachsen. Was ich also mit nach Hause brachte, war Lateinamerika, die archaische Gana-Welt, jene tropische vegetative Lehre vom Tun aus Lust und Liebestrieb, sodann Brasiliens neuerwaches Pathos, Willensakt des Existierens könnte man es nennen, ein vorwärtsdrängendes Lebensgefühl, das sich ungern bei der Analyse der Gegenwart aufhält (Meyer-Clason 1998a, 13).

Sentido de vida (“Lebensgefühl”) que o autor não encontrou imediatamente na literatura brasileira de seus anos de cárcere, mas na convivência pessoal e física com a variante brasileira do português, condicionada pelo contraste com o que ele próprio

503 Meyer-Clason, Curt. Carta a Carlos Drummond de Andrade. 15/9/1981, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Meyer-Clason.

504 “Ich habe spät zu schreiben begonnen. Auch wenn ich sage, daß mein zweites Leben, das des Lektors, Übersetzers, Schriftstellers und Goethe-Institut-Leiters erst in einem Alter begann, in dem heute ein Mann der Wirtschaft bereits die Topetage erklommen hat” (Meyer-Clason 1998a, 36).

chama língua de comandos (o alemão) e do culto à morte na mentalidade europeia. Neste caso, sua formação literária tem lugar físico no Brasil, mas é feita inicialmente da leitura e tradução de títulos europeus. Suas primeiras traduções, mencionadas em *Äquator* e em *Ilha Grande* são do francês: o romance, *Le Grande Meaulnes*, (1913) de Alain-Fournier e o estudo antropológico de Jacques Soustelle, *La vie quotidienne des Aztèques*, publicado pela Deutsche Verlags-Anstalt em Stuttgart, em 1956. De fato, a bibliografia do autor é composta nos anos 1950 somente por títulos franceses e ingleses, em sua maioria, textos de não-ficção com temáticas variadas entre biografias, estudos etnológicos e assuntos gerais, e em editoras distintas como Brockhaus (Wiesbaden), a Steinbrüger (Stuttgart), a Piper, (Munique) e a Scherz (Berna).⁵⁰⁵ O sentido da vida de que o autor fala só se relaciona com a literatura latino-americana retroativamente, quando na oficina do tradutor, localizada em sua terra natal,⁵⁰⁶ há o encontro silencioso de Meyer-Clason com a literatura latino-americana. Um encontro, aliás, ao início motivado pela nostalgia e pela saudade⁵⁰⁷ que se, nos dois sentidos da palavra, o havia cativado física e intelectualmente, acentua a caráter da literatura como plataforma de viagem – como aliás é a própria narrativa de Meyer-Clason – não somente a uma outra cultura, mas a uma outra língua.

Ao esclarecer, por exemplo, em *Ilha Grande* a busca por um novo começo e o sentido de vida deste *pathos* latino-americano, Meyer-Clason o faz através de um exemplo literário, a saber, *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto, traduzido por ele em 1975. Aqui o sentido de vida é exemplificado com a imagem do sertanejo e sua vontade que procura fundar a vida em sua própria norma sem condescendência e sem exploração. É desta vontade que o tradutor afirma agora partir sua motivação profissional:

In einem Versepos – Tod und Leben des Severino von João Cabral de Melo Neto – gelangt der Landflüchtling, ein Jedermann aus dem dürren Hinterland des brasilianischen Nordostens, der zur Küste wandert in der Hoffnung auf Arbeit, Brot und Leben, zur Lagunenstadt Recife; dort wohnt er der Geburt eines zur Skrofulose vorbestimmten Sumpfkinds bei und lauscht den Lobliedern, mit denen die herbeigeeilten Mischlingsfrauen die Schönheit des Neugeborenen rühmen. Eine von ihnen singt: “Du bist schön wie ein Ja/in einem Saal voller Nein”. Durch die zornige Ironie hindurch, mit der João Cabral das Elend seiner näheren Heimat beklagt, klingt all die Zärtlichkeit und Leidenschaft zum Menschen, von denen die Dichter Lateinamerikas überströmen, all der Wille, der das Leben in eigener Satzung gründen will, ohne Bevormundung und

505 A bibliografia das traduções de Meyer-Clason nos anos 1950 ocupa-se frequentemente com temas de viagem e estudos etnológicos: Louis Baudin: *So lebten die Inkas vor dem Untergang des Reiches*, 1957; Isaiah Berlin: *Karl Marx*, 1959; Geoffrey H. S. Bushnell: *Peru*, 1957; Alfred Chester: *Meine Augen können ihn sehen*, 1957; Silvio Giulio Fanti: *Ich habe Angst*, 1955; Bernard Goscryk: *Moana*, 1959; Ronald Hardy: *Die Männer aus dem Busch*, 1960; Maurice Percheron: *Das wunderbare Leben des Gautama Buddha*, 1957; Pierre Rambach: *Vom Nil zum Ganges*, 1957; Walter Bedell Smith: *General Eisenhowers sechs große Entscheidungen*, 1956; Jacques Soustelle: *So lebten die Azteken am Vorabend der spanischen Eroberung*, 1956; Junichiro Tanizaki: *Insel der Puppen*, 1957; Robert Traver: *Anatomie eines Mordes*, 1959; Vladimir V. Vejdle: *Russland, Weg und Abweg*, 1956; Anthony West: *Der Erde*, 1956; Yongdem: *Die Macht des Nichts*, 1956.

506 “Meine Wohn- und Werkstatt lag im vierten Stock eines Mietshauses in der Münchner Kaulbachstraße” (Meyer-Clason 1998a, 15).

507 “Aus Sehnsucht nach Brasilien besuchte ich Veranstaltungen des Brasilianischen Konsulats, lieh mir Bücher aus, übersetzte für mich Gedichte von Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira” (Meyer-Clason 1998a, 16).

Ausbeutung. Und das spornte mich an, eine neue Existenz, eine neue Arbeit zu wagen (Meyer-Clason 1998a, 13).

Apesar de sua vontade, somente nos anos 1960 é que o tradutor vai encontrar o seu lugar na tradução. Não por acaso, essa é a primeira referência elencada em *Ilha Grande* em relação ao início do ofício do tradutor. A partir de 1955, ele torna-se redator em Stuttgart e, com o novo nascimento, inicia-se uma redescoberta de sua própria língua, uma língua que mais uma vez é o encontro dialógico entre a espontaneidade da linguagem popular e da linguagem mestiça de Thomas Mann:

Es war eine spannende Zeit, diese Neuentdeckung meiner Muttersprache. Ich lebte in der Angst um Wörter. Die, welche ich in Südamerika unbewußt gesprochen hatte, die Sprache der Straße, der Salons, der Warenlager; jetzt, in München, sammelte ich sie bewußt, begierig ein, von Straßenplakaten, von Mündern, von Buchseiten. Alle klangen neu, keine erwies sich als verlässlicher Besitz. Um rascher zu lernen, suchte ich mir Thomas Manns Wortschatz anzueignen, ohne zu ahnen, daß Überfluß die Suche nach dem richtigen Wort erschwerte. Aber ich verlor den Mut nicht, ich hatte Lateinamerikaner erzählen hören, deren Natur die Zwiesprache ist (Meyer-Clason 1998a, 15).

Encontrar uma linguagem apropriada para ouvir, não ler a narrativa latino-americana. A diferença entre ouvir e ler é cara ao tradutor. Não pensar, não escrever, mas cantar, alterando a fórmula cartesiana para “canto ergo sum”⁵⁰⁸ e mantendo-se fiel à tradição oral greco-romana da lírica antiga e do conceito de *Fühldenken* (pensação, traduziria Rosa) do romantismo alemão.⁵⁰⁹ Essa linguagem dialógica, capaz de reproduzir uma natureza ou uma musicalidade linguística de outra cultura, não é, entretanto, óbvia e imediata, ela também foi criada e sedimentada pela literatura latino-americana através das narrativas que chegaram à Europa, em cuja recepção Meyer-Clason não é senão uma das figuras mais centrais. Por meio de seus princípios fundados em teses românticas na construção e afirmação da identidade local, Meyer-Clason vai adotando um conceito de brasilidade para a sua poética que percorre a maior parte das suas traduções e de seus escritos, sem tomar muita consciência que sim, ao buscar purgar uma culpa indireta cunhada em sua origem alemã, vai reforçando padrões culturais do exótico propagados tanto pelo subcontinente quanto pela Europa.

Em resumo, a análise do papel de Curt Meyer-Clason exercido no campo da cultura não deve ignorar sua obra ficcional e autobiográfica, os títulos traduzidos por ele⁵¹⁰ e,

508 Título de discurso do tradutor em 2002 em ocasião da abertura do festival de música “Grenzenlos Murnau”, com tema “transatlantisch”: http://www.weltmusikfestival-grenzenlos.de/lookback_02.html#gruss3 (acesso em: 22 de março de 2017).

509 “Jetzt war ich im Bilde. Wo wir Europäer sagen ‘cogito ergo sum’, sagt der Lateinamerikaner ‘canto ergo sum’. Und mir fiel ein, daß meine erste Übersetzung im Geist mit einem Konzert Walter Giesekings zusammengefallen war. Ein bezauberter Zauberer, den Steinway im Arm sein Kopf eine ekstatisch geweitete Ohrmuschel, sogen seine Hände Noten und Tasten ein und schütteten Debussy aus, korbweise: Wasser, Blumen, Sand, Wind, Steine. So – dachte ich – müßte, muß eine Übersetzung klingen. Mein Übersetzerohr hatte somit anscheinend den Vorrang vor meinem Auge. Vielleicht auch deshalb, weil das gesprochene Wort älter ist als das geschriebene. Der Klang eines Textes war mir von Anfang an wichtiger als sein Sprachbild” (Meyer-Clason 1998a, 16).

510 Considerando o trabalho de tradução como o ato de leitura mais minucioso possível, seria possível buscar influências diretas de suas traduções dentro da sua obra ficcional.

consequentemente, seu trabalho de curadoria, mediação e agenciamento. O tradutor não somente os traduziu a pedido de editoras, mas ativamente atuou como descobridor e advogado de vários autores, recomendando-os, buscando editoras apropriadas para seu trabalho e defendendo sua publicação a todo custo. Além disso, foi organizador de um conjunto de antologias da literatura latino-americana, principalmente da brasileira.⁵¹¹ A transformação de comerciante para homem das letras, deste ponto de vista, não foi excludente. Meyer-Clason manteve presente em sua nova profissão as características da antiga. Como mediador de literatura mantinha certa onipresença no campo editorial, sabendo como impulsionar ou chamar a atenção para um manuscrito ou uma obra, lidar com o caráter empreendedorista de editores e agentes literários ao mesmo tempo em que em sua troca de cartas aproximava-se do diálogo estético e estilístico com os autores que traduzia. Deste modo, manteve-se intransitivo no entre-espaço da mediação: se os agentes do DOPS acusaram certa vez a tinta invisível do espião, por sua vez, Meyer-Clason tornou visível sua tinta de mediador na construção de uma ponte de mão dupla entre a literatura brasileira e a alemã.

3.3.4.2 Mediador jagunço ou porta-voz do sertão: fases da mediação literária

A partir dos anos 1960, Curt Meyer-Clason tornava-se como tradutor o grande mediador da América Latina na RFA. A lista de títulos traduzidos por ele espanta tanto pelo número quanto pela dificuldade. À primeira vista, traduzir a linguagem de Clarice Lispector, Lezama Lima, Márquez, Rosa e Borges não parece tarefa possível apenas para um único tradutor. A imagem do tradutor enquanto intérprete de uma única voz em outra língua, uma voz com a qual ele se encontra depois de muito ensaio e procura, não aparece explicitamente nos escritos de Meyer-Clason. Ser o tradutor de poéticas tão distintas e marcadas, reconhecido pela sua versatilidade e agilidade na entrega de um manuscrito, causa, no entanto, espanto e alguma suspeita.

Longe dos brasilianistas, que junto com o próprio Rosa fizeram sua fama, Meyer-Clason não é somente o magnífico tradutor de Rosa ou a voz do sertão em alemão, ele é o tradutor de um continente literário, cuja linguagem e variedade linguística domina e transfere. Sob o risco de apagar heterogeneidades e diferenças, essa linguagem apropriada é assumida por Meyer-Clason em seus escritos como a língua da qual ele vai ao encontro e está nomeada de modo generalizante e simbólico como linguagem literária materna. Uma língua materna da qual, paradoxalmente, ele somente se apropriou ilhado, ou melhor, em *Inseldasein*, em seu paraíso de leituras (“Leseeparadies”), ou seja, fora de casa, estrangeirado no estrangeiro (Meyer-Clason 1998a, 28). Esta língua materna estrangeirada, como já mencionado anteriormente, não é livre de influências literárias determinantes. Se havia Mann por um lado, há Rosa de outro, mas é em Wilhelm von Humboldt⁵¹² que o tradutor encontra a definição para o tom de sua linguagem, segundo ele, universal:

511 *Die Reiher und andere brasilianische Erzählungen* (Horst Erdmann, 1967); *Der weiße Sturm und andere argentinische Erzählungen* (Erdmann, 1969); *Brasilianische Poesie des 20. Jahrhunderts* (dtv, 1975); *Unsere Freunde, die Diktatoren* (Fischer, 1980); *Lateinamerikaner über Europa* (Suhrkamp, 1987); *Lyrik aus Lateinamerika* (dtv, 1988); *Modernismo brasileiro und die brasilianische Lyrik der Gegenwart* (Druckhaus Galrev, 1997).

512 No original, Meyer-Clason confunde Wilhelm com Alexander von Humboldt.

Meine Fassung muß von der 'Farbe der Fremdheit' – wieder Alexander von Humboldt⁵¹³ – des Originals getönt sein. Das deutsche Buch sollte undeutsch, zumindest ungewohnt klingen und den Leser weniger heimisch als fremd anmuten. Besser: ihn dazu anregen, mit liebender Neugierde seine Landesgrenzen zu überschreiten, um das *valde aliud*, das ganz Andere, kennenzulernen. Weltliteratur lesen heißt doch, neue Horizonte des Sehens, Fühlens, Denkens zu gewinnen, um vorübergehend ein anderer zu werden und dadurch das eigene Ich zu vertiefen, zu bereichern. Durch die Aneignung einer neuen Sehweise eine neue Dimension zu gewinnen (Meyer-Clason 1998a, 20).

Não só em um único momento, uma conceituação próxima a de *Weltliteratur* é apresentada ao longo de artigos e cartas pelo tradutor, como por exemplo, em seu ensaio sobre Rosa e a tradução, publicado em Lisboa pelo Instituto Luso-Brasileiro, em 1969. Nesta contribuição, Meyer-Clason vale-se da ideia, partilhada pelo próprio Rosa, de uma macroestrutura linguística chamada por Walter Benjamin, em *Die Aufgabe des Übersetzers* (1923), de “língua pura” (reine Sprache) ou “língua verdadeira” (wahre Sprache) próxima de uma língua poética adâmica além ou suprema à diversidade e heterogeneidade linguística e cultural de Babel:

Falando da diversidade dos idiomas e da unicidade da língua humana, queria lembrar que Rosa, amigo do eminente linguista Paulo Rónai, num prefácio à sua Antologia do conto húngaro, caracteriza já, independentemente de Walter Benjamin, que, em 1947, lhe era desconhecido, caracteriza a tradução como sendo uma tarefa contra Babel e em que tinha presente uma unidade perdida. Tinha, assim, sentido com acuidade a ideia de Benjamin de que uma super-língua, como princípio norteador, deveria guiar o tradutor, reconduzindo-o à unidade perdida. Por isso, não me parece descabida a observação de Ezra Pound feita à escritora Eva Hesse, sua tradutora para o alemão, sobre uma ambiguidade desorientadora que ela descobrira num ou noutro verso dos CANTARES: 'You should not translate what I wrote but what I wanted to write' (Meyer Clason 1998b, 68).

Porém, nem sempre, como vimos na crítica à sua tradução de *Macunaíma*, o tom de estranhamento e a busca pela unidade perdida que buscou Meyer-Clason foi consequente com a sua poética, criando estranhamentos onde não havia, platitudes inesperadas e liberdades compensatórias um tanto duvidosas ou então optando frequentemente por glossários em suas traduções.⁵¹⁴ Exemplos não faltam. Mas se isolamos a sua tentativa de teorização, é possível reconhecer contornos de um projeto da tradução literária que encontra no tradutor um recriador ou transcriador de um novo original na língua de saída. O tradutor, a meu ver, próximo da transposição da teoria “metafísica” de Benjamin para uma “física” da tradução advogada por Haroldo de Campos (1997, 160), toma como exemplo da recuperação de uma unidade perdida o poeta Ezra Pound.

513 Equívoco do tradutor. Em todo o trecho Meyer-Clason menciona Alexander, mas refere-se a conceitos trabalhados por Wilhelm como “Farbe der Fremdheit” (cor do estranhamento). Wilhelm von Humboldt emprega este termo ao introduzir sua tradução de *Agamemnon* de Ésquilo, em 1816 (Humboldt 1816).

514 Parto aqui da argumentação de o uso do glossário na tradução distancia o leitor do estranhamento a nível do texto literário, interrompendo o seu fluxo de leitura até uma plataforma superior que avista a palavra estrangeira não traduzida por detrás de uma vitrina de estudos, contrário ao efeito que Meyer-Clason defende em seus textos e cartas querer provocar com sua tradução.

Na pena de Meyer-Clason, no entanto, a teorização é menos filiada ao formalismo de Roman Jakobson e mais mitificada, esotérica, metafísica, filiada a um essencialismo que parece ter tomado de Rosa e que o tradutor torna visível em seus escritos sobre poética da tradução.⁵¹⁵

Essa poética da tradução escolhida por Meyer-Clason não é óbvia. Ela vai se formando ao longo de seu percurso não somente como tradutor, mas também como mediador literário. Para entender melhor este percurso, é possível dividir sua carreira em fases de atuação, cada uma marcada por títulos-chave e por um contexto distinto de produção. A primeira fase diz respeito à primeira hora de seu interesse pela literatura latino-americana e vai até a publicação de seus primeiros títulos antes do tradutor se mudar para Lisboa. Entre os autores e títulos traduzidos e publicados neste período (1955-1969) estão Jorge Amado, Adonias Filho, Jorge Luis Borges, Carlos Drummond de Andrade, Antonio Di Benedetto, Clarice Lispector, Machado de Assis, João Cabral de Melo Neto, Gerardo Mello Mourão, Augusto Roa Bastos, Fernando Sabino e Guimarães Rosa.

Como se nota, entre os autores deste período, Meyer-Clason deu atenção especial para os brasileiros: são nove autores para dois argentinos e um paraguaio. Com os autores brasileiros, o tradutor trocou cartas principalmente com Adonias Filho, Drummond de Andrade, Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa.⁵¹⁶ Com Rosa, o tradutor inicia sua correspondência em 1958. Desta troca de cartas, isto é, do contato com os autores, Meyer-Clason deriva um método de tradução pouco ortodoxo, baseado na vivência e experiências físicas do tradutor com uma espécie de duplo criado em um espaço projetado. Processo para o qual Meyer-Clason evoca a máxima “traduzir é conviver”:⁵¹⁷

Miterleben? Mit der Luft des Kontinentallandes Brasilien, mit der siebentausendfünfhundert Kilometer langen Küste von Porto Alegre in Rio Grande do Sul bis nach Manaus im Amazonasgebiet. Mit dem Klima des Landes, dem geographischen und dem menschlichen, mit dem Miteinander in all seinen Schattierungen zwischen Zärtlichkeit

515 Uma breve bibliografia sobre a poética de tradução de Meyer-Clason poderia iniciar com os seguintes artigos: Meyer-Clason, Curt. “Übersetzungsprobleme bei João Guimarães Rosas ‘Grande Sertão: Veredas’”. *Humboldt* 4 (10), 96-97, 1964; Meyer-Clason, Curt. “Zur Übersetzung von João Guimarães Rosas Grande Sertão”. Em *Übersetzen: Vorträge u. Beiträge vom Internationalen Kongress literarischer Übersetzer in Hamburg* 1965, 106-110, 1965; Meyer-Clason, Curt. “A procura da palavra justa”. Em *Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte* (10), 232-248, 1972; Meyer-Clason, Curt. “Da tradução como criação”. In *Construtura*, 16, 47-62, 1978; Meyer-Clason, Curt. “Luanda: das Unübersetzbare”. In *Zeitschrift für Kulturaustausch* 1986/36, 4, 566-574, 1986.

516 A lista de autores brasileiros com quem Meyer-Clason se correspondeu é imensa. Atendo-me aqui aos autores com os quais ele trocou maior volume de cartas.

517 A frase “traduzir é conviver” é atribuída ao escritor João Guimarães Rosa por Curt Meyer-Clason. Ela não se encontra em nenhum dos escritos do autor. Maria Aparecida Bussoloti refere-se ao artigo de Meyer-Clason “In Memoriam João Guimarães Rosa” publicado na revista *Humboldt* número 16 em 1968, na qual a afirmação simplesmente não se encontra. Outros estudos como o de Erlon José Paschoal citam a referência de Bussoloti adiante. Paulo Rónai emprega a equação como epígrafe em uma das edições de seu livro, *Escola de Tradutores*. O tradutor de Thomas Mann no Brasil, Herbert Moritz Caro, também se refere à frase atribuída a Rosa em seu artigo “Traduzir é Conviver” publicado no *Caderno Ponto & Vírgula*, número 9, em 1995 em Porto Alegre. Após longa e exaustiva pesquisa nas edições da revista *Humboldt* e nos textos de Rosa não pude comprovar que esta frase tenha sido escrita pelo autor e arrisco dizer que se trata de um apócrifo.

und versöhnlichem Zorn, mit seiner Sprache, richtiger: mit deren Tonfarben des Carioca, des Rio-Bewohners, und dem eher herben, rachigen des riograndenser Gaucho, zwischen dem Salon-Slang der Oberklasse und dem Singsang der Neger und Mulatten, hinter deren Stimme immer ein Samba-Rhythmus mitschwingt. *Conviver* heißt auch, das Schreiten der Frauen zu begleiten, besonders wenn sie eine Last auf dem Kopf tragen, die sie mir mit dem Zeigefinger in die Waage bringen, denn ihre Hüften regeln das schwebende Gleichgewicht des Gangs, das innere Singen, das Eins-Sein mit der kleinen und der großen Natur, mit dem So-Sein. Mit dem Leben, das für den Brasilianer ein Geschenk ist, gleich ob grausam oder gnädig. Insgeheim, so möchte man meinen, lebt er von drei Wünschen, um nicht zu sagen, von drei Bedürfnissen: von Gesang, Gelächter, Tanz (Meyer-Clason 1998a, 17).

Por mais que o tradutor insista em retomar sempre o essencialismo de uma linguagem latino-americana captado pela vivência local, conviver, neste sentido, não envolve somente a presença e a vivência do tradutor no universo dos referentes da obra. Meyer-Clason, por exemplo, nunca esteve no sertão de Rosa, mas o traduziu. Para além destas imagens planas e cristalizadas do homem brasileiro, ou de uma brasilidade enlatada, conviver envolvia o convívio com o idioma e sobretudo o convívio entre autor e tradutor, uma espécie de contato para afinação de ambas as línguas e poéticas, que se efetuava principalmente na troca de cartas minuciosas. As cartas com Drummond e Cabral, parcialmente mencionadas no capítulo anterior, a partir dos anos 1960, dão mostras, principalmente no caso de Cabral, da mesma afinação e afetividade entre poeta e tradutor. Este convívio, portanto, poderia em tese permitir e ampliar a versatilidade do tradutor, através do trabalho cuidadoso e direto com o autor da obra em tradução. Do primeiro convívio com Rosa e com o sertão de sua obra, marcante em sua primeira fase como tradutor, Meyer-Clason, no entanto, não parece ter saído ileso. Seu trabalho com *Grande Sertão* o levou a outros textos direta ou indiretamente filiados a esta obra, dando forma a uma topografia tradutória do sertão que produziu ressonâncias em projetos literários que pouco tinham que ver com esta dimensão – seja ela linguística, literária ou mesmo geográfica, social –, como no caso de suas traduções de Clarice Lispector neste período, criticadas por erros crassos e por não ter alcançado o tom intimista da autora, cujo projeto de linguagem é fortemente distinto do de Rosa.⁵¹⁸

Além disso, no caso de Meyer-Clason, há algo ainda pouco comentado na literatura sobre as suas traduções, e principalmente sobre as suas traduções de Rosa. Algo que também se encontra sob o signo da convivência. Os elogios superlativos ao tradutor de *Grande Sertão* fez sombra a uma terceira figura com a qual o tradutor esteve em constante contato e à qual as cartas entre Meyer-Clason e Rosa frequentemente fazem referência durante seu trabalho de tradução: o cônsul brasileiro em Munique, Mário Calábria. Calábria, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, foi cônsul em Frankfurt e em Munique de 1949-51, 1961-67 e de 1967-1974. Em 1962, vivendo em Munique, esteve em contato com Meyer-

518 Georg Rufolf Lind aponta, por exemplo, que na tradução pela Claassen de *Laços de Família* (1960) – *Die Nachahmung der Rose*, 1966 – o tradutor contorna passagens do texto original essenciais para o tom intimista da autora: “Der vorgespiegelte Tiefsinn gewisser Passagen wäre gewiß noch deutlicher hervorgetreten, wenn Curt Meyer-Clasons klare Uebersetzung diese flauen Stellen nicht geschickt umgangen hätte” (*Stuttgarter Zeitung*, 26.11.1966).

Clason, que frequentava, como já mencionado, o consulado brasileiro. Rosa menciona a importância de Calábria como uma espécie de assistente para o português roseano, pela primeira vez, em carta ao tradutor em 28 de outubro de 1962:

Quanto àquelas pequenas dúvidas e dificuldades eventuais na tradução, cada vez mais me felicito de termos aí à mão, e com tão sincera boa vontade, o nosso comum e querido Cônsul Mário Calábria – magnificamente indicado para essa e empresas muito maiores.⁵¹⁹

Um ano depois, ao motivar o tradutor, volta a ressaltar a presença do cônsul e de seu trabalho em conjunto com Meyer-Clason, capaz de criar condições excepcionalmente favoráveis à tradução. Daí em diante, Calábria aparece em toda carta em que Meyer-Clason revela ter deparado com dificuldades com os enigmas de Rosa: “estou caminhando para o final do ‘Sertão’, auxiliado por Mário Calábria, que está fazendo o seu melhor para me ajudar a resolver os muitos enigmas que seu texto impõe”.⁵²⁰ Calábria não foi apenas um decifrador do texto de Rosa, mas também um mediador entre o escritor e seu tradutor, sem o qual a tradução de Meyer-Clason, como ele mesmo assume, seria outra. Quando termina a tradução de *Grande Sertão*, escreve o tradutor, em 11 de março de 1964, a Rosa: “agora só tenho uma esperança e uma preocupação: Mário Calábria será capaz de ficar aqui para manter a mão sobre meu trabalho e poder intervir com conselhos e ações se a necessidade surgir? Caso contrário eu teria que vir ao Brasil para conversar e esclarecer minhas perguntas e dúvidas com você?”⁵²¹ O receio de que Calábria tivesse que abandonar Munique era preocupação séria do tradutor, que perderia não só um revisor ou consultor, mas o contato indireto mais próximo com o autor em tradução.⁵²²

Em resumo, esta fase de trabalho de Meyer-Clason, que poderia ser chamada de também de fase de convívio, com relação aos autores que buscou traduzir e ao encontro de uma língua de tradução, não foi apenas decisiva para a sua formação, mas também para a formação de uma voz de intérprete e para o alicerce de seu panteão de autores e obras a traduzir. Vale lembrar que a escolha de títulos traduzidos por ele não é óbvia. Há sim uma recorrência frequente a títulos que tematizaram o sertão brasileiro que lhe dá margem à fama de tradutor do sertão, mas deste mesmo período também são as traduções de *Encontro Marcado*, de Fernando Sabino, reunião de contos

519 Curt Meyer-Clason a Guimarães Rosa, 28 de outubro 1962 (citado em Bussolotti e Paschoal 2003, 91).

520 “Ich steuere gegen das Ende des ‘Sertão’ zu, unterstützt von Mário Calábria, der sein bestes tut, um mir beim Lösen der vielen Rätsel zu helfen, die Ihr Text aufgibt” (Bussolotti e Paschoal 2003, 125).

521 “Nun habe ich nur eine Hoffnung und eine Sorge: wird Mário Calábria hierbleiben können, um seine Hand über meine Arbeit zu halten und im gegebenen Fall mit Rat und Tat einspringen zu können? Sonst müsste ich nach Brasilien kommen, um mit Ihnen meine Fragen und Zweifel durchzusprechen und bereinigen?” (Bussolotti e Paschoal, 2003, 174)

522 Calábria conviveu com Rosa por muito tempo antes de Munique, com quem ele se aventurava em um diálogo infindável sobre muitos assuntos, inclusive a literatura, como ele próprio anota em suas memórias: “O porquê da história, agora: nesses primeiros meses de 1949, convivi em Paris, quase diariamente, com Guimarães Rosa, que servia na embaixada [...]” (Calábria 2011, 53). Mas também quando escreve sobre Munique, Calábria anota a passagem de Rosa e seus encontros com o tradutor: “João Guimarães Rosa veio duas vezes a Munique, no tempo em que lá estávamos. Seu programa era sempre fácil de cumprir: visitar o jardim zoológico, ir à ópera e conversar com seu tradutor Meyer-Clason” (Calábria 2011, 53).

(“Meistererzählungen”) de Machado de Assis, *El silenciero*, de Di Benedetto, reunião de poemas de Drummond e *Laços de Família*, de Clarice Lispector.

Já a segunda fase do tradutor, já consolidado no campo como o maior mediador da literatura latino-americana, corresponde ao seu período de oito anos em Portugal (1969-1977) e coincidiu com o crescente interesse das editoras alemãs pela literatura latino-americana, assim como com o início do programa da Suhrkamp. Deste período são quase todas as suas traduções de Gabriel García Márquez,⁵²³ também sua tradução de *El astillero* (1961) – *Die Werft* (1976), de Juan Carlos Onetti, *Ich bekenne, ich habe gelebt* (Luchterhand, 1974), de Pablo Neruda, *Der Hund ohne Federn* (Claassen, 1970) e *Tod und Leben des Severino* (Peter Hammer, 1975), de João Cabral de Melo Neto, e *Der Irrenarzt* (Suhrkamp, 1978) de Machado de Assis. Nesta fase, o tradutor também amplia suas relações com editoras alemãs e se estabelece como grande tradutor de literatura brasileira, conhecido e também respeitado pelos autores brasileiros. Como assume em carta a Rosa, nos anos 1950 e 1960, Meyer-Clason tinha boas relações com a Piper, havia publicado pela Fischer e enviava pareceres e sugestões a todas as editoras importantes da RFA como a Rowohlt e a Suhrkamp. Apesar das poucas publicações pela Suhrkamp, como já foi visto, o tradutor tinha seu lugar na editora garantido como consultor de Unselde e de Michi Strausfeld, o que fazia dele um dos agentes externos de maior importância para a editora. Já em 1968 o editor Unselde escrevia ao tradutor e sobre o déficit de literatura latino-americana no programa principal (SH) da editora e o nome Meyer-Clason aparecia naquele momento em toda discussão registrada em carta sobre a criação de um programa latino-americano para a Suhrkamp, fazendo do tradutor de Rosa uma espécie de tradutor fixo da empresa.

Pelo modo como o tradutor se afirma, sobretudo por meio de sua vivência latino-americana, vale a pena expor aqui o primeiro contato com a Suhrkamp e seus primeiros trabalhos com a editora. O tradutor Curt Meyer-Clason é recomendado diretamente a Unselde em 1963 através de redator-chefe Walter Boehlich a quem o tradutor apresenta a peça *Drama Para Negros e Prólogo para Brancos*, publicada em 1961 por Abdias do Nascimento, fundador do teatro negro:

Zu ihrer Kenntnisnahme möchte ich Ihnen noch über mich mitteilen: ich habe siebzehn Jahre in Südamerika, hauptsächlich Brasilien und Argentinien gelebt und arbeite seit 1955 in München als Außenlektor und Übersetzer mehrerer Verlage und Rundfunkanstalten. Eine Auswahl meiner Arbeiten steht Ihnen auf Wunsch gerne zur Verfügung.⁵²⁴

Boehlich reage afirmando já conhecer o trabalho de Meyer-Clason, precisamente, na editora alemã de Rosa e Márquez, a conhecida editora Kiepenheuer & Witsch, e devolve-lhe como proposta a tradução do francês de *La métamorphose des cloportes*, publicado em 1966 pela Suhrkamp, mesmo ano em que publica *Corpo Vivo* de Adonias Filho. Um ano antes, o tradutor havia publicado pela Suhrkamp uma seleção de poemas de Carlos Drummond de Andrade, na série editorial *Poesie*, de Hans Magnus Enzensberger, a quem enviara, ainda em 1963, uma lista de poetas brasileiros de interesse para a edito-

523 Todos os títulos pela Kiepenheuer & Witsch: *Die böse Stunde* (1979); *Der Herbst des Patriarchen* (1978); *Hundert Jahre Einsamkeit* (1970); *Laubsturm* (1975); *Das Leichenbegängnis der großen Mama und andere Erzählungen* (1974); *Der Oberst hat niemand, der ihm schreibt* (1976).

524 Meyer-Clason, Curt. Carta a Walter Boehlich, 23/04/1963, DLA, SUA: Suhrkamp.

ra. De 1965 a 1969, o tradutor publicou pela Suhrkamp João Cabral de Melo Neto e sugeriu à editora autores que foram somente publicados uma década depois, como Adolfo Bioy Casares, Lêdo Ivo e Antonio di Benedetto entre outros. A partir deste momento, Curt Meyer-Clason torna-se o mentor, principalmente no caso brasileiro, do programa literário da Suhrkamp, fundado oficialmente em 1974.

Apesar de sua pouca participação entre os títulos publicados pela Suhrkamp até 1976, a primeira feira do livro em Frankfurt dedicada à literatura latino-americana, considerada como o evento literário da encenação comercial para o *boom*, apresentava Meyer-Clason, por exemplo, como tradutor de García Marquéz (K&W), Borges (Carl Hanser), Jorge Amado (Piper), Guimarães Rosa (K&W) e Onetti (Suhrkamp). Em 1979, Maria Dessauer escreve ao romanista Kasten Garscha, agradecendo-o pela recomendação de possível um tradutor alemão que pudesse trabalhar para o programa da Suhrkamp. Nesta carta, fica clara a posição onnipresente de Meyer-Clason dentro da Suhrkamp e, ao mesmo tempo, o déficit de tradutores no campo: “claro, é sempre muito bom ter um segundo e terceiro tradutor além de Meyer-Clason, especialmente porque Willy Keller, este outro mestre ainda mais velho, se encontra muito doente”.⁵²⁵

Willy Keller (1900-1979), comparado por Dessauer a Meyer-Clason, foi o conhecido tradutor de literatura brasileira exilado no Brasil desde os anos 1930 e que dentro de sua longa obra, ficou conhecido nos anos 1960 por suas traduções de Graciliano Ramos: *São Bernardo* (1960), *Karges Leben* (1981) e *Angst* (1978).⁵²⁶ Mencionar Keller como antecessor de Meyer-Clason não é somente confiar a este último o título de mestre, mas também o arrola junto à base de tradutores para o programa editorial da Suhrkamp. A primeira tradução de um título de Graciliano Ramos publicada pela editora Suhrkamp, em 1978, não é uma nova tradução, mas uma reedição do trabalho de Willy Keller revisado. Meyer-Clason foi por excelência o tradutor-base do programa latino-americano da Suhrkamp e desejava traduzir toda a obra de Ramos, como atesta a carta de Maria Dessauer a Unseld em agosto de 1976: “Strausfeld também advoga por dois romances do brasileiro Graciliano Ramos, em particular ANGUSTIA (=Angst? ou: Beklemmung), um livro que Meyer-Clason gostaria de traduzir”.⁵²⁷ No entanto, a editora decide revisar a tradução de Keller, estratégia que repete com a publicação de *Karges Leben*, em 1981, apesar do trabalho considerável de revisão, mencionado por Dessauer em carta a Unseld ainda em 1978:

525 “Natürlich ist immer recht gut, außer Meyer-Clason einen zweiten und dritten Übersetzer zu haben, zumal Willy Keller, ein anderer, noch älterer Altmeister unheilbar krank ist” (Dessauer, Maria. Carta a Karsten Garscha, 16/01/1979, DLA, SUA:Suhrkamp).

526 Para mais informações sobre o tradutor Willy Keller, cf. Zimmer e Souza (1998). Vale ressaltar que há equívocos no texto de Zimmer com relação às edições da tradução de *Vida Secas* na RFA. Em primeiro lugar, a primeira edição da tradução de *Vidas Secas* não foi feita pela Suhrkamp Verlag em 1961 e nem se chamava *Karges Leben*, mas pela Erdmann, em 1966, e pela Europäischer Buchclub, em 1967, com o título *Nach Eden ist es weit* (não, *Es ist weit bis Eden* ou *Es ist noch weit bis Eden*, como afirma Zimmer). *Karges Leben* refere-se somente à reedição de 1981 pela Suhrkamp.

527 “Frau Strausfeld plädiert auch für zwei Romane des Brasilianers Graciliano Ramos, insbesondere ANGUSTIA (=Angst? oder: Beklemmung), ein Buch, das Meyer-Clason gern übersetzen würde” (Dessauer, Maria. Carta a Siegfried Unseld, Agosto de 1976, DLA, SUA:Suhrkamp).

Er ist eine genuine Übersetzerbegabung, aber man muß stark redigieren: Schlampereien, aus der Mode gekommene Modewörter, Stilblüten. (An Angst war ungemein viel zu tun.) Auch die Übersetzung von Vidas Secas scheint mir revisionsbedürftig.⁵²⁸

A razão de a obra de Ramos ter sido traduzida primeiramente por Willy Keller não é somente uma questão de geração de tradutores. Keller e Meyer-Clason, apesar de pertencerem a duas gerações distintas, atuaram contemporaneamente como tradutores na RFA. Para efeito de ilustração, vale mencionar a carta de janeiro de 1966, na qual Keller escreve à redação da editora Horst Erdmann para tratar dos direitos da obra de Ramos e da possibilidade de publicar *Memórias do Cárcere* (1953) e menciona Meyer-Clason não só como tradutor talentoso, mas o único tradutor possível para traduzir a obra do brasileiro:

Eine Option für *Memórias do Cárcere* besorge ich. Ich habe mit Meyer-Clason gesprochen und ihm gesagt, daß ich diese Übersetzung nicht übernehmen kann, daß ich aber gern zu einem späteren Zeitpunkt *Angustia* übersetzen möchte. Da Meyer-Clason ein sehr gewissenhafter und erfahrener Übersetzer ist und Brasilien kennt, was mir bei "*Memórias do Cárcere*" unerlässlich erscheint, so gibt es wahrscheinlich nur ihn, der dieses Buch übersetzen könnte.⁵²⁹

Memórias do Cárcere nunca chegou a ser traduzido para o alemão. Vale aqui o exercício imaginativo-especulativo de que a sugestão de Keller aproximava Meyer-Clason de Graciliano Ramos não somente pelo talento das duas penas (a brasileira e a alemã), mas pela experiência de cárcere compartilhada em Ilha Grande. Além de revelar uma genealogia tradutória, a discussão nos bastidores da tradução da obra de Ramos revela também um emaranhado de informações sobre a perseguição de Meyer-Clason e o retorno de seu passado obscuro. Do Brasil, Willy Keller escreve a Maria Dessauer em 3 de janeiro de 1978, dizendo que "o caso Meyer-Clason" havia estourado, ao que a redatora pede por fontes e mais detalhes. Keller informa em carta o envio do estudo de 1977 "Suástica sobre o Brasil: a história da espionagem alemã no Brasil, 1939-1944", de Eon Stanley Hilton, a Dessauer, e refere-se diretamente às páginas com respeito ao agente Hans Werner Curt Meyer-Clason. Segundo a redatora, a informação fornecida por Keller tratava-se, no entanto, de um equívoco. O estudo de Hilton, como argumenta Dessauer, refere-se a um Hans, não a um Curt Meyer-Clason. A confusão se encerra sem que haja desentendimentos ou se façam acusações, mas mencioná-la aqui provoca a atmosfera de culpa e suspeita em que possivelmente vivia o tradutor.⁵³⁰

528 Dessauer, Maria. Nota a Siegfried Unseld, 26/06/1978, DLA, SUA:Suhrkamp.

529 Uma cópia da carta encontra-se na troca de cartas entre Maria Dessauer e Margarete Graf sobre o tradutor Willy Keller. Keller, Willy. Carta a Frau Bowert e Horst Herdemann, 13/01/1966, DLA, SUA:Suhrkamp.

530 Por sorte, o argumento frágil de Dessauer é aceito mesmo que, de fato, o livro de Hilton, apresente um nome muito próximo do nome de batismo completo de Curt Meyer-Clason. Hoje, porém, diante do estudo de Perazzo é possível afirmar que o estudo de Hilton é baseado indiretamente nos dossiês do DOPS sem que em qualquer momento o autor discuta a veracidade de suas suspeitas. O sinal da ficção mirabolante do DOPS, a meu ver, concentra-se fortemente na menção à caneta mágica do tradutor. As fontes do pesquisador variam ora dos memorandos do FBI ora dos jornais brasileiros, ou seja, são indiretas, duvidosas, pouco críticas, feitas às cegas.

De volta ao caso Ramos, apesar da aproximação biográfica e do desejo pessoal, o tradutor alemão não traduziu a obra imprescindível do autor de *Memórias do Cárcere*, que segundo Keller poderia inclusive ser abreviada para o leitor alemão. Apesar disso, a carta de Keller escrita em 1966, pode ser lida como prova do respeito alcançado por Meyer-Clason no meio editorial da RFA, logo após ele ter terminado sua tradução de *Grande Sertão* e ter se tornado nesta altura, mais que um sucessor de Keller, um tradutor que vivia de seu ofício como mediador-patriarca da literatura latino-americana.

Patriarca era aliás a alcunha que Michi Strausfeld empregava ao escrever ao tradutor que, pela versatilidade, engajamento e produtividade, era sempre o primeiro a ser consultado e considerado quando havia interesse da editora por títulos latino-americanos. Além de pitoresca, tomada de forma jocosa de sua tradução de *El otoño del patriarca* (1975)⁵³¹ de García Márquez, a alcunha de patriarca também é sintomática de sua posição no meio literário, estabelecida e reconhecidamente profissional. Uma troca de cartas em 1984 entre Michi Strausfeld e Ingrid Schwamborn, tradutora de *O Quinze* (*Das Jahr 15*, BS, 1978), de Rachel de Queiroz, serve como ilustração de como Meyer-Clason tinha definitiva influência e certa prioridade na escolha de textos e autores a serem traduzidos e editados pela Suhrkamp. Ao receber uma recusa da editora pela sua tradução de *A Hora da Estrela* (*Die Sternstunde*), fundamentada no fato de Meyer-Clason ter sido o introdutor de Lispector no campo literário alemão e ter seus caros desejos contemplados pela Suhrkamp,⁵³² Schwamborn acusa a posição privilegiada ocupada pelo tradutor, contrapondo-a com uma dura crítica às suas traduções “patriarcais” (“altväterlich”):

aber ich hatte nach dem langen Ausbleiben Ihrer Bestätigung schon befürchtet, daß M-C sein Terrain zurückerobern wollte und würde. Ihre Absage traf mich daher nicht unvorbereitet, doch die Enttäuschung bleibt. M-C hat auf diese Weise eine gute Vorabkontrolle seiner Arbeit. Sie wissen, daß er gelegentlich Schnitzer im Idiomatischen macht, weil er im Portugiesischen mehr nach dem Lexikon als nach dem Leben arbeitet, dafür ist er in der Grammatik besser, ich muß gestehen, daß ich da viel von ihm gelernt habe. Aber sein Wortschatz ist gelegentlich doch etwas ‘altväterlich’, da muß man schon aufpassen, daß er nicht nur Originalton M-C bringt, sondern den Stil der Vorlage nicht ganz außer acht läßt.⁵³³

A crítica de Schwamborn pode ser arrolada entre as críticas já mencionadas anteriormente ao método de Meyer-Clason. Nem sempre as traduções do patriarca alcançam o tom do original e muitas vezes é repleta de equívocos e cortes arbitrários. Apesar disso, como nota Schwamborn, Meyer-Clason ocupava espaços de legitimação no campo, não somente junto ao programa latino-americano da Suhrkamp, de cujos princípios e

531 Como afirma a própria Michi Strausfeld entrevistada por mim em outubro de 2013, em Frankfurt.

532 “[D]ieser Brief freut Sie vermutlich nicht, es tut mir leid. Aber wir müssen Sie enttäuschen und Ihnen die Übersetzung von Clarice Lispector: *Die Sternstunde* zurückschicken. Herr Meyer-Clason, der die Autorin im deutschen Sprachraum eingeführt hat und im Suhrkamp Verlag seine ‘festen’ Wünsche ‘anmelden’ darf, möchte nicht auf Clarice Lispector verzichten und die beiden Texte, die gemeinsam in einem Band erscheinen, auch beide übersetzen. Ein ganz verständlicher Wunsch, den Sie sicherlich auch gut verstehen können” (Strausfeld, Michi. Carta a Ingrid Schwamborn, 10/02/1984, DLA, SUA:Suhrkamp).

533 Schwamborn, Ingrid. Carta a Michi Strausfeld, 25/05/1984, DLA, SUA:Suhrkamp.

colunas foi cofundador, como também entre as demais editoras interessadas na literatura latino-americana e inclusive entre instituições brasileiras. Em 1981, Curt Meyer-Clason recebe da Academia Brasileira de Letras (ABL) as honras como associado correspondente:

É com muita satisfação que lhe informo que a Academia Brasileira de Letras acaba de elegê-lo seu Sócio Correspondente, na sessão plenária de ontem, dia 17 de setembro. Prestamos dessa maneira uma devida homenagem a quem, com tanto empenho, competência e êxito, tem se dedicado à tradução de escritores brasileiros, concorrendo desse modo para maior prestígio e divulgação da literatura do nosso país.⁵³⁴

Frente à coroação máxima e à crítica dura de Schwamborn, à guisa de uma réplica, vale a pena arrolar agora uma das explicações do próprio tradutor sobre o seu trabalho como tradutor ainda no início de sua carreira. Em carta a Walter Boehlich em 1965, Meyer-Clason comenta suas traduções como funcionais no sentido fisionômico e não no sentido psicofilológico analítico, justificando o motivo de nunca fazer cortes no original, ato condenado pelo tradutor como barbárie. Na mesma carta ele ainda qualifica mais uma vez seu projeto como mítico, não crítico⁵³⁵ acreditando e respeitando a integridade do original. Neste sentido, a crítica de Schwamborn e a eleição da ABL podem ser destacadas para representar a terceira fase da carreira de Meyer-Clason, de 1977 a 1994, que vai de seu retorno de Lisboa até a sua última tradução de Guimarães Rosa, *Tutaméia* (K&W), e consolida o agente como instituição mediadora no campo. Nesta fase, devido ao aumento de críticas às traduções de Meyer-Clason e com o aumento relativo de tradutores assim como a profissionalização no campo, fica claro que Meyer-Clason não foi somente um tradutor literário ou um mediador de literaturas, mas propriamente um importador de textos e narrativas que remonta novamente o seu primeiro ofício no Brasil como comerciante. Seu trabalho como importador não ocupa somente as traduções, mas também tudo o que as entorna como, por exemplo, a procura de meios de publicação, como editoras e jornais e o contato com agências de fomento à tradução, neste último caso, a proximidade e circulação do tradutor na embaixada brasileira em Munique, sua coroação pela ABL e seu reconhecimento junto à Câmara Brasileira do Livro. Além disso, Meyer-Clason escrevia com regularidade a jornais alemães, como o *Volkszeitung*, o *Die Welt*, *Süddeutsche Zeitung* e o *Frankfurter Allgemeine*, aos quais enviava poemas traduzidos acompanhados de breves pareceres sobre as particularidades da poesia brasileira assim como fazia leituras de suas traduções em rádios alemães.⁵³⁶

534 Athayde, Austregésilo de. Carta a Curt Meyer-Clason, 18/09/1981, DLA, SUA:Suhrkamp.

535 Na carta o tradutor define seu trabalho como “funktional übertragen; physiognomisch, und nicht psychologisch-philologisch-analytisch” e ainda sobre cortes feitos por tradutores ele diria que eles, os “perhorresziere Streichungen, Kürzungen, ich halte sie für Anmaßung, Barbare, Mord. Unverschämtheit, und dienen haarsträubenden Übergriff auf die Integrität des Autors [...] Ich kürze nie. Das ist meinen Augen Sache des Lektors, es sei denn, die Kürzung eines Werkes würde vorher besprochen und gemeinsam angelegt. Mein Übersetzen ist eher mystisch als kritisch – und der Einfachheit halber so zu nenne[n]” (Meyer-Clason, Curt. Carta a Walter Boehlich, 5/5/1965, DLA, SUA:Suhrkamp).

536 Documentos e comprovantes desta atuação do tradutor nos jornais e nas rádios foram lidos durante a pesquisa no espólio de Curt Meyer-Clason e merecem um estudo a parte.

Contornos dessa atividade extraliterária como importador ou empreendedor, comprometida com a literatura latino-americana e, em grande parte com a literatura brasileira, podem ser seguidos no espólio de cartas e nos relatos dos autores sobre o tradutor desde os anos 1960. Algumas correspondências entre o tradutor e o editor Siegfried Unseld podem dar ainda mais cor a esta imagem. Antes mesmo de se tornar um dos tradutores da Suhrkamp, em julho de 1968, Meyer-Clason escreve a Unseld uma breve carta, na qual demonstra consciência afiado sobre o ofício criativo do tradutor e suas dificuldades existências no campo literário, sugerindo ao editor a criação de um fundo de apoio⁵³⁷ a tradutores na Alemanha. Defendendo o trabalho de tradução como um trabalho criativo do mesmo nível da criação literária, a proposta de Meyer-Clason é a de que o editor, juntamente com outras instituições competentes, criasse uma bolsa para tradutores semelhante a bolsas para autores.⁵³⁸ Um ano depois, muito antes da fundação do programa da Suhrkamp para a América Latina, em uma troca de cartas entre Unseld e Meyer-Clason, o tradutor compartilha com o editor sua ideia para a criação de um instituto de mediação e estudo em Munique, que se chamaria “Casa de la América Latina”. Para a casa o tradutor nomeia uma equipe formada por mediadores escritores e estudiosos como Hans Magnus Enzensberger, Günter Lorenz, Gustav Siebenmann, Erwin Walter Palm, Max Bense e Eugen Gomringer, por exemplo.⁵³⁹ O projeto é discutido pelo tradutor e editor até 1974, ano em que Meyer-Clason detalha suas ideias para a fundação de Casa da América Latina (Lateinamerika-Haus) em uma palestra no Colóquio para América-Latina organizado pelo Instituto de Relações Internacionais em Stuttgart. Crítico em relação a mediação entre o campo cultural alemão e os latino-americanos, segundo o tradutor, a casa ou “instituto vivo” possibilitaria otimizar o intercâmbio cultural e intelectual entre esses campos – que naquela altura passava, segundo ele, despercebido pela RFA – através de residências para autores, uma biblioteca e um serviço de expansão com palestras, leituras e concertos ao grande público. Para o tradutor, a casa seria um multiplicador, ou melhor, um catalisador para um intercâmbio multilateral (Meyer-Clason 1974).

Nesta última fase de sua carreira, porém, é na qualidade de seu trabalho como compilador e antologista que estas linhas de empreendedor se reforçam. Ao todo, o tradutor organizou 12 antologias de literatura ibero-americana na Alemanha, três delas dedicadas à literatura brasileira, *Die Reiher und andere brasilianische Erzählungen* (Erdmann, 1967), *Brasilianische Poesie des 20. Jahrhunderts* (dtv, 1975) e *Modernismo brasileiro und die brasilianische Lyrik der Gegenwart* (1997). Não se pode menosprezar a importância e o alcance das antologias. Muitas vezes, estas antologias serviram como lugar de publicação para textos e autores rejeitados ou ignorados pelas editoras e frequentemente eram usadas nos cursos universitários na área de Estudos Latino-ameri-

537 O primeiro fundo de apoio a tradutores foi criado em 1997 em Berlim.

538 “Haben Sie, lieber Dr. Unseld, schon einmal bedacht, daß der Übersetzer als nachschöpfender Schriftsteller genau wie sein Kollege, der Verfasser von Romanen, Gedichten, Essays Muße braucht, um zwischenhinein zu lernen, neue Erfahrungen zu sammeln, durch Lesen, Meditieren, Schreiben? Ich stelle diese Frage an Sie, weil ich zu wissen glaube, daß Ihnen das Handwerk des Übersetzens nahe liegt. Kurzum: wäre es nicht berechtigt und richtig, bei den kompetenten Institutionen dafür zu plädieren, daß auch für bewährte Übersetzer Stipendien geschaffen werden, die ihm erlauben, sich eine Zeitlang ohne finanzielle Sorgen in einem fremden Land seiner sprachlichen Vorliebe aufzuhalten?” (Meyer-Clason, Curt. Carta a Siegfried Unseld, 12/7/1968, DLA, SUA:Suhrkamp).

539 Meyer-Clason, Curt. Carta a Siegfried Unseld. 20/7/1969, DLA, SUA:Suhrkamp.

canos e Brasileiros e na Romanística como leitura obrigatória de formação. Além disso, em suas antologias, Meyer-Clason pode ser visto em ampla atuação e não somente sob o signo da literatura do sertão.

Pela Suhrkamp, Meyer-Clason publicou, em 1987, uma de suas antologias tematicamente menos ortodoxas e de maior sucesso: *Lateinamerika über Europa*. A ideia inicial da editora, que encomendou a organização do volume, era provocar um ruído no diálogo entre a América Latina e a Europa através de contribuições diretas de autores do outro lado do Atlântico. Como se recupera do espólio do tradutor, este projeto começa a ser elaborado em abril de 1979. Meyer-Clason havia formulado uma sequência de perguntas a autores latino-americanos e, a partir destas questões, planejava organizar um volume intitulado “Se eu penso na Europa...”. O projeto é muito bem recebido por Unseld, no entanto, a estrutura do volume, já intitulado como “Laterinamerikaner über Europa”, é alterada por sugestão do editor em maio do mesmo ano.⁵⁴⁰

Não somente a base do volume é reestruturada como também a escolha de autores feita por Meyer-Clason e as suas questões são alteradas. Ao início, o tradutor havia sugerido à editora mais de 20 autores latino-americanos para compor o volume.⁵⁴¹ E pensava em perguntas específicas em torno de um diálogo transatlântico com peso nas influências e na tradição literária oriundas da Europa.⁵⁴² Unseld sugere uma simplificação destas questões, assim como a redução de contribuidores para o volume. Para o editor, bastava o envio de um *exposé*, guiado por uma pergunta geral, aos autores de renome daquele momento.⁵⁴³ Antes de reformular suas perguntas de acordo com a

540 “[I]ch komme zurück auf Ihre/unsere Idee eines Bandes ‘Lateinamerikaner über Europa’. Ich war jetzt mit Michi Strausfeld in Paris zusammen und habe dort auch Octavio Paz, Julio Cortázar und Alejo Carpentier gesehen. Frau Strausfeld und ich sind der Meinung, daß man den Band vielleicht doch nicht auf der Basis mündlicher Interviews, sondern eher auf der Basis eines schriftlichen Gedankenaustausches machen sollte” (Unseld, Siegfried. Carta a Curt Meyer-Clason, 25/05/1979, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason).

541 “es-Projekt ‘Denk ich an Europa...’. Außer den genannten (Lezama Lima ist tot) denke ich an: Jorge Edwards, Christina Peri Rossi, Antonio Skarmeta, David Viñas, Ernesto Sabato, Fernando Alegria, Roma Mahieu, Ángel Rama, Mario Benedetti, Antonio de Benedetto, Enrique Lihn, Ernesto Cardenal, Manuel Scorza, Carlos Droguett, Sergio Ramirez, Affonso Avila, Manuel Mujica Lainez, Alberto Girri, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Ignacio de Loyola Brandão, José Candido de Carvalho, Jorge Amado und eine Reihe anderer: Victoria Ocampo, Silvina Ocampo, Juan Carlos Onetti, Adolfo Bioy Casares etc.” (Meyer-Clason, Curt. Carta a Maria Dessauer, 24/04/1979, SUA:Suhrkamp).

542 “Die Frage würde konkret lauten: (man muß das so formulieren, daß der lateinamerikanische Autor sich nicht auf den Schlips getreten fühlt). ‘Wie ist Ihre Position zu Europa und seiner Literatur? Welche europäischen, sofern vorhanden, sehen Sie in Ihrem Werk? Hat die lateinamerikanische Literatur sich von der europäischen abgewandt? Wenn, seit wann? Seit wann schreibt der lateinamerikanische Autor nur noch oder in der Hauptsache für den Leser eines Kontinents? Empfindet der lateinamerikanische Autor, daß er die europäische Literatur beeinflusst, befruchtet? Erwartet sich der lateinamerikanische Autor eine Wechselwirkung von Europa? Fühlt er sich von Europa in seinen Aussagen und Absichten verstanden? Und so weiter’” (Meyer-Clason, Curt. Carta a Maria Dessauer, 24/04/1979, SUA:Suhrkamp).

543 “Wir dachten daran, Sie zu bitten, ein kurzes Fragen-Exposé zum Thema: ‘Was bedeutete Europa für Lateinamerika und was kann Lateinamerika heute für Europa bedeuten?’ auszuarbeiten. Wir wollten dann folgenden Personen dieses Exposé zusenden: Bioy Casares – Jorge Luis Borges – Octavio Paz – Julio Cortázar – Alejo Carpentier – Carlos Fuentes – Mario Vargas Llosa – Donoso – Carlos Onetti – Roa Bastos – Amado – Carlos Drummond de Andrade – Darcy Ribeiro” (Unseld, Siegfried. Carta a Curt Meyer-Clason, 25/05/1979, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason).

sugestão de Unseld, Meyer-Clason escreve ainda mais uma vez ao editor esclarecendo o conceito para o volume. Em sua argumentação nota-se claramente o conhecimento, a postura e a imposição do tradutor enquanto compilador e sua noção de produto acabado para o projeto. Não se trata de uma compilação de entrevistas, mas de ensaios, corrige o tradutor. Também a seleção de autores feita por Unseld é contestada segundo o argumento de que o volume deveria ser um espaço para autores menos conhecido no meio literário alemão:

Ihr Brief nennt 13, die bei uns bekanntesten Autoren aus 8 der 14 Ländern Lateinamerikas: 4 aus Argentinien, 1 aus Uruguay, 1 aus Paraguay, 2 aus Mexiko, 1 aus Kuba, 1 aus Peru, 1 aus Chile, 4 aus Brasilien. Meines Erachtens sollte das Exposé einem Kreis von Autoren zugehen, die ohne Rücksicht auf ihren Ruf in der BRD interessante Thesen zu vertreten versprechen. Das müsste von Fall zu Fall eruiert werden. Die Frage, ob der Autor Europa aus persönlicher Erfahrung kennt, sollte meiner Meinung nach keine Rolle spielen.⁵⁴⁴

Neste caso, os argumentos de Meyer-Clason são muito bem articulados em torno de um objetivo que parece expressamente mais claro na pena do tradutor do que na do editor e de sua *scout*: a inserção da literatura latino-americana na categoria de “Weltliteratur”. Não que este não fosse um objetivo para Unseld, mas não parece que o editor reconhecia expressamente neste meio de divulgação uma possibilidade para fazer circular ideias literárias. Ao final de sua carta, Meyer-Clason reforça com estas palavras o objetivo da publicação:

Um zu verdeutlichen, was wir mit diesem Band bezwecken: wir möchten versuchen, den Standort der lateinamerikanischen Literaturen in der zeitgenössischen Weltliteratur zu umreißen, an Hand der Beiträge die Wechselwirkungen des europäischen und lateinamerikanischen Kontinents und Schrifttums zu beleuchten und dadurch auf Zukunftstendenzen im Hinblick auf Zuwendung, Abkehr oder gegenseitiger Durchdringung hinweisen.⁵⁴⁵

O projeto de oferecer um novo patamar para a literatura latino-americana na república mundial das letras através da publicação do diálogo de autores latino-americanos com a tradição europeia, mesmo que ainda possa ser alvo de crítica dos estudos pós-coloniais – cuja perspectiva facilmente buscaria embutido neste gesto o interesse por parte de editoras europeias em novos produtos para o mercado global das letras – revela aqui uma manobra de Meyer-Clason que dá boa dimensão de suas qualidades de importador de produtos literários que procuro sublinhar como uma marca determinante de seu ofício. Justamente por não se tratar de uma antologia ortodoxa de literatura, isto é, de uma compilação de textos literários canonizados no seu campo de produção, o projeto pensado por Meyer-Clason como antologia pode ser interpretado, junto da

544 Meyer-Clason, Curt. Carta a Siegfried Unseld, 03/06/1979, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

545 Meyer-Clason, Curt. Carta a Siegfried Unseld, 03/06/1979, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

série já comentada dos materialien, como um aparador de arestas para um efeito ainda mais eficiente ou otimizado de chegada de um novo produto.

Ao fim, as perguntas enviadas aos autores são resumidas por Meyer-Clason e supostamente pelo editor, mantendo o enfoque na ideia de um diálogo e não na de influência ou de tradição, como estava presente claramente na carta de Meyer-Clason de 24 de abril de 1979. A ideia de diálogo poderia funcionar aqui como um mascaramento de um interesse de mercado, mas ainda é possível defender o comprometimento desinteressado de Meyer-Clason como importador de uma literatura cuja universalidade ele reconhecia justamente por ser ele próprio o responsável formalmente pelo seu traslado, como foi demonstrado anteriormente.

Esse misto de comprometimento desinteressado e de mascaramento de mercado é sintomático justamente na preocupação de Meyer-Clason não somente com o tom e o caminho que deve tomar em seu questionário aos autores, assim como na sua preocupação com o título do volume. Ainda em fins de 1979, o tradutor insiste em sugerir uma alternativa para o título “Lateinamerikaner über Europa”, segundo ele impróprio, “pois ele soa muito sem compromisso nos meus ouvidos, dizendo pouco, impreciso, meio turista, meio na moda, meio sensacionalista”.⁵⁴⁶ A alternativa seria a aproximação do título de um suposto ensaio que o chileno Fernando Alegría enviaria para o volume, “Otra América, para otra Europa”, nunca publicado na Alemanha, mas que, diferentemente do título escolhido, vale-se da alteridade utópica entre os dois continentes, discutida por Todorov, cujo título foi publicado em 1985 pela edition suhrkamp, a série de suporte teórico da editora, como *Die Eroberung Amerikas: Das Problem des Anderen*. Em uma lista de títulos para o programa de 1982, *Lateinamerika- und Spanienprogramm 81/82*, sob *Taschenbücher 1981/82* o título para o volume aparece sublinhado, porém, como “LA-Europa-Dialog”.

Para concluir o perfil de Meyer-Clason que procuro ressaltar nesta análise, vale a pena ainda mencionar o seu “retorno ao sertão” através do último grande trabalho como tradutor – *Tutaméia* (1994). A ideia de um retorno não implica aqui em um abandono. Como já foi mencionado, *Tutaméia* já havia sido cogitado em carta de Unseld ao tradutor como sugestão para a Bibliothek Suhrkamp em 1972. Além disso, Meyer-Clason nunca deixou de trabalhar com o sertão ou com autores brasileiros envolvidos com o projeto literário modernista. No entanto, seus interesses muitas vezes sofrem um desvio pela demanda editorial do campo, como acredito ser o caso de sua tradução publicada em 1979 de *Zero (Null)*, Suhrkamp), de Loyola Brandão. Como se vê na lista de suas traduções, o interesse na literatura brasileira e latino-americana era determinado por uma afinidade pessoal e por uma legitimação de modernidade seguida à risca pelo tradutor. Frente à lista bibliográfica de traduções do autor, este alinhamento pode ser interpretado como um comprometimento mediado pelos detentores de capital simbólico na América Latina e no Brasil e pelo mercado editorial alemão. Não se pode tampouco subestimar o convencimento do próprio tradutor em sua posição como mediador de uma literatura que ele desde o início considerava circulável, traduzível e, portanto, universal.

A leitura de seu espólio, no entanto, não expande esta dimensão. Aliás a reforça, revelando pouco interesse por uma literatura fora do projeto modernista latino-ameri-

546 Meyer-Clason, Curt. Carta a Siegfried Unseld, 18/12/1979, Ibero-Amerikanisches Institut, Nachlass Curt Meyer-Clason.

cano ou ainda não-legitimada institucionalmente.⁵⁴⁷ Neste sentido, é possível criticar a mediação de Meyer-Clason por valer-se principalmente de uma literatura nacionalizada e embalada para exportação, que apesar de ter seu valor pelo preenchimento de uma lacuna elementar no centro da Europa, tomou o lugar da produção mais recente e à margem das instituições brasileiras. Em entrevista à professora Ligia Chiapini em maio de 2001, já com 90 anos, Meyer-Clason faz um balanço do pouco interesse pela literatura brasileira na Alemanha sem hesitar sobre o referente de literatura produzida no Brasil que assume para si. Ao lamentar-se pelo desinteresse do leitor contemporâneo pela literatura brasileira, o diagnóstico pessimista do tradutor localiza a literatura produzida no Brasil somente entre os clássicos da modernidade como Jorge Amado, sem mencionar ele que a responsabilidade da recepção não recai somente sobre o leitor, mas, em uma primeira instância, principalmente sobre o trabalho dos mediadores:

[...] o interesse pela literatura brasileira diminuiu, para não dizer, que morreu. Mesmo Jorge Amado parece que desapareceu da superfície literária no âmbito da língua alemã. É difícil julgar porquê. Parece que hoje em dia o estilo norte-americano prevalece, a importância do dia-em-dia, a voltagem imediata, a sensualidade do comentário, a passagem fulminante (Meyer-Clason 2002, 375).

O argumento de que a literatura norte-americana foi ganhando mais espaço no campo devido às suas características literárias, como exposto acima, implica, no entanto, na intrínseca afirmação de que o desinteresse pela literatura brasileira se justifica pela sua qualidade, não pela sua promoção. Até mesmo Jorge Amado, o *best seller* brasileiro na Alemanha, não é mais uma referência de sucesso. Aceitar esta proposição, como veremos a seguir, é aceitar que a recepção da literatura latino-americana na Alemanha não pôde acompanhar as viradas estéticas e literárias de sua produção, que aliás não se distancia tanto da literatura norte-americana nas últimas décadas. Diante de tal comentário não surpreende que a superação literária do projeto modernista nos países latino-americanos, iniciada a partir dos anos 1980, é interpretada pelos agentes do campo como o fim do realismo mágico, ou mesmo como o fim de um fenômeno profícuo de circulação desta literatura. Na verdade, a superação estético-política pelos autores latino-americanos destoava não somente de um projeto nacionalista de exportação, mas, conseqüentemente, do horizonte de expectativas das editoras europeias, que em seus programas a partir dos anos 1970 não suportava acompanhar as novas tendências e movimentos de um filão narrativo que custara cristalizar. Portanto, o que chamo de retorno de Meyer-Clason aos clássicos do modernismo brasileiro é somente mais um indício de que ele foi porta-voz de uma parte da literatura brasileira, não de toda sua produção, como queria fazer dele Strausfeld em carta a Dessauer em 1977: “Patriarca: deveríamos deixar com ele toda a literatura brasileira.”⁵⁴⁸

Por fim, a insistência em traduzir Rosa nos anos 1990, além de sua relação com a feira de Frankfurt de 1994, não está relacionada com uma demanda do campo editorial, que naquela altura já havia publicado seus principais títulos. Este engajamento

547 Devido ao problema de o espólio do autor não se encontrar organizado e catalogado, ainda é inestimável a quantidade de escritores brasileiros que entraram e mantiveram contato com o tradutor.

548 “Patriarch: wir sollten ihm alle brasilianische Literatur überlassen” (Strausfeld, Michi. Carta a Maria Dessauer, 26/07/1977, DLA, SUA:Suhrkamp).

é pessoal e tem ares de canto do cisne. Seja um mediador, importador ou tradutor o ofício de Meyer-Clason enquanto homem de letras vale-se de todas estas facetas na edição da literatura brasileira, que teria outros contornos sem a sua influência. Por este motivo, a análise de sua obra ficcional e autoficcional, assim como de sua atuação intelectual não deve ignorar os títulos traduzidos por Meyer-Clason e, consequentemente, seu trabalho de mediação. Não é por acaso que suas narrativas e seu romance surjam justamente na fase de consolidação de sua carreira como tradutor e mediador. O tradutor não somente traduziu a pedido de editoras, mas ativamente atuou como descobridor e advogado de vários autores, recomendando-os, buscando editoras apropriadas para seu trabalho e defendendo sua publicação a todo custo. A transformação de comerciante em homem das letras, deste ponto de vista, não foi excludente. Meyer-Clason manteve presente em sua nova profissão as características da antiga. Como mediador de literatura mantinha certa onipresença no campo editorial, sabendo como impulsionar ou chamar a atenção para um manuscrito ou uma obra, sabendo lidar com o caráter empreendedorista de editores e agentes literários ao mesmo tempo em que em sua troca de cartas aproximava-se do diálogo estético e estilístico com os autores que traduzia. Deste modo, manteve-se intransitivo no entre-espaço da mediação: se os agentes do DOPS confabularam certa vez a existência de uma tinta invisível do espião, Meyer-Clason, por sua vez, tornou visível, através da tinta do tradutor, a presença da literatura brasileira em língua alemã.